

MARLENE NOBRE

Eleni Gritzapis | Conrado G. Santos
Organizadores

O FAROL DE
*Nossas
Vidas*

Comentários de
Marlene Nobre sobre
O Evangelho Segundo o Espiritismo



Confraria dos Livros Bons



O farol de nossas vidas - Comentários de Marlene Nobre
sobre *O Evangelho Segundo o Espiritismo* - 1ª edição
Copyright * - FE Editora Jornalística Ltda.
Todos os direitos reservados.

Editor
Conrado Santos

Capa & Projeto Gráfico
Dimitrius Gutierrez (JiMy M4Rt3)

Editoração Eletrônica
Cassius Gutierrez

Revisão Textual
Gaia Revisão Textual

Conversão para ePub
Cumbuca Studio

Fotos | Texturas
Internet | Unsplash

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nobre, Marlene, 1937-2015
O farol de nossas vidas : comentários de Marlene
Nobre sobre o evangelho segundo o espiritismo / Eleni
Gritzapis, Conrado G. Santos, organizadores. --
São Paulo : Fê Editora, 2020.

ISBN 978-65-88829-00-4

I. Espiritismo 2. Kardec, Allan, 1804-1869.
O Evangelho Segundo o Espiritismo 3. Nobre, Marlene,
1937-2015 I. Gritzapis, Eleni. II. Santos, Conrado G.
III. Título.

20-46154

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

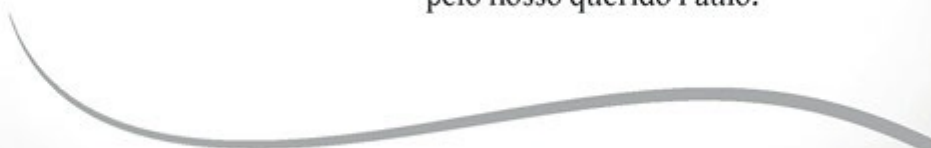
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

FE Editora Jornalística Ltda.
Av. Pedro Severino, 325 - Jabaquara | São Paulo - SP - 04310-060
(11) 5585-1977
www.folhaespirita.com.br
folhaespirita@folhaespirita.com.br

Confraria dos Livros Bons



Os organizadores dedicam este livro:
À nossa querida Dra. Marlene Nobre, por tudo que
representou em nossas vidas e na de milhares de pessoas,
com seu conhecimento e seus exemplos, iluminando com a
mensagem da Boa-Nova por onde passou.
Ao professor Paulo Rossi Severino, que sempre
exemplificou uma fidelidade ao Evangelho do Cristo,
com uma fé inabalável.
Aos queridos amigos e companheiros do Grupo
Espírita Cairbar Schutel, que prosseguem com os ideais
semeados e exemplificados por ela e
pelo nosso querido Paulo.





Agradecimientos

Esta obra só foi possível ser materializada com a ajuda e o incentivo de muitas pessoas, a quem somos muito gratos.

À diretoria do Grupo Espírita Cairbar Schutel, representada pelos queridos companheiros Magali Abujade, Cecília Mello de Mattos, Fábio Gandolfo Severino e Walther Graciano Júnior, por tudo quanto representa para a continuidade das tarefas do Grupo Espírita Cairbar Schutel e do Lar do Alvorecer Marlene Nobre.

Ao grande incentivador Marcelo Nobre, a quem agradecemos muito pelo incentivo e, sobretudo, por confiar a nós a organização desta obra, além do depoimento tão carregado de amor.

Aos queridos amigos tão diletos da AME-Brasil: Dr. Gilson Luís Roberto, Dra. Irvênia L. S. Prada, Dr. Roberto Lúcio V. Souza, Dra. Márcia Colasante e Dr. Décio Iandoli Jr., pelas páginas tão singulares que nos revelam a convivência estreita com a Dra. Marlene Nobre e sua vivência do Evangelho do Cristo.

Não podemos deixar de externar nossos agradecimentos aos companheiros de bancada da Dra. Marlene Nobre no Grupo Espírita Cairbar Schutel que, brilhantemente, continuaram o estudo iniciado por ela: Sandra Fernandes Marinho, João Batista Maida e Dr. Rafael Latorraca. Nossa gratidão pelo exemplo de perseverança e compromisso com a disseminação dos conhecimentos de nossa Doutrina.

A todos os voluntários do Grupo Espírita Cairbar Schutel, que com dedicação prosseguem firmes, levando adiante os compromissos assumidos pela casa com a Espiritualidade.

Por fim, agradecemos aos nossos pais, Anastassios Georgios Gritzapi, Maria de Fátima Oliveira Gritzapis (in memoriam), Luis Carlos Gomes dos Santos e Luizete Maria Gonçalves Santos, pela vida que nos deram; aos nossos irmãos, Nelson Anastassios Gritzapis, Georgios Oliveira Gritzapis, Caio Rubens Gonçalves Santos e Albano Gomes dos Santos Neto, pelo apoio e estímulo de sempre e pela alegria em dividir com eles a vida presente; aos nossos cônjuges, Oscar Lopes Luiz e Marjorie Aun Santos; e aos nossos filhos, Camila Aun Santos, Amanda Aun Santos e Estêvão Aun Santos, pois sem o apoio e incentivo deles este trabalho não seria possível.

Sumário



Obs: Esta numeração corresponde ao livro impresso, o texto digital não considerou as folhas em branco..

Sumário

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Folha de Rosto](#)

[Prólogo - Como surgiu este livro?](#)

[Conrado Santos](#)

[Apresentação - O farol da vida dela](#)

[Os organizadores](#)

[1. Marlene Nobre, minha mãe!](#)

Marcelo Nobre

2. A certeza da vida futura

3. Que saudades de você, Marlene!

Magali Abujade

4. A reencarnação no Evangelho

5. Tia Marlene e suas conversas com Jesus em favor da humanidade

Fábio Gandolfo Severino

6. Compreensão das aflições

7. Meu livro de cabeceira

Confraria dos Livros Bons

Walther Graciano Júnior

8. Humildade, a primeira virtude

9. O maior aprendizado com a Dra. Marlene foi, sem dúvida, a importância do Evangelho no lar

Cecília Mello de Mattos

10. Educação moral desde o nascimento

11. Diploma de médico

Gilson Luís Roberto

12. Viver a vida presente em paz e com paciência

13. A importância de falar sobre o Evangelho

Roberto Lúcio Vieira de Souza

14. O perdão das ofensas

15. Jesus está no leme

Décio Iandoli Júnior

16. O verdadeiro justo

17. Nossa líder inspiradora

Irvênia L. S. Prada

18. Amar incondicionalmente

[19. O devotamento de Marlene](#)

[Márcia Regina Colasante Salgado](#)

[20. A responsabilidade de conhecer o Evangelho](#)

[21. O berço cristão](#)

[22. Nossa principal obrigação no momento é sermos cristãos-espíritas](#)

[Eleni Gritzapis](#)

Landmarks

[Capa](#)

[Página de Créditos](#)

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Apresentação](#)

Obs: Esta numeração corresponde ao livro impresso, o texto digital não considerou as folhas em branco..

Confraria dos Livros Bons

Prólogo



Como surgiu este livro?

Conrado Santos

Confraria dos Livros Bons

Durante o ano de 2014, por iniciativa da Dra. Marlene Nobre, foi realizado no Grupo Espírita Cairbar Schutel (GECS) um estudo aprofundado de O Evangelho segundo o Espiritismo, que em abril daquele ano completaria 150 anos de sua primeira edição. A proposta de estudos foi seguir capítulo a capítulo, tomando como fonte complementar, e até mesmo guia do raciocínio, a obra O Livro da esperança, de Emmanuel, que foi publicado em abril de 1964, ou seja, em comemoração aos 100 anos do lançamento de O Evangelho segundo o Espiritismo.

Dessa forma, os frequentadores do Grupo Espírita tiveram a alegria de ouvir diversas explicações da Dra. Marlene Nobre, que, ao longo da leitura dos capítulos que ficaram sob sua incumbência, ia enriquecendo-os com colocações e inter-relações fundamentais para o estudo da Doutrina Espírita. Para nossa felicidade, todo o estudo foi gravado em vídeo e disponibilizado no canal do YouTube do GECS.¹

Coube-nos cumprir um dever de consciência e, ao mesmo tempo, prestar uma homenagem, ainda que singela, à nossa querida diretora-fundadora da FE Editora, ao transcrevermos e organizarmos este livro. A ideia primordial foi pautar o estudo do livro com os comentários, que eram capazes de promover descobertas e aprofundamento muito amplo para os textos de Kardec.

Os estudos seguiram até, aproximadamente, maio de 2016, ou seja, mais de um ano e 4 meses após o desencarne da Dra. Marlene Nobre, sendo eles conduzidos com a dedicação de nossos amigos do GECS: Walther Graciano Júnior, Sandra Fernandes Marinho, João Batista Maida e Dr. Rafael Latorraca. Esses estudos também estão disponíveis no canal do Grupo e são bastante esclarecedores para aqueles que se interessam em estudar a Doutrina Espírita.

Neste livro, portanto, devido ao incontável volume de informações que são decorrentes de discussões e estudos que podem ser produzidos com o aprofundamento de O Evangelho segundo o Espiritismo, nos dedicamos a coletar apenas as palestras que ficaram sob a responsabilidade da Dra. Marlene Nobre, o que resulta em um material bem rico e extenso. Infelizmente, não temos toda essa obra comentada por ela, mas convidamos os interessados que acompanhem os comentários dos outros capítulos feitos por nossos companheiros no canal supracitado.

Ao avançarmos em cada leitura e nos comentários que ela fez sobre o livro, podemos constatar que fomos privilegiados com a oportunidade de conviver tão de perto com esse Espírito, que trazia no fundo de sua alma muito conhecimento, amor e respeito pelos ensinamentos do Cristo. O seu cabedal de conhecimento nos permite compreender a eternização da mensagem de Jesus, quando ela nos convida a refletir sobre temas atuais, juntando com revelações contidas em outros livros e despertando ainda mais para a importância de se estudar e vivenciar os ensinamentos do Cristo.

Apesar de o conteúdo estar disponível em áudio e vídeo na Internet, entendemos que ao grafá-lo nas páginas deste livro seria possível ampliar para mais um formato de estudos tudo o que aprendemos com ela nessas aulas.

Assim, desejamos aos caros leitores que possam mergulhar neste estudo belíssimo que nos conecta diretamente com Jesus por intermédio de suas lições contidas em O Evangelho segundo o Espiritismo. Essa leitura edificante nos faz ter acesso aos conhecimentos evangélicos da Dra. Marlene, que nos trouxe reflexões importantes quanto à importância dessa obra de Kardec. Em suma, este livro significa a materialização de um convite vivenciado e exemplificado por nossa querida mestra para as nossas vidas, em que o conhecimento dos ensinamentos do Cristo se constitui em rota segura e certa para nossa evolução espiritual.

Nosso ponto de partida principal foi tentar proporcionar aos leitores uma linha de pensamento de conexão entre os pilares da Doutrina Espírita e os achados que recolhemos em suas palestras, reforçando assim uma unidade fundamental entre as obras basilares da codificação e seu conhecimento ímpar. Ao materializarmos essa organização, não pudemos deixar de lembrar as saudosas palestras que ela realizava às segundas-feiras, quando abria uma página de O livro dos Espíritos e outra de O Evangelho segundo o Espiritismo e discorria com muita profundidade sobre os temas abordados nessas páginas, promovendo conexões entre as obras da Codificação.

Diante do contexto apresentado, consideramos pertinente citar um trecho de A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo (cap. 18, item 17):

A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social. Mas não haverá

fraternidade real, sólida e efetiva se não for apoiada em base inabalável, e essa base é a fé, não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e pelos quais os povos se atiram pedras, porque, anatematizando-se, eles entretêm o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que todo mundo pode aceitar: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, olhar-se-ão como filhos de um mesmo pai e dar-se-ão as mãos. Esta é a fé que o Espiritismo dá e que será, de agora em diante, o pivô em torno do qual mover-se-á o gênero humano, sejam quais forem as maneiras de o adorar e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas das quais não tem que se ocupar.

Temos a certeza de que as colocações contidas nesta obra sobre O Evangelho segundo o Espiritismo, bem como os desdobramentos de conteúdos riquíssimos sobre a Doutrina, constituem-se um acervo relevante para estudiosos e palestrantes da Doutrina Espírita.

Assim, convidamos os leitores amigos a adentrarem conosco na maneira sutil e amorosa com que nossa mestra nos transmitia todo o seu conhecimento em suas palestras, verdadeiras aulas sobre essa nova realidade a qual a humanidade deverá avançar. Confiemos!

1 <https://www.youtube.com/user/CaibarSchutel>

Apresentação



O farol da vida dela

Os organizadores

A contribuição de Dra. Marlene Nobre para a Doutrina Espírita é reconhecida tanto pelo movimento espírita brasileiro quanto pelo internacional. Seus estudos e sua dedicação ao Espiritismo até o último dia de sua encarnação, promovendo uma conexão consistente entre ciência e religião, são inegáveis e se constituem em bases que continuam a inspirar diversos médicos, cientistas e estudiosos.

Dra. Marlene foi uma das maiores conhecedoras da monumental obra Chico-Emmanuel, com um destaque mais do que especial aos livros da Coleção André Luiz. Sua produção literária chegou a 11 livros, sendo muitos deles dedicados ao estudo das revelações de André Luiz e às relações entre medicina e ciência. Além disso, foram traduzidos para diversos idiomas, demonstrando o grande interesse em propagar os seus ensinamentos a companheiros de outras terras.

Suas palestras foram assistidas por milhares de pessoas em todo o mundo, oportunidade em que podia compartilhar seu vasto conhecimento acerca de temas relacionados ao Espiritismo e à ciência. Em nosso Grupo, não foi diferente, e ela sempre nos chamou a atenção para a importância do estudo e da obra reveladora de André Luiz.

O presente livro traz uma face da Dra. Marlene Nobre admirável e que nos remonta à certeza de que os seus conhecimentos profundos acerca da ciência e da Espiritualidade repousavam em uma base cristã consistente, sobretudo pautada em exemplos que recebeu de seus pais, familiares e, com certeza, do Apóstolo da Renovação Humana, Chico Xavier, que como ninguém soube viver como um verdadeiro cristão.

A importância do Evangelho na sua infância e em sua formação

Para aqueles que não conhecem a história da Dra. Marlene Nobre, cabe-nos destacar que ela vem de berço espírita. Salta-nos na memória, apesar de reduzidos anos, o aprendizado adquirido com nossa saudosa Tia Ida, como era

chamada a sua mãe, que até o seu desencarne, em 1988, sempre se fez presente em nosso Grupo Espírita. A Tia Ida tinha um enorme apreço pela tarefa de evangelização infantil, e em um relato para a Folha Espírita, ela nos brindou com lembranças de sua vida e nos revelou que em sua juventude era responsável, entre outras tarefas, pelo chamado catecismo espírita, que chegou a contar com 80 alunos.

Pedro Severino Júnior, pai da Dra. Marlene, também desde muito cedo se dedicou à Doutrina Espírita, e sua família possuía um centro no qual o jovem Pedro proferia palestras com frequência.

A mediunidade desde cedo acometera Ida, e o caso obsessivo era grave, ela trazia marcas de dedos em seu pescoço que a Medicina terrena não era capaz de descobrir a causa. Além disso, a jovem sonhava repetidamente com uma cena em que uma mão repousava sobre um livro. E foi por ocasião de uma visita com sua irmã ao centro espírita, onde um jovem bonito realizava palestras, que Ida se deparou com a cena e conheceu Pedro. No mesmo dia, Pedro conversou com a jovem, que contou a ele sobre o problema das marcas dos dedos. Ele então a encaminhou para uma sala de passe, aplicou o passe e ainda conversou com o Espírito que a sufocava, assim, após o passe e a água fluidificada, as marcas sumiram.

A afinidade espiritual entre Pedro e Tia Ida era muito grande, tendo os dois elegido o Espiritismo como o maior tesouro do lar, colocando o Evangelho na mesa e no coração dos filhos, por ser este o bem durável mais importante que poderiam deixar a eles.

Sem dúvidas, os pais dedicados foram fundamentais na formação cristã de Marlene Nobre. Uma vez ela nos contou sobre a primeira vez que teve a oportunidade de falar para um público. Aos 11 anos de idade, seu pai a levou para um encontro de mocidades espíritas, e ela foi responsável pela palestra de encerramento do encontro. Seu pai lhe dizia que era importante falar do Evangelho, pois poucas mulheres ocupavam as tribunas no movimento espírita, e assim ela iniciou suas contribuições como oradora espírita. Ela nos disse que, naquele dia, tinha sentido um certo “frio na barriga”, mas que depois se sentiu confiante ao falar do Evangelho de Jesus.

Em seu livro Chico Xavier – meus pedaços do espelho, Dra. Marlene relata seu primeiro encontro com o médium mineiro. Waldo Vieira, que era seu colega de

faculdade em Uberaba, disse a ela que Chico gostaria de conhecê-la, e na primeira vez que se encontraram, ele falou sobre as atividades que ela e alguns amigos realizavam na cidade em prol dos menos favorecidos, o que a impressionou significativamente. Após o relato, ele a convidou para comentar o Evangelho e organizar as filas de pessoas que o procuravam, enquanto ele realizava as psicografias consoladoras. No início, ela respondeu que não se sentia preparada para tal tarefa, mas como não poderia recusar esse convite tão especial, começou a ajudá-lo nas sessões mediúnicas, ficando nessa atividade durante todo o período em que esteve cursando Medicina em Uberaba. Após seu retorno a São Paulo, quando ia visitar Chico, sempre se colocava à disposição para os comentários nas reuniões públicas, bem como auxiliar nas tarefas da psicografia.

O amor pelo Evangelho vivenciado em nosso Grupo

Às segundas-feiras, às 20h, ela era responsável pela preleção da noite e seguia os moldes que havia se acostumado a fazer nas preleções em Uberaba, onde ela abria uma página de O livro dos Espíritos e um trecho de O Evangelho segundo o Espiritismo e, de forma muito própria, conseguia unir os temas de ambos os livros. Isso era importante para a plateia, visto que muitas pessoas estavam tendo naquele momento um primeiro contato com a Doutrina Espírita. Ela sempre reforçava que na segunda-feira o objetivo era o acolhimento do público em geral, sobretudo daqueles que iam lá por conta das mensagens psicografadas e que se encontravam em situações de desespero e sofrimento. Falar dos exemplos do Cristo, portanto, seria uma forma de abrir as portas do Grupo Espírita para amenizar esse sofrimento.

Outra característica de Dra. Marlene que devemos registrar diz respeito ao seu amor e à sua delicadeza, que podiam ser observados todas às quintas-feiras à tarde, quando ela mantinha o compromisso fiel de realizar o culto do Evangelho no lar para as crianças da Creche Lar do Alvorecer Marlene Nobre, que carinhosamente a chamavam de Tia Doutora. Foram anos a fio de dedicação para aqueles pequeninos, e não temos dúvidas que muitos deles levaram consigo marcas profundas e transformadoras das palavras dela para suas vidas, o que nos amplia a certeza de que o Evangelho transforma vidas.

Pessoalmente, fomos ainda agraciados com uma oportunidade ímpar, pois sob a intuição de sua mãe, Tia Ida, a nossa querida Dra. Marlene decidiu que deveria pavimentar as bases da Doutrina para os jovens do Grupo Espírita Cairbar Schutel, que na época somavam, aproximadamente, 30 a 40 jovens. Assim, às terças-feiras, ela e os queridos Marco Antônio Palmieri e Annete Barduco se dedicaram a passar a limpo os ensinamentos da Doutrina com O livro dos Espíritos, pergunta a pergunta, sempre mesclando com comentários precisos e enriquecedores do Evangelho.

É relevante ainda observar que no livro 2019: o ano da transição planetária – revelações de Chico Xavier, Dra. Marlene discorreu com profundo conhecimento acerca do Novo Testamento, apresentando de forma muito clara as previsões do Cristo sobre os acontecimentos apocalípticos.

Todos esses exemplos mostram seu compromisso com o ideal de disseminar os ensinamentos do Evangelho. Na série de palestras que hoje fazem parte deste livro, em uma delas ela reforçou:

É justo que a gente faça uma homenagem ao próprio livro e, obviamente, a Allan Kardec, que dedicou tantas horas de sua vida para sua elaboração, que se constitui para nós um dos maiores livros que a humanidade tem notícias; e também reverenciar aqueles que esse livro já salvou do suicídio, da eutanásia, dos desgostos e dos desesperos das angústias.

Dentre as inúmeras homenagens que foram, justamente, prestadas a ela pela ocasião de seu desencarne, recordamo-nos de um belo vídeo elaborado pelo querido amigo Oceano Vieira de Melo que trazia como título: “O elo de ligação”. Esse título faz referência a sua contribuição para a fundamental relação entre ciência e religião, como comprova o avanço das Associações Médico-Espíritas (AMEs) do Brasil e do exterior.

Para concluir, temos a convicção que este livro irá proporcionar a todos uma descoberta ainda mais admirável da doutora e estudiosa das ciências: a sua face de profunda conhecedora e amorosa seguidora do Cristo. Quando a homenageamos em 2015, a chamamos de A fiel seguidora do Cristo, título esse totalmente merecido por todos seus exemplos, tendo o Evangelho como o farol

de sua vida, a iluminar os seus passos e compromissos.

A luz do Cristo brilha e contagia

“Dar o exemplo não é a melhor maneira de influenciar os outros – é a única”

(Albert Schweitzer – filósofo alemão).

Quando refletimos sobre a importância da vivência prática do Evangelho e sua compreensão na vida de Marlene Nobre, começamos a nos deparar com uma realidade inegável de que essa vivência foi um tronco forte, alicerçado em raízes profundas, que foi capaz de se ramificar e contagiar positivamente todos que cruzavam seu caminho, principalmente aqueles que tiveram o privilégio de conviver com ela, seja no lar, no Grupo Espírita ou nas AMEs. Mesmo discorrendo sobre ciência, nunca se furtou de religá-la com a razão, a Espiritualidade, a Doutrina Espírita e, conseqüentemente, o Cristo.

Ao longo desta obra, convidamos alguns companheiros que conviveram com a Dra. Marlene para dividirem conosco a percepção da importância do Evangelho do Cristo na sua vida, pois, certamente, também foram tocados por essa luz. Dar voz a esses depoimentos tem como objetivo incentivar cada um de nós a vivenciar de forma intensa e plena os ensinamentos do Mestre Nazareno, nos transformando, nos iluminando e contagiando todos que nos rodeiam com amor, fraternidade e humildade.



Marlene Nobre,
minha mãe!

Marcelo Nobre

Nasceu em berço espírita e recebeu todos os cuidados e exemplos dos seus pais, Pedro e Ida, que se conheceram em um centro espírita. Cresceu, assistindo os pais proferirem palestras e cuidarem das pessoas mais necessitadas.

Ainda criança, sentiu as primeiras manifestações da mediunidade, o que a fez desconfiar dos altos compromissos nesta existência. Na juventude, já consciente de suas responsabilidades, se dedicou aos estudos com afinco, e sua determinação a fez, quase sempre, ser a primeira da turma na escola. Com essas qualidades afloradas e trabalhadas, alcançou o sonho de cursar a universidade de Medicina. E como a Universidade Federal ficava na mesma cidade em que Chico Xavier morava, seus pais não criaram dificuldades para que a única filha dentre os 6 filhos, se mudasse de São Paulo para a cidade mineira.

Mesmo durante o exigente curso de Medicina, Marlene encontrava tempo para auxiliar o Chico nos atendimentos a milhares de pessoas carentes que o procuravam e no atendimento às famílias mais necessitadas na distribuição de alimentos, além de se desdobrar para cumprir os compromissos com as atividades mediúnicas no Grupo Espírita da Prece e em outros, todos em Uberaba.

E foi em um daqueles dias de filas intermináveis para falar com o famoso médium que o próprio Chico revelou à minha mãe que Emmanuel lhe disse que deveria apresentar a estudante Marlene ao homem que tinha vindo de São Paulo, cidade onde era vice-prefeito, só para conhecer o Chico. Tratava-se de Freitas Nobre, que foi levado a Uberaba pelo amigo Spartaco Ghilardi (fundador do Grupo Espírita Batuíra/SP). E assim, sob as bênçãos de Emmanuel e Chico, o casal Freitas e Marlene se uniu.

Com o término do curso de Medicina, se casaram, e alguns anos depois receberam o primogênito Marcos. O trabalho do casal juntamente com os pais de Marlene e com o irmão mais velho, Paulo, e de outros grandes e inesquecíveis companheiros, representados aqui pelas famílias Abujade, Melo e outras, continuaram os atendimentos às famílias carentes na creche Lar do Alvorecer e nas reuniões, no início na casa da Tia Itália (que cedia a casa para as reuniões) e depois na sede do grupo espírita.

Contudo, em razão de o marido ser um homem público muito popular e

respeitado, e por ele não ser militar nem simpatizante do regime que tomou o poder em 1964, os três tiveram de seguir para o exílio em Paris, na França, pois só assim Freitas não correria o risco de ser preso.

Durante o exílio, Marlene completou a residência médica no hospital de Paris e recebeu em seu ventre o último filho, Marcelo. No entanto, o casal não se conformava que um filho seu tivesse de nascer longe da pátria amada por causa da ditadura militar. Por esse motivo, Marlene retornou ao Brasil utilizando apenas o nome de solteira para não chamar a atenção dos militares, visto que estava sem o marido e pai, que ainda não podia retornar com segurança ao seu país. Algum tempo depois, receberam a notícia de que poderiam retornar ao país sem o risco de prisão. Assim, a família completa se reuniu novamente, o que permitiu a Marlene retomar as suas atividades, profissionais, doutrinárias e sociais.

Eu só comecei a ter uma melhor noção do que eram as reuniões com orações, das leituras do Evangelho e das vozes do além nos encontros noturnos na casa dos familiares maternos (Tia Itália), antes da inauguração da sede do grupo espírita, cujo nome vem do grande e dedicado divulgador da Doutrina Espírita, amigo dos meus avós, Cairbar Schutel.

Foram incontáveis as idas aos locais de trabalho de minha mãe, onde Marcos e eu aguardávamos o final do atendimento a todos os pacientes no posto do então INAMPS, na Rua Martins Fontes no centro da capital de São Paulo. A acompanhávamos também nas várias idas semanais à creche na cidade de Diadema. E nesse vai e vem, transportados pelo “galinho”, apelido que a minha mãe deu ao carro fusca, pelo barulho da buzina, enquanto aguardávamos que ela atendesse às mulheres necessitadas de cuidados médicos e de tudo mais que dizia respeito às responsabilidades da presidente que ela era, brincávamos com as outras crianças da creche e com elas almoçávamos. Nesse mesmo período, assistimos à construção da famosa Rodovia dos Imigrantes, escorregando na lama da obra que se formava quando chovia, sentados em caixas de papelão e dando um enorme trabalho à nossa mãe por conta da sujeira. Tivemos também o privilégio de participar da construção do segundo e maior prédio no terreno da creche, ajudando a carregar os materiais de construção durante o mutirão dos voluntários.

Como se tudo isso já não fosse o suficiente, vivemos momentos inesquecíveis nas visitas mensais que fazíamos a Uberaba para aplacar um pouco a enorme

saudade que sempre sentimos de nosso querido Chico. Foi uma vida inteira assistindo às palestras de minha mãe no Grupo Espírita Cairbar Schutel, em outros grupos (Perseverança, Seara Bendita, Luz Divina, Grupo Espírita da Prece, dentre outros), federações espíritas, nos congressos da AME, nos desenvolvimentos mediúnicos nas salas de desobsessão, nos incontáveis Evangelhos no Lar que fizemos em nossa casa todos os domingos às 20 horas e as inúmeras conversas durante os percursos até o aeroporto, quando a levava ou buscava para que pudesse cumprir os seus compromissos com a divulgação da Doutrina, no Brasil e no exterior. Foram momentos muito ricos, onde trocávamos impressões sobre o que se passava no grupo espírita, na creche, no jornal Folha Espírita, nas AMEs e também sobre os próximos planos.

É inegável que o legado da minha mãe tocou e ainda toca a vida de milhares de pessoas por fios invisíveis do amor. São incontáveis as crianças da creche que tiveram as suas vidas mudadas por esse amor e cuidado; inúmeros pacientes que tiveram o amparo necessário com a sua atenção e dedicação; milhares de irmãs e irmãos que, passando por momentos difíceis e necessitando de uma palavra amiga ou de um ouvido que não julgasse, encontraram nela o apoio e a compreensão; quantas médicas e médicos encontraram suas razões de viver com o trabalho das AMEs; quantas pessoas no mundo despertaram para a imortalidade da alma e para as suas verdadeiras responsabilidades nesta existência por intermédio dos livros deixados por ela.

Durante toda a sua vida e mesmo depois do retorno à pátria espiritual, foram milhares de testemunhos do bem que ela espalhou.

Definitivamente, Marlene Nobre não passou por esta vida em vão.

Mulher firme no comando das suas responsabilidades, não se desviava um milímetro dos compromissos a cumprir, ao mesmo tempo em que era generosa, afável e compreensiva quando se tratava de irmãs e irmãos necessitados de auxílio espiritual e material. Sempre, sempre, tinha uma palavra de amparo e estímulo.

E agora, somos agraciados com mais um presente desse enorme e lindo legado. Idealizado e compilado pelo querido amigo e confrade Conrado Santos, que junto com a amiga Eleni Gritzapis resgataram o estudo de O Evangelho segundo o Espiritismo realizado no Grupo Espírita Cairbar Schutel quando da comemoração dos 150 anos da publicação da obra. Esse tão esperado livro nos

possibilitará bebericar, uma vez mais e diretamente, da fonte inesgotável de conhecimentos dessa dedicada servidora do Cristo.

E com o coração transbordando de saudade, relembro o lema que minha mãe utilizava com frequência para nos estimular a seguir em frente com ânimo e agradecimento, pela oportunidade terrena: confiemos, Jesus está no leme!



A certeza da
vida futura



Em O livro dos Espíritos, questão n. 959, Kardec questiona:

De onde vem para o homem o sentimento instintivo da vida futura?

R: Já o dissemos: antes da sua encarnação, o Espírito conhece todas essas coisas, e a alma guarda uma vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual. (Ver item 393.)

Em todos os tempos, o homem se preocupou com o futuro de além-túmulo, o que é muito natural. Qualquer que seja a importância de sua vida presente, ele não pode deixar de considerar o quanto ela é curta e, sobretudo, precária, visto que pode ser interrompida a cada instante. Jamais ele se achará seguro em relação ao dia de amanhã. Em que se tornará depois do instante fatal? A pergunta é grave, pois não se trata de alguns anos, mas da eternidade. Aquele que deve passar longos anos num país estrangeiro se preocupa com a situação em que se encontrará nele. Como, portanto, não nos preocuparmos com a que teremos ao deixar este mundo?

A ideia do nada tem qualquer coisa que repugna a razão. O homem mais despreocupado nesta vida, chegando o momento supremo, pergunta a si mesmo o que será feito dele e, involuntariamente, fica na expectativa. Crer em Deus sem admitir a vida futura seria um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor está no foro íntimo de todos os homens, e Deus não o pôs ali em vão.

A vida futura implica na conservação da nossa individualidade após a morte. Que nos importaria, com efeito, sobreviver ao corpo se a nossa essência moral tivesse de perder-se no oceano do infinito? As consequências disso para nós seriam as mesmas do nada.

Pilatos, tendo entrado de novo no palácio e feito vir Jesus à sua presença, perguntou-lhe: “És o rei dos judeus?” – Respondeu-lhe Jesus: “Meu Reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera

combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas o meu reino ainda não é aqui” (João, 18:33, 36-37).

Entre as passagens das obras de Emmanuel, me ficou nítida uma interpretação em que ele descreve Jesus como “Ecce Homo” (Eis o homem, em latim). A partir dessa pequenina expressão, ele desenvolve um tema extraordinariamente importante para nós, quando Pilatos, chamando Jesus, apresentou-o à multidão e diz: “Eis o homem”.

Na profunda interpretação de Emmanuel, ele quis dizer que, naquele momento, Jesus representou o que a humanidade tem de mais sagrado e mais importante: que é Ele um ser humano, ao se apresentar como uma criatura humana. Pilatos não disse expressões diferentes, que poderiam indicar coisas diferentes. Foi ao ponto certo: “Eis o homem”. De fato, Jesus estava ali na sua mais esplendorosa humanidade. Inerme diante daqueles que o estavam julgando, sem possibilidade de defesa alguma: o homem com toda sua dignidade, a sua importância. Vemos a grandeza do Mestre na sua singeleza, no fato que Ele estava desarmado completamente diante da realeza terrestre, mas mantinha sua realeza espiritual.

Outra questão que Jesus frisou neste trecho: “Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus”. É interessantíssima essa parte porque as suas hostes celestiais não podem ser comparadas aos exércitos da Terra, porque elas obedecem a um plano superior, a uma realidade da qual não temos muita noção do que seja porque ainda somos muito atrasados, espiritualmente falando.

Outra questão é “o meu reino ainda não é aqui”. Quer dizer que um dia será? Será que um dia teremos na Terra o reino de Jesus? Sim, só não podemos prever com segurança quando, mas Ele falou com segurança: “ainda não é aqui”, porém um dia será.

Há uma distinção tão grande nesse momento em que Ele está sendo julgado entre os que os homens convencionaram chamar de realeza e a Realeza em toda a sua veracidade que Jesus trouxe. Se fizermos um balanço, vamos ver que naquele momento não estávamos preparados para ver essa diferença, não sabíamos o que isso significava. Para nós era assim: “vamos julgar o malfeitor”. Não importava se Ele havia sido injuriado, caluniado. Não importavam as

acusações que pesavam sobre Ele, se eram justas ou injustas, só importava que Ele morresse. Estávamos diante de um tribunal essencialmente humano, por isso falho. Não havia distinção entre o que era realmente a realeza espiritual, celestial.

O Cristo representava ali a dignidade do verdadeiro príncipe, do verdadeiro Senhor do mundo em que vivemos, seminu, desguarnecido, vilipendiado, sangrando, porque havia sido açoitado, julgado. Mas a nossa compreensão desse fato era muito pior do que a de hoje, porque o tempo passou, e é possível que tenhamos amadurecido um pouco.

“Disse-lhe então Pilatos: ‘És, pois, rei?’ – Jesus lhe respondeu: ‘Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade. Aquele que pertence à verdade escuta a minha voz’” (João, 18:33, 36-37). Nesse trecho, observamos a distinção entre o que pensamos conhecer do que seja a Realeza Espiritual e o que é verdadeiramente ser um Rei do ponto de vista da Espiritualidade. “Não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade”. Jesus vai falar sobre a verdade em outras ocasiões também, como em “Sereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

A essência das coisas não a conhecemos. Jesus vinha falar dessa essência, do que é fundamental, daquilo que realmente conta, que não se esvai como fumaça, ou que não é como bolhas de sabão e que nós conservamos como sendo grandes verdades, mas que não são, porque desaparecem no tumulto, ou antes que o tumulto chegue. Jesus está falando de coisas perenes, eternas.

Por que não tínhamos condições de entender o que estava se passando, nem quem Ele era e que tipo de julgamento estava tendo, nem que tipo de realeza tinha? Por quê? Ele explica: “os que conhecem a verdade escutam a minha voz”. Tínhamos, naquele momento, condições de escutá-la? É por isso que vamos ao cinema ver a vida de Cristo e choramos como uns condenados. A nossa questão com a traição e com a injustiça vai se tornando tão grande à medida que vamos tomando conhecimento do que fizemos na realidade.

É muito triste constatar, mas é verdade: não pagamos essa dívida, a humanidade não pagou. Ao contrário, ela só recrudescer, só aumentou. Não tivemos o pagamento dessa dívida. Nós nos arvoramos como grandes cristãos, no entanto, infelizmente, a nossa compreensão do Cristianismo e das lições de Cristo ainda são precárias. Não temos essa noção exata.

Em seguida, Kardec faz a seguinte interpretação:

Por essas palavras, Jesus claramente se refere à vida futura, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como a meta a que a Humanidade irá ter e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra. Todas as suas máximas se reportam a esse grande princípio. Com efeito, sem a vida futura, nenhuma razão de ser teria a maior parte dos seus preceitos morais, donde vem que os que não creem na vida futura, imaginando que ele apenas falava na vida presente, não os compreendem, ou os consideram pueris.

Quando Jesus diz: “Meu Reino ainda não é deste mundo”, Ele está mesmo ampliando nossa visão, porque existe um mundo espiritual que não conhecemos. Imagina isso à Sua época. Vemos ainda hoje a dificuldade de Kardec para explicar os postos de assistência que existem no mundo espiritual, as cidades, os diferentes trabalhos e as ações daqueles que partiram e continuam vivendo em uma outra dimensão. Quando começamos a falar em tudo isso, vocês sabem como é difícil o entendimento das pessoas a esse respeito. Quando Allan Kardec ressaltou “Meu Reino não é deste mundo” e falou sobre a vida futura, ele estava tocando num ponto básico do Cristianismo: a abertura para a vida espiritual.

Apenas ideias muito imprecisas tinham os judeus acerca da vida futura. Acreditavam nos anjos, considerando-os seres privilegiados da Criação; não sabiam, porém, que os homens podem um dia tornar-se anjos e partilhar da felicidade destes. Segundo eles, a observância das leis de Deus era recompensada com os bens terrenos, com a supremacia da nação a que pertenciam, com vitórias sobre os seus inimigos.

Aliás, essa é uma crença generalizada entre aqueles que acham que o nosso reino é este mundo, querendo assim cada vez mais aumentar o patrimônio que um país tem, no caso aqui a Palestina, Israel e tanto outros países. As vantagens que advinham das guerras era para que o país se engrandecesse do ponto de vista material, sem compromisso nenhum com a Espiritualidade Superior. E tem sido

assim sempre.

Por isso é que Jesus disse: “A minha paz vos deixo. A minha paz vos dou. Mas não vo-la dou como o mundo a dá”. A paz que nós entendemos na Terra é uma pausa para a guerra. Toda a nossa existência, toda a nossa história é forjada nas guerras. Então as pausas que temos é para nos prepararmos, termos mais armamentos, para mais guerras. Por essa razão, Jesus disse: “não vo-la dou como o mundo a dá”. Porque a paz de Cristo é uma paz definitiva. Não implica em armamentos de forma alguma. É toda baseada no amor.

Então, como é que nós iríamos entender uma linguagem dessa? Para nós termos uma ideia da grandeza do Cristo, Ele é o nosso Governador Planetário. Para vir até nós, Ele demorou 4 mil anos. Foi descendo de estágio em estágio, de dimensão em dimensão, para poder envergar um corpo físico, tal a grandeza Dele. Ele está em uma posição tão alta que não temos a mínima ideia do que seja realmente a Sua grandeza. Podemos, no entanto, compreendê-Lo como nosso irmão, como alguém que deixou os postos celestiais para vir pessoalmente nos ensinar, como mestre, como modelo, mas não entendemos a Sua essência. Contudo, não é necessário entender a Sua essência, do que é intrinsecamente, porque Ele nos deixou as lições, que devemos seguir.

Jesus, porém, conformando seu ensino com o estado dos homens de sua época, não julgou conveniente dar-lhes luz completa, percebendo que eles ficariam deslumbrados, visto que não a compreenderiam. Limitou-se a, de certo modo, apresentar a vida futura apenas como um princípio, como uma lei da Natureza cuja ação ninguém pode fugir. Todo cristão, pois, necessariamente crê na vida futura.

Esse é um princípio básico de quem é cristão, principalmente quando Ele diz: “O meu Reino não é deste mundo”. Quer dizer que existe outro mundo, todo o cristianismo está baseado nisso.

Cairbar Schutel conta em uma interpretação que Paulo, o apóstolo, diz que se Jesus não tivesse voltado da cruz e aparecido materializado entre os homens, o Cristianismo não teria se estabelecido. Todo o Cristianismo tem como princípio a vida futura, a Espiritualidade, o mundo espiritual. Sem isso não há fé, não há

esperança, não há a construção do verdadeiro reino de Cristo na Terra.

Nós, cristãos, temos um selo, e ele é fundamental: acreditar na vida futura, acreditar no mundo espiritual. Aliás, o Espiritismo baseia-se na existência desse mundo espiritual e procura explicá-lo. “O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreender a verdade”.

Por que, naquela época em que Kardec veio, já tínhamos as condições para aprender a verdade? Por que já tínhamos/temos mais condições? Por causa da Revolução Francesa, do Iluminismo. O Espiritismo veio logo depois do Iluminismo, um período glorioso de grande efervescência espiritual no planeta. Grandes Espíritos do campo da filosofia, da religião e da ciência reencarnaram naquela época. O Iluminismo foi no século XVIII. Esses grandes intelectos que renasceram, Espíritos de escol que vieram preparados para isso, disseminaram o conceito de liberdade de expressão, de liberdade de pensamento, que as pessoas não deveriam estar amarradas ao dogma, à imposição. Trabalharam, principalmente, para mostrar que era preciso raciocinar por conta própria. Tínhamos que nos desamarrar daquela situação negativa do dogma, de que tudo era imposto e tínhamos que acreditar.

Eles pregavam uma religião laica, que não fosse apegada ao dogma e que fosse construída na base do bem, do amor e da verdade. Vale a pena mergulhar um pouco no Iluminismo. Ele veio salvar a humanidade daquela situação verdadeiramente grotesca em que estávamos, de seguir a cabeça dos outros, sem raciocinarmos por conta própria. É por isso que Kardec disse: “O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreender a verdade”.

O próprio Kardec, em A Gênese, no primeiro capítulo, diz que toda a preparação do Espiritismo se deu por intermédio dos iluministas e que o Espiritismo veio na hora certa para trazer a fé raciocinada. Como poderíamos ter a fé raciocinada se tínhamos uma ação coercitiva de que precisávamos acreditar no dogma? Isso precisava ser desfeito, destravado, desamarrado, a fim de que tomássemos conhecimento de novos lances do pensamento, muito mais iluminado, para compreendermos melhor o que se passava na nossa própria vida.

Com o Espiritismo, a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese; torna-se uma realidade material, que os fatos demonstram, porquanto são testemunhas oculares os que a descrevem nas suas fases todas e em todas as suas peripécias, e de tal sorte que, além de impossibilitarem qualquer dúvida a esse propósito, facultam à mais vulgar inteligência a possibilidade de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como toda gente imagina um país cuja pormenorizada descrição leia. Ora, a descrição da vida futura é tão circunstanciadamente feita, são tão racionais as condições, ditosas ou infortunadas, da existência dos que lá se encontram, quais eles próprios pintam, que cada um, aqui, a seu mau grado, reconhece e declara a si mesmo que não pode ser de outra forma, porquanto, assim sendo, patente fica a verdadeira justiça de Deus.

Nesse parágrafo, Kardec coloca todo o trabalho que realizou. Por quê? Porque antes da vinda dele, a existência da alma e do Espírito era tratada muito superficialmente, como algo até fosfórico, em que você admitia uma transcendência, mas não tinha a mínima ideia do que realmente se constituía a vida futura, ou a vida espiritual.

O que Kardec fez? Ele foi, nesse sentido, um verdadeiro cientista. Por quê? Ele passou a interrogar os Espíritos por intermédio dos médiuns. E ao interrogá-los, viu que havia de todas as categorias, os que tinham sido guilhotinados, os que passaram pela vida fazendo ações erradas, os larápios, os assassinos. Ele desceu as filigranas desse intercâmbio entre o mundo espiritual e o mundo material e foi anotando tudo.

Kardec fez um mapa do mundo espiritual por meio dessas entrevistas. Espíritos elevados, Espíritos medianos, Espíritos malfeitores ou Espíritos que tinham passado por grandes traumas. Ele entrevistou todos e pôde fazer um levantamento da vida espiritual. Kardec, na realidade, foi aquele que descortinou o mundo espiritual de uma maneira real, concreta, mostrando que isso era uma realidade. Ora, até o século XIX, quando ele viveu, absolutamente não se tinha notícia do que existia após a morte. Ele veio trazer tudo isso. Daí a importância da sua tarefa.

Que não é deste mundo o reino de Jesus todos compreendem, mas também na Terra não terá Ele uma realeza? Nem sempre o título de rei implica o exercício do poder temporal. Dá-se esse título, por unânime consenso, a todo aquele que, pelo seu gênio, ascende à primeira plana numa ordem de ideias quaisquer, a todo aquele que domina o seu século e influi sobre o progresso da Humanidade. É nesse sentido que se costuma dizer: o rei ou príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc. Essa realeza, oriunda do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não revela, muitas vezes, preponderância bem maior do que a que cinge a coroa real? Imperecível é a primeira, enquanto esta outra é joguete das vicissitudes; as gerações que se sucedem à primeira sempre a bendizem, ao passo que, por vezes, amaldiçoam a outra. Esta, a terrestre, acaba com a vida; a realeza moral se prolonga e mantém o seu poder, governa, sobretudo, após a morte. Sob esse aspecto não é Jesus mais poderoso rei do que os potentados da Terra? Razão, pois, lhe assistia para dizer a Pilatos, conforme disse: “Sou rei, mas o meu reino não é deste mundo”.



Que saudades de
você, Marlene!

Magali Abujade

A partida súbita de nossa companheira Marlene para a pátria espiritual foi um grande choque para todos nós que convivemos com ela durante tantos anos, apesar de sabermos que sua saúde estava debilitada e ela preparada para nos deixar.

De uma fortaleza espiritual sem limites, procurou até seus últimos dias dar exemplo da extraordinária força mental que sempre foi apanágio de sua alma, por intermédio de seu comportamento decidido e determinado de nunca vacilar diante dos obstáculos, na divulgação dos princípios espíritas que representam os verdadeiros ensinamentos de Jesus.

Nos quarenta e poucos anos de convivência com nossa abnegada companheira, dentro da Doutrina, tivemos exemplos e mais exemplos de seu esforço e luta para amparar os irmãos sofridos, tanto encarnados quanto desencarnados. Sua batalha para construção da Creche, onde tantas crianças carentes saíam da rua, foi sem tréguas. Seu interesse em educar os adolescentes, por meio de cursos profissionalizantes, demorou, mas se tornou uma realidade. Os cursos promovidos pelo Clube de Mães contribuíram para que as mães, ao aprenderem um ofício, pudessem auxiliar nas despesas do lar. E no Clube da Terceira Idade, fez o possível para que as participantes encontrassem refúgio nas palestras, no acolhimento, no lanchinho e nas preces.

Não podemos deixar de assinalar a assistência médica que prestava aos carentes, onde ela, única médica, clinicava com amor, levando esperança a tantos corações. Depois, iniciamos o atendimento dentário, que prospera até hoje.

O que mais nos marcou perante os paradigmas de fraternidade naturais da sua alma nobre, dentre tantos outros, foi o caso de uma carente com mais ou menos 23 anos, grávida de 6 meses, acompanhada de uma criança de 4 anos de idade. O que chamava a atenção era o grau de anemia, de tristeza e de pobreza que ambos portavam. Ficamos demais penalizados e sem saber o que fazer, pois nossa assistência não ultrapassava a ajuda em alimentos, roupas, calçados e, em casos raros, auxílio financeiro.

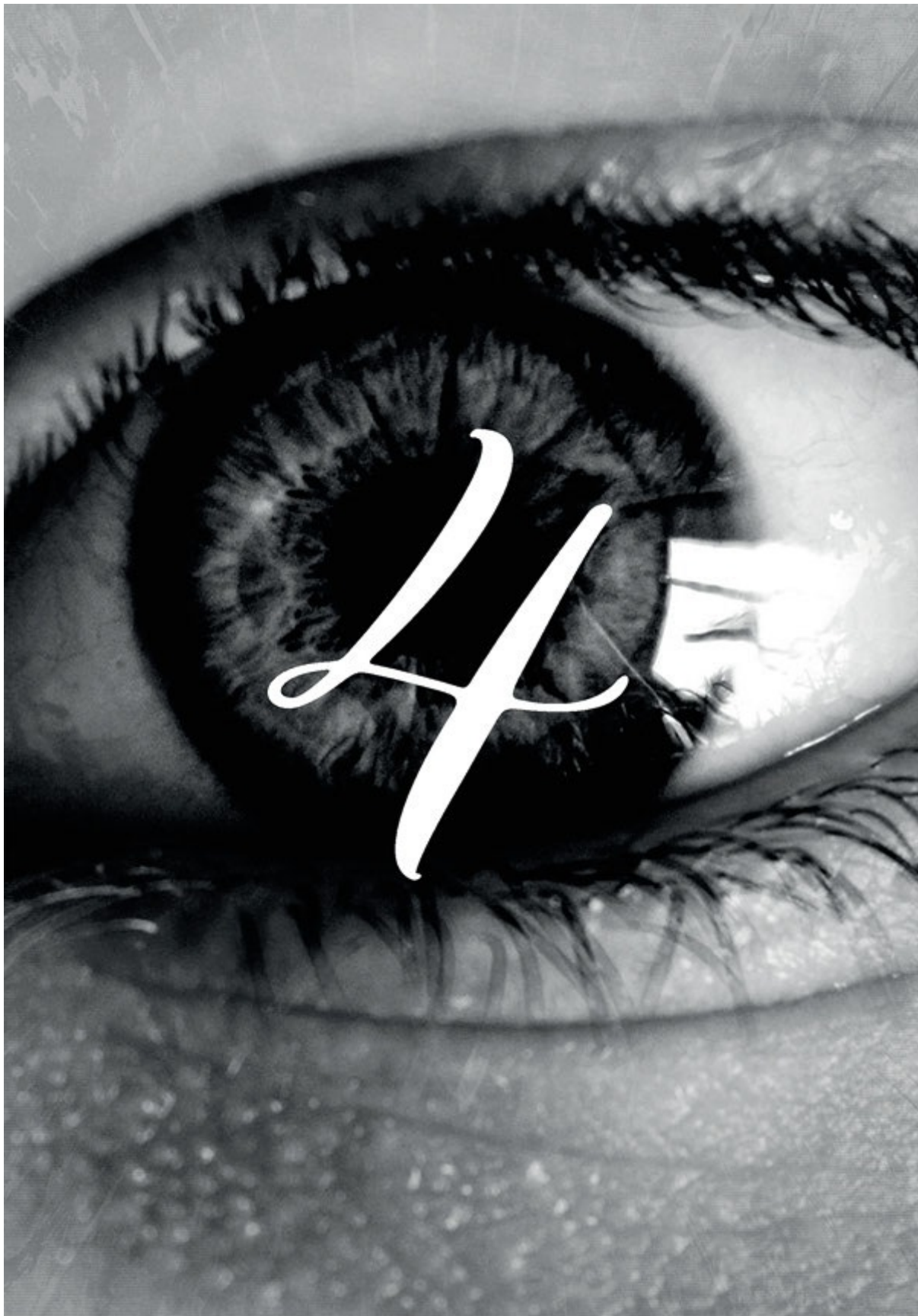
Após ouvirmos essa nossa irmã em lágrimas e tão desesperada, não querendo voltar para a rua novamente, tomamos ciência que, nessa segunda gravidez, seu pai a colocou para fora de casa definitivamente. Sua fala de desespero nos

revelava o sofrimento e a angústia de sua alma sofrida e desamparada. O GECS era sua última esperança de acolhimento, pois nunca havia morado na rua. Nesse impasse difícil, achamos por bem procurarmos nossa presidente para pedir orientação. Pela nossa preocupação e angústia, recebemos um amparo que não esperávamos, pois ela autorizou que acolhêssemos a moça provisoriamente, num local qualquer que não possuíamos.

Juntamente com a caseira, encontramos um pequeno espaço para acomodá-la e, devagarzinho, conseguimos uma forma de abrigá-la provisoriamente. Depois que deu à luz, conseguimos com a ajuda de inúmeros voluntários comprar uma casa modesta para ela residir com os dois filhos, recebendo nossa assistência e apoio até hoje.

O espaço é estreito para declinar e exaltar a grandeza dessa alma, que trabalhou em várias frentes, como já vimos: assistencial, doutrinária e de divulgação. Ampliou a Associação Médico-Espírita por todo o Brasil e também para o exterior, com a fundação da Associação Médico-Espírita Internacional; escreveu livros esclarecedores da Doutrina Espírita e outros, bem como realizou palestras e promoveu congressos no Brasil e em outros países, sempre objetivando levar a expressiva notícia da imortalidade da alma, segundo Kardec e Cristo.

Criatura exemplar, deixou um legado de imensas proporções para a humanidade, que repercute no Brasil e em todo o mundo. Deus a abençoe, companheira querida, e sinta no coração, onde estiver, nossa profunda gratidão.



A reencarnação
no Evangelho



A reencarnação é um dos mais importantes pilares da Doutrina Espírita, e em O livro dos Espíritos, o codificador nos brinda com a questão n. 171:

Sobre o que se funda o dogma da reencarnação?

R: Sobre a justiça de Deus e a revelação, pois, não nos cansamos de vos repetir: um bom pai deixa sempre aos seus filhos uma porta aberta ao arrependimento. A razão não te diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles cujo melhoramento não dependeu deles mesmos? Todos os homens não são filhos de Deus? Somente entre os homens egoístas é que se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão.

A doutrina da reencarnação, ou seja, aquela que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos da justiça de Deus, com respeito aos homens que se encontram numa condição moral inferior; é a única que pode explicar o nosso futuro e fundamentar as nossas esperanças, pois ela nos oferece o meio de resgatarmos os nossos erros por meio de novas provas. A razão assim nos diz, e é o que os Espíritos nos ensinam.

Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo IV, “Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo”, de O Evangelho segundo o Espiritismo

Jesus, tendo vindo às cercanias de Cesareia de Filipe, interrogou assim seus discípulos: “Que dizem os homens, com relação ao Filho do Homem? Quem dizem que eu sou?” – Eles lhe responderam: “Dizem uns que és João Batista; outros, que Elias; outros, que Jeremias, ou algum dos profetas”. – Perguntou-lhes

Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou?” – Simão Pedro, tomando a palavra, respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. – Replicou-lhe Jesus: “Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mateus, 16:13-17; Marcos, 8:27-30).

Nesse ínterim, Herodes, o Tetrarca, ouvira falar de tudo o que fazia Jesus, e seu espírito se achava em suspenso, porque uns diziam que João Batista ressuscitara dentre os mortos; outros que aparecera Elias; e outros que um dos antigos profetas ressuscitara. Disse então Herodes: “Mandei cortar a cabeça a João Batista; quem é então esse de quem ouço dizer tão grandes coisas?” E ardia por vê-lo (Marcos, 6:14-16; Lucas, 9:7-9).

(Após a transfiguração.) Seus discípulos então o interrogaram desta forma: “Por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias?” – Jesus lhes respondeu: “É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas: mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem. – Então seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara (Mateus, 17:10-13; Marcos, 9:11-13).

Meus amigos, estamos com dois textos muito importantes, e Kardec coloca logo no início do seu comentário uma frase essencial: “Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo”.

Entendendo a transfiguração

Quem é que se lembra dessa passagem da transfiguração? O que é que se deu de verdade? Os discípulos foram ao Monte Tabor e, nesse monte, Jesus apareceu

como um Sol, todo iluminado. Ele se transfigurou, quer dizer, em vez de aparecer como um ser humano comum, apareceu como um Sol, todo iluminado. Mas não apenas Ele, também Moisés e Elias, os dois ao lado do Cristo. Isso foi o dia da Transfiguração no Monte Tabor. Após essa transfiguração, claro, tínhamos ali Pedro, João e Tiago, que eram os discípulos nos quais Jesus depositava a mais viva confiança. Então Ele não poderia ter uma atitude dessa sem ter confiança de que aquela sessão de materialização iria se verificar com êxito. Ele tinha muito poder para isso.

Como Jesus curou milhares de pessoas, Ele tinha uma quantidade absurda de fluido vital, porque para que haja materialização é preciso que haja grande quantidade de fluido vital, ou ectoplasma, que são a mesma coisa. Quando Ele estava orando no Monte Tabor, deu-se essa coisa extraordinária que foi a Transfiguração de Cristo.

Por que se chama transfiguração? Porque é o perispírito que aparece com toda a sua intensidade, sobrepujando o corpo físico. Ele apareceu em toda a sua grandeza, como um Sol vivo, diante dos apóstolos. Ao lado Dele, estavam materializados Elias e Moisés. É claro que foi uma materialização extraordinária, uma sessão extraordinária, mas ao ver Elias materializado, o que os discípulos pensaram?

Constava nas escrituras dos profetas que Elias teria que vir para restaurar todas as coisas, constava naquilo que eles tinham como lei. Então era justo que eles tivessem falado para Jesus: “Ora, disseram que Elias teria que vir”. Bom, se alguém seria Elias, seria o próprio Cristo, porque era uma estrela viva de esplendor e de grandeza.

Mais aí Jesus colocou todas as coisas no lugar e deu um ensinamento para a posterioridade a respeito da reencarnação. Ele disse aos discípulos: “Não, na verdade Elias já veio”. Quando eles foram ao Monte Tabor e que houve essa sessão, João Batista já tinha sido degolado, já tinha morrido. O assunto corria à boca pequena junto ao público. Inclusive, Herodes se perguntava: “mas eu matei o João Batista, então quem será esse que está aqui?” Pairava a dúvida: “quem seria Jesus?” Antes dessa aparição no Monte Tabor, Pedro disse: “Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo”.

Por que Jesus disse que não foi a carne nem o sangue que tinham revelado isso aí? O que Ele quis dizer? Ele quis dizer que a carne era tudo aquilo que era

material, o sangue era tudo aquilo que era material. Não foi uma revelação, por assim dizer, da matéria, da carne, mas, sim, uma revelação espiritual. E isso era comum no caso de Pedro, porque ele era médium, um dos médiuns mais importantes entre os apóstolos do Cristo.

Justamente quando se perguntou o próprio Herodes: “Como? Mandei cortar a cabeça e agora surge um João Batista, como é que pode ser?” Mas aí Jesus traz a explicação do fenômeno, justamente no Monte Tabor, após ter se mostrado tal qual era.

O que é a transfiguração, segundo Allan Kardec em O livro dos médiuns? O que é esse fenômeno de transfiguração? É quando o Espírito não se apresenta como ele é visto todos os dias, mas é o seu perispírito que se projeta para fora e aparece em toda a sua grandeza.

Em O livro dos médiuns, Kardec dá uma explicação sobre o fenômeno da transfiguração, dizendo que isso ocorre quando existe uma doação ectoplásmica. Por exemplo, o médium que está incorporado na sala pode ter um fenômeno de transfiguração. Como assim? Ele pode ter fluido vital, ou ectoplasma, que se exsuda, ou seja, ele vai para fora, e nesse fluido pode haver a aparição do Espírito que está se comunicando por intermédio do médium por via de psicofonia. Em outras palavras, o Espírito pode aparecer.

Esse também é um fenômeno da transfiguração porque, no lugar do corpo, do Espírito do médium, aparece o Espírito materializado de quem está comunicando. Isso acontecia, principalmente, com Chico Xavier. Ele incorporava e muitos não o viam no lugar onde ele estava, mas viam a entidade que estava se comunicando. Mas é claro que a entidade teria que ser luminosa, ou uma entidade do bem, porque um Espírito que fosse obsessor e que se transfigurasse poderia causar medo.

É um fenômeno que deve ocorrer quando a sessão está harmoniosa, pois há uma cessão de ectoplasma e aparece o Espírito.

A reencarnação de João Batista

O que houve no Tabor é uma transfiguração porque Jesus estava encarnado. O que se deu foi que, ao se mostrar, Ele mostrou com toda a sua intensidade o seu perispírito. Os apóstolos jamais tinham visto o Cristo daquela maneira. Ao lado Dele, havia duas materializações, e uma delas era o Elias que já viera – mas vejam bem, ele se apresentara no Tabor como Elias, e não como João Batista. E aí os apóstolos ficaram sem saber exatamente. Foi aí que Pedro disse: “Tu és o Cristo, filho de Deus vivo”. Por quê? Porque não foi a carne quem revelou, não foi o seu conhecimento das coisas materiais que revelou aquilo, mas, sim, a parte espiritual, porque ele era médium. Quando Jesus disse “Na verdade, eu digo que João Batista já veio, Elias já veio”, todos compreenderam que se tratava de João Batista.

O que o Cristo nessa hora deixou para toda a eternidade? A reencarnação. Como Elias já veio, já reencarnou e estava ali se não tivesse tomado outro corpo como João Batista? Quando as pessoas dizem que o Cristo não falou diretamente sobre reencarnação é porque não estudaram corretamente o Novo Testamento, porque Jesus deixou isso muito claro em outras ocasiões também.

No capítulo 17 de A Gênese, no item 37, Kardec diz que Elias teria que vir para reestabelecer todas as coisas. E aí ele se coloca como Elias. O que Ele confirmou aqui foi a vinda como João Batista. Porque Jesus estava falando do Consolador, o que iria acontecer depois. Ele vai reestabelecer todas as coisas. No item 37 do capítulo 17, Allan Kardec se coloca como Elias, assessorado pelo Espírito da Verdade, com vistas a reestabelecer todas as coisas. Ele se coloca como Elias. Então é possível fazer: Elias, João Batista, Kardec.

Aliás, quando Jesus quer que alguma coisa se restabeleça no plano da Espiritualidade, é o Kardec que Ele chama, sempre ele. Tanto assim que tem uma apresentação escrita por Emmanuel que ele coloca Kardec como apóstolo da renovação humana. Por quê? Porque toda vez que o planeta teve que mudar espiritualmente foi o Kardec que veio; pode ter o nome de Elias, pode ter o nome de João Batista, pode ter o nome que quiser, mas sempre o Kardec, é ele quem vem. Ele, como Chico Xavier, deixou todo o caminho traçado para ultrapassarmos toda a dificuldade agora, ele deixou tudo pronto. Quando ele voltar, porque ele disse que vai voltar, então ele vai mostrar por quais caminhos o mundo terá que seguir, e é aí que acredito que não vamos mais cometer tantas asneiras.

Emmanuel renasceu, está com 13 anos, vai para 14.² Eu acredito que ele deve

durar uns 100 anos, então ele pegaria o século XXI todinho. Veja o planejamento: Chico ficou todo o século XX, ele vai ficar todo o século XXI e, depois disso, renasce o Chico outra vez. É de uma dedicação impressionante, eu já teria corrido caída há muito tempo.

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo.

A ideia da reencarnação não era muito clara para os judeus, mas na cabala judaica eles são reencarnacionistas até hoje. Entre o povo, as pessoas que faziam parte do povo judeu, havia essa dúvida de como era a operação da volta. Eles não tinham certeza. Mas foi Jesus quem explicou isso a Nicodemos:

A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado.

Havia uma certa confusão entre o povo do que era ressurreição e do que era reencarnação. E vocês vão ver que essa dúvida era também compartilhada por

grandes intelectuais da época, por exemplo aqui:

Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus – que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele”.

Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”.

Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?”

Retorqui-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. – O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito. – Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. – O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito”.

Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” – Jesus lhe observou: “Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. – Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis quando vos fale das coisas do céu?” (João, 3:1-12).

Nessa passagem, temos que ver a alta intelectualidade judaica, porque um doutor da lei era formado em universidade e tinha prestígio entre o povo. Quando Jesus disse que para chegar ao reino de Deus era preciso nascer de novo, a primeira coisa que Nicodemos fez foi perguntar: “como é possível voltar ao ventre da minha mãe? Sendo eu velho, posso voltar ao ventre de minha mãe?” E é aí que Jesus coloca: “como és mestre em Israel e não entendes o que eu falo?” Porque Jesus colocou muito claro: o que é carne, é carne; o que é Espírito, é Espírito. É preciso renascer da água e do Espírito.

Por que Jesus se referiu à água? No entendimento daquela época, tudo aquilo que existia no mundo, o elemento simples, principal, era a água. Hoje sabemos que é o átomo, e que o átomo é subdividido em partículas, e ainda não chegamos ao elemento simples. Naquela época, com o conhecimento científico que tinham, eles achavam que todos os corpos eram formados de água, portanto a água era o elemento principal, o elemento mais simples, por isso que Ele disse que é preciso renascer da água. Mas Ele acrescentou: e do Espírito.

Jesus separou o corpo fisiológico, o corpo físico, do Espírito. Ele separou os dois: você precisa renascer do corpo físico, e o seu espírito precisa voltar a tomar conta desse corpo. Vejam, Jesus não podia adotar uma linguagem que nem os mais intelectualizados dos homens conhecia. O máximo que Nicodemos podia conhecer era que as coisas são formadas de água, as coisas materiais, inclusive o corpo físico. Então foi por isso que Jesus tomou esse símbolo. Ele podia falar muita coisa, inclusive de todas as partículas que um dia iríamos descobrir, porque, afinal de contas, foi Ele quem fez este mundo. Ele sabe muito bem o que Ele arquitetou, cinzelou e construiu aqui na Terra. Ele sabe muito bem, mas naquela época o conhecimento era esse.

Por aqui, vocês podem ver que a ressurreição era algo que eles acreditavam, que podiam voltar, mas não sabiam como. Jesus coloca bem claro como é que podemos voltar: renascendo da água e do Espírito, quer dizer, voltando a ter um novo corpo, desde o embrião até a formação da criança, e depois o espírito teria a vida toda para aprender.

O que queremos deixar bem claro hoje é aquilo que Kardec coloca aqui, porque temos um conhecimento acima daquele que o povo judaico tinha até então. Ele coloca: “a reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo”. Isso é reencarnação! Kardec esclarece ainda em relação a isso:

A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se nos depara em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas. Se fosse errônea essa crença, Jesus não houvera deixado de a combater, como combateu tantas outras. Longe disso, ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária, quando diz: “Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”. E insiste,

acrescentando: “Não te admires de que eu te haja dito ser preciso nasças de novo”.

Essas passagens são fundamentais para compreendermos a reencarnação, mostrando que foi o próprio Cristo que nos ensinou a sua definição, e para compreender o sentido básico dela. Esse princípio acaba sendo absorvido por todos nós que já lemos alguma coisa sobre reencarnação e que estudamos, afinal de contas, os livros espíritas desenvolvem muito bem essa questão, esse princípio que alguns chamam de dogma, mas que para nós é uma lei.

Para a Igreja Católica, a partir do Concílio de Niceia, em 325, mais ou menos, foi abolida a reencarnação. Até 320 e pouco, a reencarnação fazia parte dos ensinamentos das igrejas, era algo comum dentro das igrejas acreditar em reencarnação. Mas depois do Concílio de Niceia, foi abolida a reencarnação porque os reencarnacionistas perderam nesse Concílio, e o que aconteceu foi que aboliram a reencarnação, mas não a ressurreição. Porque para nós a ressurreição tem o mesmo sentido da Igreja Católica, é o fato de você ressurgir em Espírito.

O que alguns judeus tinham dificuldade é que eles colocavam a ressurreição como reencarnação, mas não sabiam bem do que se tratava, como é possível ver pela própria colocação do doutor da lei, o Nicodemos, que não entendia muito bem o que era a ressurreição e o que era a reencarnação. Era mais ou menos comum, mas o termo “ressurreição” ficou consagrado como sendo o aparecimento do Espírito do outro lado, após a morte.

A ressurreição do Cristo é perfeitamente aceita pela Igreja Católica. Ele voltou, mas tem mais o sentido de um milagre, pois Ele falou com os discípulos. Mas a ressurreição para a Igreja Católica ficou sendo o fato de você morrer, mas não acabar, o Espírito continuar vivo, a imortalidade da alma, o que aliás tem que ser assim. Para nós, espíritas, a ressurreição tem essa conotação, a reencarnação é diferente. Então nós fazemos a distinção, mas a Igreja ficou com a ressurreição, mas não a reencarnação.

A ressurreição dos mortos, mas não da carne. A confusão sempre foi feita por muitas pessoas porque não sabiam como a reencarnação podia se dar, mas o Espiritismo veio trazer a separação exata. A ressurreição é o Espírito que, após a morte, se apresenta tão vivo quanto antes. Isso para nós é ressurreição. A

reencarnação é isso que Kardec coloca aqui e que está muito bem definido, é a volta do Espírito à vida corporal em outro corpo, completamente diferente do anterior.

Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus – que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele”.

Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade. digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”.

Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?”

Retorqui-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. – O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. – Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. – O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito”.

Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” – Jesus lhe observou: “Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. – Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis, quando vos fale das coisas do céu?” (João, 3:1-12).

“Quando eu digo nascer de novo, eu estou dizendo que é preciso nascer da água e do espírito”. O que o Mestre quis dizer com isso? Foi nesse momento que Jesus afirmou com todas as letras o princípio da reencarnação. Era preciso nascer num novo corpo. Esse novo corpo está implícito na questão da água, ou seja, hoje em dia procuramos o princípio fundamental da vida, o elemento fundamental de tudo quanto existe, mas naquela época os recursos científicos eram pífios e todos consideravam que a água era o elemento fundamental de

todos os corpos. Claro que, naquela época, Jesus não poderia dizer os átomos, as partículas (Ele sabia de tudo isso), mas não podia falar nada. Quem é que iria entender? Então, Ele disse que é preciso renascer da água e do Espírito, separando os dois elementos; era preciso voltar a ser criança novamente.

Nesse trecho, Jesus estava consagrando para sempre o princípio da reencarnação. Depois desse colóquio com Nicodemos, há também uma referência no Evangelho do Antigo Testamento, mostrando que já havia referência ao princípio da reencarnação, por exemplo: “Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias de minha existência terrestre, esperarei, porquanto a ela voltarei de novo” (ID. Versão da Igreja grega).

Dessa forma, há referência, sim, no Antigo Testamento, em Isaías e outros profetas dizendo que Ele deveria voltar, ou que a pessoa volta à vida novamente.

Cocriação, reencarnação e suicídio

O que eu gostaria muito de relembrar com vocês é uma das mensagens de Emmanuel (são 3) no Livro da esperança. Como eu disse, são comentários que Emmanuel fez em 1962 e depois colocados nesse livro como uma homenagem aos 100 anos de O Evangelho segundo o Espiritismo. Há uma primeira mensagem, chamada “Evolução e aprimoramento”, que nos dá a ideia da importância que o ser humano tem na própria evolução do planeta e de tudo quanto está ao seu redor. Não vou me deter muito nessa primeira mensagem, mas sugiro que quem tiver o livro se debruce um pouco mais, a fim de que tenha maiores informações sobre o tema reencarnação.

Nessa mensagem, achei interessante uma frase de Emmanuel: “A eletricidade e o magnetismo plasmam-lhe os desejos”. Isso aqui é de uma importância enorme porque mostra que somos feitos à imagem e semelhança de Deus e que, pelo pensamento, modificamos todas as coisas para o bem ou para o mal. Veja bem: o pensamento é força eletromagnética, é energia eletromagnética. Por meio desses raios eletromagnéticos somos capazes de emitir, e assim influenciemos a vida na Terra para o bem ou para o mal. Isso está também de acordo com todos os ensinamentos que André Luiz trouxe para nos dizer que podemos cocriar em

plano menor – e existem os cocriadores em plano maior.

Jesus Cristo foi um cocriador em plano maior porque, há 4 bilhões e 600 milhões de anos, Ele recebeu das mãos do Criador (mãos é a maneira de falar), recebeu do Criador uma bola informe, que parecia uma geleia, uma bola que era moldável, e pelo Seu pensamento de Espírito altamente evoluído construiu o mundo para nós. Isso se chama Cocriação em Plano Maior.

Mas nós rastaquera, bem aplastados no chão mesmo, também temos condição de moldar. É uma condição muitíssima importante porque nos aproxima do Criador, é aquilo que nos une ao Ser Supremo, porque temos a capacidade cocriadora! Vocês veem como é importante que, com essa capacidade, que é bem pequenininha, construímos o perispírito e os corpos com os quais nos apresentamos desde os tempos dos cristais.

Quando uma pessoa pensa em suicídio e o comete, é algo profundamente contrário à cocriação divina. Por quê? Porque todo aquele trabalho que tivemos ao longo da escala filogenética para construir o nosso perispírito e chegar à condição de humanos foi feito em bilhões de anos. Quando destruimos um corpo, estamos pensando que estamos destruindo para sempre – e isso é um engano terrível porque ninguém morre, e as consequências são muitíssimo ferozes, do ponto de vista de desestruturação do nosso perispírito. Assim, somos nós quem construímos o destino todos os dias e podemos modificá-lo devagar, mas sempre, porque temos essa condição.

Eu só quis ler essa frase para vocês meditarem e verem que realmente vale a pena dar olhada nessa primeira mensagem que se chama “Evolução e aprimoramento”.

O livre-arbítrio e o destino de cada um

Agora, gostaria de falar a respeito de uma outra mensagem que se chama “Ante o livre-arbítrio” e que é também uma realização de Emmanuel para compreendermos melhor este capítulo. Escreve Emmanuel:

Nada te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo (João, 3:7).

Não há, pois, duvidar de que sob o nome de ressurreição o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo (cap. IV, item 16).

A partir da recordação desse trecho, Emmanuel faz uma ilação importantíssima para nós. Muitas pessoas dizem que não somos livres para agir, e as pessoas entendem de forma diferente a reencarnação. Além disso, muitas não aceitam o livre-arbítrio. Por quê? Ele diz:

Surgem, aqui e ali, aqueles que negam o livre-arbítrio, alegando que a pessoa no mundo é tão independente quanto o pássaro no alçapão. E, justificando a assertiva, mencionam a junção compulsória do Espírito ao veículo carnal, os constrangimentos da parentela, as convenções sociais, as preocupações incessantes na preservação da energia corpórea, as imposições do trabalho e a obediência natural aos regulamentos constituídos para a garantia da ordem terrestre, esquecendo-se de que não há escola sem disciplina.

Há pessoas que não aceitam o livre-arbítrio, dizem que somos compelidos a agir de uma determinada maneira. Dizem: “eu não sou livre coisa nenhuma, eu tenho que agir seguindo determinadas regras”. Ou “eu renasci numa parentela que muitos dizem que eu não pedi”; “existem as convenções sociais que eu tenho que seguir”; e assim por diante. Vale a pena reler esse trecho para vocês saberem os argumentos que as pessoas têm contra o livre-arbítrio.

Emmanuel nos diz assim:

Refletamos, ainda que superficialmente, em nossos irmãos menos felizes, para recolher-lhes a dolorosa lição. Pensemos no desencanto daqueles que amontoaram moedas, por longo tempo, acumulando o suor dos semelhantes, em louvor da própria avareza, e sentem a aproximação da morte, sem migalha de luz que lhes mitigue as aflições nas trevas...

Somos livres ou não somos? Essa pessoa não acumulou os bens terrenos porque quis? Qual foi o estatuto da Terra que impulsionou nela a ideia da avareza? Nada, nenhuma. Não houve o constrangimento. Por livre e determinação da sua vontade, o que fez? Concentrou a moeda para ela mesma. Isso nós podemos transpor para bens terrenos, para qualquer tipo de avareza, seja de que natureza for. Você não é constrangido a ser avarento ou avarenta. Então onde está o livre-arbítrio? Ele sempre existiu, e nós fizemos o que quisemos.

Só que ao se aproximar do fim da existência, o que vai ocorrer? Não há mais tempo, e o desespero começa a se instalar na consciência, o que pode ou não fazer com que despertemos do outro lado, mas em geral não. E quando o faz, desperta para um grande sofrimento, porque percebeu que juntou vento, bolha de sabão, porque não pode levar nada do que juntou. Onde está a verdadeira propriedade?

E os fóruns da vida que nos oferecem espetáculos deprimentes, mostrando brigas homéricas em família por causa de meia dúzia de pataca? Passa uma vida inteira brigando. Quem os constrangeu a isso? Ninguém. No entanto, ao se aproximar do final da existência, o vazio vai tomando conta porque amassou-se o barro, correu-se atrás de bolha de sabão, nada tem consistência.

O que mais o benfeitor nos diz? “Imaginemos o suplício dos que trocaram veneráveis encargos por fantasiosos enganos, a despertarem no crepúsculo da existência, qual se fossem arremessados, sem perceber a secura asfixiante de escabroso deserto”. O que vocês se lembram com essa frase? Quem é que corre atrás de enganos? Quem é que rouba? Quem é que passa a perna nas pessoas pensando que enganava muito bem? Ninguém engana a Justiça Divina, absolutamente ninguém. Nossa vida é clara como um Sol para a Espiritualidade, que conhece os nossos pensamentos melhores que nós mesmos e sabe quais os motivos que determinaram nossas ações.

Então: somos livres e fazemos porque queremos. Se você adentra um cargo público e você utiliza do poder para amealhar bens terrenos em detrimento da população, principalmente os mais pobres, isso é o quê? Emprego do quê? Do livre-arbítrio da pessoa, ela não é obrigada a fazer isso. Muito pelo contrário, ela não é obrigada. Ah, sabe como é, as convenções humanas, sabe, tudo leva... Não, não leva a nada, não. Leva se quisermos.

Segundo Emmanuel, isso levará a um asfixiante e escabroso deserto. Imaginou o que é isso? “Ponderemos a tortura dos que abusaram da inteligência, reconhecendo, à margem da sepultura, os deprimentes resultados do desprezo com que espezinharam a dignidade humana...” A inteligência aplicada de que forma? A favor ou contra a coletividade? E quem o obrigou a fazer isso? Ninguém. O livre-arbítrio funcionou absolutamente igual para todos. E se tomamos uma decisão, foi porque escolhemos. A vida é feita de escolhas.

A argumentação de que não temos livre-arbítrio não resiste a um mínimo raciocínio. Somos, sim, responsáveis por nossas escolhas. Temos que assumir isso porque a maior covardia do ser humano é não facear as próprias escolhas e os seus resultados e querer sempre transferir para o outro o seu problema, o problema negativo que criou.

Emmanuel acrescenta: “Consideremos o martírio dos que desvirtuaram a fé religiosa, anulando-se no isolamento improdutivo, ao repararem, no término da estância terrestre, que apenas disputaram a esterilidade do coração”. Então, todos os religiosos que buscam os conventos, que se separam da vida pública, que estão distantes da coletividade e que nada fazem em benefício dessa mesma coletividade correm o risco de chegar ao final da existência e a própria esterilidade do coração apontar-lhes um caminho de horror. Mas eles foram constrangidos a isso? Não, foi de livre e espontânea vontade.

Segue Emmanuel: “Meditemos no remorso dos que se renderam à delinquência, hipnotizados pela falsa adoração a si mesmos, acordando abatidos e segregados no fundo das penitenciárias de sofrimento”. Outro aspecto referente à liberdade: o que fazer com suas pernas, com seus braços? É por isso que os Espíritos nos dizem que nem bem terminou a existência física, do outro lado, já estamos sem braço, sem perna, sem nada. O que aconteceu? Alguém os constrangeu? Não! Foi uma atitude que tomamos. Os que se renderam à delinquência, seja ela de que tipo for, quando a justiça humana consegue alcançar, a polícia consegue alcançar ainda aqui na Terra, já começaram a ressarcir o débito.

E quando desencarnam sem ninguém perceber o que foi feito? Vou adiantar uma palhinha do meu livro: Chico Xavier foi visitar uma senhora que estava inconsolada e foi com ela até o hospital psiquiátrico. Ela internou dois filhos ao mesmo tempo. Um acabara de se formar em Medicina, o outro acabara de se formar em Direito. Loucos, completamente loucos, foram internados ao mesmo tempo no hospital psiquiátrico. Depois, Chico nos contou o drama que estava por trás dessa história.

Na Inglaterra, os dois tinham uma prima que desejava entrar na posse da herança sozinha, sem o marido, que tinha uma fortuna muito grande e, segundo ela, a atrapalhava. Quando o marido teve uma gripe, entrou o primo médico dela e começou a lhe dar doses altas de remédios para desestruturá-lo do ponto de vista mental. Então, ao invés de tratar da gripe, ele acabou desequilibrando as faculdades mentais do paciente. Depois de algum tempo, entrou o primo advogado e aconselhou a família a internar o marido daquela senhora porque ele estava louco. Ele foi internado e terminou os seus dias numa triste situação.

Eis aí a Lei de Causa e Efeito. Eles não eram livres, absolutamente livres para agir? Ninguém os constrangeu. Então aquela prima hoje é a mãe desesperada que internou os dois filhos ao mesmo tempo no hospital psiquiátrico porque eles haviam levado à loucura aquele senhor que nada fizera de mal, não era responsável por nada, a não ser pela posse de uma grande fortuna.

Somos livres ou não somos? Somos, sim! E no momento do pagamento da dívida, quando as questões começam a aparecer dentro da nossa casa, qual a primeira coisa que queremos fazer? Embrulhar o pacotinho e deixar no vizinho. Algo como “não diz a respeito a mim, eu nada fiz”. É por isso que vem a argumentação de que o livre-arbítrio não existe. Claro que existe! Ele está vigente em todos os escaninhos da sociedade, em todas as nossas circunstâncias. E quando nós estamos comprimidos pelo meio ambiente é porque nós produzimos esse meio ambiente, fomos nós que fizemos.

Assim, com a sabedoria de Emmanuel, vem o final impressionante: “Ninguém pode negar que todos eles, imantados ao cativo da angústia, eram livres... Conquanto os empecos do aprendizado na experiência física eram livres para construir e educar, entender e servir”. Mas na hora do serviço, nosso livre-arbítrio nem funciona, infelizmente porque não nos sentimos responsáveis.

Agora, a frase lapidar de Emmanuel:

Eis porque a Doutrina Espírita fulge, da atualidade, diante da mente humana, auxiliando-nos a descobrir os Estatutos Divinos, funcionando em nós próprios, no foro da consciência, a fim de aprendermos que a liberdade de fazer o que se quer está condicionada à liberdade de fazer o que se deve.

Com essas palavras dá para meditar um ano. Então a “liberdade de se fazer o que se quer está condicionada à liberdade de fazer o que se deve”. Assim, temos que descobrir o que é que devemos fazer. E quem vai nos guiar nisso? Quem é que nos guia para nos dizer o que devemos fazer? Não existe outro mestre senão Jesus. Não há condição de aprendermos nada de definitivo se não seguirmos o Mestre. É Ele quem tem a chave do bom comportamento, do que devemos fazer.

Sabe o que Chico Xavier dizia? “Eu sou escravo do dever para ser livre”. Olha que frase! “Eu sou escravo do dever para ser livre”. E não há liberdade maior que essa, porque intimamente você diz: “cumprir o meu dever, fulano, beltrano não entendeu, não tem importância”. O que é importante é a sua consciência, é o que você fez.

Isto aqui é para todos nós guardarmos:

Estudemos os princípios da reencarnação, na lei de causa e efeito, à luz da justiça e da misericórdia de Deus e perceberemos que, mesmo encarcerados agora em constringentes obrigações, estamos intimamente livres para aceitar com respeito e humildade as determinações da vida, edificando o espírito de trabalho e compreensão naqueles que nos observam e nos rodeiam, marchando, gradativamente, para a nossa emancipação integral, desde hoje.

Quando, pois, vierem com a argumentação que não temos livre-arbítrio, vocês agora sabem onde buscar os argumentos. Somos, sim, livres. Todos os dias fazemos escolhas, e são nossas escolhas que determinam a felicidade ou infelicidade. E quando estamos passando pela provação, ainda assim somos livres para aceitar, para não nos colocarmos contra a Justiça Divina. Por quê? A

resignação, porque estamos resignados frente à prova. E quem dá a resignação? A lei retamente cumprida, o dever retamente cumprido por nós, pois temos a fé raciocinada, sabemos por que sofremos e nos resignamos. Seja feita a vontade de Deus porque ela é soberana e ela sabe do que eu preciso para evoluir. Essa é a resignação.

Mas não precisamos ser apenas resignados – o que já é uma grande coisa –, temos que construir em cima do dia a dia coisas melhores, produzir sempre mais. Como Emmanuel nos diz: “nós somos livres para construir e educar, entender e servir”.

Apesar de estarmos passando por tristes provações, podemos sorrir, podemos aceitar o que estamos passando, podemos construir o bem onde estivermos, não dar pasto ao mal em momento algum e construirmos uma vida nova em cima do sofrimento. Isso podemos fazer! Essa é a maravilha da Doutrina Espírita. Nenhuma outra doutrina diz isso, nem explica, nem nos fala da importância da reencarnação e do aproveitamento da existência.

Não basta saber que reencarnamos, não basta. Precisamos aproveitar o conhecimento e agir no bem. Fazer com que a existência renda, que ela multiplique o bem onde nós estivermos. Fofocas, mágoas, rancores, ódios, cólera... Passe longe disso, deixe isso para trás! Não coloque isso na sua vida diária porque é um peso extraordinário que vai fazer com que chegue no final da existência esgotado e sem ter produzido nada. Não vale a pena!

A nossa vida no bem é uma escolha que fazemos todos os dias, em todos os momentos. Temos que ter vigilância quanto a isso porque tudo começa pelo pensamento, pela matéria mental. Tudo começa no instante em que você faz suas elucubrações mentais. Cuidado! Vamos ter vigilância quando os pensamentos nascerem, para onde eles vão, não deixando-os que nem os cavalos e os corcéis, correndo a galope, sem que você tome conhecimento daquilo que está fazendo.

Então, temos exemplos na literatura espírita de milhares e milhares de casos da Lei de Ação e Reação, mostrando por que renascemos em situação adversa. Por que não aproveitar isso? Por que não fazer da nossa vida algo que seja um hino de louvor ao Ser Supremo na resignação, na aceitação e na construção de um mundo novo que podemos fazer agora? Podemos construir agora porque temos condições de fazer. Deus nos deu o livre-arbítrio, deu-nos a condição de cocriar. Pelo pensamento, cocriamos, então vamos cuidar do pensamento!

Reencarnação e os laços de família

Vamos ver aqui o estudo de Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo* sobre reencarnação. Vimos o que é ressurreição, o que é reencarnação e já falamos sobre uma certa confusão que existe porque os judeus antigamente acreditavam que ressurreição era reencarnação. Mas, para o mundo católico, ressurreição é a volta do Cristo após a crucificação. Para não haver confusão, é preciso que sempre tenhamos em mente que ressurreição seria a volta do Espírito após a morte, a apresentação do Espírito após a morte, que se dá tanto no mundo espiritual quanto no mundo material. Reencarnação traz esse conceito novo de que voltamos para a carne, para o corpo físico, em nova roupagem.

O que vamos hoje abordar seria em relação aos limites da reencarnação, mas antes temos uma pergunta de Allan Kardec sobre se a reencarnação fortalece os laços da família ou não. Emmanuel dedica três de suas mensagens para a análise desse capítulo, e nós estamos seguindo o esquema de Emmanuel, em que para cada capítulo há uma orientação dele, porque o Livro da esperança foi feito para comemorar os 100 anos de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

A questão sobre se a reencarnação fortalece os laços de família ou não vai ser respondida pelo próprio Allan Kardec na lição, e Emmanuel vai nos fazer considerações muito importantes e interessantes sobre o assunto. Primeiramente, Allan Kardec afirma o seguinte: “Os laços de família não sofrem destruição alguma com a reencarnação, como o pensam certas pessoas. Ao contrário, tornam-se mais fortalecidos e apertados. O princípio oposto, sim, os destrói”.

Allan Kardec traz uma primeira consideração, uma importante lição:

No espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas momentaneamente os separa, porquanto, ao regressarem à erraticidade

novamente se reúnem como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, até, uns seguem a outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que se conservam livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os retardatários progridam. Após cada existência, todos têm avançado um passo na senda do aperfeiçoamento.

Kardec está dizendo algo muito claro: no mundo espiritual nos reunimos com os afins, formamos grupos afins. Então, nos encontramos e tornamos a nos encontrar. Mas quando encarnamos, nos separamos, na maior parte das vezes, desse grupo familiar, o que se constitui no conjunto da nossa família espiritual.

Eu pergunto para vocês: dá para saber por que fazemos isso, por que nos separamos? Por que já não forma mais um mesmo conjunto homogêneo? Porque uns evoluem mais, outros menos. Há os retardatários e, principalmente, a Lei de Causa e Efeito a qual estamos submetidos. Muitas vezes, queremos encarnar com os afins, é muito melhor, mas nem sempre é possível. Por quê? Porque a Sabedoria Divina é imensa e instituiu a família para que houvesse o ponto de encontro.

Quando falamos em ponto de encontro, a que estamos nos referindo? A adversários e afins. É claro que dentro de uma família temos tudo isso. Se no mundo espiritual somos todos afins, existe uma harmonia muito grande, quando reencarnamos a situação não é a mesma, a dificuldade é grande. Às vezes, percebemos nitidamente que um familiar faz parte da nossa família espiritual mesmo, mas há outros que não fazem parte, como aqueles pintainhos, em que alguns são de uma cor e outros de outra. A mesma coisa se dá em nosso núcleo familiar.

Cada vez menos presos à matéria, mais viva se lhes torna a afeição recíproca, pela razão mesma de que, mais depurada, não tem a perturbá-la o egoísmo, nem as sombras das paixões. Podem, portanto, percorrer, assim, ilimitado número de existências corpóreas, sem que nenhum golpe receba a mútua estima que os liga.

Está bem-visto que aqui se trata de uma afeição real, de alma a alma, única que sobrevive à destruição do corpo, porquanto os seres que neste mundo se unem apenas pelos sentidos nenhum motivo têm para se procurarem no mundo dos Espíritos. Duráveis somente o são as afeições espirituais; as de natureza carnal se extinguem com a causa que lhes deu origem.

É por isso que as paixões, que têm muito da ligação carnal, não permanecem no mundo espiritual, as pessoas se separam. Por quê? Porque não existe a afeição verdadeira, de Espírito para Espírito, de alma para alma. “No que concerne às pessoas que se unem exclusivamente por motivo de interesse, essas nada realmente são umas para as outras: a morte as separa na Terra e no Céu”.

O que ele está dizendo é que famílias que estão unidas apenas no sentido do interesse material desaparecem com a desencarnação, ou seja, as pessoas não se buscam, os Espíritos não se buscam.

O temor de que a parentela aumente indefinidamente, em consequência da reencarnação, é de fundo egoístico: prova, naquele que o sente, falta de amor bastante amplo para abranger grande número de pessoas. Um pai, que tem muitos filhos, ama-os menos do que amaria a um deles, se fosse único? Mas, tranquilizem-se os egoístas: não há fundamento para semelhante temor. Do fato de um homem ter tido dez encarnações, não se segue que vá encontrar, no mundo dos Espíritos, dez pais, dez mães, dez mulheres e um número proporcional de filhos e de parentes novos. Lá encontrará sempre os que foram objeto da sua afeição, os quais se lhe terão ligado na Terra, a títulos diversos, e, talvez, sob o mesmo título.

Então pergunto a vocês, como é que fica essa história de pais de encarnações sucessivas, pais diferentes e parentes (irmãos, mulheres diferentes)? Como é que fica no mundo espiritual, conforme a explicação de Allan Kardec? Como é que fica essa situação? Nós nos mantemos unidos ou não? E a hierarquia, como é? Como se faz a hierarquia, ou a quem obedecemos mais como pai ou como mãe? Como isso se dá?

A resposta é simples: quem é mais afim, com quem temos mais afinidade. É sempre o amor, é sempre a afeição que dita o nosso relacionamento. Também, um não vai sentir ciúme do outro porque aquele foi mais escolhido como chefe, ou como pai. Isso é natural, isso não é forçado. No mundo espiritual, não existe isso de algema; estamos unidos por laços espirituais, por laços afetivos. Então a nossa família pode crescer muito.

Como Kardec lembrou-nos aqui, só não compreende isso quem é muito egoísta, quem não quer repartir, porque o amor é a única coisa que podemos multiplicar e repartir sem perder nada. Mas não entendemos isso ainda: “ah, não, não quero tal mãe, não quero tal pai na Terra, não quero ficar dessa maneira ou de outra”. Isso não tem sentido porque a afeição predomina sempre. Ela é natural. O egoísta é que não sente isso, mas a atração é natural.

O que acontece quando viemos juntos várias vezes? Aumenta a afeição, aumenta a ligação. Não precisamos nos preocupar quem vai ser meu pai, quem vai ser minha mãe, quem vão ser meus irmãos, quem vão ser meus filhos... Não temos que nos preocupar com isso porque tudo é tão perfeito. Quando a afeição é reconhecida como um elemento natural de ligação, isso não traz nenhum problema para o Espírito. Vamos distinguindo as pessoas naturalmente e nos ligando a elas com facilidade, sem oposição.

Às vezes, um de nós que está aqui (ou vários), não faz ideia de quão extensa e grande é a família. Mas quando desencarnamos e começamos a encontrá-los, vocês acham que existe sensação melhor que essa? Não, não tem. A alegria do reencontro, de termos terminado uma etapa. E os que são vitoriosos, que saem desta vida conseguindo vencer os desafios? É isso que Emmanuel rebate na mensagem dele, o que é muito importante, porque essa vitória é aquela do devedor que chega no banco e fala: “paguei a última prestação”; é aquela sensação de alívio de você ter se libertado de alguma coisa que o prendia a compromissos muito sérios.

Isso é o que temos que perceber quando estamos num relacionamento familiar e que tem problema, pois isso deve servir de base para a sustentação nossa no objetivo que tem que ser comum: de vencer a adversidade, o ódio, a vingança. Cada vez que o Espírito sai vitorioso da matéria, ele é recebido por um conjunto de familiares que vêm lhe dar as boas-vindas e aplaudir o seu gesto, por ter cumprido o fim da luta que empreendeu na sua melhoria. Não fazemos ideia de quantos Espíritos torcem por nós e nos ajudam, porque ainda não abrimos

suficientemente a concha da própria alma para podermos receber essas intuições e o apoio da Espiritualidade Superior.

Lembro-me de uma cena muito bonita do filme *A casa dos Espíritos*, em que a personagem Blanca Trueba (interpretada na versão de 1993 pela atriz Winona Ryder) está presa e a mãe (interpretada pela atriz Meryl Streep), em Espírito, entra na cela e coloca a cabeça da filha no colo e começa a conversar com ela e dizer que ela tinha que levar até o fim, que ela tinha que ter paciência, que ela tinha que ultrapassar aquela dificuldade, como de fato ela conseguiu ultrapassar.

É muito interessante quando os meios de comunicação ou a arte mostram essas cenas e que vemos sem movimento nos livros. É importante observarmos essas cenas para ver que são verdadeiras, são reais. Os Espíritos não estão alheios ao que estamos passando. É que, muitas vezes, na maioria delas, não estamos com as orelhas bem abertas nem os olhos muito abertos para perceber essa ajuda, mas nós a temos, sem dúvida nenhuma!

O amor e a reencarnação

Vejamos agora as consequências da doutrina antirreencarnacionista. Ela, necessariamente, anula a preexistência da alma. Sendo estas criadas ao mesmo tempo que os corpos, nenhum laço anterior há entre elas, que, nesse caso, serão completamente estranhas umas às outras. O pai é estranho a seu filho. A filiação das famílias fica assim reduzida à só filiação corporal, sem qualquer laço espiritual. Não há então motivo algum para quem quer que seja glorificar-se de haver tido por antepassados tais ou tais personagens ilustres. Com a reencarnação, ascendentes e descendentes podem já se terem conhecido, vivido juntos, amado e podem reunir-se mais tarde, a fim de apertarem entre si os laços de simpatia.

Eu me lembro de uma mensagem muito bonita de um escravo, aliás, a mensagem não é dele, é da pessoa que o escravizou. É muito bonita porque ele protegia o seu dono, que era dono dele, em tudo e por tudo e desculpava tudo o

que ele fazia. Esse dono o levou à desencarnação, por meio de muito sofrimento, e ele se arrastando com as correntes, se arrastou e beijou os pés dele na última cena, na sua desencarnação. O filho, que no caso é o escravocrata, diz que agora revendo aquilo tudo tem pavor do que fez porque era seu pai reencarnado. Esse pai, até o último momento, se desdobrou, doando para o filho o melhor do seu sentimento. Essas coisas, eu acho, é que deviam ser divulgadas, e não o que temos, uma avalanche de vingança, de ódio, para dizer que, mesmo no sofrimento, o amor fala mais alto. Nesse caso, esse que foi o pai durante várias existências continua sendo no entendimento do seu filho. Essa é uma mensagem recebida pelo Chico que está em Instruções psicofônicas³ e vale a pena ler, é um primor de mensagem, um grande ensinamento.

Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não reencarnação, a sorte das almas se acha irrevogavelmente determinada, após uma só existência. A fixação definitiva da sorte implica a cessação de todo progresso, pois desde que haja qualquer progresso já não há sorte definitiva.

Vale a pena reler a argumentação de Kardec, que é sempre de bom senso:

Com a reencarnação e progresso a que dá lugar, todos os que se amaram tornam a encontrar-se na Terra e no espaço e juntos gravitam para Deus. Se alguns fraquejam no caminho, esses retardam o seu adiantamento e a sua felicidade, mas não há para eles perda de toda esperança. Ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, um dia sairão do lodaçal em que se enterraram.

É muito interessante essa parte do Kardec, que é bem exemplificada na obra de André Luiz. Vemos a cada passo os familiares trabalhando no mundo espiritual com bônus-hora acumulados a fim de ajudarem quem? Os queridos e amados que ficaram para trás, que estão na retaguarda.

Por exemplo, não sei se vocês se lembram, mas em 1939/1940, quantos bônus-hora a ministra Veneranda tinha? Um milhão! Ela foi condecorada na praça

central de Nosso Lar porque ela tinha atingido um milhão de bônus-hora. E vocês se lembram para quem ela estava fazendo isso? Para todos os familiares que estavam na retaguarda.

Sabem quem é a ministra Veneranda? Isabel de Aragão, a rainha Isabel de Aragão. Para entenderem quem ela é, precisam ver a homenagem que o Dr. Bezerra de Menezes fez a ela, chamando-a “querida mãe”, para assim se ter uma ideia de quanta luz ela tem. Ela estava trabalhando para os familiares, muitos estão aqui em São Bernardo do Campo. Então veja o que Kardec fala: “muitos retardam o seu adiantamento, ficam esperando e trabalhando para os que estão atrás”.

Daí essa questão de a família ser tão importante para nós. A família é uma criação divina, porque quanto mais membros da família tivermos, mais temos chances de evoluir em conjunto, porque um cuida do outro. Essa questão familiar é extremamente importante.

Retorno à pátria do Espírito

No Livro da esperança, Emmanuel comenta sobre o Instituto de Tratamento, que é a última mensagem do capítulo 4 e que tem frases muito interessantes. Ele começa dizendo:

Atingindo o Plano Espiritual, depois da morte, sentimentos indefiníveis nos senhoreiam o coração. Nos recessos do Espírito, rebentam mágoas e júbilos, poemas de ventura e gritos de aflição, cânticos de louvor pontilhados de fel e brados de esperanças que se calam, de súbito, no gelo do sofrimento.

O que ele está falando aqui? Na primeira frase, ele diz: “atingindo o plano espiritual”, quer dizer, depois da morte, os estados psicológicos em que nos encontramos são muito variados e extensos. Como é que estaremos? O Chico

costumava dizer que depois da morte não temos endereço cósmico. Onde é a nossa casa? Onde vamos morar? O que vamos fazer? Aqui Emmanuel está dando uma dica importante: “gritos de aflição, cânticos de louvor pontilhados de fel”, porque nem sempre acertamos na vida terrena. E constatamos isso logo após a morte, na desencarnação física.

“Rimos e choramos, livres e presos, triunfantes e derrotados, felizes e desditosos...” Como eu tenho lido muito a biografia do Chico, ele já tinha dito isso para nós em Uberaba, e o Ranieri coloca isso muito bem. O Ranieri pergunta para o Chico o que anda acontecendo com os espíritas após a morte. Chico diz: “Um horror, não tenho visto ninguém feliz”. Vocês já imaginaram por que será?

Não basta conhecer o Consolador, não basta conhecer os princípios se não exemplificarmos; não adianta. Por exemplo, vemos que na desencarnação de presidentes de centros espíritas, aqueles que militaram durante muito tempo, as questões vão aparecer de uma maneira muito cruel e real. Como é que dirigimos? Éramos o servidor de todos ou éramos servidos? Os outros tinham valor para nós ou não? Essas são questões fundamentais que temos que colocar.

Daí porque Emmanuel disse “livres e presos”. Não podemos usufruir da liberdade porque não temos os frutos do bom trabalho. “Bênçãos de alegria, que nos clareiam pequeninas vitórias alcançadas, desaparecem, de pronto, no fundo tenebroso das quedas que nos marcaram a vida”. Se temos alegrias (e é claro que as temos), são muitas vezes sufocadas por outras quedas que tivemos. É muito duro nos levantarmos do erro. E quanto mais formos para as profundezas (porque vocês sabem que embaixo da Terra existem cinco moradias nos esperando, cinco faixas), quanto mais nos precipitamos, mais difícil fica a volta para a superfície, é muito dura a volta para a superfície.

As encarnações de Jésus Gonçalves

Ainda agora dei uma entrevista em que estávamos falando sobre Jésus Gonçalves. Não sei se vocês conhecem a vida dele. Em uma dada altura da sua vida, surgiu o mal de Hansen e, como leproso, foi internado em Pirapitingui,

perto de Sorocaba, tornou-se espírita e abriu o centro espírita dele dentro da cidade. Foi um exemplo em aceitar a moléstia, que o levou, finalmente, à morte, à desencarnação, em 1947. Ele teve uma vida epistolar com Chico, cheia de troca de correspondência. Eles ficaram muito amigos, e um dia ele apareceu em Pedro Leopoldo; o Chico chorou muito e pediu para o amigo para verificar se realmente ele tinha desencarnado. Ele apareceu lá em Pedro Leopoldo e deu uma mensagem belíssima, por intermédio de Chico.

Ele foi Alarico I e Alarico II. Nessas duas oportunidades, foi rei dos visigodos. Os visigodos, como vocês sabem, eram hordas muito selvagens e que invadiam povos, matavam pessoas inocentes, crianças, mulheres, velhos e, obviamente, muitos soldados. Mais ou menos no século quinto da nossa era cristã, ele, como Alarico Segundo, matou muita gente, entrava pesado na cidade e acabava com o equilíbrio de lá.

E somente 1.500 anos depois, consegue a reabilitação como Jésus Gonçalves. Ele tem uma frase belíssima que disse para o Chico quando estava em Pedro Leopoldo: “Alarico, o leproso; Jésus, o rei”. Quer dizer, ele tinha compreendido exatamente a pena educativa a qual passou. Ele havia mandado uma foto para o Chico, já estava com o nariz, a face tomada, e ele era um homem bonito. Ele disse assim para o Chico na foto: “se você notar alguma coisa de diferente no meu rosto, não liga não, é defeito da fotografia”.

Ligações de outras eras

“Suspiramos pela ascensão sublime, sedentos de comunhão com as entidades heroicas que nos induzem aos galardões fulgentes dos cimos, todavia, trazemos o desencanto das aves cativas e mutiladas”. Quanto isso é verdade! A pessoa desencarna, vê aquela maravilha, tantos Espíritos iluminados que vêm trazer conforto a tantas almas do outro lado, mas não conseguem se levantar, desejam, mas não conseguem.

Ao invés de asas, carregamos grilhões, na penosa condição de almas doentes...

Na concha da saudade, ouvimos as melodias que irrompem das vanguardas de luz, entretecidas na glória dos bem-aventurados. No entanto, austeras admoestações nos chegam da Terra pelo sem-fio da consciência...

Isso é algo que temos que prestar atenção: quem julga que vamos chegar do outro lado e vamos poder continuar enganando? Pode tirar o cavalinho da chuva, porque não é assim. Passamos a perceber nossos próprios atos reverberando sempre na nossa consciência. Não vamos fugir disso. “Erros e deserções clamam dentro de nós, pedindo reparos justos...”

É por isso que quando uma senhora chegou em Uberaba e foi falando para o Chico “meu filho tá assim e tá assado”, foi contando a peregrinação inteira, as coisas que o filho fazia, as coisas que ele sentia, aquilo outro, os vícios e tudo mais, aí quando estava chegando quase no fim da peregrinação, o Chico falou assim:

– Mas ele está vivo?

– Ah, sim, claro.

– Então, minha filha, vamos ter esperança.

Por quê? Se ele estivesse do outro lado, sem reencarnação, como é que ia ser? Não era pior? Há sempre a esperança de que no finalzinho da vida alguma coisa fique. “É assim que, reencarnados em nova armadura física, reencontramos perseguidores e adversários, credores e cúmplices do pretérito, na forma de parentes e companheiros para o resgate de velhas contas”.

Pensamos que encontraremos em casa Espíritos que não conhecemos direito, não têm ligação nenhuma com nós, pode esquecer. Por quê? Não existe o acaso nas relações humanas. O instituto da família foi feito exatamente para isso, para reencontrarmo-nos sob o mesmo teto e pagar. Quanto mais difícil é a família, mais problemas trazemos do passado. Agora, quando chegamos do outro lado, reunimos todos os afins, é uma maravilha. Meu pai dizia “coração de rapadura”, e sorrimos, vai saber. “Nesse cadinho esfervilhante de responsabilidades e inquietações, afetos renovados nos chamam ao reconforto, enquanto que aversões redivivas nos pedem esquecimentos...”

Reencarnação da mãe de André Luiz

Vou lembrar a vocês da vinda da mãe de André Luiz: como ela ia formar a família? Um Espírito que para André Luiz ver tinha que deixar o perispírito não sei onde para poder seguir. Ela ia receber as três amantes do marido como filhas. Mas quem ela trouxe? Uma filha afim para ajudá-la. Então a misericórdia divina é muito grande. Por isso que sempre tem um anjo dentro da família para ajudar o outro anjo, porque senão não aguenta. Imaginem o que essas três criaturas acostumadas ao meretrício estão trazendo de problema para ela.

A mãe e o pai de André Luiz devem estar agora com mais de 50 anos, porque reencarnaram depois de 1940, e as mulheres devem estar com 20, 30 anos. Estão em plena corda. Por que ela se sacrificou e veio com o mesmo marido que impôs essas relações difíceis na casa dele, sem que ninguém soubesse, diga-se de passagem. E ela se propõe a melhorar essas moças para que o marido seja feliz, melhore. É o sacrifício pessoal. O que seria deste mundo se não tivessem Espíritos que se sacrificassem? Como iríamos progredir? É um ajudando o outro que progredimos.

A luta não está sendo pequena porque as tentações do mundo são muito grandes. Mamom fala muito alto: a porta larga, e hoje em dia com a facilidade que está, ela deve estar passando o pão que o diabo amassou.

À vista disso, no mundo, por mais atormentado nos seja o ninho familiar, abracemos nele a escola bendita do reajuste onde temporariamente exercemos o ofício da redenção. Conquanto crucificados em suplícios anônimos atados a postes de sacrifício ou semiasfixiado no pranto desconhecido das grandes humilhações, saibamos sustentar-lhe a estrutura moral, entendendo e servindo, mesmo à custa de lágrimas, porque é no lar, esteja ele dependurado na crista de arranha-céus, ou na choça tosca de zinco, que as leis da vida nos oferecem, as ferramentas de amor e da dor para a construção e reconstrução do próprio destino entregando-nos, de berço em berço, ao carinho de Deus que verte inefável, pelo colo das mães.

Por essa mensagem belíssima, o nosso empenho tem que ser o da valorização do lar, da família, porque é a nossa grande oportunidade de evoluir. É através das mães que as gerações vão se sucedendo. E com o sacrifício de muitas delas, crucificadas muitas delas pela ingratidão. É com o sacrifício delas que vemos que o mundo está sendo reconstruído. E isso vem há milênios, de modo que quando vemos Allan Kardec nessa mensagem belíssima, do capítulo quarto, sobre os laços de família, não nos esqueçamos de lembrar também de Emmanuel a nos dizer o valor que temos que dar à vida familiar.

[2 Essa palestra foi proferida em 2014.](#)

[3 Capítulo 10 – “Depoimento”.](#)



Tia Marlene e
suas conversas com
Jesus em favor
da humanidade

Fábio Gandolfo Severino

Não há como falar de minha Tia Marlene sem me lembrar de meus avós Pedro e Ida, pelo exemplo que herdou deles e colocou em prática. Não há como falar de minha Tia sem me lembrar de meu Tio Freitas e meus primos Marcos e Marcelo, com quem cresci e somos irmanados pelo coração. Não há como falar de minha Tia sem me lembrar de meu Pai, uma dupla de valorosos servidores do Cristo. Era na casa dela que a família se reunia para passar os Natais. Era a Tia que sempre tinha um presentinho de Natal para cada sobrinho. Era com ela que eu buscava orientação espiritual nos momentos mais difíceis, e foi ela quem me acompanhou na cirurgia mais importante a que fui submetido na presente existência.

Conviver com Tia Marlene e observar sua dinâmica, sua dedicação e seu compromisso com a Doutrina Espírita, com as palestras no Grupo Espírita Cairbar Schutel (GECS), com as obras assistenciais em Diadema, com a fundação da Folha Espírita, com a construção do prédio e o início das atividades da Creche Lar do Alvorecer e com os Congressos Médico-Espíritas mostraram-me como a transparência é a coisa mais natural do mundo... O compromisso com Jesus, com o próximo e com o Espiritismo era tudo tão natural. Não transmitia dúvida ou medo, mas, sim, a certeza do caminho a trilhar. Na verdade, só fui me dar conta de sua determinação e liderança bem mais tarde, após solidificar as obras do GECS e construir a rede de Associações Médico-Espíritas no Brasil e no exterior. Só fui me dar conta de quanto ela faz falta, quando fez sua última viagem, de regresso à Pátria Espiritual.

O que mais me marcou na convivência com ela? A lista é grande! Este, em particular, foi de arregalar os olhos (da alma): era uma quarta-feira, 20 horas, início dos trabalhos de vibração no GECS. Tia Marlene, como de costume, fazia a prece de abertura. Em sua inesquecível oração, se dirigiu a Jesus como se Ele estivesse ali, frente a frente com ela, como num encontro entre Mestre e discípula. Abri os olhos na certeza que enxergaria algo. Em suas palavras, ela não pedia por isto ou aquilo, ou por este ou aquele, mas, sim, pela humanidade, por todos os encarnados, algo muito maior que meu mundinho. Cerrei os olhos e então pude enxergar a luz que emanava de suas palavras e seu sentimento para com os semelhantes, em sua forma mais pura, em sua forma mais cristã.



Compreensão
das aflições



A maneira como vamos encarar os sofrimentos em nossas vidas é decisiva para o nosso entendimento da felicidade terrena. Na questão n. 920, o Codificador questiona os Espíritos sobre a felicidade terrena: “O homem pode gozar na Terra de uma felicidade completa? – Não, pois a vida lhe foi dada como prova ou expiação, mas dele depende abrandar os seus males e ser tão feliz quanto se pode ser na Terra”.

Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo V, “Bem-aventurados os aflitos”, de O Evangelho segundo o Espiritismo

Hoje temos sob nossa análise o trecho “Se fosse um homem de bem, teria morrido”. Nessa lição, trazida por Fénelon, ele fala sobre nossa incapacidade de compreender as situações e, principalmente, essa visão global que precisamos ter da vida e dos acontecimentos que ocorrem na vida de cada um. Fica muito claro que o nosso julgamento é falho. Fénelon disse:

Se morre um homem de bem, cujo vizinho é mau homem, logo observais: “Antes fosse este”. Enunciais uma enormidade, porquanto aquele que parte concluiu a sua tarefa e o que fica talvez não haja principiado a sua. Por que, então, haveríeis de querer que ao mau faltasse tempo para terminá-la e que o outro permanecesse preso à gleba terrestre?

Essa é uma situação mais ou menos comum. Dizemos numa situação: “Não sabemos porque Deus não levou uma determinada pessoa, porque outra continua vivendo”. Quer dizer, sempre o nosso julgamento falho. Se tivéssemos um pouco de evolução, uma evolução um pouco maior, quer dizer, não faríamos esse tipo de comentário porque, como o Espírito está dizendo, quando partimos, se não foi

por suicídio, foi porque cumprimos uma tarefa. Passou por problemas, provações e fomos embora, já não devemos ficar aqui. Ele repete que compete a Deus julgar cada caso:

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender e crede que Deus é justo em todas as coisas. Muitas vezes, o que vos parece um mal é um bem. Tão limitadas, no entanto, são as vossas faculdades, que o conjunto do grande todo não apreende os vossos sentidos obtusos. Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, da vossa acanhada esfera e, à medida que vos elevardes, diminuirá para vós a importância da vida material que, nesse caso, se vos apresentará como simples incidente, no curso infinito da vossa existência espiritual, única existência verdadeira.

Esse texto do Fénelon nos dá a noção exata do que significa o Espiritismo em nossas vidas. Por quê? Porque é a doutrina que nos dá esse sentido de alargamento das fronteiras, porque não vemos uma única vida. Vemos a nossa evolução e a do nosso próximo como uma esteira que se prolonga da Terra para os Céus. E vamos aprendendo cada vez mais: o nosso julgamento é falho porque não temos a perspectiva correta daquilo que nos sucede, por que sucede e qual a nossa evolução nesse período, esse período que se desdobra sempre da Terra para os Céus. Essa lição é muito importante porque dá essa noção de profundidade, de continuidade, de conhecimento além da nossa permanência aqui na Terra. Ela nos dá essa perspectiva de evolução, que é muito importante.

Quando dissermos: “antes tivesse morrido este ou aquele”, devemos parar, não emitir a palavra, não fazer o julgamento e deixar que os Espíritos Superiores que comandam o Universo inteiro, a pedido dos Grandes Espíritos, que eles que nos colocam, afinal de contas, na verdadeira perspectiva da vida, deixar por conta deles, porque somente eles são capazes de saber o que é correto para nós.

Essa lição fica aí lembrada como uma necessidade do nosso Espírito quanto ao conhecimento da imortalidade da alma.

“Os tormentos voluntários”

“Os tormentos voluntários” estão muito ligados ao que entendemos como sendo os gozos da alma e os gozos da matéria. No conceito de felicidade, entra muito a questão das coisas perecíveis e das coisas imperecíveis.

Com a Doutrina Espírita, aprendemos o que é fundamental, o que é essencial para a nossa vida e aquilo que é descartável, que não tem tanta importância assim e que vivemos lutando, brigando para seguir dentro de um caminho, que é um caminho, vamos dizer assim, decepcionante do ponto de vista do Espírito. Porque estamos sempre buscando as questões de ordem material, e elas deixam um gosto de insatisfação na nossa vida, porque uma vez conquistado aquilo que achamos que é importante, começamos a perceber que aquilo não satisfaz inteiramente, e há outras coisas que precisaríamos obter.

Então, a insatisfação nossa vem de buscarmos bolhas de sabão. São muito bonitas, coloridas, mas que estouram com a maior facilidade. É isso o que buscamos, infelizmente, na Terra, buscando questões perecíveis que não nos dão satisfação.

“A desgraça real”

O trecho “A desgraça real” já tive a oportunidade de comentar para vocês, porque muitas vezes estamos muito ligados a essa questão de não saber o que é perecível e o que não é, o que é imperecível. Quanto mais nos aprofundamos na Doutrina Espírita, mais aprendemos a fazer a seleção entre as coisas que ficam para sempre, que são necessárias, e aquelas que devemos abandonar porque não trazem satisfação nenhuma, muito pelo contrário, estão sempre gerando esse estado de insatisfação em nosso Espírito.

A desgraça real é a procura que o ser humano faz das questões perecíveis com as quais ele vai ter a maior decepção, que uma vez obtida, é como se fosse um saco

sem fundo, porque você começa a elucubrar-se com as coisas da matéria e a começa a perceber que aquilo não trouxe para você aquela satisfação definitiva, e você sempre procurará mais e mais. Mas quando você procura na sua vida preencher a parte espiritual, aquilo fica para sempre. Você guarda como se fosse um tesouro, aquilo o satisfaz integralmente.

A felicidade e a desgraça estão baseadas também nos mesmos princípios: o que você tem como fundamental para a sua vida? O que é que você elegeu como prioritário para a sua vida? As questões materiais que acabam no túmulo e que você não pode levar? Ou as questões do Espírito, que são eternas e que o satisfaz integralmente?

A nossa noção deste capítulo aqui, toda ela, poder-se-ia resumir nestas duas questões: o que é perecível, o que é imperecível? O que é fundamental, o que é passageiro? É nisso que se resume, por isso Jesus disse “Bem-aventurados vós que chorais porque um dia ríreis, bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados”. Quer dizer, o que Jesus estava dizendo é que num período único de existência, você não tem condições de saber e viver na plenitude o que o Espírito precisa e deve viver. Esse capítulo é importante porque lhe dá a noção de que você é imortal e de que toda a realização do Espírito não se faz em uma única existência.

Precisamos jogar a nossa percepção para o futuro, quando tivermos mais evolução espiritual. Esse capítulo todo tem que ser lido assim: o que você considera fundamental na sua vida? O que você elege como prioritário na sua vida? E isso define você e o que está fazendo aqui na Terra.

“A melancolia”

É interessante essa lição porque ela está muito ligada à questão de tristeza, de infelicidade, de depressão. Sabemos que tudo isso tem uma influência muito grande aqui na Terra, principalmente neste momento que estamos vivendo. O Espírito François de Genève, que deu essa comunicação em Bordeaux, na França, diz:

Sabeis por que, às vezes, uma vaga tristeza se apodera dos vossos corações e vos leva a considerar amarga a vida? É que vosso Espírito, aspirando à felicidade e à liberdade, se esgota, jungido ao corpo que lhe serve de prisão, em vãos esforços para sair dele. Reconhecendo inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, toma-vos a lassidão, o abatimento, uma espécie de apatia, e vos julgais infelizes.

Aqui o Espírito pede para resistirmos a essa tristeza porque ela enfraquece a nossa vontade de continuar lutando na Terra pelo nosso aperfeiçoamento. Ainda aqui é a atenção que chamei antes, quer dizer: o que você elege como prioritário, o que é essencial para você? Como é que você vive a sua existência?

Você dá valor ao que você está passando agora, mas isso não é e não significa tudo na sua vida porque existe o Além. Então essa é uma questão fundamental. A tristeza pode se alojar em nossos corações por algum tempo, mas o Espírito chama a atenção: cuidado! Porque podemos ter essa melancolia tão acentuada que não queiramos mais viver, como acontece com os deprimidos em geral. Isso é um grave engano porque dependemos da vivência na Terra para poder evoluir.

A respeito disso, Emmanuel, no Livro da esperança, quando ele comentou os 100 anos de O livro dos Espíritos, traz uma mensagem chamada “Em louvor da alegria”, em que pega um trecho de “A melancolia” quando diz: “Lembraivos de que, durante a vosso degredo na Terra, tendes que desempenhar uma missão de que não suspeitas, quer dedicandovos à vossa família, quer cumprindo as diversas obrigações que Deus vos confiou” (cap. V, item 25). Ele faz um comentário a respeito desse trecho:

Nos dias em que a experiência terrestre se faça amargosa e difícil, não convertas a depressão em veneno. Quando a aflição te ronda o caminho, anuncias trazer o Espírito carregado de sombra como quem se encontra ausente do lar, ansiando, regresso, entretanto, isso não é motivo para que te precipites no desânimo arrasador.

O que Emmanuel está dizendo é que pode vir uma ponta de melancolia em nossa vida, de tristeza, porque gostaríamos de ter um outro tipo de vida, do que aquele que estamos vivendo aqui na Terra. Mas ele diz: cuidado com esse estágio, porque você está ansiando voltar, mas não é hora de voltar! E temos que não cair nesse precipício que é o desânimo arrasador, precisamos tomar cuidado com isso. Temos que trabalhar, que entregar as nossas horas com coragem e esperar o momento certo da volta, que é imprescindível para nossas vidas.

Prossegue Emmanuel: “Acusaste em trevas e podes mentalizar com a própria cabeça luminosos pensamentos de otimismo e fraternidade ou retratar nas pupilas o fulgor do sol e a beleza das flores”. Aqui Emmanuel chama a atenção para a necessidade que você tem de não se deixar levar pela tristeza, porque você tem condições de elevar o seu pensamento e de construir dentro do que existe de mais belo no planeta, de construir uma paisagem para você. Então é o seu pensamento que vai construir esse mundo onde você vai se alojar para esperar o momento certo da volta, sem precipitação.

“Entregaste à mudez, proclamando não suportar os conflitos que te rodeiam e nada te impede de abrir a boca, a fim de pronunciar a frase de reconforto e apaziguamento”. Então, é muito importante a escolha nossa, o que vamos falar, sobre o que vamos refletir. Precisamos tomar cuidado porque as palavras que emitimos são pontos de indução muito importantes para fazer a nossa ligação com os Espíritos que estejam pensando a mesma coisa.

A palavra é tão importante que, à medida que a emitimos, automaticamente estamos fazendo uma ligação com Espíritos que estão na mesma faixa vibratória. É preciso tomar cuidado! A palavra, em geral, reflete o estado da alma em que nos encontramos. Esse estado é importante para fazer as conexões com os desencarnados, porque uma coisa temos de deixar de vez: a ilusão de que estamos sozinhos. Temos que acabar com isso, nós vivemos em condomínio! Vivemos com Espíritos que pensam da mesma maneira como pensamos. Quem disser: “eu vou para uma ilha para viver sozinho” deve mudar isso. Ninguém está sozinho, homem nenhum é uma ilha, mulher nenhuma é uma ilha!

Estamos unidos a um conjunto de Espíritos que pensam como pensamos e que estão ligados a nós por essa questão básica que o pensamento propicia, que é a indução mental de influenciarmos uns sobre os outros. Isso é automático, faz parte de quem pensa – e todos nós pensamos.

“Asseveras que o mundo é imenso vale de lágrimas, cruzando os braços para chorar os infortúnios da Terra e possuis duas mãos por antenas de amor capazes de improvisar canções de felicidade e esperança no trabalho pessoal em favor dos que sofrem”. Comumente encontramos desculpas para dizer que não temos capacidade para ajudar ninguém, ou então que não temos tempo. E o que o Espírito está dizendo aqui? Que cruzamos os braços para chorar os infortúnios da Terra, mas temos duas mãos, diz ele, e essas mãos podem improvisar canções de felicidade e esperança no trabalho em favor dos outros.

Tudo na Terra é questão de escolha. Você pode ficar mudo, mas você tem condições de emitir a palavra que consola, que ampara, que dá o substrato de felicidade a muitas pessoas. Você pode dizer que vive num lar de lágrimas, num vale terrível de lágrimas que é a Terra. No entanto, temos duas mãos e podemos construir muito bem-estar para outras pessoas simplesmente porque temos duas mãos.

O que não racionamos muito – e que é uma verdade – é que Jesus foi o maior despenseiro de felicidade que a Terra já conheceu. Dizem os evangelistas que eles não teriam papiro suficiente para transcrever o que Jesus curou e ajudou as pessoas, que é incontável o número de pessoas que Ele curou. Por quê? Porque Ele tinha duas mãos.

A questão toda é: no que estou aplicando a minha força interior, a minha capacidade como filho de Deus? Como filho de Deus, tem a capacidade de auxiliar e de ajudar.

O que eu estou fazendo? Como é que estou aplicando isso? No que eu aplico a minha palavra? Em repetir desgraça que acontece na televisão ou que acontece no rádio? É isso que estou fazendo? Eu estou vivendo assim? Aonde eu vou eu levo a morte e a desgraça, comentando a morte e as desgraças que os outros impigem para mim? Ou estou selecionando dentro da minha vida o que quero para mim, o que quero para os outros? Ou estou exercendo o meu direito de filho de Deus de não compactuar com o mal? Essa é uma questão que todos os dias temos que nos perguntar!

Trancaste em aposento solitário para a cultura da irritação, alegando que os melhores amigos te não entendem e perdes horas inteiras de pranto inútil e

senhorias dois pés, à maneira de alavancas preciosas prontas a te transportarem na direção dos que atravessam provas muito mais dolorosas que as tuas, junto dos quais um minuto de tua conversação ou leve migalha do que te sobra te granjeariam a compreensão e a simpatia de enorme família espiritual.

Aqui o benfeitor Emmanuel coloca sempre as duas posições: a que o transforma em inútil e aquela que lhe dá a oportunidade de empregar utilmente os talentos que Deus lhe deu. São duas condições, e a escolha é nossa, nós que a escolhemos.

Aqui Emmanuel arremata de uma forma brilhante:

Em verdade, existe a melancolia edificante, expressando saudade da Vida Superior, contudo aqueles que a registram no âmago do próprio ser, consagram-se com redobrado fervor ao serviço do bem, preparando no próprio coração a nesga de céu, suscetível de identificá-los ao plano celestial que esperam, ansiosos, suspirando pelo reencontro com os entes que mais amam.

As separações aqui na Terra existem para quê? Por que os entes queridos vão antes de nós? Por que as separações ocorrem em todas as famílias? É o que Emmanuel está perguntando aqui. Porque temos que preparar o coração para amar as pessoas a distância. Não é pelo fato de não mais existirem na matéria que eles deixaram de existir para nós. O que eles precisam é trabalhar conosco, cada um no seu lugar. Eles não precisam vir ficar morando na nossa casa porque é atraso, atraso de vida. Mas eles podem vir à noite para trabalhar conosco em alguma tarefa edificante que tenhamos no momento do sono. Eles podem fazer isso.

Para Emmanuel, quando você diz “eu tenho saudade”, você tem saudade do magnetismo desse alguém, que um dia o sustentou aqui na Terra e que foi muito importante para você. Isso é natural, é lógico, nos sustentamos com o magnetismo das pessoas que nos querem bem. No entanto, temos que aprender a conviver com a saudade, porque aquele magnetismo não vamos ter mais aqui na Terra, não existe mais para nós aqui, mas ele nos aguarda no além. Então temos

que rearranjar quando alguma coisa acontece com a partida de alguém muito importante em nossa vida, fazer um rearranjo com os que ficaram, não sermos ingratos com aqueles que ficaram aqui e que compõem a nossa família agora.

Sempre devemos estar abertos a dar continuidade desse mesmo amor e desse mesmo magnetismo quando deixarmos a vida corpórea, a Terra, pois outros nos aguardam, outros arranjos faremos. É assim que aprendemos a amar sem a constrição do egoísmo, aprendemos a amar de uma forma bem mais ampla do ponto de vista espiritual.

“Ainda assim, é imperioso arredar de nós o hábito da tristeza destrutiva, como quem guerreia o culto do entorpecente”. Por quê? A tristeza destrutiva é como se fosse uma droga que nos afasta do verdadeiro caminho.

Espíritos vinculados às diretrizes do Cristo, não podemos nos esquecer que o Evangelho, considerado em todos os tempos como sendo um livro de dor, por descrever obstáculos e perseguições, dificuldades e martírios sem conta, começa exalçando a grandeza de Deus e a boa vontade entre os homens, através de cânticos jubilosos e termina com a sublime visão da Humanidade futura, na Jerusalém libertada, assentando-se, gloriosa, na alegria sem fim.

Emmanuel, esse grande benfeitor nosso, que muitos chamam de quinto evangelista, dada a sua grandeza na interpretação do Evangelho de Jesus, está dizendo que a alegria deve morar em nosso coração porque o próprio evangelho é alegria, porque foi exaltado nos cânticos por um anjo que glorificou a Deus e a boa vontade entre os homens e termina esse Evangelho com a visão da humanidade futura, feliz e liberta, liberta da ignorância.

O que nós passamos momentaneamente aqui na Terra é muito pouco em relação àquilo que se desdobrará se soubermos enfrentar com coragem o momento presente. Precisamos é ter fé, crermos que isso é uma realidade, é a verdade, porque isso modifica qualquer caminho, modifica tudo na nossa vida, a maneira com que encaramos a existência!

É a parte filosófica, inata do Espiritismo, que nos diz de onde viemos, o que estamos fazendo aqui e para onde vamos. É essa noção de continuidade que nos

dá a possibilidade de sermos felizes.

Existe uma outra mensagem que Emmanuel nos traz nesse livro, o Livro da esperança, chamada “Perante o corpo”. Vejam que maravilha que ele fala para poder comentar essas provas voluntárias, verdadeiro silício. Porque as pessoas acham que pelo fato de mortificarem o corpo vão evoluir. Isso era uma crença de mortificar o corpo físico para poder alcançar a evolução. E muitos dizem: “Ah, como Jesus falou, bem-aventurados os aflitos”, então acham que há muito mérito em martirizar o corpo. O que a Doutrina Espírita nos diz que não é o corpo que devemos modificar, mas, sim, disciplinar o nosso Espírito para procurar o que é puro, o que é verdadeiro e a conduta que nos traga felicidade, e não martirizar o corpo, que nada a ver tem, coitado, com a nossa insubordinação.

Emmanuel cita O Evangelho segundo o Espiritismo e complementa:

“Torturar e martirizar, voluntariamente, o vosso corpo é contrariar a lei de Deus que vos dá meios de sustentá-lo e fortalecer. Enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis, tal a lei (cap. 5, item 26)”. Frequentemente atribuíis ao corpo as atitudes menos felizes que te induzem à queda moral e, por vezes, diligências enfraquecê-lo ou flagelá-lo, a pretexto de evitar tentações.

É bem comum, principalmente nos filmes mais antigos, nos monastérios e nos lugares dedicados aos religiosos, verdadeiras flagelações para disciplinar o corpo, quando, na verdade, o comando está no Espírito.

Isso, porém, seria o mesmo que espancar o automóvel porque o motorista enlouquecido se dispusesse a utilizá-lo num crime, culpando-se a máquina pelos desvios do condutor.

Muitos relacionam as doenças que infelicitam o corpo, quase todas por desídia do próprio homem, olvidando, contudo, que todos os patrimônios visíveis da Humanidade na Terra foram levantados através dele.

Sócrates legou-nos ensinamentos filosóficos de absoluta originalidade, mas não conseguiria articulá-los sem o auxílio da boca.

Miguel Angel (Michelangelo) plasmou obras-primas, imortalizando o próprio nome, entretanto, não lograria concretizá-las sem o uso dos braços.

Desde Colombo, arriscando-se ao grande oceano para descortinar terras novas, aos astronautas dos tempos modernos, que se lançam arrojadamente no espaço cósmico, é com os implementos físicos que se dirigem os engenhos de condução.

Da prensa de Gutenberg às rotativas de hoje, ninguém compõe uma página sem que as mãos funcionem ativas.

Do alfinete ao transatlântico e do alfabeto à universidade, no planeta terrestre, tudo, efetivamente, é levado a efeito pelo Espírito, mas por intermédio do corpo. E sem dúvida que pensamentos e planos sublimes, ainda agora, fulguram em torno dos homens com respeito à grandeza das civilizações do porvir, contudo, essas ideias gloriosas estão para a realidade humana, assim como a sinfonia da pauta está para a música no instrumento. Do ponto de vista físico, é necessário que a inteligência lhes dê o curso necessário e a devida interpretação.

És um Espírito eterno, em serviço temporário no mundo. O corpo é teu refúgio, é teu bastão, teu vaso e tua veste, tua pena e teu buril, tua harpa e tua enxada.

Abençoa, pois, o teu corpo e ampara-lhe as energias para que ele te abençoe e te ampare, no desempenho de tua própria missão.

Essas são as interpretações extraordinárias do quinto evangelista, nosso querido Emmanuel, já encarnado, felizmente, para nos ajudar na evolução terrestre. Mas ficam aí duas lições de O Evangelho segundo o Espiritismo, lembrando-nos a necessidade de vigilância quanto ao nosso tipo de tristeza, melancolia, que temos para que ela não nos impeça a evolução aqui no planeta, assim como a extraordinária possibilidade que o vaso físico, o corpo, dá para a evolução do Espírito. Não vale martirizar o corpo pensando em evoluir, mas dar o cumprimento a esse instrumento extraordinário para que ele faça uma obra construtiva na Terra a partir do comando do Espírito. Isso é o que temos nesta noite de interpretação desse que é um dos monumentos da vida espiritual aqui na Terra, que é O Evangelho segundo o Espiritismo, um dos mais importantes livros

que a humanidade recebeu como interpretação do Novo Testamento.

“Dever-se-á pôr termo às provas do próximo?”

Aqui vem uma mensagem de Bernardino, Espírito protetor que se comunicou em Bordeaux, em 1863:

Deve alguém pôr termo às provas do seu próximo quando o possa, ou deve, para respeitar os desígnios de Deus, deixar que sigam seu curso?

Resposta: Já vos temos dito e repetido muitíssimas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluirdes as vossas provas e que tudo que vos sucede é consequência das vossas existências anteriores, são os juros da dívida que tendes de pagar. Esse pensamento, porém, provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, devido aos funestos efeitos que poderiam determinar.

A pergunta que é colocada ao benfeitor é que se podemos pôr termo às provas do nosso próximo, alguém que está junto de nós, que está em sofrimento, quer dizer, provocar a morte desse alguém em nome da compaixão, por exemplo. Vamos raciocinar em cima do que ele fala:

Pensam alguns que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até ao ponto de julgar que, não só nada devem fazer para as atenuar, mas que, ao contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. É certo que as vossas provas têm de seguir o curso que lhes traçou Deus; dar-se-á, porém, conheceis esse curso? Sabeis até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos vossos irmãos: “Não irás mais longe?” Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como

instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abrirá? Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: “É a justiça de Deus, importa que siga o seu curso”. Dizei antes: “Vejam os meios que o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão”.

Ele coloca uma premissa básica: toda vez que virmos um irmão nosso em sofrimento, devemos nos perguntar: “como é que posso fazer para aliviar o sofrimento do nosso irmão?” Isso podemos nos perguntar para agir da melhor maneira possível.

Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.

Acredito que essas últimas frases sejam dirigidas, principalmente, aos médicos e aos profissionais da saúde. Por quê? Porque temos condições de aliviar os pacientes, sobretudo agora com a evolução dos analgésicos, que foi muito grande nesse período. Contamos com medicamentos muito bons, inclusive existe uma especialidade em medicina que é a da dor, com médicos voltados para aliviar a dor do paciente. Com isso tem um amplo leque de atividades, porque muitas doenças estão relacionadas com períodos dolorosos e muito difíceis.

Observe o que ele diz: “Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz”. Aqui há uma diferença fundamental com a doutrina materialista, ou aqueles que seguem um modelo de vista materialista. Por quê? Com o aumento da eutanásia em diversos países, estamos vendo que a doutrina materialista está ganhando muito campo.

Isso está acontecendo porque ao invés de nos perguntarmos como podemos aliviar o sofrimento, e mesmo trabalhar de tal maneira para poder aliviá-lo

completamente ou fazer cessar a dor, estamos partindo para o radicalismo. Em alguns países, até eutanásia em criança existe na lei, quer dizer que os médicos e os familiares podem decidir a morte de determinado paciente se julgarem que aquela dor, que aquele sofrimento pode ser erradicado de vez com a morte do indivíduo, suprimindo sua vida. Isso está chegando a um ponto que muitos velhos e muitas famílias estão se internando em outros países que não tenham essa lei, para terem certeza de que não serão mortos. Em Oregon, nos Estados Unidos, na Bélgica, na Holanda e na Suíça a eutanásia é lei.

Vemos aí que a doutrina materialista, ao invés de responder à pergunta do Espírito (como é que possa fazer para aliviar a dor, para suprimi-la talvez e transmitir paz ao paciente?), elimina a figura humana, acabando com o problema simplesmente matando.

Essa lição muito importante foi colocada em O Evangelho segundo o Espiritismo, mas ela diz respeito ao nosso enfrentamento da dor, mais do que isso, ao modo que devemos agir de maneira a aliviar o sofrimento, jamais pensando em suprimir a vida de alguém. Ele continua: “Ajudai-vos, pois, sempre, mutuamente, nas vossas respectivas provações e nunca vos considereis instrumentos de tortura”.

Aqui há um duplo sentido: não apenas devemos procurar aliviar a dor como também não podemos ser instrumentos de tortura, eliminando a criatura humana, não nos deixando tocar pela sensibilidade, pela compaixão, pela misericórdia, no bom sentido, de maneira a aliviar e promover a saúde, de maneira que sejamos instrumentos de paz no planeta.

Contra essa ideia deve revoltar-se todo homem de coração, principalmente todo espírita, porquanto este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. Deve o espírita estar compenetrado de que a sua vida toda tem de ser um ato de amor e de devotamento; que, faça ele o que fizer para se opor às decisões do Senhor, estas se cumprirão.

Precisamos sempre ter essa advertência conosco! O nosso instrumento de trabalho como seres humanos deve ser sempre em busca da resolução, da compaixão, do amor aos nossos semelhantes. Dizemos sempre nas associações

médico-espíritas que a vida é um bem indisponível. Não podemos interferir na vida para cortá-la, eliminá-la, ou fazer com que aquele ser desapareça sem nenhuma compaixão e pensando que temos o direito de interferir na vida, quando a vida pertence a Deus. Ela não pode, de maneira nenhuma, ser colocada como algo que temos o direito de interferir – ninguém tem, nem a própria pessoa, nem os familiares que estão à sua volta, ninguém!

Seja qual for o profissional, ele não tem o direito de interferir na vida, que é um bem indisponível. Não podemos, de maneira nenhuma, interferir, interceptando ou cortando esse bem maior! “Pode, portanto, sem receio, empregar todos os esforços por atenuar o amargor da expiação, certo, porém, de que só a Deus cabe detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente”.

O grande problema que se apresenta para as famílias é que, muitas vezes, nas UTIs, podemos estar promovendo a distanásia. O que seria a distanásia? Seria uma obstinação na aplicação de aparelhos e de medidas que não levarão à saúde novamente, a vencer o problema, porque inexoravelmente aquele paciente está caminhando para a morte física.

Dentro das associações médico-espíritas, temos intensivistas, quer dizer, aqueles que cuidam dos pacientes que estão recebendo cuidados na UTI. Àqueles que nos perguntam sobre esses casos, é dito que há critérios médicos muito bem colocados para os casos de internação.

Por que dizemos que não devemos obstinar no tratamento de uma pessoa que está se encaminhando para a morte física? Porque é nosso dever também auxiliar o paciente a desencarnar na hora certa, quer dizer, temos de orientar o tratamento para que não fiquemos retendo o Espírito por um tempo muito prolongado, sem que haja nenhuma perspectiva de vida. Não podemos discorrer da distanásia, quer dizer, sempre colocar aparelhos e mais aparelhos para manutenção da vida quando, inexoravelmente, aquele corpo está saindo da vida física. Isso é bem determinado, não existe aquela possibilidade de dizermos: “mas e se fizer, continuarmos, e se continuarmos a ventilar o pulmão, ajudar o coração e tudo o mais”. Isso não é o nosso dever. O nosso dever é deixar que o ente querido parta na hora certa. Muitas vezes, na obstinação do tratamento, estamos segurando o Espírito desnecessariamente, visto que a morte natural já poderia ter sido atingida.

É essa a questão que precisamos ver. Ah, mas nós precisamos dar tudo para o

paciente. Sim, precisamos dar tudo, mas dentro do discernimento, do bom senso. Não podemos impedir que o ente querido parta. Essa ideia é muito forte dentro das AMEs, pois temos os critérios muito bem fundamentados e, principalmente, discutimos isso porque Chico Xavier nos dizia quando estávamos em Uberaba que muitos de seus amigos que estavam nas UTIs vinham reclamar para ele que já deveriam ter ido embora, mas que o excesso de medicamentos e de aparelhagens impedia que o Espírito encontrasse a morte no momento certo. Isso devemos levar em consideração.

Não é em absoluto nem ortotanásia, nem eutanásia, nada disso. O que temos que promover é a morte no tempo certo, para que o Espírito se desprenda e encontre a paz do outro lado. Então precisa ficar muito claro o que é que distingue uma coisa da outra. O médico espírita está capacitado para compreender quando se trata de uma ou de outra coisa.

Enquanto houver esperança, houver necessidade de ajuda, essa esperança e essa ajuda precisam estar ali, precisam ser colocadas. Mas quanto às doenças que estão fora de possibilidade de tratamento (e que são muitas) e que levarão fatalmente à desencarnação, precisamos respeitar o tempo certo do ente querido para que ele parta em condições de ser amparado pela Espiritualidade Maior, sem que receba uma carga a mais de medicação, que é desnecessária.

E o Espírito continua: “Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, em se considerar no direito de, por assim dizer, revirar a arma dentro da ferida? De aumentar a dose do veneno nas vísceras daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua expiação?” Devemos nos perguntar se realmente não estamos prolongando desnecessariamente o tempo de vida daquele ente querido. “Considerai-vos sempre como instrumento para fazê-la cessar. Resumindo: todos estais na Terra para expiar; mas, todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade”.

“Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura?”

Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito pouparem-se-lhe alguns instantes de angústias, apressando-se-lhe o fim?

Resposta: Quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir o homem até à borda do fosso, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimentar ideias diversas das que tinha? Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira. A ciência não se terá enganado nunca em suas previsões? Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento. O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro. – São Luís. (Paris, 1860.)

É aquilo que sempre dizemos: a vida é um bem indisponível! Temos que garantir que até o último instante o Espírito viveu e morreu na hora certa. Isso faz parte do compromisso do médico espírita em qualquer circunstância. Não podemos interferir na vida em nenhum momento para abreviá-la, mas, sim, esperar que o indivíduo viva e que desencarne na hora certa, isso é fundamental na vida de qualquer indivíduo.

É interessante citar uma matéria da Folha Espírita de junho de 2014, em que há uma mensagem que Waltinho escreveu da mãe que soube que o filho não viveria, e o filho foi colocado no seu colo, para se despedir da criança. Ela colocou no seu peito e começou a conversar. Ele ainda tinha um pouquinho de vida e acabou vivendo. Eu tive a oportunidade de conversar no Programa Portal de Luz sobre esse caso, porque a mãe dele começou a conversar com ele, é muito linda a história. Ele que tinha vindo para se despedir da mãe, recebeu dela

tamanho amor, tamanho carinho que ele reviveu, voltou à vida. É o que ele fala aqui: às vezes, num átimo de segundo, isso pode acontecer.

Assim como uma pessoa que está agonizando pode receber uma possibilidade de moratória e venha a viver mais alguns meses ou anos, dependendo da moratória que conseguir. Por isso mesmo é que a vida é algo sagrado que pertence ao Criador. Não podemos interferir. É algo que nem passa pela cabeça de alguém que tenha uma formação espiritualista (não deveria passar, pelo menos!).

Aquele que se acha desgostoso da vida, mas que não quer extingui-la por suas próprias mãos, será culpado se procurar a morte num campo de batalha, com o propósito de tornar útil sua morte?

Resposta: Que o homem se mate ele próprio, ou faça que outrem o mate, seu propósito é sempre cortar o fio da existência: há, por conseguinte, suicídio intencional, se não de fato. É ilusória a ideia de que sua morte servirá para alguma coisa; isso não passa de pretexto para colorir o ato e escusá-lo aos seus próprios olhos. Se ele desejasse seriamente servir ao seu país, cuidaria de viver para defendê-lo; não procuraria morrer, pois que, morto, de nada mais lhe serviria. O verdadeiro devotamento consiste em não temer a morte, quando se trate de ser útil, em afrontar o perigo, em fazer, de antemão e sem pesar, o sacrifício da vida, se for necessário. Mas buscar a morte com premeditada intenção, expondo-se a um perigo, ainda que para prestar serviço, anula o mérito da ação. – São Luís. (Paris, 1860.)

A resposta é de muito bom senso. Tudo vai depender da intenção com que você faz a sua vida, a sua atitude, o seu gesto. Seremos sempre julgados pela intenção com que fazemos, e não com aquilo que estamos fingindo que não estamos fazendo. O mundo espiritual, no julgamento da nossa vida, é muito criterioso, há um bom senso muito grande, porque os Espíritos superiores são capazes de saber a intenção que até nós mesmos não estamos nos atribuindo. Eles têm condições de fazer, por isso o julgamento do Criador é perfeito, não existe injustiça. Ah, mas eu não queria... Queria sim! A intenção, o modo de pensar, a maneira de agir foi aquela.

Se um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida a um de seus semelhantes, sabendo de antemão que sucumbirá, pode o seu ato ser considerado suicídio?

Resposta: Desde que no ato não entre a intenção de buscar a morte, não há suicídio e, sim, apenas, devotamento e abnegação, embora também haja a certeza de que morrerá. Mas quem pode ter essa certeza? Quem poderá dizer que a Providência não reserva um inesperado meio de salvação para o momento mais crítico? Não poderia ela salvar mesmo aquele que se achasse diante da boca de um canhão? Pode muitas vezes dar-se que ela queira levar ao extremo limite a prova da resignação e, nesse caso, uma circunstância inopinada desvia o golpe fatal. – São Luís. (Paris, 1860.)

Nessas duas lições, o que vimos é que tudo depende da intenção com que você faz. Você não vai jogar naquilo a intenção do suicídio, mas a tentativa de ajudar alguém, a salvar alguém, que é um ato benemérito.

“Proveito dos sofrimentos para outrem”

Os que aceitam resignados os sofrimentos, por submissão à vontade de Deus e tendo em vista a felicidade futura, não trabalham somente em seu próprio benefício? Poderão tornar seus sofrimentos proveitosos a outrem?

Resposta: Podem esses sofrimentos ser de proveito para outrem, material e moralmente: materialmente se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que tais criaturas se imponham, contribuem para o bem-estar material de seus semelhantes; moralmente, pelo exemplo que elas oferecem de sua submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poder da fé espírita pode induzir os infelizes à resignação e salvá-los do desespero e de suas consequências funestas para o futuro. – São Luís. (Paris, 1860.)

São respostas de São Luís, que era o principal protetor de Allan Kardec durante a codificação.

Perguntas da plateia

Para os médicos tudo bem, mas para os leigos, como eu, é difícil saber até que ponto aquelas movimentações para deixar aquela vida é artificial demais, que ponto é esse? É difícil essa posição para saber.

Hoje há muito diálogo (ou deve haver) entre um intensivista, ou aquelas pessoas que lidam nas UTIs, e as famílias, mostrando a cada família o que está se passando com aquele ser que está recebendo ajuda. Se ele caminha com certeza para uma desencarnação, como diante de um câncer, de um problema grave cerebral, vai por aí afora. Então ele pode aconselhar a família a deixar que esse ser faça sua passagem sem tanta manipulação. A família fica a par de tudo que está se passando. Agora, existem aqueles membros da família que dizem: “até a última batida do coração, quero que fique ventilando o pulmão e colocando em aparelhagem”. Aí os médicos vão seguir, porque há um constrangimento.

Existem casos dentro da UTI que você demora com aquele paciente um mês, ou vários meses a mais do que ele deveria ter para partir. Isso em que beneficia essa alma, se ele já tinha que ter ido embora?

Foi por isso que Chico falou para nós em Uberaba que muitos amigos dele reclamavam que já estava na hora de ir embora, mas que não conseguiam sair porque aquele corpo estava sendo sustentado por aparelhos. Eu acho que uma orientação para a família é importante. A nossa luta dentro das AMEs é pela morte natural, nem demais nem de menos. A morte certa, no tempo certo, porque aí você está obedecendo a uma lei, que é a lei divina, cada um de nós tem um tempo.

O caso da eutanásia, espiritualmente, há uma antecipação? Ele volta antes da hora? Como é que fica nas provações do Espírito?

Nos livros Obreiros da vida eterna e Nosso Lar, André Luiz conta um caso desses. Eu vou citar primeiro o de Obreiros porque fica mais próximo daquilo que queremos. O Cavalcanti não queria morrer de jeito nenhum, porque ele era uma pessoa boníssima, católico apostólico romano, cumpria todos os seus deveres de católico, mas ele não tinha nenhuma formação para aceitar a desencarnação. Isso é um problema grave, sério, acho que, inclusive, a Doutrina Espírita é a que mais oferece condições para compreendermos isso. Ele não estava preparado. E o que acontece é o seguinte: ele lutava para ficar, mas estava com uma peritonite de tal maneira que todo o seu intestino já não tinha, era uma chaga só. Ele estava numa enfermaria de hospital que não era desses top, de luxo. A freira já estava agastada, para dizer o mínimo, e então quando chegou o médico e perguntou: “como é que é? Ele não morre?” Ela disse: “é, doutor, vai ter que ajudar”. E aí foi a dose letal que o médico aplicou, não sei se foi o médico ou a freira, um dos dois. E aí ele foi obrigado a desencarnar.

Acontece que a equipe socorrista espiritual, porque existem aqueles que são especializados em vir buscar as pessoas, em geral é um enfermeiro, um médico, ou um padre, a enfermeira, tem uma equipe boa que vem buscar o indivíduo, promove a desencarnação, retirando os fluidos. Mas nesse caso, depois que o indivíduo desencarnou, eles não puderam retirá-lo. Aí respondendo à sua pergunta, eles demoraram 24 horas, só observando, porque ele estava completamente afundado no corpo físico, não conseguiu sair, tal a dose de veneno que foi dada. Ele não tinha condições de se desprender, devido à grande quantidade de anestésico que ele tomou. Só depois de muita luta que eles conseguiram retirá-lo do corpo. Esses medicamentos afundam mesmo a criatura, e ele teve sorte que ficou só 24 horas, mas há pessoas que ficam em situações muito difíceis e durante muito tempo.

O outro caso está em Nosso Lar. O filho médico tinha um pai possuidor de uma grande fortuna. Ajuntou fortuna, dizia ele, para a família, mas toda a família queria tomar conta, e ele não queria, pois não era bem para a família que ele queria. E aí esse filho médico estava precisando de dinheiro, o que ele fez? Fez a eutanásia e matou o pai. O resultado é que quando ele chegou em Nosso Lar, quando foi atendido, ele descobriu tudo, que o filho tinha feito isso, e ele se tomou de um ódio tão grande contra o filho que dali do leito ele controlava todo mundo na Terra, provocando a cizânia em família, um brigando contra o outro,

um levantando caso na justiça contra o outro, enfim, uma baderna. O que sofreu a eutanásia não conseguia se levantar, continuava internado em tratamento. É muito grave. Quem pede a eutanásia é pior. Quando a decisão é de terceiros, quem vai pagar são os terceiros.

O tempo de provação que ele tinha era de 50 anos, ele viveu 30 anos. Esses 20 anos aí, ele vai ter uma clemência, vai diminuir numa próxima reencarnação, como é que vai ficar?

Em geral, quem pede a eutanásia não tem tanto tempo assim. Mas, de qualquer maneira, aquilo vai se voltar contra ele, porque ele vai ficar sempre revivendo os últimos instantes da vida dele, que ele não quis passar, quando ele pede. Aí fica aquela situação difícil. O Chico nos contou, certa vez, que tinha um Espírito que toda vez se matava. Tinha qualquer problema de saúde, se matava. E aí ele vinha cada vez mais imóvel no corpo, primeiro ele veio como tetraplégico, mas não conseguia. Aí a única forma que os Espíritos conseguiram para que ele pudesse terminar uma existência foi não dar nenhum movimento para ele, e ele precisou renascer completamente imóvel. Foi a única maneira de ele terminar uma encarnação. Então a situação é muito mais grave do que pensamos, porque isso aqui é o problema.

“O suicídio e a loucura”

Há uma frase de Kardec que gosto muito, que fica reverberando na nossa consciência, mostrando o quanto é importante o conhecimento espírita. Diz o seguinte:

A calma e a resignação adquiridas na forma de considerar a vida terrestre e na fé no futuro dão ao Espírito uma serenidade que é a melhor defesa contra a loucura e o suicídio. Efetivamente, é certo que a maioria dos casos de loucura são devidos à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem forças

para suportar. Portanto, se ele, pela maneira com que o Espiritismo o faz encarar as coisas deste mundo, recebe com indiferença, até mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o deixariam desesperado em outras circunstâncias, é evidente que essa força obtida pela compreensão que o Espiritismo lhe dá, e que o coloca acima desses acontecimentos, preserva sua razão dos abalos que poderiam perturbá-lo.

Temos o posicionamento, o bom senso de Allan Kardec dizendo-nos que o Espiritismo nos dá calma e resignação. E são duas palavras que contêm conceitos muito importantes: calma e resignação. Por quê? Sem a pacificação interior – e ela redundará da resignação perante o sofrimento e as lutas do mundo –, dificilmente poderemos ter equilíbrio neste mundo.

O que estamos observando, portanto, na Terra, é um verdadeiro terremoto emocional, verdadeiras tempestades morais que são ocasionadas pela falta de explicação, ou pelo conhecimento da criatura: o que está fazendo aqui? Por que vive neste mundo? Qual a razão das vicissitudes da vida? E qual é o seu futuro? Se não tivermos uma explicação lógica, nos tornamos aves sem rumo que fatalmente cairão ali adiante porque não sabem para onde ir.

Quando um repórter perguntou a Chico Xavier por qual razão o Espiritismo estava se expandindo no Brasil, estava encontrando um maior número de adeptos, ou de simpatizantes, Chico teve o bom senso de ir no cerne da questão, dizendo: “É que as pessoas estão buscando uma explicação lógica para o sofrimento, para as lutas que têm, as vicissitudes, as dificuldades que arrostam nesta vida, e encontram no Espiritismo essa explicação lógica dos acontecimentos da vida”. Chico estava dizendo exatamente o que Kardec falou aqui, que a calma e a resignação que adquirimos na maneira de considerar a vida terrestre e a fé no futuro, a partir desse conhecimento, dão ao nosso Espírito serenidade para melhor defesa contra a loucura e o suicídio.

André Luiz defende no livro *No mundo maior* – certamente com as explicações dos benfeitores, Espíritos de escol, Espíritos iluminados que o assessoram no desenvolvimento de toda a sua coletânea – que os casos de loucura estão ligados, assim como ressalta Allan Kardec, ao fato de não termos forças para enfrentar as questões prioritárias da nossa vida. Então, diz ele assim: “O homem não tem forças para suportar as vicissitudes da vida, por isso pode cair no suicídio e na

loucura”.

André Luiz diz que a criatura humana, muitas vezes, prefere ir para o manicômio ou para um hospital psiquiátrico do que ter que enfrentar as dificuldades da vida. Quando nos convencemos de que esses princípios são certos e que têm lógica, construindo a chamada fé raciocinada, que é tão importante quando estudamos o Espiritismo, quando formamos aquela fé baseada no raciocínio lógico, encontrando explicação para tudo de maneira lógica, passamos a raciocinar nesses termos em qualquer circunstância da nossa vida. E assim nos sentimos apoiados na fé, na certeza, na convicção de que é a verdade e que estamos apoiados em estruturas sólidas, inamovíveis, que nos dão a possibilidade de atravessar os problemas mais difíceis.

Kardec tem uma expressão interessante: “O Espiritismo o faz encarar as coisas deste mundo, recebe com indiferença, até mesmo com alegria”. Os Espíritos que se compenetraram de que a Lei de Ação e Reação é justa, é uma realidade, e que estamos neste mundo recebendo de volta tudo aquilo que plantamos em encarnações anteriores, consideram justo que nos equilibremos perante a lei porque a reencarnação nos traz algo fundamental: a didática do aprendizado da alma, adquirindo a certeza de que não estamos jogados aqui neste mundo, mas que Deus conhece cada passo que damos e nos dá a possibilidade de sair de qualquer circunstância negativa em que nos encontramos.

É natural que nos perguntemos: por que, conhecendo o que conhecemos, alguns simpatizantes da doutrina buscam ou tentem o suicídio? Sem dúvida, o aprendizado não é fácil. Podemos racionalmente ter certeza de que continuaremos a viver, no entanto a nossa fé não é suficientemente profunda para nos sustentar e nos deixamos arrastar por atitudes talvez já tomadas anteriormente, ou que nos são sugeridas por entidades sombrias que querem a nossa tristeza e o nosso desequilíbrio. Porque há isso também: precisamos nos vacinar contra a influência dos Espíritos que nos levam às atitudes muito negativas, às vezes demorando inúmeras encarnações para refazer um único gesto.

Se nos lembrarmos do livro *Entre a Terra e o Céu*, o suicídio de Júlio fez com que ele tivesse que retornar três reencarnações, uma em seguida da outra, a fim de refazer o envenenamento e o conseqüente afogamento nas águas quando ele descuidou-se da sua real necessidade de permanência no mundo e se suicidou na Guerra do Paraguai. Aí temos um exemplo de que a vida para a partir do

momento em que o gesto tresloucado é cometido e o refazimento tem que vir. No caso de Júlio, ele foi afortunado porque teve a oportunidade de fazer uma reencarnação em seguida da outra. Mas quantos não têm essa oportunidade? Quantos se demoram em regiões muito sombrias, com muita dificuldade para retomar o rio normal da existência?

Então, acreditar é importante, muito importante, mas permanecer vigilante dentro dos princípios que conhece é uma necessidade. Vemos, principalmente entre intelectuais, a facilidade com que eles abandonam a vida, como se tivessem realmente o poder de desligar ou de assumir uma atitude intempestiva como essa, mas a primeira coisa que vão se deparar é com a maior decepção que um Espírito pode ter: a de que continua vivo. E mais que isso: que agravou o seu estado em muito, porque, em geral, tomamos esse caminho por rebeldia, confrontando a nossa vontade com a vontade do Criador. E aí quanto mais rebeldes somos, mais sofrimentos temos.

Por essa razão há um empenho muito grande desta casa⁴, em particular, com toda a possibilidade de comunicação ao nosso alcance, através da Folha Espírita, através do rádio, da televisão e das palestras. Por quê? Porque o maior antídoto contra o suicídio e a loucura é o conhecimento da Doutrina Espírita. Portanto, temos por obrigação difundir esses princípios, se vamos ou não ser acolhidos, não é isso que está em jogo.

O que precisa ser desenvolvido por nós é essa certeza de que temos a obrigação de difundir a Doutrina, porque, segundo Emmanuel, é a maior caridade que podemos fazer para com a própria Doutrina. Essa casa leva muito a sério essa responsabilidade espiritual porque somente vamos nos libertar de determinados erros quando tivermos consciência de que nossas atitudes repercutem sobre nós mesmos. É por isso que temos essa vocação nesta casa.

Estamos vendo com vocês o suicídio e a loucura e não deixando de consultar o Livro da esperança, que consta os comentários de Emmanuel sobre O Evangelho segundo o Espiritismo no seu centenário, em 1964. Tivemos a oportunidade de acompanhar a maioria dessas mensagens na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, enquanto Emmanuel as psicografava por intermédio de Chico. Observamos o empenho da Espiritualidade em difundir essas ideias. Ele escreveu a respeito disso. Como eu disse, dependendo do capítulo, ele fazia três textos psicografados. “Na hora da tristeza” é um desses trechos, em que ele fala, faz uma introdução, de como devemos nos sentir perante a vida:

Entraste na hora do desalento, como se te avizinhasses de um pesadelo.

Indefinível suplício moral te impele ao abatimento, mágoas antigas surgem à tona.

Sentiste à feição do viajor, para cuja sede se esgotaram as derradeiras fontes do caminho.

Experimentas o coração no peito, qual pássaro fatigado, ao sacudir, em vão, as grades do cárcere.

Ainda assim, não permitas que a ansiedade te lance à tristeza inútil.

E aí ele desenvolve todo o seu pensamento nesse texto, que nos explica o suicídio e a loucura como sendo atitudes muito negativas da nossa parte frente ao sofrimento e à luta que nós mesmos colocamos em nossas vidas por atitudes impensadas e por termos ferido o nosso próximo, muitas vezes de forma impiedosa, sem nenhuma misericórdia.

O Evangelho segundo o Espiritismo, por todos os seus textos, em suas lições, se constitui uma das maiores obras de que se tem notícia na humanidade. Quando me perguntam qual livro eu levaria desta vida se eu pudesse levar um único livro, eu sempre respondo: levaria O Evangelho segundo o Espiritismo, porque se nos debruçarmos sobre ele, se vamos anotando o que é necessário fazer para a nossa evolução e nos empenharmos seriamente em vivê-lo, seremos Espíritos felizes, aproveitaremos a existência.

Acontece o mesmo em relação ao suicídio. Se fizermos exceção aos que ocorrem no estado de embriaguez e na loucura, os quais podem ser chamados de inconscientes, é certo que quaisquer que sejam os motivos particulares, ele sempre tem como causa um descontentamento. Ora, aquele que está certo de ser infeliz só por um dia e de serem melhores os dias seguintes, facilmente adquire paciência. Só se desespera quando não vê um fim para os seus sofrimentos. E o que é a vida humana em relação à eternidade, senão bem menos que um dia?

Porém, para aquele que não crê na eternidade, que acredite que nele tudo se acaba com a vida, se estiver atormentado pelo desgosto e pelos infortúnios, só na morte vê o fim destes males. Nada esperando, ele acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar sua infelicidade pelo suicídio.

Ocorre que Allan Kardec entrevistou Espíritos de toda a natureza. Se pegarmos a codificação, os livros básicos, vamos anotando todas as entrevistas que ele fez com Espíritos maus, com Espíritos que se suicidaram, com Espíritos que foram guilhotinados e também Espíritos que estão numa situação de felicidade espiritual. Kardec fez um amplo escrutínio de perguntas, de assuntos com esses Espíritos e teve assim uma ideia dos habitantes espirituais de diferentes planos que, pelos nossos olhos comuns, não conseguimos devassar. Mas através da mediunidade, é possível fazer esse levantamento, e foi o que o Codificador fez ao longo de pouco mais de 12 anos da sua vida dedicada ao Espiritismo.

A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro e as ideias materialistas são, em uma palavra, os maiores estimulantes ao suicídio; elas produzem a covardia moral. E quando se vêm homens de ciência apoiarem-se sobre a autoridade do seu saber, esforçando-se por provarem aos seus ouvintes, ou aos seus leitores, eles nada têm a esperar após a morte, não é induzi-los a concluir que, se são infelizes, o melhor que têm a fazerem é se matarem?

Sabemos que esse incentivo ao suicídio parte dos intelectuais toda vez que eles insistem em dizer que nada existe após a morte física. E a questão da eutanásia hoje na Bélgica, nos Estados Unidos e na Holanda chegou a um ponto que os velhos, com medo de serem eutanasiados, estão preferindo ir para hospitais de outros países para não terem de enfrentar a morte que lhe é imposta nesses hospitais. A que ponto chegamos?

E isso eu perguntei na Holanda numa palestra lá, em que eu perguntei à audiência, ao público: um avô que amou, que brincou, que riu com seus netos, que teve uma vida presente dentro da nossa família, um ser querido, ele deixa de ser nosso avô porque ele está passando por momentos difíceis na UTI? Alguém querido nosso, que amamos tanto, deixamos de amar porque ele é uma coisa ou

nós o reduzimos a essa coisa?

Então é muito séria a questão do materialismo porque as pessoas se julgam no direito de dar um fim à própria vida. E o pior: insistir com os outros para fazer o mesmo, induzi-los. E são os intelectuais aqueles que mais fazem propaganda do niilismo, do nada, de que nada persiste, infelizmente. Mas também, acredito eu, que no mundo espiritual, os suicidas materialistas de grande recurso intelectual vão ter muita dificuldade de voltar, de refazer os próprios caminhos, porque sabemos que quanto mais escolaridade tem o Espírito, mais dura e rígida é a lei de Nosso Pai. Ninguém pense o contrário.

[...] Que esperança lhes podem dar? Nada, além do nada. De onde é possível concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale atirar-se nele imediatamente do que mais tarde, e assim sofrer por menos tempo. A propagação das ideias materialistas é, por conseguinte, o veneno que inocula em um grande número de pessoas a ideia do suicídio, e aqueles que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem uma terrível responsabilidade. Com o Espiritismo, a visão da vida se transforma, pois a dúvida não é mais permitida. O crente sabe que a vida se prolonga indefinidamente além do túmulo, mas em outras condições; daí a paciência e a resignação que afastam muito naturalmente a ideia do suicídio; daí, em uma palavra, a coragem moral.

É isto que o Espiritismo transmite: coragem para que enfrentemos com força para vencer. Buscamos isso nas hostes superiores onde encontramos todo o estímulo para seguir em frente, resgatando nossas faltas e procurando nos ajustar perante a lei do amor.

O Espiritismo ainda tem, sob esse aspecto, um outro resultado igualmente positivo e talvez mais determinante. Ele nos mostra os próprios suicidas vindo nos dar conhecimento de sua situação infeliz, provando que ninguém transgride impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem abreviar a sua vida. Entre os suicidas existem aqueles cujos sofrimentos, embora seja temporário em lugar de eternos, não é menos terrível e de natureza com que reflita muito bem qualquer

pessoa tentada a partir da Terra antes da ordem de Deus.

Uma coisa é absolutamente correta: a vida é algo que não nos pertence. Vida é um distrito superior. Aquele que se coloca frontalmente contra as ordens de Nosso Pai, quanto mais inteligência tiver, eu repito, mais dura será a pena.

Um primor da psicografia do Brasil é Memórias de um suicida, de Yvonne do Amaral Pereira, que eu recomendo vivamente. É um livro forte, que fala da situação do suicida, mas é preciso que faceamos as nossas dificuldades quando infringimos a lei – e a Lei Superior que nos atende, que nos acompanha em todos os momentos de nossa vida, é a Lei de Nosso Pai. É essa Lei que não podemos transgredir, e é a lei que nos diz que devemos permanecer rígidos, firmes, com coragem para enfrentar todos os momentos, mesmo os mais difíceis.

Vemos, por exemplo, num caso citado pelo Chico que o Espírito era tão rebelde, mas tão rebelde, que ele se matava em todas as existências. A única maneira que eles tiveram para impedir que ele se matasse naquela existência que ele estava vivendo ali foi não dar permissão a ele de mexer um músculo, ele ficou na terra imobilizado, foi a única maneira de morrer naturalmente. Imagina a rebeldia, e isso é muito comum, como eu disse, entre os intelectuais, infelizmente aqueles que se colocam acima do poder divino.

Bem, para terminar, diz assim:

O espírita tem, portanto, vários motivos para contrapor à ideia do suicídio: a certeza de uma vida futura, na qual ele sabe que será tanto mais feliz, quanto mais infeliz e resignado tiver sido na Terra: a certeza de que, abreviando sua vida, ele chega a um resultado totalmente contrário ao que espera; que se liberta de um mal para cair em um pior, mais longo e mais terrível; que se engana ao crer que se matando irá mais rápido para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que ele reencontre no outro mundo as pessoas que foram objeto de suas afeições e que ela espera encontrar; daí a consequência de que o suicídio, dando-lhe apenas decepções, é contra seus próprios interesses. Assim, o número de suicídios evitados pelo Espiritismo é considerável, e pode concluir-se que quando todo mundo for espírita, não haverá mais suicídios conscientes. Portanto, comparando-se os resultados das doutrinas materialistas e os da Doutrina

Espírita, somente sob o ponto de vista do suicídio, observa-se que a lógica das primeiras a ele conduz, enquanto que a lógica do Espiritismo o evita, fato que é confirmado pela experiência.

Vemos aí, meus irmãos, a lógica do texto de Allan Kardec, o conceito dando-nos a certeza de que a missão do Espiritismo é combater o materialismo. Aliás, essa é uma questão que está muito clara em O livro dos Espíritos, nas questões n. 798, 799, com várias respostas que os Espíritos dão combatendo o materialismo. O Espiritismo dá muito mais suporte à criatura humana para que ela possa atravessar as vicissitudes da vida, mantendo a fé, a esperança, a certeza de dias melhores. E vemos que os testemunhos dos Espíritos são muito grandes.

Eu me lembro que o Chico nos dizia assim: “Eu não tenho direito de descansar, eu não tenho o direito de repousar enquanto me procuram mães que estão à beira do suicídio pela falta dos seus filhos”. Ele levava muito a sério a sua missão, entre muitas outras, a de impedir o suicídio de muita gente. Ele dizia sempre: “Emmanuel fala comigo assim: ‘se alguma mãe se suicidar porque você não estava cumprindo o seu papel, você terá problemas terríveis na sua consciência’”. Emmanuel era rígido, mas encontrou um discípulo à altura, porque realmente Chico não falhava.

Hoje, vejo os médiuns desistirem tão facilmente. “Ah, estou com dor de barriga, não vou não”. “Ah, está parecendo que vai ter tempestade, não vou não”. “Ah, estou querendo ter febre, talvez a febre venha, é melhor ficar em casa”. Eu canso de ver no atendimento fraterno amigos nossos que começaram na mediunidade, trabalharam sete, oito anos e resolveram descansar. Voltam dez anos depois num estado lastimável. Então nos perguntamos: descansar para quê? Para levar a essa situação de agora? Queríamos desenvolver a mediunidade e trabalhar na mediunidade sem sacrifício nenhum, simplesmente flanando, assobiando ou cantando? Não, temos que levar a sério nossas responsabilidades. Não é porque a, b, c ou d está exigindo a nossa presença, mas porque precisamos cumprir o dever. É essa a situação que devemos nos impor.

Sabemos que a casa espírita, segundo Emmanuel, é a mais importante casa que temos do ponto de vista de escola, porque é aqui que aprendemos a necessidade da tolerância, da paciência, da calma, da caridade. E ele vai descrevendo isso de uma forma belíssima em sua mensagem. Por quê? Porque as escolas comuns do

mundo não têm essa acentuada vocação moral que o Espiritismo tem. Então as casas espíritas têm por obrigação desenvolver na criatura que a procura esse sentido do eterno, mas um eterno que deve ser buscado por meio de ações positivas no bem.

Ficamos muito felizes que este ano estamos nos dedicando ao estudo de O Evangelho segundo o Espiritismo, que está completando 150 anos, mas, sobretudo, porque é o estudo do Espiritismo na sua pureza, em tudo aquilo que ele nos ensina de mais sagrado para que aproveitemos a encarnação.

Vimos, por exemplo, na coletânea André Luiz, vários casos de tentativa de suicídio, como em Ação e reação, da Marina que cometeu uma série de erros, como, por exemplo, se interpor no casamento da sua própria irmã, Zilda, de tal maneira que ela acabou se casando com o noivo da irmã. Alguns dias antes do matrimônio, a Zilda, sua irmã, se matou tomando uma dose cavalariça de veneno. E a Marina, dois anos depois, recebeu a própria irmã como filha e, é claro, a menina veio com deficiência mental grave, chorava o tempo todo, não tinha sossego. A Marina não só não quis se responsabilizar pela própria irmã, para qual ela tinha trazido tanto problema, como também ela queria desertar de tudo, o marido internou-se num leprosário, e ela estava nessa situação quando, por misericórdia divina, antes que ela tomasse o veneno, a sua mãe lhe apareceu e chama sua atenção. Como, depois de tudo, ter trazido tanto sofrimento para a sua irmã, de ter ocasionado tantos problemas, você quer desistir, quer deixar tudo? E aí tem um diálogo muito bonito quando a Marina acorda para a existência, ela bate a mão no copo com o veneno e ele se estatela no chão.

Esse é um dos exemplos da coletânea André Luiz mostrando como a Providência Divina nos procura, nos dá chance de refazer a nossa vida por intermédio dos avisos inúmeros que recebemos, por meio de um livro, de um amigo, de um telefonema, enfim, quanta coisa recebemos da Espiritualidade. Por quê? Porque a fé é soberana, ela é quem nos move neste mundo. Temos de rechaçar o materialismo porque é ele que leva as atitudes mais infelizes para a criatura humana e que, muitas vezes, a coloca numa situação tão negativa que ela precisa refazer inúmeras reencarnações até recuperar o equilíbrio de novo.

Ao recordarmos essa lição de Allan Kardec, agradecemos a ele, onde quer que ele esteja, tudo quanto nos deixou e que significou sempre um grande sacrifício da sua parte, mas que valeu a pena porque, cada vez mais, as pessoas acordam para a realidade do Espiritismo.

[4 Dra. Marlene Nobre refere-se ao Grupo Espírita Cairbar Schutel \(GECS\).](#)



Meu livro
de cabeceira



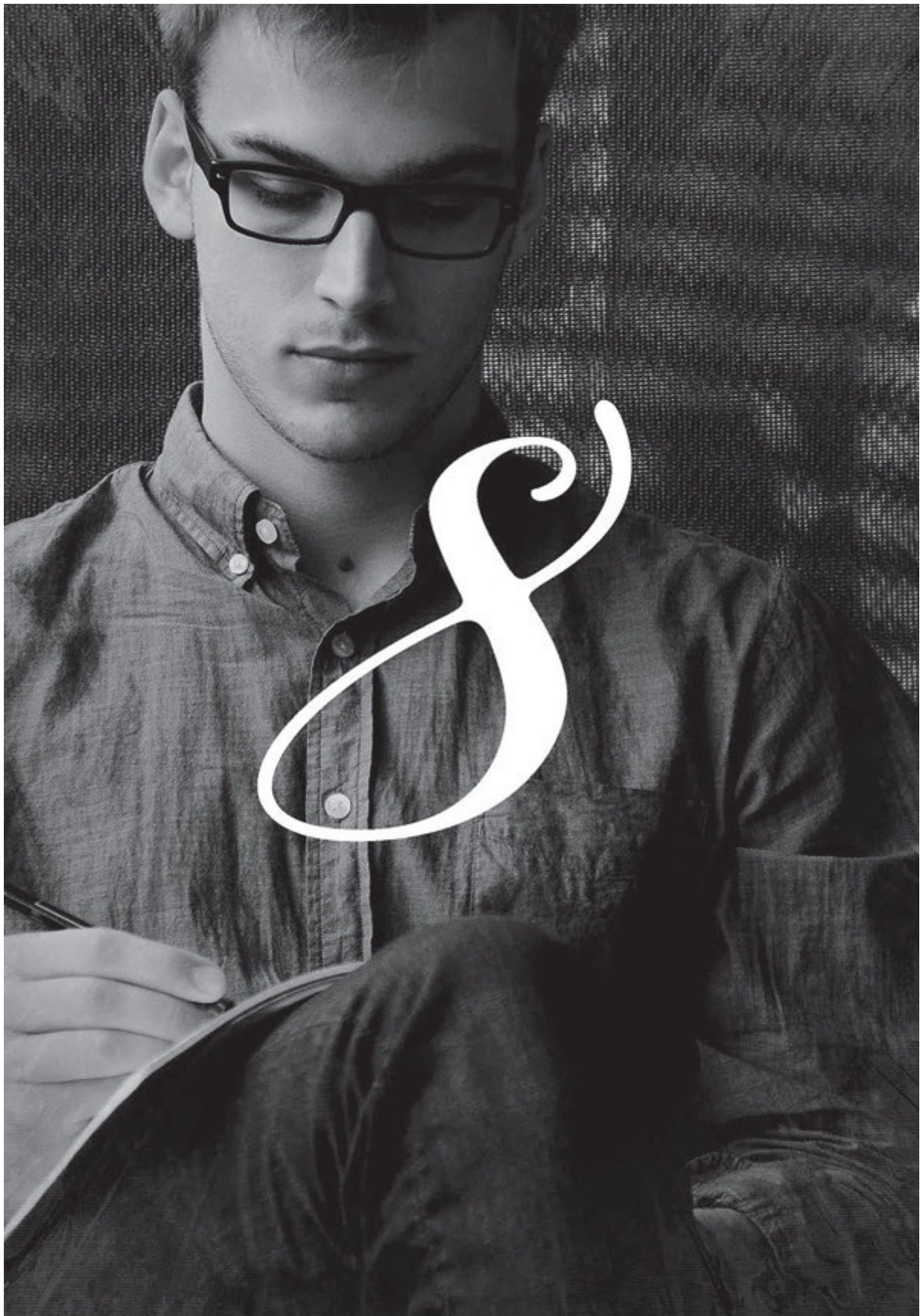
Walther Graciano Júnior

Quando entrei pela primeira vez no Grupo Espírita Cairbar Schutel, no ano de 1978, fiquei impressionado com a palestra que havia assistido. Era uma noite de segunda-feira e uma senhora, que eu ainda não conhecia, pegou um exemplar de O Evangelho segundo o Espiritismo, leu um trecho, logo após, pegou um exemplar de O livro dos Espíritos e leu uma das questões. Durante 30 minutos, presenciei uma das mais belas palestras que já havia assistido. Esperei terminar os trabalhos e fui procurá-la, e após uma longa conversa, decidi frequentar o Grupo.

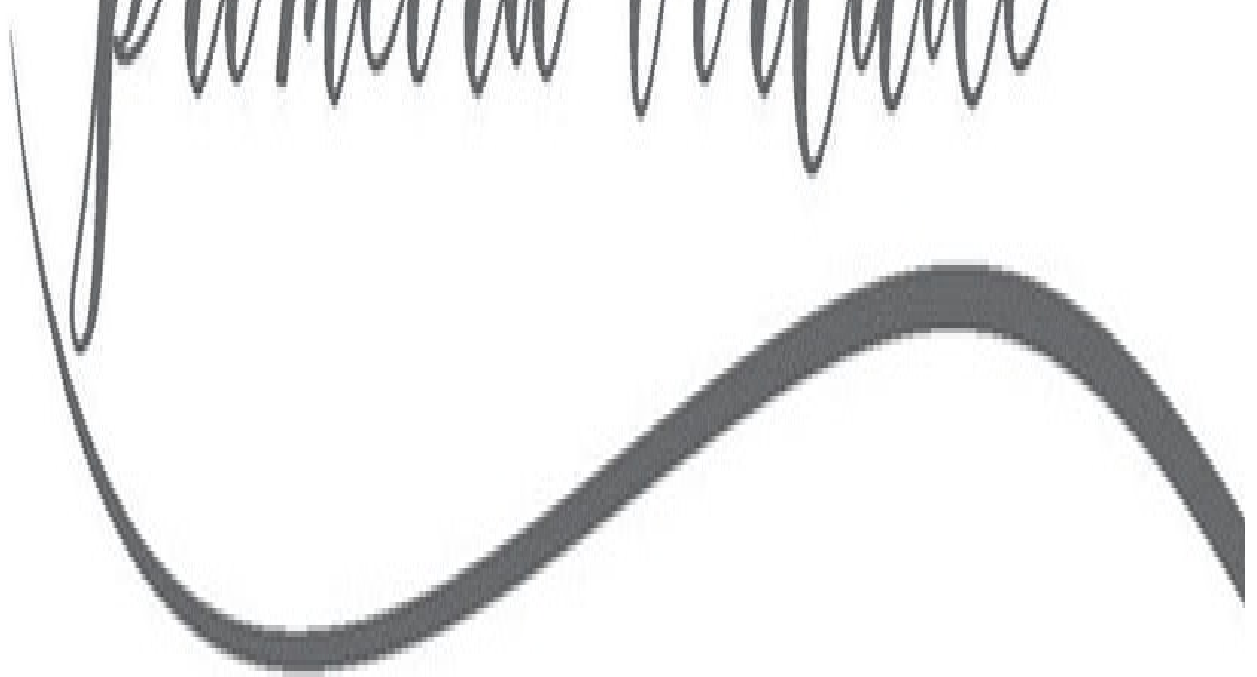
A longo dos anos, fui conhecendo e convivendo intimamente com a Dra. Marlene, e o que mais me impressionava, além de sua cultura ímpar, era a vivência evangélica. Sua fidelidade aos ensinamentos de Allan Kardec e a Chico Xavier impressionava qualquer um que se aproximasse. Seu lema era estudar e trabalhar em benefício do próximo. Nos dias em que ela fazia suas palestras, o salão ficava lotado. Quanto mais eu convivia com ela, mais a admirava.

A cada ano que passava, nos tornávamos grandes amigos, a doutora ensinando, por meio de seus exemplos, e eu tendo a oportunidade de acompanhá-la em um dos seus mais belos projetos realizados: o “Lar do Alvorecer”, na cidade de Diadema, São Paulo. Foi lá em Diadema que eu aprendi o verdadeiro sentido das palavras “educação”, “amor ao próximo”, “caridade”, entre tantas outras virtudes. Por intermédio da oportunidade oferecida pela alma nobre da amiga querida, muitas pessoas puderam mostrar suas habilidades.

No final do ano de 2013, fui convidado pela Dra. Marlene para iniciarmos um novo projeto, em 2014 aconteceria a comemoração dos 150 anos de O Evangelho segundo o Espiritismo. Assim, ao longo do ano, nas noites de terça-feira, faríamos um estudo detalhado sobre o “meu livro de cabeceira”, como ela denominava o Evangelho. E assim, com muito orgulho de participar do projeto, fomos estudando e gravando as palestras, que ela fazia com tanto amor. Felizmente, as palestras foram gravadas e se transformaram neste livro. Cada frase e cada parágrafo contêm a vibração de amor irradiada pelo coração de uma mulher que viveu sua vida em nome de Jesus, Allan Kardec e Chico Xavier.



Humildade, a
primeira virtude



Humildade – tão difícil de se alcançar e essencial para que possamos lograr algum avanço na vida terrena. Na questão n. 275, lemos:

O poder e a consideração de que um homem gozou na Terra lhe dão supremacia no mundo dos Espíritos?

Não; pois que os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Lê os salmos.

a) Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?

“Não sabes que os Espíritos são de diferentes ordens, conforme seus méritos? Pois bem! O maior da Terra pode pertencer à última categoria entre os Espíritos, ao passo que o seu servo pode estar na primeira. Compreendes isto? Não disse Jesus: aquele que se humilhar será exalçado e aquele que se exaltar será humilhado?”

Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo VII, “Bem-aventurados os pobres de espírito”, de O Evangelho segundo o Espiritismo

“Bem-aventurados os pobres de espírito, pois que deles é o reino dos céus (Mateus, 5:3). [...]. Por pobres de espírito Jesus não entende os baldos de inteligência, mas os humildes, tanto que diz ser para estes o Reino dos Céus, e não para os orgulhosos.” Assim, é preciso dar essa interpretação aos dizeres do Cristo, às afirmações do Mestre, porque se entendermos pobres de espírito como aqueles que não têm inteligência, estaremos interpretando mal as palavras de Jesus. Na verdade, o que ele quis dizer sempre foi que os pobres de espírito são aquelas pessoas humildes.

“Os homens de saber e de espírito, no entender do mundo, formam geralmente tão alto conceito de si próprios e da sua superioridade que consideram as coisas divinas como indignas de lhes merecer a atenção”. Chegamos ao ponto de os chamados povos do primeiro mundo, que têm um estilo de vida bastante ligado ao desenvolvimento intelectual e mesmo material, considerarem os habitantes do terceiro mundo, o assim chamado terceiro mundo, ou daqueles países que não alcançaram ainda determinada evolução material e intelectual, como povos infantis porque é comum encontrarmos a disseminação da religião. Muitos chegam a afirmar, eu já ouvi isso em conversas no exterior, dizendo que os povos que não têm cultura como a deles recorrem frequentemente à religião porque necessitam dela para poder viver. E aqueles que têm suficiente desenvolvimento intelectual e material não têm necessidade de Deus nem de religião, que isso é próprio da “gentinha”, daqueles povos que estão ainda numa evolução primária, são ainda ignorantes.

É muito interessante essa colocação de Jesus porque Ele vai em direção, em busca, exatamente daqueles que são considerados ignorantes, ou daqueles que têm um certo menosprezo por parte das chamadas nações desenvolvidas. O importante é que saibamos que o povo que demonstrar mais humildade em suas ações constitui, na verdade, o povo mais ligado ao coração de Jesus. Por quê? Porque Ele diz que aos mais humildes está reservado o reino dos Céus.

As observações que ouvimos, ou vemos, nas entrelinhas, muitas vezes, dos povos ditos desenvolvidos não têm a conotação que Nosso Senhor Jesus Cristo deu aos chamados povos mais humildes, aos pobres de espírito. Então a luta aqui no nosso país, aqui no Brasil, não é apenas para que mantenhamos a religião como algo importante em nossas vidas, mas para que vivamos a religião, façamos da religião algo intrínseco da nossa personalidade ao ponto de modificarmos as nossas atitudes e, principalmente, de mantermos em nós um clima de humildade, reconhecendo a presença de Deus e reconhecendo a presença do Cristo como imprescindíveis para nossas vidas.

Se se recusam a admitir o mundo invisível e uma potência extra-humana, não é que isso lhes esteja fora do alcance; é que o orgulho se lhes revolta à ideia de uma coisa acima da qual não possam colocar-se e que os faria descer do pedestal onde se contemplam. Daí o só terem sorrisos de mofa para tudo o que não pertence ao mundo visível e tangível. Eles se atribuem espírito e saber em tão

grande cópia que não podem crer em coisas, segundo pensam, boas apenas para gente simples, tendo por pobres de espírito os que as tomam a sério.

Kardec coloca nesse trecho exatamente isso o que eu lhes disse e que corre à boca pequena nas conversas das nações privilegiadas, que julgam os países menos desenvolvidos como algo próprio da ignorância, ou próprio da falta de conhecimento, ou da ignorância do saber. Mas aprendemos com Allan Kardec que a educação moral é a mais importante para o ser humano. Podemos ser muito instruídos, conhecermos muito, no entanto, esse conhecimento para nada serve no nosso relacionamento com as pessoas, no sentido da modificação da nossa conduta.

Vemos exatamente essa postura do Kardec aqui, e ela é comum não apenas na época do século XIX, quando ele viveu de perto essa situação, porque ele foi muito questionado como sendo alguém que espalhava uma doutrina que não tinha interesse para o povo. Então essa análise dele é perfeita porque continua nos dias de hoje. Vimos aqui: “Eles se atribuem espírito e saber em tão grande cópia que não podem crer em coisas, segundo pensam, boas apenas para gente simples, tendo por pobres de espírito os que as tomam a sério”.

A conotação de pobres de espírito, portanto, que Jesus deu a essa designação é totalmente diferente daquilo que é analisado dentro da sociedade de todas as épocas, e as contemporâneas continuam iguais, aferradas aos mesmos conceitos do século XIX: religião é para “gentinha”, religião é para pessoa ignorante, religião é para os pobres de espírito. Mas estamos vendo que os pobres de espírito, para o Cristo, são as pessoas humildes, que levam a sério a educação moral, a transformação deles mesmos pelos conceitos que consideram importantes para suas vidas, não apenas como rótulos, mas como modificação interior.

Prossegue Kardec: “Entretanto, digam o que disserem, forçoso lhes será entrar, como os outros, nesse mundo invisível de que escarnecem”. Vocês não devem se esquecer que Kardec sofreu – e sofreu muito – porque o fato de trazer novamente o cristianismo primitivo dentro de toda a sua pureza – e ele foi o responsável por isso – causou um impacto muito grande dentro da sociedade. É um impacto que vai se fazendo cada vez maior à medida que vai havendo mais maturidade por parte da coletividade humana, no entendimento desses

princípios.

Hilário Silva tem uma passagem belíssima que se denomina “Há um século”, quando ele analisa a condição do Codificador muito cedo, quando ele se levanta pela manhã em seu gabinete, do local onde ele estava trabalhando e olha pela janela a vida que começa a se movimentar em Paris. Ele guarda em seu íntimo uma certa tristeza porque havia recebido uma grande quantidade de cartas que o colocavam assim numa situação bastante vexatória, difícil. Ele sofreu muito, era o apupo dos intelectuais, daquelas pessoas fanáticas que não aceitavam o aparecimento do cristianismo em toda a sua pureza, como o Espiritismo traria.

A partir daí, desse momento, Hilário lembra que Gabi, esposa de Kardec, entrou com um pacote muito bem-feito, era um presente que ela entregou para ele, tinha vindo pelo correio. Ele estava num dia de maior amargura por arrastar uma situação bastante difícil como aquela, porque ele era o mestre da renovação humana que trazia toda a responsabilidade de colocar novamente o cristianismo na sua pureza, para ser entendido pela população. E qual não é a surpresa dele quando abrindo o pacote vê O livro dos Espíritos ricamente encadernado? E ao abri-lo, existe uma carta muito comovedora, em que o missivista dizia para ele, de uma forma bastante carinhosa, que jamais desistisse da tarefa que ele trouxe ao mundo porque a sua atividade salvou a sua vida. E conta então a história dele: tinha perdido Antoinette, sua esposa, que ainda era muito jovem e tinham acabado de se casar, dois anos e pouco, após uma febre terrível. Depois da partida de sua esposa, ele ficou com uma luta muito grande interna e havia decidido se matar. Ele trabalhava numa editora, era linotipista, daí a rica encadernação de O livro dos Espíritos que ele enviou ao Kardec. Disse que namorou o Rio Sena muito tempo e já havia então decidido se jogar, porque ele dizia “eu não sei nadar, então as águas completarão com facilidade o meu desejo”. Ele escolheu a Pont Marie, o meio da ponte, onde era o local mais profundo do Sena, em que ele certamente perderia a vida ao se jogar ali. De madrugada foi até o local, quando ele colocou a mão na balaustrada para se jogar, ele tocou num objeto nesse local. Ele ficou intrigado, pois na hora de se jogar, veio à sua mão um livro, que ele pegou e foi para baixo de um lampião para poder ver do que se tratava. E ele leu O livro dos Espíritos até de manhãzinha, até que clareou completamente o dia, ali mesmo na Pont Marie, e foi para casa levando o livro.

Após contar isso para Kardec, colocou: “benditas as mãos que contribuíram para que este livro viesse ao mundo porque ele salvou minha vida”. E estava escrito a

Loran, e ele então escreveu embaixo: “e salvou minha vida também”. Foi a partir daí que Kardec encontrou mais forças para poder continuar na sua missão, porque realmente foi um impacto muito grande na vida dele. Saber que ao lado das críticas, dos apupos, da correspondência felina, das zombarias, ele soube de alguém que tinha encontrado a salvação de sua vida por intermédio dos livros que ele estava produzindo.

Entretanto, digam o que disserem, forçoso lhes será entrar, como os outros, nesse mundo invisível de que escarnecem. É lá que os olhos se lhes abrirão e eles reconhecerão o erro em que caíram. Deus, porém, que é justo, não pode receber da mesma forma aquele que lhe desconheceu a majestade e outro que humildemente se lhe submeteu às leis, nem os aquinhoar em partes iguais.

É uma análise perfeita do Kardec em relação ao orgulho que normalmente existe nas chamadas pessoas ilustradas, daqueles que têm uma vida universitária, ou que têm uma grande inteligência e que desenvolvem grandes projetos. Em geral, eles afastam Deus da sua vida e não permanecem com nenhum laivo de ligação com a espiritualidade.

Podemos distinguir a espiritualidade da religiosidade. A espiritualidade é a nossa ligação com Deus, não importa a religião que temos. Sabemos que muitas pessoas que não seguem uma determinada religião são, muitas vezes, bastante espiritualizadas porque permanecem em si mesmas a cultivar a ideia de Deus e sua ligação com Ele. Mas há outros que, infelizmente, cultivam mais a própria inteligência, são mais senhores da sua importância. Como diz Kardec: “Deus, porém, que é justo, não pode receber da mesma forma aquele que lhe desconheceu a majestade e outro que humildemente se lhe submeteu às leis, nem os aquinhoar em partes iguais”.

O que predomina aqui no nosso mundo é orgulho, o orgulho do intelectual, o orgulho daquele que conseguiu alguma coisa em determinada área e que se julga muitíssimo importante. Quando a pessoa se dá uma importância enorme, ela não descobre a mais importante figura, ou o mais importante ser que faz parte da nossa vida, que é Deus. Infelizmente, não temos contemporização entre o conhecimento que a pessoa tem das coisas do mundo e a aceitação da divina

presença em nosso mundo.

Dizendo que o reino dos céus é dos simples, quis Jesus significar que a ninguém é concedida entrada nesse reino, sem a simplicidade de coração e humildade de espírito; que o ignorante possuidor dessas qualidades será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que dele afastam a criatura, e isso por uma razão muito natural: a de ser a humildade um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra ele. Mais vale, pois, que o homem, para felicidade do seu futuro, seja pobre em espírito, conforme o entende o mundo, e rico em qualidades morais.

No nosso mundo, prevalece ainda a aparência, o status, o fato de a pessoa ter distinção em determinadas áreas. Essas pessoas são tratadas como deuses e incorporam em si mesmas a sua importância, sem abrirem mão dela. Agora eu pergunto: se Jesus visse à Terra, Ele seria morto outra vez, ou não? Por quê? Exatamente porque Ele era pobre, humilde, não tinha uma pedra onde repousar a cabeça, não tinha a distinção dos grandes cargos, não era príncipe, não tinha uma posição especial na sinagoga. Era um “Zé Ninguém”.

Podemos ver que, infelizmente, ainda hoje as criaturas humanas valem o que elas expõem externamente, por aquilo que elas apresentam como sendo méritos de diplomas, de conhecimento, ou de grande perspicácia no mundo dos negócios, ou aquilo que elas podem juntar do ponto de vista da matéria. Ainda hoje é isso que exaltamos, infelizmente. Mas a palavra do Cristo continua sendo sempre a mesma: “bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus”.

Os critérios adotados por nós nos julgamentos fáceis que fazemos – porque, infelizmente, temos um grande defeito, difícil de ser retirado, que é julgar as pessoas o tempo todo –, em geral, são falhos exatamente porque as nossas premissas são falhas. Partimos de pontos errados para julgar – e achamos também que temos o direito de julgar. Mas existe uma outra parte do ensinamento do Cristo que diz: não julgueis para não serdes julgados. E é o que mais fazemos o tempo todo: julgar as pessoas, e isso é um câncer porque

perdemos tempo e não prestamos atenção no que fazemos da nossa vida, porque ficamos sempre monitorando o que os outros estão fazendo.

“Aquele que se eleva será rebaixado”

Por essa ocasião, os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram: “Quem é o maior no reino dos céus?” – Jesus, chamando a si um menino, o colocou no meio deles e respondeu: “Digo-vos, em verdade, que, se não vos converterdes e tornardes quais crianças, não entrareis no reino dos céus. – Aquele, portanto, que se humilhar e se tornar pequeno como esta criança será o maior no reino dos céus – e aquele que recebe em meu nome a uma criança, tal como acabo de dizer, é a mim mesmo que recebe” (Mateus, 18:1-5).

Por que será que Jesus teria tomado como exemplo uma criança, um menino, para dizer que temos que nos assemelhar a Ele? O que será que tem a criança que é tão especial que nos remete a isso que Jesus falou, para termos direito ao reino dos Céus? O que é que existe na criança? A inocência e a pureza de coração. Para que admitamos Deus, para que subordinemos a nossa ação e nos submetemos a Ele, precisamos dar um grande passo. Por quê? Porque normalmente a nossa atitude é de rebeldia. Mas, a rigor, a criança aceita por pureza de coração. Na sua inocência, ela aceita facilmente a existência de um Ser Superior.

A dificuldade aqui na Terra é tão grande que bastou entrar para uma universidade e o estrago está pronto. Imediatamente, não creio em Deus, sou materialista, quero mudança na sociedade, quero mudanças rápidas, e por aí vai. Onde está a inocência? Não existe mais.

Então, a mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou dele com seus dois filhos e o adorou, dando a entender que lhe queria pedir alguma coisa. Disse-lhe Ele: “Que queres?” “Manda”, disse ela, “que estes meus dois filhos tenham assento no teu

Reino, um à tua direita e o outro à tua esquerda.” – Mas Jesus lhe respondeu: “Não sabes o que pedes; podeis vós ambos beber o cálice que Eu vou beber?” – Eles responderam: “Podemos.” – Jesus lhes replicou: “É certo que bebereis o cálice que Eu beber; mas, pelo que respeita a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, não me cabe a mim vo-lo conceder; isso será para aqueles a quem meu Pai o tem preparado.” – Ouvindo isso, os dez outros apóstolos se encheram de indignação contra os dois irmãos. Jesus, chamando-os para perto de si, lhes disse: “Sabeis que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com império. Assim não deve ser entre vós; ao contrário, aquele que quiser tornar-se o maior, seja vosso servo; e aquele que quiser ser o primeiro entre vós seja vosso escravo; do mesmo modo que o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos” (Mateus, 20:20-28).

Kardec colocou essas duas questões juntas. Quer dizer, a primeira dizendo que Jesus chamou o menino e disse: ‘quem se assemelhar a essa criança conquistará o reino dos Céus’. E, em seguida, a mãe trouxe os dois filhos e Jesus diz que Ele não pode determinar quem vai ficar à direita ou à esquerda, pois isso pertence à decisão do Nosso Pai. O que significa que é preciso que demonstremos pelas nossas atitudes que somos realmente humildes. E essa decisão não compete a Ele, compete à lei suprema de Nosso Pai, que decide para onde os seus filhos vão. É muito interessante essa palestra.

Ele diz também que o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir. Se nós, dentro das casas espíritas, lembrássemos disso todos os dias, teríamos um roteiro muito seguro de atuação dentro das casas espíritas. Não viemos para sermos servidos, mas para servir. E outra passagem, quando Ele já está prestes a ser entregue por Judas, Ele lava os pés dos discípulos, e Pedro se toma de indignação, ele não quer que Jesus lave os pés dele. Mas Jesus lhe dá uma lição: “se você não deixar que Eu lave os seus pés, você não estará Comigo no banquete de Nosso Pai”. Como se dissesse, “Eu tenho que cumprir a minha missão, que é servir, e vocês têm que aceitar”.

Depois disso, o que tivemos? Uma religião que se colocou num palácio onde existe muito ouro, muitas relíquias de grande valor, do ponto de vista material, onde estão instaladas riquezas impressionantes. Quando o Mestre que estamos vendo aqui lava os pés dos discípulos, enfrenta as estradas poeirentas, sem uma

pedra onde reclinar a cabeça, Ele está vestido com as túnicas simples que sua mãe fez para Ele... Enfim, não existiu pessoa mais pobre do que Jesus porque também não existiu um ser que tivesse feito tanto pela humanidade quanto Ele.

Os evangelistas dizem que não haveria papiro suficiente para anotar as curas que Jesus fez, pois foram milhares e milhares de curas. Então, esse Ser, que não tinha nada, que não possuía títulos honoríficos, que não tinha legiões para comandar, foi a Criatura que mais curou, que mais acudiu a humanidade sofredora, a ponto de não ter suficiente material para registrar o que Ele fez.

É esse contraste que você vê naqueles que são missionários. Seria interessante que estudássemos a vida dos santos, ou das pessoas que vieram com missão aqui na Terra. Você vê que, em geral, estamos lidando com pessoas paupérrimas, mas que desenvolvem um trabalho de assistência à humanidade incomparavelmente maior que qualquer administrador. E não prestamos atenção nisso, sendo que este tipo de conduta é o que devemos ter aqui na Terra: um mínimo de bens materiais e o máximo de bens espirituais. Mas nosso mundo virou de cabeça para baixo, e não é isso que temos.

Então, ficamos aqui lembrando, principalmente, desse exemplo extraordinário que Cristo nos deixou, de humildade, e desse contraste tão grande que os benfeitores espirituais de grande porte, iluminados, nos deixam. Chico Xavier, por exemplo, nunca teve conta em banco, nunca teve. No entanto, em 1967, pelas contas do Dr. Elias Barboza, ele tinha beijado as mãos de um milhão de pessoas. Mas quando ele o fazia, ele levava para essa pessoa o conforto, o carinho, o amor, que são, infelizmente, tão negligenciados nesse mundo, mas que os missionários do amor, os missionários do Cristo, sabem multiplicar com facilidade, embora sejam pobres que nem Jó.

O nosso mundo virou mesmo de cabeça para baixo porque o que construímos, até agora, não espelha os ensinamentos do Cristo, não está de acordo. Estamos valorizando muito a questão material, os bens materiais, o orgulho de pertencer a determinadas raças ou mesmo a determinados agrupamentos comerciais, e por aí vai. No entanto, nada disso tem valor se não houver humildade.

Infelizmente, não estamos construindo o mundo dos sonhos que o nosso Governador Planetário sonhou para nós. Infelizmente, distorcemos a realidade dos fatos, mas quem sabe agora, com a mudança, recomeçamos em outros termos.

Aquele que se humilhar será exaltado

Terminamos o capítulo 6, que é o advento do Consolador, e vimos tudo aquilo que nos une diretamente ao Cristo, principalmente nas lições que Ele trouxe falando sobre Allan Kardec, sobre a proposta que ele trazia e o próprio Espiritismo, que estava sendo apresentado à humanidade. Agora no capítulo sétimo, “Bem-aventurados os pobres de espírito”, temos várias lições na continuidade desse estudo, sendo o primeiro estudo do Livro da esperança, de onde Emmanuel faz o seguinte comentário no item 6: “...e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Lucas, 14:11).

Em outro trecho (cap. 7, item 6), o benfeitor comenta: “Será o maior no reino dos Céus aquele que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança, isto é, que nenhuma pretensão alimentar à superioridade ou à infalibilidade”. Esse foi o comentário que Emmanuel fez na lição “Ninguém é inútil”.

Essas máximas são as condições do princípio de humildade que Jesus não cessa de colocar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor e que formulou por estas palavras: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus”. Ele toma uma criança como o modelo da simplicidade de coração e diz: “Será o maior no reino dos Céus quem se humilhar e se fizer pequeno como uma criança”, quem dizer que não deve nenhuma pretensão de superioridade ou de infalibilidade.

Emmanuel diz o seguinte:

Não aguardes aparente grandeza para ser útil. Missão quer dizer incumbência. E ninguém existe aos ventos do acaso.

Buscando entender os mandatos de trabalho que nos competem, estudemos, de leve, algumas lições de cousas da natureza.

A usina poderosa ilumina qualquer lugar, à longa distância, contudo, para isso,

não age por si só. Usa transformadores de um circuito a outro, alterando em geral a tensão, e a intensidade da corrente. Os transformadores requisitam fios de condução. Os fios recorrem à tomada de força. Isso, porém, ainda não resolve. Para que a luz se faça, é indispensável a presença da lâmpada, que se forma de componentes diversos.

O que Emmanuel está tentando extrair da lição de Jesus? Que ninguém deve se sentir superior porque todos dependemos uns dos outros. Fazemos parte de um conjunto, e cada um de nós deve apresentar o melhor de si nessa tarefa. Porque mesmo se tudo estiver direitinho com a usina, mas a lâmpada não estiver no lugar, ou estiver queimada, ela não vai iluminar.

Vamos ver outro ensinamento de Emmanuel:

O rio, de muito longe, fornece água limpa à atividade caseira, mas não se projeta, desordenado, a serviço das criaturas. Cede os próprios recursos à rede de encanamento. A rede pede tubos de formação variada. Os tubos exigem a torneira de controle. Isso, porém, ainda não é tudo. Para que o líquido se mostre purificado, requer o concurso do filtro.

A tendência quando queremos nos julgar superiores aos outros é julgar que não dependemos de ninguém, que nosso esforço é maior do que o todo mundo. A primeira coisa que Emmanuel faz é excluir essa ideia. Tomando como exemplo os recursos da natureza, ele vai e mostra que não adianta nos sentirmos superiores, porque dependemos de outras coisas, do conjunto. Ele continua:

O avião transporta o homem, de um lado para o outro da Terra, mas não é um gigante autossuficiente. A fim de elevar-se precisa combustível. O combustível solicita motores que o aproveitem. Os motores reclamam os elementos de que se constituem. Isso, porém, ainda não chega. Para que a máquina voadora satisfaça aos próprios fins, é indispensável se lhe construa adequado campo de pouso.

Claro, o avião voa, voa, voa. Mas onde ele vai descer? Ele não pode ficar lá sempre, ele tem que descer. E, ao descer, ele tem que ter o quê? Segurança. Vai descer num lugar inóspito, que não tem condição nenhuma de aterrissagem? Como é que vai fazer?

Emmanuel termina assim:

No dicionário das leis divinas, as nossas tarefas têm o sinônimo do dever.

Atendamos à obrigação para que fomos chamados no clima do bem.

Não te digas inútil, nem te asseveres incompetente.

Para cumprir a missão que nos cabe, não são necessários um cargo diretivo, uma tribuna brilhante, um nome preclaro ou uma fortuna de milhões. Basta estimemos a disciplina no lugar que nos é próprio, com o prazer de servir.

Emmanuel termina assim a análise de um dos principais pontos do capítulo sétimo, que é justamente a pobreza de coração que devemos ter, que não significa falta de conhecimento, e sim humildade. Os pobres de espírito, para Jesus, são os humildes. Porque há muitas pessoas pobres e que não são humildes. Qualquer esforço que você faça para ajudar, você o recebe de volta.

Não é o fato de a pessoa ser paupérrima, ou pobre, que isso é passaporte para dizer que ela é humilde. A humildade tem outro significado. Às vezes, nos julgamos muito importante, apesar de não termos praticamente nada.

Pensar no coletivo antes de pensar em si mesmo

Será que, de alguma forma, essa lição não deveria ser aproveitada no Brasil hoje,

diante de um grande revés como esse do esporte? Acho que sim, porque todo acontecimento na nossa vida deve ter um significado. Devemos aproveitar a lição. O futebol é um esporte coletivo. Aqui, Emmanuel está falando no coletivo, em que é o avião, o rio, a usina, então são instituições, ou formações, que necessitam de um grande arsenal de coisas para funcionar.

Assim, o esporte que escolhemos como principal no Brasil foi uma boa escolha, porque é um esporte coletivo. Temos que aprender a valorizar o conjunto. Quando o conjunto vai mal, temos que assumir que todos nós, de uma certa forma, erramos. A análise não pode partir como se fosse de ódio, ou para arrebentar as pessoas responsáveis por aquela questão. Aconteceu, então temos que aproveitar a lição. E aproveitaremos a lição se formos humildes. Erramos, é preciso trabalhar mais o coletivo, houve isso, houve aquilo, fazemos uma análise sincera das coisas que ocorreram e, a partir daí, aprendemos mais. E como Emmanuel diz aqui: a missão é uma incumbência. E a incumbência, no caso desse esporte, é uma incumbência de todos.

Mas será que não aprendemos também? Não levamos sopapos para poder crescer, evoluir? Será que não levamos essas situações amargas para o ponto de que, dessa forma, aprendemos, isto é, aprendemos a conviver, a admirar o adversário, a melhorar, assim como que não devemos transferir os fracassos para outras pessoas, e sim encará-los primeiro?

Acredito que do ponto de vista da melhoria como povo, como nação, isso é importante, porque amadurecemos. Então se é duro, de uma certa forma, também aprendemos que isso não é tudo na nossa vida espiritual. Isso é um detalhe. É importante aprendermos que temos que desenvolver a humildade de saber que não somos os únicos, que existem outros que sabem mais do que nós, que estão melhores do ponto de vista do preparo e que temos que aprender. Se conseguirmos fazer isso, vamos amadurecer, vamos crescer como povo. E é isso que esperamos que seja feito.

Menos cargos e mais encargos

“Para cumprir a missão que nos cabe, não são necessários um cargo diretivo,

uma tribuna brilhante, um nome preclaro ou uma fortuna de milhões. Basta estimemos a disciplina no lugar que nos é próprio, com o prazer de servir.” Então, é importante não nos jactanciarmos em grandes personalidades, porque isso é errado. Quem se eleva, será rebaixado. Essa é a questão. Infelizmente, estamos demorando muito para aprender essa lição. Toda vez que colocamos a aparência em primeiro lugar, ao invés do valor intrínseco da pessoa, não estamos cumprindo a Lei Divina. Toda vez que alguém se impuser pelo seu poderio econômico, por sua maneira de trapacear, por seus encantos superficiais, significa que ainda não aprendeu a lição.

Não sei se vocês se lembram, não faz muito tempo que saiu na mídia o trabalho de um professor da USP que ficou entre os garis algum tempo, entre as pessoas que varrem as ruas, se vestindo como tal. Depois ele escreveu Os invisíveis, uma espécie de uma pesquisa, uma constatação que dizia que, para a imensa maioria da população, os garis não existem, eles são invisíveis.

O que Emmanuel está falando aqui nesta lição? Vou repetir: “Para cumprir a missão que nos cabe, não são necessários um cargo diretivo, uma tribuna brilhante, um nome preclaro ou uma fortuna de milhões. Basta estimemos a disciplina no lugar que nos é próprio, com o prazer de servir”.

Onde quer que estejamos, precisamos cumprir honestamente a nossa missão, seja lá qual for. É isso também que o texto do Cristo nos diz: “aquele que se eleva, será rebaixado, e o que se humilha, será exaltado”. Ainda não aprendemos isso aqui não. Ainda temos dificuldade para aprender isso.

O próprio bullying que existe na escola é uma forma de mostrar uma superioridade artificial, porque você não usa os óculos, porque você não está gordinho, porque você não é pobre, não está com uma roupa muito simples, e por aí vai. Então você é maior que aquele. E isso é uma forma de presunção e que parte de dentro da casa, do lar. Porque se a criança não observasse isso entre os pais, as atitudes com os pais, ela não repetiria na escola.

A questão de nos julgarmos superiores é muito mais profunda. E quando começa? Quando somos crianças, pela atitude que observamos em nossos pais. Aquilo que temos em casa, repetimos.

Educação dos sentimentos

Há uma outra mensagem de Emmanuel sobre o item 11 do capítulo 7, que é uma mensagem de Lacordaire, “O orgulho e a humildade”. É uma belíssima mensagem que tem tudo a ver com esse capítulo. Fala sobre a maneira de nos impormos para outras pessoas. Podemos até nos apresentarmos como humildes, mas se impormos a nossa presença de algum modo como sendo superior a quem quer que seja, cai tudo por terra, não é verdade, não somos humildes.

Homens, por que vos lamentais das calamidades que vós mesmos amontoastes sobre as vossas cabeças? Menoprezastes a santa e divina moral do Cristo; não vos espanteis, pois, de que a taça da iniquidade tenha transbordado de todas as partes. A inquietação torna-se geral. A quem inculpar, senão a vós que procurais incessantemente vos esmagar uns aos outros? Não podeis ser felizes, sem benevolência mútua; e com a benevolência podeis coexistir com o orgulho? O orgulho, eis a fonte de todos os vossos males. Dedicais-vos, pois, a destruí-lo, se não lhe quiserdes perpetuar suas funestas consequências. Um só meio se vos oferece para isso, mas este meio é infalível: tomar por regra a invariável de vossa conduta a lei do Cristo, lei que tendes repellido ou falseado na sua interpretação (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VII, item 11).

Vamos ver o que Emmanuel fala sobre isso no Livro da esperança, no capítulo chamado “Supercultura”:

Alfabetizar e instruir sempre.

Sem escola, a Humanidade se embaraçaria na selva, no entanto, é imperioso lembrar que as maiores calamidades da guerra procedem dos louros da inteligência sem educação espiritual.

Vai, vai, vai, e é brilhante a conclusão. Quer dizer, é indispensável a educação, sem a educação o mundo seria uma selva, seria uma calamidade na ignorância, mas é imperioso lembrar que o quê? Quem faz as guerras? Os intelectuais, os inteligentes.

Eu me lembro que fui entrevistada por uma moça de um jornal de Brasília, e ela me perguntou alguma coisa, foi sobre o aborto, estávamos numa campanha contra o aborto, e ela me perguntou algo assim: mas por que tanta preocupação com o anencéfalo e com os fetos que têm problemas, têm dificuldades? Eu disse: “minha filha, eles não fazem as guerras. Eles estão sendo mortos, mas eles não fazem as guerras”.

Emmanuel vem e diz: precisamos da educação, sem isso estaríamos na selva, sem isso estaríamos perdidos, no entanto, “é imperioso lembrar que as maiores calamidades da guerra procedem dos louros da inteligência sem educação espiritual”.

Não sei se vocês estão lembrados, mas em O livro dos Espíritos e O Evangelho segundo o Espiritismo, quando Kardec fala em educação, ele aponta para o ponto essencial da educação, que é a educação moral. Essa não é ainda apanágio aqui da Terra, nem é preocupação, infelizmente, das escolas e do ensino. Por quê? Porque essa educação espiritual, que é a educação moral, é que daria a educação segura para o homem não matar o outro. O que adianta ter uma inteligência brilhante e botar o Universo a perder?

Em razão disso, os Cristos se reuniram, os Espíritos puros e eleitos do Senhor se assustaram. Com o que eles se assustaram? Com a ida do homem à Lua. E por que eles se assustaram com a ida do homem à Lua e imediatamente fizeram uma reunião de todos os dirigentes do nosso sistema solar? Por quê? Porque o homem não tem educação moral nem educação espiritual. De que adianta a inteligência sem essa educação?

Põe-se assim tudo a perder. Já tivemos duas grandes guerras mundiais, e eles nos conhecem perfeitamente porque estão muito mais adiantados que nós. Eles começaram a se indagar: e agora? E o sistema solar, como vai ser? Porque se você coloca em risco o seu próprio planeta, é muito natural que, atingindo a Lua, você possa colocar em risco o próprio sistema solar, se você não tem moralidade. E é o que acontece com a Terra.

A intelectualidade requintada entretece lauréis à civilização, mas, por si só, não conseguiu, até hoje, frear o poder das trevas.

A supercultura monumentalizou cidades imponentes e estabeleceu os engenhos que as arrasam.

É um estranho paradoxo, mas é verdade. Ao lado de obras monumentais, grandes conquistas da ciência, das artes, da tecnologia, estamos montados também – e perto de nós – com engenhos que podem destruir duas, três vezes a própria Terra. Essa supercultura que nos elevou de uma forma extraordinária, do ponto de vista da civilização, pode nos destruir totalmente a qualquer momento. Essa supercultura não nos livrou – e não nos está livrando – da calamidade, da destruição e da violência: “Levantou embarcações que se alteiam como sendo palácios flutuantes e criou o torpedo que as põe a pique”. Teleguiado, ainda por cima; vai para lá, vai para cá, e não adianta nada, porque você morre do mesmo jeito.

Estruturou asas metálicas poderosas que, em tempo breve, transportam o homem, através de todos os continentes e aprumou o bombardeiro que lhe destrói a casa.

Articulou máquinas que patrocinam o bem-estar no reduto doméstico e não impede a obsessão que, comumente, decorre do ócio demasiado.

Organizou hospitais eficientes e, de quando a quando, lhes superlota as mínimas dependências com os mutilados e feridos, enfileirados por ela própria, nas lutas de extermínio.

Alçou a cirurgia às inesperadas culminâncias e aprimorou as técnicas do aborto. E, ainda agora, realiza incursões a pleno espaço, nos alvares da Astronáutica, e examina do alto os processos mais seguros de efetuar aniquilamentos em massa pelo foguete balístico.

Iluminemos o raciocínio sem descurar o sentimento.

Burilemos o sentimento sem desprezar o raciocínio.

O Espiritismo, restaurando o Cristianismo, é universidade da alma. Nesse sentido, vale recordar que Jesus, o Mestre por excelência, nos ensinou, acima de tudo, a viver construindo para o bem e para a verdade, como a dizernos que a chama da cabeça não derrama a luz da felicidade sem o óleo do coração.

Na verdade, essa análise brilhante que Emmanuel faz da supercultura tem muita relação com o orgulho, a presunção, que é o principal foco deste capítulo sétimo: “aquele que se eleva, será rebaixado, e aquele que se humilha, será exaltado”. Não aprendemos isso ainda, na prática não.

É sempre o jogo, e um jogo cruel, entre o que precisamos ser verdadeiramente e o que somos na realidade. A defasagem é enorme. Eu não vejo saída, a não ser o sofrimento. Não creio que o homem sairá ileso, sem sofrimento. Tem que sofrer. Porque a compreensão dessas coisas só vem através do sofrimento bem vivido e bem sentido. O aprendizado tem que vir lá do fundo.

Então vimos aqui que criamos grandes laboratórios que podem matar. Criamos grandes conquistas tecnológicas e, ao lado disso, os meios que podem destruí-las. Infelizmente, assim que está montada a nossa civilização. Deus nos livre de utilizarmos essas armas no sentido da violência, porque estamos montados – eu repito – em cima de tecnologia que pode destruir dez vezes a própria Terra. Deus nos livre de utilizar a nossa inteligência nesse sentido tão negativo.

Quem quiser recordar um pouco o efeito da guerra sobre os indivíduos, leia Nosso Lar outra vez, a parte relativa às guerras. Vai ficar horrorizado, porque o pior, do pior, do pior do homem é o que vem à tona. Numa guerra, o que somos capazes de fazer é impressionante. Por isso que essa lição de Emmanuel tem um sentido enorme, de que temos que buscar a educação espiritual, a educação do Espírito. Conhecer, conhecer, conhecer infinitamente, no entanto orientados para uma educação do Espírito, de maneira a utilizar o conhecimento em favor de quem não conhece.

Não devemos nos apresentar como pessoas de grande gabarito, porque grande gabarito só tem Deus, nós não temos nada. O que conhecemos só terá valor se utilizarmos para o bem. Do contrário não tem, é apenas título. E título a história passa por cima com trator e tudo, não resolve nada.

Então estas são as duas lições de Emmanuel que estão no Livro da esperança. A lição de Lacordaire sobre o orgulho e a humildade vale a pena recordar. Então, para o Cristo, o que significa pobre de espírito? As pessoas humildes, sinceramente humildes. Não estamos falando aqui das que se colocam como, mas, para Jesus, pobre de espírito é a pessoa humilde.

Aprendemos também com essa lição que, para Deus, todos têm a sua missão, a sua tarefa a ser desenvolvida. Felizes daqueles que desenvolvem essa missão com amor e humildade porque contribuirão com a paz aqui na Terra. Não importa se serão reconhecidos ou não pela sociedade. A pessoa está fazendo por uma questão de cumprimento do dever moral a que ela está submetida, que, em última instância, é o Criador, o nosso Patrocinador, o nosso Criador, aquele a quem devemos prestar contas dos nossos atos.

Pergunta da plateia

Sobre a transição planetária

Por que o crescimento da violência do planeta está afunilando para uma greve global?

A grande separação vai se dar agora porque há os belicosos, as pessoas que têm uma natureza violenta. Como estamos vendo, em todos os povos existem os mais violentos, mas existem povos que estão mais que os outros. Então já se dá a separação através do tipo de vida que eles estão levando e os tipos de pensamentos também.

O que acontece é o seguinte: muita gente já está indo embora. Chico nos disse que tem muita gente que não renasce mais aqui. Segundo Chico falou, essas pessoas vão até a Lua e da Lua são levados para o lugar onde têm que ir. A grande separação está se dando agora mesmo, é como se estivéssemos no último segundo do segundo tempo regulamentar. Menos de um segundo já, porque

teremos muito pouco tempo.

A guerra só não saiu porque a ação dos benfeitores é muito grande. Eles procuram sempre fazer com que determinados grupos cedam sob a tutela de outros grupos. Então, eles jogam muito com isso, senão já...

O Doutor Bezerra me disse que tenho ordem para ir para a Europa até 2017. Eles não sabem por que, mas há o respeito máximo pelo livre-arbítrio, e eles não podem nos dizer qual a atitude que os países irão tomar. Nem eles sabem. Por quê? Porque eles mandam as equipes para todos os países, sabem o que ocorre em todo o lugar, mas não sabem se vai chegar a um tal ponto que o livre-arbítrio será soberano pedindo a guerra. A destruição virá, pois os tsunamis, os terremotos virão de qualquer maneira porque não vão ficar todos aqui. Como é que eles vão desalojar (veja a palavra que estou usando – “desalojar”) uma coisa que está encrustada aqui? Isso é uma coisa que temos que raciocinar.

Também acho que o movimento espírita não leva muito a sério O livro dos Espíritos, porque a lei de destruição é uma lei natural, ela é utilizada sempre. Então, estão nos dizendo que vamos ter uma transição maravilhosa, superstar, que vamos atravessar em um rio maravilhoso, uma situação maravilhosa. “Somos flores de estufa, espírita não vai sofrer, porque não merecemos”, imagina, não somos diferentes. Quer dizer, chega até ser ridículo porque pertencendo ao mundo como merecemos, milhares e milhares de anos e de reencarnações, é muita ousadia da nossa parte. É muita ousadia acharmos que o fato de sermos espíritas vai nos livrar de alguma coisa... Vai é ter muito serviço, muito trabalho. Felizes os que estiverem arregaçando as mangas da camisa para trabalhar, vai ter muito serviço, isso vai. E nós vamos estar à prova para saber se nossa fé é genuína e verdadeira. E não estamos nos preparando para isso não.

Estou vendo mais aquela atitude do Olimpo: “somos superiores porque somos espíritas, não vamos sofrer e não vai acontecer nada conosco porque passamos incólumes pelas situações, não merecemos sofrer...” Tenho ouvido muita coisa por aí. Tem que se preparar porque a mudança vai ser grande.

Espíritos comprometidos reencarnados

Os Espíritos que nasceram depois de 2000, os Espíritos que estão aí para promover essa grande modificação do planeta, vão contar não apenas com os remanescentes, mas vão conseguir fazer essa grande transformação?

Emmanuel estando reencarnado, Humberto de Campos reencarnado, André Luiz reencarnado são seguranças, são Espíritos de alto gabarito que vão sustentar várias áreas, mas eles não vão ser ingênuos, eles sabem que o serviço é muito, para arregaçar a manga da camisa e trabalhar mesmo. Não é para qualquer um, vai ter que ter bastante estofamento espiritual para aguentar. Sabemos que o Victor Hugo viria com 200 com ele, e ele já veio, está por aí. Eles são todos Espíritos que sabem muito bem o que estão fazendo e não vão ser ingênuos não, sabem bem o que tem que ser feito, graças a Deus.

Agora o sofrimento vai ser tanto, mas vai ser tanto, que não vai dar tempo nem de pensar. É partir para fazer o que estiver ao nosso alcance, não adianta ter ilusão. Vamos dizer assim, Capela, há 35 mil, 40 mil anos, estava na mesma situação que nós, e eles não viam a hora de esse povo sair para eles poderem dar o salto. Não estamos mais ou menos na mesma situação, para falar a verdade, com tanto crime horrível acontecendo. A situação da psicofera do planeta mudou muito, está muito ruim, não adianta ter ilusão de grandes anjos em cima da Terra porque a situação é muito diferente.

Mas eu tenho certeza de que esses Espíritos evoluídos, marcados por Jesus para virem nos ajudar, já estão por aí. É claro que são ainda crianças, mas eles serão responsáveis por grande parte da mudança do planeta. E o Brasil vai representar um grande papel mesmo, para isso precisa crescer mais, amadurecer mais. Como povo, somos ainda muito infantis. Temos a fraternidade no coração, graças a Deus, mas vamos ter que melhorar do ponto de vista de nos tornarmos um pouco mais adultos; estamos ainda muito criança como povo, na compreensão de seus deveres mesmo. Mas chegaremos lá.



O maior aprendizado
com a Dra. Marlene
foi, sem dúvida,
a importância do
Evangelho no lar

Cecília Mattos

Fui simplesmente uma grande amiga e companheira de todas as horas que amparou Dra. Marlene Nobre nas mais diversas atividades e compromissos perante a Doutrina Espírita. Além disso, vesti com elegância a nossa querida Doutora em três momentos cruciais da sua vida: a formatura em Medicina, o grande dia do casamento com Freitas Nobre e, ainda, o seu funeral.

Conheci a Marlene entre 1955 e 1956, antes do seu ingresso na Faculdade de Medicina. E o maior aprendizado que pude ter com ela, ao longo de décadas de convivência, foi sobre a importância do Evangelho no lar. Ela costumava dizer que, fazendo o Evangelho no lar, nós estávamos fechando as portas da nossa casa, e que, portanto, esse era o maior recurso para a proteção espiritual do nosso lar. “Pratique o Evangelho no lar, e assim se instaura a luz na sua casa”, ela dizia.

Certa vez, meu marido, Mattos, comentou com ela que, por vezes, ele tinha a impressão de que nossa casa tinha um andar acima. Ela parou um pouco, pensou, e então explicou: “As casas que praticam o Evangelho no lar podem mesmo ter esse pavimento superior a mais”. Ela explicou que esse pavimento poderia ser usado para ajudar Espíritos que são socorridos. Com essas palavras, podemos ver quantos benefícios o Evangelho no lar pode trazer não só a nós, que teremos melhores inspirações para o nosso dia a dia, para as nossas atitudes, nos fortalecendo, mas também para ajudar a Espiritualidade no socorro a esses Espíritos que se encontram em recuperação.

Outra passagem que me vem à memória são os Evangelhos que fazíamos no Lar do Alvorecer.⁵ Íamos com tia Ida⁶, e enquanto eu participava dos trabalhos de desenvolvimento mediúnico, Marlene conduzia o estudo do Evangelho com as crianças. E depois, as crianças tomavam a sopa. Antes, o alimento para o coração, e depois o alimento para o corpo. Era um trabalho muito gratificante.

Se eu pudesse agradecê-la por algo, eu diria: “Marlene, você não imagina quantos benefícios trouxe para mim e para minha família o hábito do Evangelho no lar!” Eu era uma pessoa que não aguentava dois problemas de uma só vez, e, ao ouvir esse conselho, como eu me fortaleci... Hoje, com 88 anos, mato um leão por dia! Assumi muitos compromissos, graças a esse conselho dela. Por exemplo, a Campanha Auta de Souza⁷, que meu marido assumiu e depois também os meus filhos começaram a ir, tanto que um deles ficou cerca de 40 anos. São muitas lembranças boas e saudáveis. Essa orientação trouxe equilíbrio

para a família toda!

Para encerrar, gostaria de fazer minhas as palavras dela. Vamos estudar o Evangelho dentro dos nossos lares! Eu pediria para que as famílias, para que todos nós que estamos atravessando este momento de provações tão grandes, façamos o Evangelho no lar. Agora temos essa oportunidade de estarmos mais juntos. Pratiquemos o Evangelho agora, porque de toda situação ruim podemos tirar coisas boas.

A mensagem, portanto, é uma só: vamos praticar o Evangelho no lar!

[5 Instituição de caridade fundada pelos pais da Dra. Marlene Nobre Rossi Severino, na cidade de Diadema, Grande São Paulo.](#)

[6 Ida Rossi Severino, mãe da Dra. Marlene Nobre.](#)

[7 Campanha de rua na qual os voluntários trabalham para levar a palavra de Jesus aos lares e também arrecadar donativos para famílias carentes.](#)



Educação moral
desde o
nascimento



A responsabilidade para com a encarnação é muito grande, por isso no capítulo analisado temos uma reflexão fundamental a ser feita sobre o que temos ofertado às nossas crianças. Em O livro dos Espíritos, Kardec nos orienta na questão 383:

Qual, para este, a utilidade de passar pelo estado de infância?

Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.

Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo VIII, Bem-aventurados os que têm o coração puro”, de O Evangelho segundo o Espiritismo

Bem-aventurados os que têm puro o coração, porquanto verão a Deus (Mateus, 5:8).

Apresentaram-lhe então algumas crianças, a fim de que ele as tocasse, e, como seus discípulos afastassem com palavras ásperas os que lhas apresentavam, Jesus, vendo isso, zangou-se e lhes disse: “Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porquanto o reino dos céus é para os que se lhes assemelham. – Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará.” – E, depois de as abraçar, abençoou-as, impondo-lhes as mãos (Marcos, 10:13-16).

A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade. Exclui toda ideia de egoísmo e de orgulho. Por isso é que Jesus toma a infância como emblema dessa pureza, do mesmo modo que a tomou como o da humildade.

Poderia parecer menos justa essa comparação, considerando-se que o Espírito da

criança pode ser muito antigo e que traz, renascendo para a vida corporal, as imperfeições de que se não tenha despojado em suas precedentes existências. Só um Espírito que houvesse chegado à perfeição nos poderia oferecer o tipo da verdadeira pureza. É exata a comparação, porém, do ponto de vista da vida presente, porquanto a criancinha, não havendo podido ainda manifestar nenhuma tendência perversa, nos apresenta a imagem da inocência e da candura. Daí o não dizer Jesus, de modo absoluto, que o reino dos Céus é para elas, mas para os que se lhes assemelhem.

Meus amigos, as palavras de Allan Kardec são, como sempre, de grande bom senso, nós, que acreditamos na reencarnação, poderíamos até perguntar como essa criança que ele tomou como exemplo e apontou como sendo o modelo ideal, como essa criança que já atravessou inúmeras reencarnações e que ainda não alcançou a sua posição máxima de evolução, como poderia tomar como exemplo? E aí entra Kardec com a interpretação correta: Jesus não disse que o Reino dos Céus é para as criancinhas. Ele disse que o Reino dos Céus é para os que se assemelham às criancinhas. A sua comparação, como diz Kardec, é feita com base na vida presente, na vida terrena, em que a pureza, a inocência está presente nessa primeira fase da vida humana, por isso é que Ele diz que o Reino dos Céus é para os que se lhe assemelham.

A criança, evidentemente, já viveu, ou melhor, o Espírito da criança, mas ela não se mostra, desde o nascimento, tal como é, com suas imperfeições. Então tudo isso é a sabedoria divina que nos dá uma oportunidade inicial, na infância, de termos um terreno fértil, que pode ser semeado e que mantemos uma relativa pureza para receber as novas sementes daquela encarnação.

É por isso que a educação tem um tão grande papel dentro da sociedade, a tal ponto que os países que deram um choque de educação, terminando com a ignorância e com o atraso intelectual, e mesmo com os problemas da ignorância no país, deram um salto enorme evolutivo. Isso é comprovado em todos os continentes. Sabemos que países europeus que eram atrasados e ainda tinham uma vida de bastante ignorância conseguiram fazer uma mudança enorme a partir do momento em que instituíram a educação generalizada e gratuita, fazendo com que as crianças atingissem um nível educacional compatível com as esferas mais adiantadas, educativamente falando. E isso está acontecendo nos países asiáticos e em tantos outros que também seguiram pelo mesmo caminho,

estão seguindo, e conseguiram então dar muitos passos na sua evolução como país. As cidades têm demonstrado que é o caminho verdadeiramente certo. Por quê?

Mais uma vez se comprova a grandiosidade da Obra Divina, porque a criança, como eu disse, está apta a receber as sementes. Ela ainda conserva, nas primeiras fases da vida humana, o terreno ávido para receber as informações outras para poder evoluir. Isso comprova que Jesus tomou o exemplo certo, o modelo certo. Quer dizer, a criança está apta a receber as nossas sementes porque ela tem um terreno fértil para receber novas sementes e poder dar um salto qualitativo e quantitativo na sua própria evolução.

É preciso semear a moral do Cristo

Também por informações de André Luiz em sua coleção, especialmente em *Evolução em dois mundos* e *Mecanismos da mediunidade*, aprendemos que, muitas vezes, o Espírito renasce num ambiente hostil, e ele então traz as sementes negativas do seu passado e não consegue, de nenhum modo, qualquer informação nova para colocar nesse terreno sáfaro, difícil. Assim, logo no início da puberdade, começa a colocar para fora tudo aquilo que traz do seu passado, porque existe a genialidade para o bem e a genialidade para o mal.

A criança fica esperando, como Espírito, que o país no qual ela renasceu lhe forneça novos incentivos, novos ideais e que ela possa desenvolver-se para modificar essas incrustações que ela traz do passado – e muitas dessas incrustações para o mal. Não tendo novas informações, se seu terreno não foi preparado ao nascer, mas, sim, desprezado e colocado de lado porque não houve uma educação como seria desejável, ela volta quase que imediatamente no início da puberdade, como eu disse, às realizações negativas com as quais se acostumou.

Essas sementes passam a ser desenvolvidas de uma maneira precoce. Hoje vemos crianças de 10, 11, 12 anos realizando assaltos, voltando-se para as drogas e sendo utilizadas pelos traficantes. Isso porque há um “desprezo”, por assim dizer, por parte de nossas autoridades, que relegam ao segundo plano esse

choque de educação que todos estamos esperando, como, por exemplo, no nosso país. A criança fica aguardando isso, mas quando não recebe, o que vem à tona são os erros que ela cometeu nas vidas passadas e que não conseguiu reformar esses conceitos negativos.

Vemos também que muitas vezes ela é criada na rua. Algumas crianças de rua, ao contrário do que pensamos, têm família formada e que gostaria de dar a elas uma cobertura de amor, uma casa onde ela tivesse o seu desenvolvimento normal, mas são exceções que precisariam ser analisadas caso a caso. Outras não têm mesmo essa opção porque pertencem às famílias fragmentadas, fraturadas, famílias esgarçadas porque os pais, muitas vezes, são drogados. Outras vezes o que ocorre também é o problema de separações e de miséria moral que a criança é obrigada a enfrentar. Sabemos dos desastres que são esses lares esgarçados e que levam as crianças para as ruas, muitas vezes muito cedo.

Diversas vezes, encontramos crianças nos faróis incentivadas pelos adultos, que desejam aproveitar-se das esmolas que elas recebem. Eu e meu marido comentávamos exatamente isso, que a omissão do Estado, a falta de empenho de todos os setores do Estado, no sentido da educação, levaria problemas muito sérios no Brasil dentro de 10 anos ou até menos. O que sabemos hoje é que infelizmente o nosso país, em estatística, está algo tenebroso porque temos esses recordes terríveis de um país em que há o maior número de jovens, sobretudo do sexo masculino, sendo eliminados sumariamente, assassinados, exatamente porque estão no mundo do crime. Tanto da polícia quanto da comunidade infratora, tudo isso leva a assassinatos em massa em nosso país, mostrando com essa triste estatística o quanto estamos afastados daquilo que Jesus Cristo espera de nossa nação, que é o maior empenho na parte educacional para, sobretudo, dar suporte a essas crianças em matéria de educação, de amparo, principalmente para aquelas vindas de um lar fragmentado, esgarçado, para que com o suporte da nação possam vencer os caminhos da tentação.

Podemos repetir o modelo que Jesus cita, o exemplo que ele dá da criancinha, é a criancinha desta encarnação. Ele não está se referindo ao Espírito imortal que teve várias encarnações, mas que está preparado, na sua inocência, para receber a semente desta encarnação. Por isso mantém na sua estrutura psíquica a questão da inocência, dessa coisa tão bonita que a criança tem de acreditar e essa infância lúdica que nos leva aos jogos, aos brinquedos, aos sonhos. E isso, infelizmente, está sendo ceifado por não termos, principalmente em nosso país, uma política voltada à educação em larga escala.

É claro que só a educação não melhora as pessoas. Segundo Allan Kardec, a educação moral é importante, ao lado da educação intelectual, da instrução propriamente dita. Diz um trecho de Allan Kardec:

A partir do nascimento, suas ideias tomam gradualmente impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem, pelo que se pode dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, por se acharem ainda adormecidas as ideias que lhe formam o fundo do caráter.

Sabemos o quanto isso é verdade. Não há um de nós que não tenha sido tocado por uma professora ou por um grupo escolar, antigamente era esse o nome. Que tenha nos fornecido, ao lado da instrução, o carinho e o amor. E como isso toca profundamente e para toda a nossa existência: a figura do professor, o ambiente da escola, como é difícil esquecer lá do nosso passado quando saímos dessa imperfeição existente. “Durante o tempo em que seus instintos se conservam amodorrados, ele é mais maleável e, por isso mesmo, mais acessível às impressões capazes de lhe modificarem a natureza e de fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa que incumbe aos pais.”

A omissão dos pais

Uma das questões que vemos que é bastante grave é a mãe quando é obrigada a cuidar dos seus filhos sozinha, a ganhar o pão de cada dia e a deixá-los em casa muitas vezes soltos, sem nenhuma ajuda. Essas crianças crescem sem ter o respeito que deveriam ter às mães porque também não cursaram direito as escolas e não tiveram uma formação adequada.

A figura paterna, em geral, é omissa em relação a seus filhos. Podemos dizer que há uma relação de relativa melhora ultimamente. Estamos com a creche desde 1977 e o que temos observado ao longo do histórico da creche é que nunca podemos fazer um Dia dos Pais na creche. Por quê? Porque a maioria das

famílias era de mães abandonadas e de crianças sem pais, ou de crianças que sabiam que seus pais estavam presos, encarcerados, ou de outros que viram o próprio pai ser assassinado na sua frente.

As histórias que temos são de muita tristeza. É o que observamos no dia a dia da creche. Hoje a situação está um pouco melhor porque houve uma certa melhora, uma certa mudança na própria socialização da região do ABCD. Houve uma transformação, mas, mesmo assim, com problemas psicológicos muito graves das nossas crianças que presenciaram determinadas cenas que seriam impensáveis nas nossas famílias e que elas tiveram que atravessar desde muito cedo. “O Espírito, pois, enverga temporariamente a túnica da inocência e, assim, Jesus está com a verdade, quando, sem embargo da anterioridade da alma, toma a criança por símbolo da pureza e da simplicidade.”

A pureza do coração, uma atitude a ser desenvolvida

Aproveitando essa parte inicial e que Allan Kardec ressalta, sobretudo, o sentido verdadeiro que Jesus dá ao “Bem-aventurado os puros de coração porque a eles pertence o Reino dos Céus”, vou ler uma palestra do apóstolo João Evangelista falando a respeito da pureza do coração da criança e o que deveríamos tirar como ensinamento:

Disse o Cristo: “Deixai que venham a mim as criancinhas”. Profundas em sua simplicidade, essas palavras não continham um simples chamamento dirigido às crianças, mas, também, o das almas que gravitam nas regiões inferiores, onde o infortúnio desconhece a esperança.

Aqui é a conotação que João Evangelista faz entre aqueles que estão desprotegidos, ou que precisam de mudanças, ou que estão numa fase de fragilidade esperando ajuda. É o caso das almas que estão nas regiões inferiores e que precisam de ajuda. E por que ele nos chama a atenção? Porque

normalmente somos levados a considerar aqueles que responderam para nós nos mesmos termos em que os tratamos. Mas há sempre uma preocupação do mundo espiritual para com aqueles que são débeis, que são fracos, que precisam de ajuda. Então temos a interpretação do apóstolo das palavras do Cristo dizendo: “Não as impeçais”, quer dizer, não devemos cerrar as portas para aqueles que estão em uma situação de inocência até em relação aos seus compromissos espirituais.

Jesus chamava a si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravizados e os viciosos. Ele nada podia ensinar à infância física, presa à matéria, submetida ao jugo do instinto, ainda não incluída na categoria superior da razão e da vontade que se exercem em torno dela e por ela.

Aqui João continua chamando nossa atenção. Para quem? Para os fracos, para os escravizados, os viciados. Se o Espiritismo é o consolador prometido por Jesus – e tem demonstrado que o é –, não podemos nos esquecer daqueles que estão mais necessitados do que nós e os quais podemos levar uma palavra de conforto, uma ajuda intelectual, moral, material. Há sempre essa conotação de consolação para a atitude do espírita.

O cuidado para com os pequeninos

Queria que os homens a ele fossem com a confiança daqueles entezinhos de passos vacilantes, cujo chamamento conquistava, para o seu, o coração das mulheres, que são todas mães. Submetia assim as almas à sua terna e misteriosa autoridade. Ele foi o facho que ilumina as trevas, a claridade matinal que toca a despertar; foi o iniciador do Espiritismo, que a seu turno atrairá para ele, não as criancinhas, mas os homens de boa vontade. Está empenhada a ação viril; já não se trata de crer instintivamente, nem de obedecer maquinalmente; é preciso que o homem siga a lei inteligente que se lhe revela na sua universalidade.

Aqui há uma ênfase particular, como eu disse, à tarefa do Espiritismo e para nós, espíritas. Que não podemos ficar girando a nossa cabeça em torno de nós mesmos. Temos que expandir a nossa visão do que seja o outro e o que devemos fazer para melhorar a vida, sobretudo dos débeis, dos fracos, dos que estão incapacitados, dos que têm problemas. É esta a nossa verdadeira vocação, ou deveria ser, segundo o Evangelista João.

Quanto a essa questão da confiança da criança no adulto, do que ela espera, da ansiedade dela de se ver amparada, protegida, eu me lembro de uma entrevista que o Chico deu falando da sua infância, dizendo que começou a perceber que a sua madrinha (vocês sabem que a madrinha foi o obsessor dele encarnado) era diferente da sua mãe e do pessoal de casa porque ele tentava segurar na mão dela quando estava andando e ela estava como uma estátua em relação a ele, como quisesse se livrar dele. Ele como criança percebia que não conseguia alcançar a mão da madrinha. Isso tem um significado profundo, porque é a falta de contato que temos com a criança e que é percebido por ela, porque ela tem uma forma instintiva de agir em que é profundamente marcante na sua vida.

René Spitz⁸, que foi um dos grandes observadores educacionais de lares infantis, tem uma observação acachapante, em que diz que, nas creches ou nos lares substitutos, quando a criança era alimentada com absoluta indiferença por parte da ama ou por aquela que lhe dava mamadeira, porque ela já não tinha mãe, estava ali no lar abandonada, essa atitude da ama, que era uma atitude de desprezo, de distância, como se fosse um autômato, como se fosse alguém que está ali por absoluta obrigatoriedade, levava muitas dessas crianças a óbito, à morte.

Vejam vocês a importância que é o sentimento e a relação do sentimento na vida da criança e que a marcará para sempre, podendo até levá-la à morte. Isso é a constatação de um grande educador.

A volta aos verdadeiros ensinamentos do Cristo

“Meus bem-amados, são chegados os tempos em que, explicados, os erros se tornarão verdades. Ensinar-vos-emos o sentido exato das parábolas e vos mostraremos a forte correlação que existe entre o que foi e o que é.” Por que ele tem esta frase tão importante aqui nessa comunicação? Porque o Consolador veio, o Espiritismo veio, e veio cumprindo uma promessa de Cristo: “Eu vou, mas não vos deixarei órfãos. Eu vos enviarei o Consolador que vos lembrará tudo quanto eu vos tenho dito e dirá tudo aquilo que eu não pude dizer”.

Aqui estamos vendo que a promessa do Cristo está sendo lembrada por João Evangelista, por João que privou e priva da intimidade do Cristo. E vejam a frase que ele nos dá: “São chegados os tempos em que, explicados os erros, se tornarão verdades. Ensinar-vos-emos o sentido exato das parábolas”.

Por que João precisou dizer isso aqui? Relembrando Cristo: “O Consolador vos lembrará tudo quanto eu vos tenho dito. E dirá muito mais. Aquilo que eu não vos pude ter dito dizer”. Por que tinha que lembrar? Porque o verdadeiro sentido foi esquecido. E mais que isso: precisava lembrar e dar o verdadeiro sentido. Por quê? Porque o sentido foi deturpado. Então ele diz: “Ensinar-vos-emos o sentido exato das parábolas e vos mostraremos a forte correlação que existe entre o que foi e o que é”. Porque, infelizmente, ao longo de 1900 anos, tivemos um quase completo esquecimento das lições do Cristo em seu verdadeiro sentido, naquilo que o Mestre nos deixou, sem subterfúgios, sem dogmas. Então era preciso lembrar tudo isso e dar o verdadeiro significado, o significado que tinha quando o Mestre as proferiu, as palavras e os ensinamentos.

“Digo-vos, em verdade: a manifestação espírita avulta no horizonte, e aqui está o seu enviado, que vai resplandecer como o Sol no cume dos montes”. Essa comunicação de João Evangelista está cheia de significado e, principalmente, a confirmação de que o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus, que viria para dar o verdadeiro sentido do que Ele havia falado e abrir nosso entendimento, nosso coração para entender muito mais aquilo que não tinha condições para falar, e é o que notamos em tudo isso que vemos e nas lições que aprendemos.

Em seguida, tem a comunicação do Espírito Protetor, que deu essa comunicação em Bordeau, em 1863: “Deixai venham a mim as criancinhas, porque tenho o leite que fortalece os fracos. Deixai venham a mim todos os que, tímidos e débeis, necessitam de amparo e consolação”. Vejam a mesma ideia de João

Evangelista. Quer dizer, não apenas o fortalecimento das criancinhas, mas também dos tímidos, dos débeis, daqueles que têm dificuldade no entendimento.

Deixai venham a mim os ignorantes, para que eu os esclareça. Deixai venham a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infortunados: eu lhes ensinarei o grande remédio que suaviza os males da vida e lhes revelarei o segredo da cura de suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo soberano, que possui tão grande virtude, que se aplica a todas as chagas do coração e as cicatriza? É o amor, é a caridade!

Muitas vezes, nos perguntamos como é que como espíritas podemos auxiliar as pessoas, não só com bem-estar material, no qual nos engajamos para ajudar aquele que está passando por dificuldades imediatas, mas como poderíamos ajudar? Acho que essas duas mensagens são extremamente elucidativas. Quanta criança que não consegue evoluir no estudo porque não tem alguém para ajudá-la nas lições, para fazer com que elas se entusiasmem em aprender mais? O grau de repetição no nossa país é muito alto. Às vezes, achamos que precisa de muita coisa para fazer a caridade. No entanto, tomar essas crianças, ajudá-las a compreender melhor é uma grande ajuda. E é tão simples. Às vezes, podemos fazer mais e nos omitimos.

Direis a todos os instantes de vossa vida: “Meu Pai, que a tua vontade se faça e não a minha; se te apraz experimentar-me pela dor e pelas tribulações, bendito sejas, porquanto é para meu bem, eu o sei, que a tua mão sobre mim se abate. Se é do teu agrado, Senhor, ter piedade da tua criatura fraca, dar-lhe ao coração as alegrias sãs, bendito sejas ainda. Mas, faze que o amor divino não lhe fique amodorrado na alma, que incessantemente faça subir aos teus pés o testemunho do seu reconhecimento!

Nesse trecho, vemos exatamente quando a alma se deixa tocar pela necessidade de amar, de compreender, de fazer algo pelo seu semelhante. E como a Doutrina Espírita tem como tema “Fora da caridade não há salvação”, então toda vez que

a nossa alma se sente tocada e acredita que pode fazer algo em relação ao seu próximo, esse algo pode ser muito simples, pode ser nada pomposo, mas é algo em que transferimos carinho para alguém que está precisando em vários sentidos, dos débeis, dos fracos, dos necessitados de toda ordem.

Nosso verdadeiro tesouro

Aqui tem um dos trechos que eu mais amo em O Evangelho segundo o Espiritismo. Quando estou naquela situação difícil, eu abro especialmente nessa frase que me marcou desde muito criança:

Se tendes amor, possuíis tudo o que há de desejável na Terra, possuíis preciosíssima pérola, que nem os acontecimentos, nem as maldades dos que vos odeiem e persigam poderão arrebatá-la. Se tendes amor, tereis colocado o vosso tesouro lá onde os vermes e a ferrugem não o podem atacar e vereis apagar-se da vossa alma tudo o que seja capaz de lhe conspurcar a pureza; sentireis diminuir dia a dia o peso da matéria e, qual pássaro que adeja nos ares e já não se lembra da Terra, subireis continuamente, subireis sempre, até que vossa alma, inebriada, se farte do seu elemento de vida no seio do Senhor.

Parece incrível que esse trecho esteja especialmente junto das criancinhas e sirva, especialmente para mim, nos momentos mais difíceis, para que elevemos o pensamento e saibamos que tudo passa. Nós também vamos passar. As coisas passam, mas o que verdadeiramente fica na nossa vida é o amor. É aquele tesouro que ninguém pode nos tirar e que nada poderá arruinar porque é uma aquisição profundamente nossa, no nosso coração.

[8 Psicanalista austríaco, nascido em 1887 e falecido em 1974, Spitz formou-se em Medicina e se especializou em psicologia infantil.](#)



Diploma
de médico

Gilson Luís Roberto

Imaginemos uma longa viagem a ser feita com incalculáveis caminhos e encruzilhadas a serem defrontadas, além de inúmeros perigos e dificuldades. Sem saber a extensão das surpresas a serem enfrentadas, cada escolha representa delicada e importante decisão para o futuro de sua vida e de sua felicidade. Inseguro perante a extensa caminhada, alguém deposita em suas mãos um precioso mapa ou manual orientando o caminho mais reto e seguro a ser feito. Isso facilitaria muita a vida do viajante. O mapa possibilita um olhar de cima, ampliando a visão e favorecendo as melhores estratégias, servindo como bússola para superar os percalços da jornada. Diríamos que esse mapa é de grande valor, sendo imprescindível para qualquer pessoa.

O Evangelho segundo o Espiritismo representa esse valioso manual ou mapa em nossa jornada encarnatória. As suas lições concedem direcionamento, refletindo no comportamento e nos relacionamentos, auxiliando nas escolhas e no planejamento de nossas vidas. Ele é o mais elevado código de conduta e o mais seguro roteiro para a humanidade alcançar a paz e o progresso espiritual. A sua vivência transformaria o mundo num local de profunda harmonia e extrema prosperidade.

Chico Xavier (1995, p. 32), quando perguntado sobre “Qual a importância do Evangelho de Jesus para a humanidade?”, respondeu: “Creio que a importância do Evangelho de Jesus, em nossa evolução espiritual, é semelhante à importância do Sol na sustentação de nossa vida física”.

Marlene Nobre, que conviveu muito tempo com o Chico, internalizou esse entendimento de forma profunda em seu Espírito. O Evangelho representa o facho de luz deixado por Jesus em favor da humanidade, e o trabalho de Marlene Nobre foi de trazer essa luz para dentro da medicina. A proposta do paradigma médico-espírita resgata a união da ciência com o Evangelho, apontando o caminho de integração entre o cérebro e o coração no exercício da alta missão de curar. Uma cura que busca ultrapassar a superfície do corpo para alcançar as profundezas da alma.

No livro Os mensageiros (Luiz, 1992, p. 14), encontramos interessante diálogo de Narcisa com André Luiz quando este estava passando por um momento de profundas mudanças emocionais ao se desvincular dos sentimentos do mundo que antes preenchiam seu coração. A bondosa enfermeira aconselha:

[...] Em períodos como o que você atravessa, há mais facilidade para nos desenvolvermos com êxito, se soubermos aproveitar as oportunidades. Enquanto o espírito do homem se engolfa apenas em cálculos e raciocínios, o Evangelho de Jesus não lhe parece mais que repositório de ensinamentos comuns; mas, quando se lhe despertam os sentimentos superiores, verifica que as lições do Mestre têm vida própria e revelam expressões desconhecidas da sua inteligência, à medida que se esforça na edificação de si mesmo, como instrumento do Pai. Quando crescemos para o Senhor, seus ensinamentos crescem igualmente aos nossos olhos.

O Evangelho segundo o Espiritismo é um livro divino, e seus tesouros sagrados só podem ser acessados por aqueles que conseguiram superar a cegueira da vaidade e da ignorância. Isso denota a Sabedoria Divina, que só permite que enxerguemos aquilo que a nossa capacidade permite abarcar. Nem mais, nem menos. Essa capacidade não está circunscrita ao aspecto cognitivo, mas, sim, vinculada a uma maturidade de ordem espiritual que independe da cultura do mundo ou mesmo da formação acadêmica. Por essa razão, Emmanuel (1993, p. 321) orienta que “Os Evangelhos são o roteiro das almas, e é com a visão espiritual que devem ser lidos”.

Recordo-me quando na minha adolescência conheci a Doutrina Espírita e, entusiasmado pelos conhecimentos descortinados, passei a ler as obras espíritas com grande ímpeto. Praticamente passava as horas livres lendo. Lia de três a quatro livros por semana. Certa feita, por intermédio de uma mensagem psicofônica, Bezerra de Menezes se dirigiu a mim afirmando: “Meu filho, tens lido muito, mas aproveitado pouco. Procure ler menos e meditar mais nas lições recebidas”. Nesse instante, compreendi que estava apenas adquirindo informações, mas sem trazê-las ao coração para que fossem devidamente assimiladas em meu íntimo e produzissem uma reflexão transformadora em minhas atitudes. Lia apenas para satisfazer ao intelecto. A leitura era algo compulsivo, atendendo ao prazer da mente por novidades e novos conhecimentos, mas sem profundidade. Embora no início, iludido em si mesmo, achasse que estava fazendo uma grande coisa.

Ainda permaneço com dificuldade para colocar a orientação de Bezerra em

prática e percebo que muitos companheiros do ideal espírita se encontram na mesma posição. Quando comecei a participar da Associação Médico-Espírita e conviver com Marlene Nobre, esse entendimento se fez ainda mais premente. Ela não deixava dúvida que precisávamos colocar a ciência médica a serviço do Evangelho, sendo um expoente dos princípios que o norteiam, afirmando a todos os médicos que se aproximavam da tarefa que “o diploma do médico espírita pertence a Jesus”!

Referências

EMMANUEL (Espírito). O Consolador. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 16. ed. Brasília, DF: FEB, 1993.

LUIZ, A. (Espírito). Os mensageiros. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 25. ed. Brasília, DF: FEB, 1992.

XAVIER, F. C. Entender conversando. 8. ed. Araras, SP: Ide Editora, 1995.



Viver a vida
presente em paz
e com paciência



As transformações morais são a base para o entendimento de nossa vida terrena e futura, dessa forma, o que desejamos para o mundo deve ser conquistado com base nos princípios das lições do Evangelho, promovendo assim um verdadeiro progresso moral e intelectual. E como o Espiritismo pode nos ajudar? Encontramos a resposta na questão n. 733 de O livro dos Espíritos:

De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?

Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.

Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo IX, “Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos”, de O Evangelho segundo o Espiritismo

1. Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra (Mateus, 5:5).
2. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus (Mateus, 5:9).
3. Sabeis que foi dito aos antigos: “Não matareis e quem quer que mate merecerá condenação pelo juízo”. Eu, porém, vos digo que quem quer que se puser em cólera contra seu irmão merecerá condenação no juízo; que aquele que disser a

seu irmão: “Raca”, merecerá condenado pelo conselho; e que aquele que lhe disser: “És louco”, merecerá condenado ao fogo do inferno (Mateus, 5:21-22).

4. Por estas máximas, Jesus faz da brandura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência, uma lei. Condena, por conseguinte, a violência, a cólera e até toda expressão descortês de que alguém possa usar para com seus semelhantes. Raca, entre os hebreus, era um termo desdenhoso que significava – homem que não vale nada, e se pronunciava cuspiendo e virando para o lado a cabeça. Vai mesmo mais longe, pois que ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: És louco.

Evidente se torna que aqui, como em todas as circunstâncias, a intenção agrava ou atenua a falta; mas, em que pode uma simples palavra revestir-se de tanta gravidade que mereça tão severa reprovação? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei do amor e da caridade que deve presidir às relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união; é que constitui um golpe desferido na benevolência recíproca e na fraternidade; é que entretém o ódio e a animosidade; é, enfim, que, depois da humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a lei primeira de todo cristão.

É bom recordarmos que num capítulo como esse, que trata sobre os brandos e os pacíficos, é natural que os sentimentos de brandura, de moderação, de mansuetude, de afabilidade e de paciência sejam comentados dentro desse conjunto de ideias que Jesus nos deixou com bastante clareza.

Todas as vezes que ouvirmos o Sermão do Monte, ou estudarmos o sermão que Jesus fez no alto do monte, e Ele falar “Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra” e “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”, é bom recordarmos que essas lições estão diretamente ligadas a esses sentimentos que citados aqui: brandura, mansuetude, moderação, afabilidade e paciência.

E por que devemos nos ater a esses sentimentos? Porque Cristo mostra as verdadeiras chispas de luz que saíram do seu intelecto privilegiado e do seu coração para nos ensinar a moral, a conduta, o que deveríamos fazer como seres filhos de Deus. Ele atrelou aos bem-aventurados, os brandos e pacíficos, essas

ideias fundamentais, que são sentimentos por excelência. Daí a razão de Kardec ter agrupado essas ideias nesse capítulo.

Vocês veem que os comentários dos Espíritos giram em torno dessas ideias que fazem parte desse feixe de luz que é o Sermão da Montanha? Segue comentando Kardec:

Mas o que queria Jesus dizer por estas palavras: “Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra”, tendo recomendado aos homens que renunciassem aos bens deste mundo e havendo-lhes prometido os do Céu?

Enquanto aguarda os bens do Céu, tem o homem necessidade dos da Terra para viver.

Assim se exprime Allan Kardec para nos explicar por que bem-aventurados os brandos, visto que possuiriam a Terra, ou possuirão a Terra.

Se o Cristianismo e o Espiritismo pregam o desapego aos bens terrenos, por que Jesus teria dito isso? Sabemos que um dos sentidos, sem dúvida, é este: você precisa viver na Terra, você vai possuir os bens da Terra, mas o que você vai fazer com esses bens? E a outra questão agora, que estamos no último segundo da prorrogação (nem mais é segundo tempo, já é prorrogação, porque ganhamos 20 anos a mais), é: quem não está desejando possuir a Terra? Quem dera se pudéssemos ficar aqui num mundo modificado. Então, provavelmente, o sentido também seja esse.

Aí prossegue Kardec: “O que Ele lhe recomenda é que não ligue a estes últimos mais importância do que aos primeiros”. E Kardec faz uma ressalva:

Os bens da Terra são açambarcados pelos violentos, em prejuízo dos que são brandos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo. Promete que justiça lhes será feita, assim na Terra como no Céu, porque serão chamados filhos de Deus. Quando a Humanidade se submeter à lei de amor e de caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o

pacífico já não serão explorados, nem esmagados pelo forte e pelo violento.

Quer dizer, aquele que tem mais vai favorecer o que tem menos, vai saber empregar corretamente os bens que recebe, porque vai poder repartir e vai saber repartir. E prossegue Kardec: “Tal a condição da Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, se houver tornado mundo ditoso, por efeito do afastamento dos maus”.

Somente vamos compreender a extensão do que Jesus quis dizer com o Sermão do Monte quando a Terra fizer essa passagem de um mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração, porque então os princípios do Cristo serão vividos por nós. Assim saberemos, em toda sua extensão, qual é a felicidade por usufruirmos desse clima de vivência cristã. Só então iremos saber retirar do mundo e estar conosco dentro de uma vivência realmente cristã.

Ser dócil e afável, eis o caminho

Em seguida, temos uma comunicação de Lázaro, “A afabilidade e a doçura”, muito importante para o nosso dia a dia. Eu recomendo que haja uma leitura, uma meditação, não apenas do culto do Evangelho no Lar, mas também quando abrimos todos os dias o Evangelho para estudar e para fazer a nossa oração, antes de sairmos da nossa residência e de iniciarmos as nossas tarefas.

Veja esse trecho da mensagem de Lázaro:

O mundo está cheio dessas criaturas que têm nos lábios o sorriso e no coração o veneno; que são brandas, desde que nada as agaste, mas que mordem à menor contrariedade; cuja língua, de ouro quando falam pela frente, se muda em dardo peçonhento, quando estão por detrás.

Então, a afabilidade e a doçura não devem ser estados de alma apenas superficiais, para que aparentemos uma coisa que não somos. O nosso treinamento como Espíritos imortais é que tenhamos a mesma reação quando estamos diante do nosso semelhante, do ser humano, ou perante a nossa consciência, sozinhos e solitários. Devemos ser a mesma pessoa e ter sinceridade na maneira de agir.

Lázaro segue nos esclarecendo nesta mensagem de O Evangelho segundo o Espiritismo:

A essa classe também pertencem esses homens, de exterior benigno, que, tiranos domésticos, fazem que suas famílias e seus subordinados lhes sofram o peso do orgulho e do despotismo, como a quererem desferrar-se do constrangimento que, fora de casa, se impõem a si mesmos.

Muitas vezes, pessoas vieram me pedir conselho porque o pai, por exemplo, era presidente de um centro espírita, mas era impossível conviver com ele, porque no centro espírita era muito afago e delicado, mas dentro de casa era um déspota.

Essa mensagem tem um valor extraordinário porque relata uma realidade que encontramos de fato. Não há uma solução de continuidade. Na nossa residência, somos uma pessoa, fora dela somos outra. Como diz Lázaro, temos um exterior benigno, mas intimamente somos déspotas ou tiranos domésticos. Ele finaliza:

Não basta que dos lábios manem leite e mel. Se o coração de modo algum lhes está associado, só há hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são tingidas nunca se desmente: é o mesmo, tanto em sociedade, como na intimidade. Esse, ao demais, sabe que se, pelas aparências, se consegue enganar os homens, a Deus ninguém engana.

O Espiritismo nos dá a noção de que somos vistos, observados, não apenas pelo nosso anjo protetor, nosso anjo da guarda, mas também pelos próprios

obsessores, que estão sempre de olho na nossa conduta. Assim, muitas vezes, para tratar de uma obsessão, julgamos que a ajuda tem que ser externa, quando, na verdade, tudo que vem para nossa necessidade de aprendizado é para sair de dentro para fora. Essa que é a verdade!

Há uma outra bela mensagem chamada “A paciência”, uma das grandes comunicações que O Evangelho segundo o Espiritismo tem, que foi dada por um Espírito Amigo, no Havre, em 1862: “A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; não vos aflijais, pois, quando sofrerdes; antes, bendizeis de Deus onipotente que, pela dor, neste mundo, vos marcou para a glória no céu”.

Essa ideia de dor que o Espiritismo traz de uma forma bem clara para todos não é vista assim pela imensa maioria dos irmãos nossos aqui na Terra, visto que, ao primeiro sinal de sofrimento, queremos sair da situação em que nos encontramos. É claro, temos que administrar – e bem – nosso sentimento e nossa dor. Se é dor física, temos que partir para resolvê-la, para ficar sem dor, para isso a medicina avançou, para isso Deus deu inteligência ao homem a fim de que a dor fosse conjurada. Mas também muitas situações dolorosas são buscadas por nós mesmos no dia a dia, por termos plantado algo que não é da lei, que não obedece à Lei Divina.

A importância da paciência

Veja esta mensagem de um Espírito Amigo:

Sede pacientes. A paciência também é uma caridade e deveis praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas. Outra há, porém, muito mais penosa e, conseqüentemente, muito mais meritória: a de perdoarmos aos que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos do nosso sofrer e para nos porem à prova a paciência.

Esta é uma questão muito importante na nossa vida, quer dizer, considerarmos a paciência como caridade, e uma das expressões mais belas da caridade. Por quê? Sempre dizemos que a caridade é o amor em movimento, e o amor engloba a paciência que devemos ter para conosco e para com o nosso corpo.

Uma prova disso é o nosso envelhecimento. Precisamos ter paciência com nosso próprio corpo porque já não podemos fazer as coisas com a mesma desenvoltura, temos limitações em todos os sentidos. E termos paciência com nosso próprio corpo significa que estamos desenvolvendo a caridade para conosco, para a nossa vida corpórea, estamos desenvolvendo esse sentimento sublime, esse entendimento do que estamos passando aqui na Terra.

Voltamos à mensagem:

A vida é difícil, bem o sei. Compõe-se de mil nadas, que são outras tantas picadas de alfinetes, mas que acabam por ferir. Se, porém, atentarmos nos deveres que nos são impostos, nas consolações e compensações que, por outro lado, recebemos, haveremos de reconhecer que são as bênçãos muito mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado, quando se olha para o alto, do que quando se curva para a terra a frente. Coragem, amigos! Tendes no Cristo o vosso modelo. Mais sofreu Ele do que qualquer de vós e nada tinha de que se penitenciar, ao passo que vós tendes de expiar o vosso passado e de vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes, sede cristãos. Essa palavra resume tudo.

O exemplo de Anália Franco

Eu me lembro da descrição de Hilário Silva de uma passagem de uma querida benfeitora nossa, aqui desta casa de amor, dona Anália Franco. Ela deslocou-se da sociedade para ficar à cabeceira de uma amiga que estava muito doente. Ela se desdobrou, fazia os serões noturnos, e a senhora era alguém completamente “lelé”, lelé no sentido que era a fúria personificada. Então ela ficou na cabeceira dessa amiga, fazia chazinho, levava o chazinho. E a senhora respondia: “leva

esse chá para lá, não me interessa”. Anália perguntava: “Você não quer que eu faça uma leiturrinha do Evangelho de Jesus”. E a senhora: “Não, pode levar teu chá, teu Evangelho”. E a Dona Anália ficava: “sim, meu bem, tudo bem”, fechava o Evangelho, levava o chá para trás. E assim ia, o dia inteiro era chá para cá, Evangelho fechado, chá para a cozinha, enfim um horror. Depois de passados alguns dias em que a Dona Anália ficava no vai e volta com o chá e com o Evangelho e sem conseguir ler nada nem fazer uma prece, a doente disse para ela: “Anália, se é esse Evangelho aqui que faz você me suportar, então leia”.

Essa descrição do Hilário Silva é ótima. Quer dizer, a uma certa altura do campeonato, ela já sabia que tinha excedido todas as regras da cortesia e do bom relacionamento. Mas veja bem: a paciência, realmente, é o teste definitivo do cristão. É pela paciência que vencemos ou somos vencidos. Então, vamos nos lembrar de todas essas coisas que dissemos: afabilidade, doçura, paciência e brandura, isto é, o fato de sermos pacíficos está contido nesse ponto do Sermão do Monte que Jesus nos trouxe.

Obediência e resignação

“A doutrina de Jesus ensina, em todos os seus pontos, a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, se bem os homens erradamente as confundam com a negação do sentimento e da vontade.” Essa outra comunicação é de Lázaro, em 1863, em que ele vai fundo na questão. Por quê? Não é assim que ocorre na prática: as pessoas nos consideram mole e sem tutano quando somos obedientes, resignados, um tontão, ou uma tonta, e assim por diante?

Quer dizer, o nosso julgamento das pessoas que obedecem e são resignadas é exatamente esse que ele começa aqui: “a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, se bem os homens erradamente as confundam com a negação do sentimento e da vontade”. E como isso é verdade! Na escola já começa assim, quando temos uma aluna obediente, uma aluna resignada e tal, é gozação e gozação, porque não sabemos entender essa situação em que o ser humano se resigna e obedece. “A obediência é o

consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração.”

Vamos parar um pouco para pensar sobre isto: quando estamos atravessando uma prova difícil, eu acho que esse é o maior teste que temos para saber do grau de responsabilidade que assumimos perante Deus. Por quê? Porque se a nossa tendência é de obediência perante uma dificuldade, um obstáculo que se opõe à nossa vida, ao hábito da vida comum, que impede o prosseguimento da nossa experiência na Terra, a primeira coisa que devemos analisar é: como estou reagindo diante daquela dificuldade – e uma dificuldade que, às vezes, aparece muito de repente, sem avisar? Como é que estou reagindo diante dela?

Se eu estou obediente a uma Lei Superior, à Lei Suprema do Pai, o que vai acontecer comigo? Vou fazer o estacado? Vou raciocinar por que isso está acontecendo? O que está trazendo de bom? Ou qual é o alerta que está fazendo para eu mudar? Tudo isso faz parte da obediência, porque se eu começar a gritar que é injusto, que Deus está me punindo, me castigando, automaticamente cerro todas as portas da intuição e do meu relacionamento com Ele. E não tenho por onde saber nada, porque desobedeci. E se me resigno perante o sofrimento significa que o meu coração aceitou.

Se há dificuldade de obediência perante qualquer problema que, muitas vezes, de um momento para outro, de uma forma tempestuosa, aparece na minha frente, aí eu sou testado e é aí que Deus deseja saber de mim como é que estou na parte da obediência às suas Leis. Mais que isso: da resignação que tenho em relação ao que me aconteceu porque o meu coração aceitou.

Vejam como é delicada essa questão e como é importante: de repente, perdemos alguém de extrema importância em nossa vida; de repente perdemos tudo do ponto de vista material, não restou nada; de repente a casa caiu porque o meu organismo está com uma doença difícil de se atravessar. Precisamos saber como é que vamos ultrapassar essa dificuldade, mantendo o nosso compromisso com Deus, como filhos Dele.

Essa lição, “Obediência e resignação”, mostra que chegou a hora de demonstrar a minha fé, o meu grau de relacionamento com Deus, o meu agradecimento a Ele, a questão do louvor, da adoração que devemos ter ao Ser Supremo, uma adoração construtiva, ativa, cheia de fé. Segue a lição:

Cada época é marcada, assim, com o cunho da virtude ou do vício que a tem de salvar ou perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo, apenas, atividade, porque o gênio se eleva de repente e descobre, por si só, horizontes que a multidão somente mais tarde verá, enquanto que a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um fim menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetei-vos à impulsão que vimos dar aos vossos espíritos; obedecerei à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Ai do Espírito preguiçoso, ai daquele que cerra o seu entendimento! Ai dele! [...] Toda resistência orgulhosa terá de, cedo ou tarde, ser vencida. Bem-aventurados, no entanto, os que são brandos, pois prestarão dócil ouvido aos ensinamentos.

Existe uma expressão muito comum que ouvimos das pessoas quando, por exemplo, aparece um câncer em uma criança ou num adolescente: “eu não entendo por que Deus tem que se vingar numa criança, ou tem que se vingar num jovem, e tem que castigá-lo e puni-lo”. O Espiritismo não utiliza essa palavra. Não existe “castigar” e “punir” na Lei de Deus.

Então, na hora de raciocinar, se eu for obedecer e me resignar, não é esse o raciocínio, o de julgar que estou pagando, e a ideia de pagar para as pessoas é uma ideia de punição, quando, na verdade, Deus tem leis, e essas leis têm que ser obedecidas. Ele não castiga, apenas aplica a Lei. E é isto que temos que desenvolver em qualquer raciocínio nosso, em qualquer instância da nossa vida: é da Lei.

A brandura e a paz como efeitos na saúde humana

Finalmente, uma mensagem belíssima sobre a cólera trazida por um Espírito Protetor. É uma lição extraordinária desse livro, por isso não poderia falar nesse conjunto de ideias sobre a brandura e a pureza de coração sem citá-la. Veja:

O orgulho vos induz a julgar-vos mais do que sois; a não suportardes uma comparação que vos possa rebaixar; a vos considerardes, ao contrário, tão acima dos vossos irmãos, quer em Espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e aborrece. Que sucede então? – Entregai-vos à cólera. Pesquisai a origem desses acessos de demência passageira que vos assemelham ao bruto, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; pesquisai e, quase sempre, deparareis com o orgulho ferido. Que é o que vos faz repelir, coléricos, os mais ponderados conselhos, senão o orgulho ferido por uma contradição? Até mesmo as impaciências, que se originam de contrariedades muitas vezes pueris, decorrem da importância que cada um liga à sua personalidade, diante da qual entende que todos se devem dobrar.

Aqui é perfeita a análise desse Espírito. Quer dizer, a cólera resulta da importância que damos à nossa personalidade, que não pode ser contrariada, tem que ser obedecida e estar em primeiro lugar. Ele continua:

Em seu frenesi, o homem colérico a tudo se atira: à natureza bruta, aos objetos inanimados, quebrando-os porque lhe não obedecem. Ah! se nesses momentos pudesse ele observar-se a sangue-frio, ou teria medo de si próprio, ou bem ridículo se acharia! Imagine ele por aí que impressão produzirá nos outros. Quando não fosse pelo respeito que deve a si mesmo, cumpriria-lhe esforçar-se por vencer um pendor que o torna objeto de piedade. Se ponderasse que a cólera a nada remedeia, que lhe altera a saúde e compromete até a vida, reconheceria ser ele próprio a sua primeira vítima. Mas, outra consideração, sobretudo, deverá contê-lo, a de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não lhe será motivo de remorso fazer que sofram os entes a quem mais ama? E que pesar mortal se, num acesso de fúria, praticasse um ato que houvesse de deplorar toda a sua vida!

E não é o que acontece? Sob o efeito da cólera, muitas vezes, a criatura mata, tira a vida de outra, se deixa levar por atos impensados, enfim, destrói a sua vida e de seus familiares.

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede se faça muito bem e pode levar à prática de muito mal. Isto deve bastar para induzir o homem a esforçar-se pela dominar. O espírita, ademais, é concitado a isso por outro motivo: o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristãs.

Na sequência, uma lição de Hahnemann, o pai da Homeopatia:

Segundo a ideia falsíssima de que lhe não é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de empregar esforços para se corrigir dos defeitos em que de boa vontade se compraz, ou que exigiriam muita perseverança para serem extirpados. É assim, por exemplo, que o indivíduo, propenso a encolerizar-se, quase sempre se desculpa com o seu temperamento. Em vez de se confessar culpado, lança a culpa ao seu organismo, acusando a Deus, dessa forma, de suas próprias faltas. É ainda uma consequência do orgulho que se encontra de permeio a todas as suas imperfeições.

E termina:

O corpo não dá cólera àquele que não a tem, do mesmo modo que não dá os outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito nisso não pode atuar; mas, pode modificar o que é do Espírito, quando o quer com vontade firme. Não vos mostra a experiência, a vós espíritas, até onde é capaz de ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que se operam sob as vossas vistas? Compenetrai-vos, pois, de que o homem não se conserva vicioso, senão porque quer permanecer vicioso; de que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, não existiria para o homem a lei do progresso.

E Hahnemann termina assim essa belíssima comunicação. Ele sabia, como

médico, que o homem acusava o seu temperamento colérico, acusava o corpo, o seu organismo, por ser colérico, como se fosse uma fatalidade e como se o Espírito não fosse responsável pelas suas ações.

Aqui, mais uma vez, é a contribuição que o Espiritismo dá à medicina ao conceito de saúde. Quer dizer, é o Espírito que comanda o corpo, e não o contrário. Se somos coléricos, vamos parar com essa mania de dizer que o temperamento é assim. E quem conduz o temperamento senão o Espírito? Seria uma aberração se fosse o contrário.

Essa lição está no Livro da esperança, chamada “Pacificação”, e se deu em maio de 1962, quando da visita do meu marido a Uberaba, à Comunhão Espírita Cristã. E tem uma história muito interessante porque esse tema, “Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos”, caiu nessa noite, que era o estudo de O Evangelho segundo o Espiritismo. Depois Chico explicou que Emmanuel escreveu essa página em homenagem ao meu marido. Foi muito interessante, para dizer que estávamos em 1962, que o Brasil cairia, estava para a esquerda, cairia para a direita e quando ele fosse para o meio, para o centro, o Freitas teria um papel muito importante para que não houvesse violência e pudéssemos fazer essa transição sem guerra e sem dificuldade. Ele seria chamado pela Espiritualidade para manter o equilíbrio no país.



A importância de
falar sobre o
Evangelho

Roberto Lúcio Vieira de Souza

As minhas ligações com os textos bíblicos e, em especial, com o Novo Testamento sempre foram muito intensas nesta encarnação. Sonhava em ser sacerdote e, ainda muito novo, fui coroinha na Igreja Católica que frequentava.

Os meus primeiros estudos na Doutrina Espírita foram realizados na União Espírita Mineira e no Grupo Emmanuel, de Belo Horizonte, instituições que sempre enfocaram, e de forma intensa, os estudos de Emmanuel sobre o tema. Por isso, quando me envolvi com o movimento médico-espírita, esses temas faziam parte do meu cotidiano. No entanto, adentrava a um campo diferente, o dos estudiosos da área da saúde, muitos deles pouco afeitos aos temas evangélicos.

No entanto, quando passei a conviver com a Dra. Marlene Nobre, percebi que os ensinamentos de Jesus sempre se apresentavam em conjunto, de uma forma equilibrada, o que os fazia serem mais aceitos pelo grupo ouvinte. Quando iniciamos as viagens para fora do país, ela nos orientou que teríamos que ter um cuidado maior com o que apresentar lá fora, para as pessoas que iriam nos assistir. Em especial, na Europa, ela dizia:

“Lá, as pessoas têm muita rejeição aos ensinamentos evangélicos e à figura de Jesus. Pelos inúmeros problemas que o catolicismo e a igreja reformada criaram, causando situações trágicas para a Europa, eles associaram tudo que aconteceu à pessoa de Jesus e aos seus ensinamentos. Por isso, a linguagem tem que ser mais científica, para eles aceitarem, tem que trazer artigos científicos que falem de espiritualidade e saúde, mas os amigos espirituais nos orientam que não podemos deixar de falar do Evangelho, das repercussões morais. Assim, depois que construir o campo de aceitação, a gente deve trazer a mensagem evangélica que, certamente, vai ser mais bem assimilada.”

Como ela tinha um bom senso e era o nosso canal encarnado das orientações dos que dirigiam as AMEs, em especial, o Dr. Bezerra, sempre fiz dessa forma. Com os resultados e as repercussões do trabalho nos diversos países da Europa, aprendi que ela tinha razão. Não me esqueço nunca dessas orientações e continuo sempre fazendo da mesma maneira, em especial quando o grupo é mais

científico, tendo assim bons resultados.

Que saudades da doutora, de tê-la sempre ao lado, mais à disposição, no entanto, sua sabedoria continua sendo um farol para mim e para todo o movimento médico-espírita!



O perdão das
ofensas



Kardec ressalta no item “Caridade e amor ao próximo”, em O livro dos Espíritos, a importância do perdão e, sobretudo, nosso dever de ajudar aos mais fracos:

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra “caridade”, como a entendia Jesus?

Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejamos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como irmãos”.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.

Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo X, “Bem-aventurados os misericordiosos”, de O Evangelho segundo o Espiritismo

1. Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia

(Mateus, 5:7).

2. Se perdoardes aos homens as faltas que cometerem contra vós, também vosso Pai celestial vos perdoará os pecados; – mas se não perdoardes aos homens quando vos tenham ofendido, vosso Pai celestial também não vos perdoará os pecados (Mateus, 6:14-15).

Esse capítulo do Evangelho traz uma análise perfeita de Allan Kardec: “A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico”. Quer dizer, aquele que não for misericordioso, não pode ser brando e pacífico. E ser brando e pacífico significa alcançar o Reino dos Céus. Estamos vendo uma ligação perfeita entre este capítulo e o anterior.

Em seguida, Kardec coloca:

O ódio e o rancor denotam alma sem elevação, sem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de fel; a outra é calma, toda mansidão e caridade. Ai daquele que diz: nunca perdoarei. Esse, se não for condenado pelos homens, sê-lo-á por Deus. Com que direito reclamaria ele o perdão de suas próprias faltas, se não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz que cada um perdoe ao seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Aqui cabe uma observação: o que estamos fazendo neste mundo? Por que estamos aqui? Se alguém perguntasse, como você responderia? Estamos de passagem para evoluir.

De onde viemos? Da erraticidade, das dimensões espirituais, não importa qual delas.

Então, o que estamos fazendo aqui? Tentando evoluir.

Quem está tentando evoluir? O Espírito, que se chama alma quando está encarnado.

De onde viemos? De uma dimensão espiritual, ou erraticidade. Quem está na erraticidade não é só porque é Espírito inferior. Ela é o espaço que habitamos com vias à nossa volta para o mundo material.

Por que passamos pela Terra? Para a evolução terrestre, para evoluir.

Evoluir em quê? No que precisamos evoluir? Intelectual e moralmente. Nosso progresso tem que ser do intelecto, da inteligência, e tem que ser do sentimento, porque é o sentimento que galvaniza a nossa evolução moral.

Qual a melhor maneira que temos de aproveitar a encarnação? O que precisamos fazer? Estudando quando possível, aumentando a nossa capacidade intelectual tanto quanto possível, mas, sobretudo, aumentando nossas qualidades morais.

Renascemos para matar os outros? Viemos com essa missão? Jamais, em tempo algum.

Por quê? Porque a Lei do Amor é uma lei universal. Jamais o Ser Supremo nos colocaria no mundo com a missão de matar ou de tirar a sua própria vida. O que aprendemos é que renascemos para aumentar a intelectualidade e a moralidade.

E onde fica o perdão nisso? Qual é a conclusão que podemos chegar? Nascemos para quê? Amar quem ama você é fácil, você deglute rápido, é uma beleza, mas você renasce para quê? Para evoluir. E como você evolui?

O poder de cura do perdão

“O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de fel; a outra é calma, toda mansidão e caridade.” Então,

há uma boa regra que precisamos aprender quando falamos em evolução. Se você mantém mágoa, rancor, ódio e diz “nunca perdoarei”, meu amigo, minha amiga, precisa contar o número de encarnações pela frente e não ter medo de voltar. Por quê? Em geral, você renasce para perdoar, porque é a coisa mais difícil. Ela é essencial, sem isso não há progresso. Você vai continuar chafurdando na lama, indo, voltando e repetindo sem cessar. Não há saída.

Jesus disse para perdoar “setenta vezes sete vezes” cada ofensa, o que significa, segundo Chico Xavier, que praticamente você renasce para perdoar, porque é o nó da sua vida, ou os nós. Como diz Emmanuel, “não vale cortar o nó, você tem que desatá-lo”. Em matéria de espiritualidade, não existe corte, e sim o ato de desatar, você desata. Às vezes, o nó é bem complicado.

Então, temos que fazer uma análise bastante realista da nossa vida: eu odeio? Tenho rancor? Não me deixo levar pela vontade de compreender, mesmo aqueles que não me compreendem? Como é que me posiciono neste mundo de Deus? Você renasce para evoluir, mas como é a temperatura dessa evolução? O que consigo, ou não consigo?

Temos que passar pelo crivo da razão, fazer uma autoanálise. Buscar o autoconhecimento é fundamental na vida do Espírito, como de qualquer outra pessoa. Se tudo estiver bem na nossa análise, é preciso que se autoquestionar: será que está mesmo, ou é puro otimismo da minha parte? E no primeiro cutucão, no calo, como é que reagimos? Precisamos ficar atentos, observar. Às vezes, somos otimistas demais, mas aqui não se trata de ser otimista ou negativista, e sim de ser realista.

Como é que sabemos se já demos um passo na direção da verdadeira evolução? Quando perdoamos, perdoamos de coração, quando não guardamos mágoa. O ressentimento é uma tristeza para a saúde. Ressentir é voltar a ter as mesmas sensações desagradáveis no seu organismo, que vão gerar doenças, indubitavelmente.

Kardec enfatiza:

Ai daquele que diz: “nunca perdoarei”. Esse, se não for condenado pelos homens, sê-lo-á por Deus. Com que direito reclamaria ele o perdão de suas próprias faltas, se não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia

não deve ter limites, quando diz que cada um perdoe ao seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Há uma fala muito boa de Emmanuel em que ele diz assim: “quando nós tivermos com os piores problemas, os mais difíceis, procuremos uma leitura de pessoas que conseguiram sobrepujar aquela dificuldade de uma maneira espiritualizada”. Eu sempre aconselho, até porque eu mesmo uso esse conselho, que, em uma situação difícil, leia novamente o livro Renúncia. Por quê? Alcione, aquela santa criatura, dá um banho extraordinário de espiritualidade. Ao invés de chafurdarmos nos exemplos da Terra, devemos procurar nos exemplos iluminados que nos explicam como conseguir vencer.

Alcione foi acompanhante do final da vida da mulher que mais prejudicou a ela e sua mãe. Até o fim, foi sua enfermeira, o seu apoio, e sem Alcione essa mulher não teria conseguido viver. Esse Espírito de escol morreu nas mãos daquele que ela viera salvar neste mundo, abençoando-o e pedindo a Deus por ele. Como é que pode? Se não temos forças, temos que ir atrás dos que conseguiram. Porque olhar para baixo, é fácil. É o que a humanidade mais nos faz: refletir na lama, refletir embaixo, pagando na mesma moeda. Temos que buscar outros exemplos.

Kardec destaca:

Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter; a segunda é a em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a toda gente: vede como sou generoso! Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há aí generosidade; há apenas uma forma de satisfazer ao orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza d’alma granjeará sempre a simpatia das pessoas imparciais.

O perdão de Silveira

Eu me lembro quando fiz o meu livro *À luz do eterno recomeço*, que é uma viagem ao Nosso Lar, em que destaco pontos importantes do primeiro livro da coleção de André Luiz. Fiquei imaginando quanto ensinamento tive no encontro entre André Luiz e o Silveira, aquele senhor que fazia parte da caravana que buscava aqueles que estavam prontos para sair do umbral e entrar nas câmeras de retificação, a Caravana dos Samaritanos.

Quando André Luiz se deparou com ele, ficou envergonhado. Por quê? Porque o seu pai na vida terrestre tirou tudo que Silveira tinha, deixando-o na miséria. Ele não cometeu uma injustiça porque Silveira ficou devendo a ele, no entanto, foi completamente ausente de misericórdia, porque cobrou até o último centil o que ele devia, sem lhe dar chance de poder renovar o débito, e ele ficou na miséria. Evidentemente, André Luiz, quando o encontrou no mundo espiritual, se lembrava daquele momento difícil em que o pai deu o ultimato e tirou tudo dele.

Essa passagem extraordinária nos faz refletir sobre, quando encontramos no outro lado alguém que ferimos ou magoamos, qual será nossa posição diante dessa pessoa. Essa foi a primeira coisa que me veio à mente. A segunda foi a posição do Silveira quando ele disse: “André, não pense mais nisso. Seu pai foi um benfeitor. Se não fora a atitude dele, eu não teria crescido espiritualmente”.

Acredito que devemos ler os livros, principalmente os da coleção André Luiz, e pinçar esses exemplos que são tão importantes, para que nossas atitudes sejam cristãs de fato e para que não tenhamos vergonha de encontrar as pessoas após a morte.

Reconciliações com os adversários

Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto

estais com ele a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. – Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceitil (Mateus, 5:25-26).

Aqui o Mestre dá uma receita de saúde muito importante: “Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho”. O que Ele quis dizer com isso? Reconciliai-vos enquanto estivermos na Terra.

Também é de Jesus a frase: “o que ligardes na Terra terá sido ligado no céu, e tudo o que desligardes na Terra terá sido desligado no céu”. O que significa? Que há uma repercussão absoluta entre o que fazemos aqui, enquanto encarnados, e a repercussão no mundo espiritual. É absolutamente igual.

Vejam bem: Jesus está dizendo que temos que nos reconciliar com os adversários enquanto estamos encarnados, enquanto estivermos aqui. Por quê? Qual é a profilaxia que Ele está se referindo? Da obsessão, do ódio, da morte. Por quê? Se não nos reconciliarmos, o que vai acontecer? Não é “morto o animal, morto o veneno”. O veneno continua. E é pior você não olhar de frente para o seu adversário e tê-lo pelas costas, como um obsessivo que vem cobrar, e cobrar uma dívida alta.

Jesus está falando sobre a nossa saúde mental. Quer dizer, temos que nos reconciliar com os nossos adversários enquanto estamos a caminho. Uma coisa completa a outra. Ele não nos manda perdoar setenta vezes sete vezes? E diz mais: olha, faça isso logo, enquanto está a caminho. Continua Kardec:

Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”, quando aplicado ao homem.

A cultura da vingança

Quando eu era jovem, já lia o Evangelho, por isso quando assistia aos filmes de banguê-banguê, pensava assim: “Engraçado este povo norte-americano pensar que matou todos e está livre de tudo. Quanta falta faz o Espiritismo na vida deste povo!” Porque fazer o banguê-banguê com tanta pólvora, tanta matança, aqueles duelos horríveis, e o que tinha mais pontaria era o herói. Eu ficava pensando: “Meu Deus, não tem essa de morto o animal, morto o veneno. Isso aqui vai ficar no cangote daquele que matou até o final da existência dele”.

É o que observamos: há uma cultura da vingança. Essa cultura faz parte, principalmente, dos filmes neste momento de transição em que estamos vivendo. Há sempre os bad boys (garotos maus) e os good boys (garotos bons). Os homens maus são sempre aqueles que utilizam determinadas coisas para fazerem o mal, mas os chamados bonzinhos são aqueles que matam mais terrivelmente, deixando rastro de ódio e sangue por onde passam. Por incrível que pareça, a imensa maioria dos filmes deste período terrível de transição é exatamente assim. Quer dizer, não há nenhuma preocupação em conciliação, em responder com o bem contra o mal. É uma cultura de vingança, contrariamente a tudo o que Jesus ensinou.

A obsessão

E segue Kardec:

Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu proceder. Deus o permite, para os punir do mal que a seu turno praticaram, ou, se

tal não ocorreu, por haverem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoadando. Importa, conseguintemente, do ponto de vista da tranquilidade futura, que cada um repare, quanto antes, os agravos que haja causado ao seu próximo, que perdoe aos seus inimigos, a fim de que, antes que a morte lhe chegue, esteja apagado qualquer motivo de dissensão, toda causa fundada de ulterior animosidade.

Esse princípio de saúde mental que Jesus anunciou, essa profilaxia mental, é muito importante. Principalmente nas casas espíritas, devemos ter um enfoque nesse sentido, mostrando que temos que lutar pela nossa sanidade mental desde agora, impedindo que o ódio se interponha em nossos relacionamentos. Muitas vezes, os obsidiados chegam na casa espírita e desejam deixar ali a obsessão, porque percebem que estão sendo constrangidos a agir de maneira inapropriada, estão sendo vítimas de uma perseguição espiritual. Eles acham que podem fazer um pacotinho muito bem-feito, dar um belo laçarote cor-de-rosa e deixar a sua obsessão na casa espírita, sem mais nada a fazer.

Essa ideia precisa desaparecer. As casas espíritas têm por obrigação orientar que o obsidiado é responsável por sua libertação, à medida que perdoa os seus obsessores. E isso é o mais difícil de acontecer porque, em geral, a obsessão é uma estrada de mão dupla, não existe caminho simples. Vai e vem, o que significa que o obsessor e o obsidiado precisam se perdoar, não é um caminho único.

Kardec continua:

Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário, não é somente objetivando apaziguar as discórdias no curso da nossa atual existência; é, principalmente, para que elas se não perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá, da prisão, enquanto não houverdes pago até o último centavo, isto é, enquanto não houverdes satisfeito completamente a justiça de Deus.

Estamos aqui para evoluir, intelectual e moralmente. Aquele que tem mais

condições intelectuais deve favorecer aquele que é mais fraco. Deve ser o apoio daqueles que não são tão desenvolvidos, do ponto de vista intelectual. Quanto à moralidade, devemos evoluir na medida de refinar o sentimento. E o sentimento mais refinado que conhecemos é o amor, que é contrário à vingança, ao ódio, exatamente o contrário.

Aqui estamos para evoluir no sentido de albergar no coração o amor em todas as suas facetas. A caridade é o amor em movimento. O que significa que a expansão do amor se dá naquilo que conhecemos como sendo a caridade. A caridade de perdoar, a caridade de compreender, a caridade de mil formas, como nos apresentam os Espíritos superiores.

O sacrifício mais agradável a Deus

“Se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrardes de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós – deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la” (Mateus, 5:23-24). Qual o sentido mais importante dessa lição? O que Cristo quis dizer com isso? Naquela época, era muito comum oferecer as oferendas aos deuses, ao Pai onipotente. As oferendas eram muito comuns naquela época. Em nome de Deus, ou em nome de Espíritos protetores, oferecíamos o que tínhamos de melhor.

Mas o que Cristo disse para nos lembrarmos quando estamos oferecendo? Que tem um irmão que tem qualquer coisa contra nós. É mais importante você fazer as pazes com ele do que colocar a oferenda no altar. A oferenda é algo fácil. Como Jesus diz: “Nem todo aquele que diz a mim: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no Reino dos Céus, mas somente o que faz a vontade de meu Pai, que está nos Céus”.

O que Jesus está dizendo é que os nossos sentimentos devem vir em primeiro lugar, para que as nossas oferendas tenham repercussão verdadeira. Muitas vezes, somos capazes de rezar bastante, ficar horas e horas orando, mas a pergunta do Cristo é: você já se reconciliou com o seu adversário? Faz tempo que você está rezando, mas tem alguma coisa prática nisso? Você realmente

sentiu a vontade de perdoar e se programou para isso?

É esse o sentido do cristianismo, que é extraordinário. É justamente isso que Kardec pregou. Se vocês forem vendo o encadeamento que ele dá ao Evangelho, é perfeito, porque uma coisa engrena na outra, para nos dizer que os ensinamentos do Cristo são únicos. A partir desses ensinamentos, nossa vida tem que mudar. Não adianta ser simplesmente algo bonito que você resolveu assumir, mas não assumiu de todo porque suas atitudes não se coadunam.

Como diz Kardec, há a necessidade de tomarmos esses ensinamentos e seguirmos na prática. Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faça em domar os seus sentimentos inferiores, a sua inferioridade. É coadunar conhecimento com prática, com vivência. E a vivência só pode ser a partir dos ensinamentos do Cristo.

Essa lição do Evangelho é crucial na nossa formação e, principalmente, para nosso aproveitamento aqui na Terra: o que queremos ser? Como queremos aproveitar a nossa existência? Somos testados todos os dias. Nesses testes, sempre temos que pensar assim: “Sim, eu passei”. Mas diante do Cristo, será que Ele diria com sinceridade que eu passei? Essa é a questão que o Espiritismo traz para nós, de uma maneira aberta, lógica, por meio da fé raciocinada.



Jesus está
no leme



Décio Iandoli Júnior

Preciso confessar que sempre achei piegas os discursos ou comentários sobre a Bíblia e o Evangelho. Achava uma coisa antiga e sem consistência, visto que eram frases e discursos repassados maquinalmente de uma geração para outra.

Conheci o Espiritismo já médico formado e cursando a pós-graduação. O Evangelho segundo o Espiritismo abriu uma possibilidade nova para mim, ou seja, aquele conteúdo tinha muito valor, ao contrário do que eu pensava. Assim, percebi que o que realmente me incomodava era a forma pela qual era transmitido e os “anexos” que foram incluídos na mensagem e que não tinham nada a ver com os ensinamentos de Jesus, o que tenho chamado de “penduricalhos” do cristianismo.

Um horizonte novo se abriu, e minha atenção passou a se voltar para isso por um tempo, até que me convenci que era muito importante entender os ensinamentos de Jesus de forma “adulta” e que era possível fazer isso apoiado na ciência, algo que, até então, eu achava impossível.

Como eu entrei para a Doutrina pela Associação Médico-Espírita da Baixada Santista (hoje AME-Santos), em pouco tempo de contato com o manancial de informações que me foram disponibilizadas pelos livros de Allan Kardec, eu conheci a Dra. Marlene Nobre, quando ela foi fazer uma palestra em Santos, na Jornada Universitária de Saúde e Espiritismo da AME-Santos. Fiquei muito impressionado com a presença dela, que inspirava respeito e segurança, mesmo sem saber, naquela época, de quem se tratava ao certo; sabia apenas que era uma médica ginecologista e presidente da AME-São Paulo.

Fomos almoçar em um restaurante após o evento e pude me sentar próximo dela e ouvir as conversas e os comentários que surgiram durante a refeição. Ao final, quando ela entrou no carro para voltar para São Paulo, eu já me sentia diferente, parecia que algo tinha se transformado, uma espécie de interruptor tinha sido mudado dentro da minha alma, afinal, aquela pieguice que sempre me afastou do Evangelho não era um problema do Evangelho, mas, sim, das pessoas que o divulgavam e da maneira como faziam isso. Eu tinha acabado de conhecer alguém que falava com força e naturalidade de Jesus sem pieguice nenhuma, sem contornos e sem penduricalhos.

Apesar de eu ter avançado bastante nos meus estudos sobre o Espiritismo,

seguindo as orientações da Dra. Marlene, que passou a ser uma mãe e uma orientadora para mim, até hoje não me arrisco a falar do Evangelho, pois quanto mais o tempo passou, quanto mais ouvia ela falar e quanto mais observava sua postura diante das pessoas, suas atitudes e seus comentários, menor e mais ignorante eu me sentia diante dela, principalmente quando o assunto era o Evangelho de Jesus.

Não estou dizendo aqui que ela era perfeita, e sim que conhecia bem suas dificuldades e procurava superá-las. Tinha uma disciplina invejável, devotamento e abnegação incontestáveis, com uma fidelidade absoluta ao mestre Jesus e uma admiração sempre justificada, sem mitificação ou endeusamento, a Chico Xavier, com quem, imagino eu, tenha feito sua “pós-graduação” sobre o Evangelho e sobre o Espiritismo.

Palestras e diálogos, exemplos de determinação e disciplina não faltaram na minha convivência com essa trabalhadora do Cristo, que não só o entendia e divulgava como vivia, testemunhava, o que, na minha opinião, é muito mais difícil.

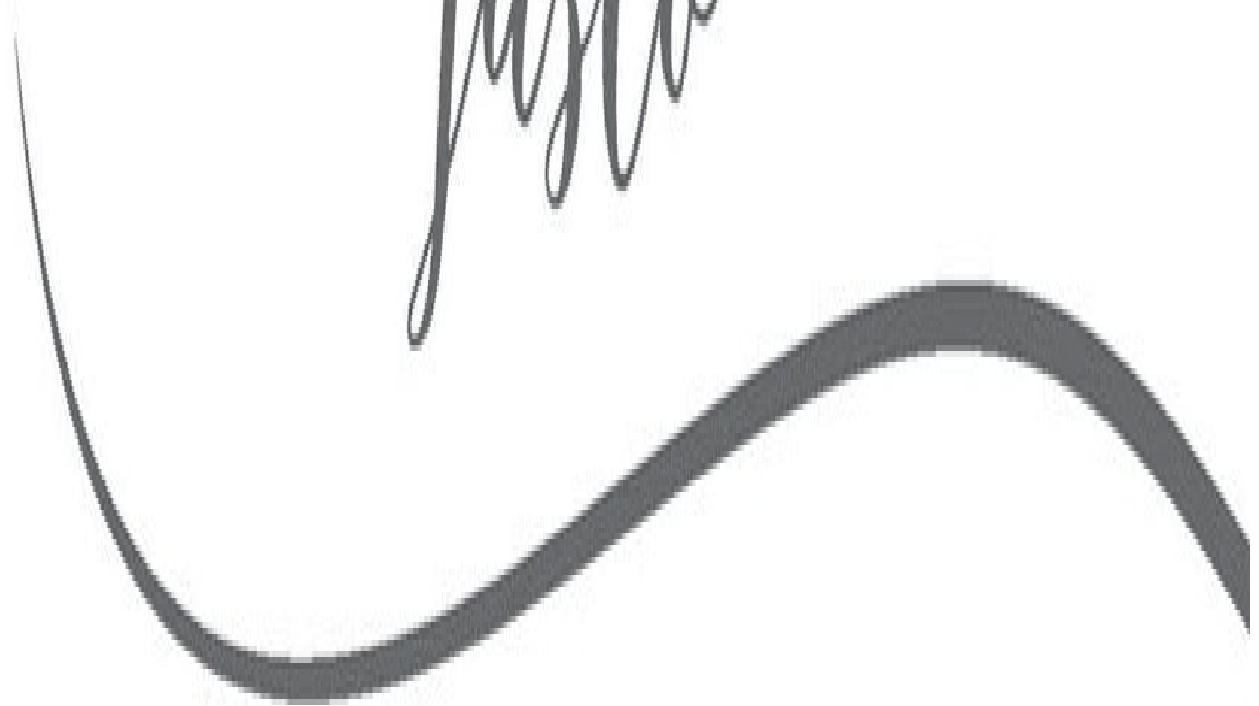
Nos momentos de angústia e insegurança, gostava de me sentar ao lado dela para ouvi-la, quando tinha essa chance, pois ao mesmo tempo que ela não escondia suas dificuldades, ficava muito clara sua visão cristalina sobre o caminho a ser seguido, aquele apontado pelo Mestre e que ela conhecia tão bem. Isso tudo me acalmava.

Ainda hoje, quando me pego triste e desesperançado, ansioso e necessitado de uma palavra segura e amiga, me lembro dela dizendo: “Tenha fé, Décio, Jesus está no leme!”



O verdadeiro

justo



O amor e a caridade se constituem em rotas seguras para nossa evolução, e isso se dá quando entendemos que são essas as bases de justiça definidas pelo Criador que regem o Universo. Se compreendermos isso, certamente, seremos verdadeiramente justos. Veja a questão n. 879 de O livro dos Espíritos:

Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?

O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, porquanto praticaria também o amor do próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.

Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo XI, “Amar o próximo como a si mesmo”, de O Evangelho segundo o Espiritismo

Os fariseus, tendo sabido que ele tapara a boca aos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, para o tentar, propôs-lhe esta questão: – “Mestre, qual o mandamento maior da lei?” – Jesus respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: amarás o teu próximo, como a ti mesmo. – Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos (Mateus, 22: 34-40).

Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam, pois é nisto que consistem a lei e os profetas (Mateus, 7:12).

Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem (Lucas, 6:31).

Estas são palavras de Jesus segundo os Evangelistas. Em seguida, Kardec coloca uma interpretação muito segura:

“Amar o próximo como a si mesmo: fazer pelos outros o que quereríamos que os outros fizessem por nós” é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento para conosco, do que os temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, os homens compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas, tão somente, união, concórdia e benevolência mútua.

Esses ensinamentos de Allan Kardec são muito preciosos porque ele resume os deveres do cristão diante dos ensinamentos do Nosso Senhor Jesus Cristo. Se, na humanidade, fizéssemos com boa vontade as nossas tarefas, as nossas responsabilidades, tendo por base o amor ao próximo, certamente o nosso mundo seria muito diferente do que é hoje.

Como nos amamos?

Por que será que Jesus nos disse “amar o próximo como a si mesmo”? O que acontece conosco? Amamos a nós mesmo? A pergunta é uma só: amamos a nós mesmos? Da forma correta não. Mas por que o Mestre disse isso? Porque somos muito ciosos de tudo que diz respeito a nós, em virtude do egoísmo. Então o egoísmo leva a concentrarmo-nos em nós, e somos sempre o protagonista.

O Mestre, portanto, foi direto ao ponto. De fato, amamos a nós mesmos. Tanto amamos a nós mesmos que julgamos que somos únicos no Universo e que tudo deve girar em torno de nós. Aí está o erro. O amor a nós mesmos não está errado! É claro que temos que amar a nossa vida, temos que amar aquilo que Deus nos deu, como evolução do Espírito imortal. Temos que amar a nós mesmos, é muito salutar. Por quê? Porque defendemos a própria vida, procuramos sempre resguardar o corpo físico porque faz parte dessa luta nossa, do amor que temos à própria existência.

No entanto, o amor exagerado leva ao egoísmo. Tudo gira em torno de nós e, de vez em quando, colocamos a família. Somos nós, nós e, às vezes, a família. É o problema do egoísmo. Mas por que Jesus centralizou aí? Porque a coisa mais certa que há é a defesa da vida que temos. Isso vem desde os momentos mais primitivos da evolução. Se Deus não tivesse feito assim, não lutaríamos pela existência.

Então, desde os vírus primitivos, as bactérias e as amebas, o instinto de conservação é muito grande. Por quê? Porque se Deus não tivesse posto seu selo em nós desde o nascimento, desde que começamos, não teríamos interesse em viver. A primeira coisa que precisamos ter é defender a nossa vida.

Jesus sabiamente chamou a atenção para esse aspecto particular de defesa da nossa vida, de defesa daquilo que representa a nossa própria personalidade diante do Universo. Cada um tem que defender a própria vida, tem que subexistir. Enfim, tem que amar a si mesmo profundamente para poder se defender de tudo o que possa prejudicar sua vida. O erro está no egoísmo, que é a negação do amor verdadeiro. Quando Jesus nos colocou essa sentença, Ele se referiu à nossa evolução, quando atingiríamos um tal grau de evolução que amaríamos, sim, a existência, porque nela está refletida a imagem de Deus.

Jesus não está defendendo o egoísmo. Acho que isso precisa ficar bem claro quando estudamos essa lei máxima do Cristo.

Como devemos nos amar?

Nesse capítulo, há uma mensagem, “A lei de amor”, em que o Espírito de Lázaro explica como é essa distinção que temos que fazer:

O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais.

A interpretação de Lázaro é magnífica porque vem dar o tom do que realmente Jesus considera o amor a nós mesmos. No começo, só temos instintos, então é a gazela que corre desenfreadamente porque o leão vem atrás dela com fome de vários dias. Somos seres que desde o primitivismo inicial lutamos pela sobrevivência. Por quê? Porque Deus colocou em nós o seu selo de defesa da própria vida. Defendemos a nossa vida e defendemos de forma absoluta. É lutar para sobreviver.

Todos os seres humanos são dotados de um sistema complexo de hormônios chamados hormônios da luta e da fuga. Nosso organismo foi preparado durante milhões e bilhões de anos para se defender. Bendito instinto que, quando somos perseguidos por um cão bravo, faz com que sejamos capazes de saltar um muro de três metros sem saber como saltamos. Por quê? Porque nosso organismo foi preparado para isso, para a defesa da sua vida. É o amor pela vida, é a defesa da vida.

O suicídio, assim, se mostra algo absolutamente muito estranho, porque o Espírito foi preparado durante milhões de anos para sobreviver. A questão do suicídio ultrapassa o nosso entendimento do que seja a luta pela vida, que foi – e continua sendo – há milênios muitíssimo interessante e que nos deu a possibilidade de evoluir.

Lázaro diz que no começo o homem só tem instintos, que é a inteligência inicial e o faz sobreviver. “Na sua origem o homem só tem instintos; mais avançado e

corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos; [...]”. Vamos mudando à medida que a evolução vai chegando.

E o ponto sublimado do sentimento, o que é? É o amor. Isso mostra a inteligência do Mestre ao colocar “ama a teu próximo como a ti mesmo”. Ele estava se referindo a esta sequência extraordinária de instinto: passarmos pela sensação e chegarmos à instrução depurada. Quando o amor surge, sem egoísmo, é quando aprendemos realmente a amar, não só a nós mesmos, mas também ao nosso próximo.

Lázaro diz que o amor é esse “sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres”. Aí já estamos chegando no ponto fundamental do ensinamento do Cristo: quando amamos verdadeiramente, não vemos diferença entre nós e o próximo. Tudo está dentro de uma maravilhosa fusão dos seres, em que nos compreendemos mutuamente.

E Lázaro segue nessa lição:

Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiros os pés e vive como que transportado, fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palavra – amor, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

O que Lázaro está ressaltando aqui é que, com Jesus, tivemos a visão do que é o verdadeiro amor, Ele exemplificou isso. Então, para servir a esse Cristo, os seguidores foram ao circo e se entregaram à morte cantando, sorrindo, porque eles descobriram com Jesus onde se encontrava o seu verdadeiro interesse, que era exatamente o amor desinteressado. E Lázaro segue adiante:

O Espiritismo a seu turno vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a reencarnação, triunfando da morte, revela às criaturas deslumbradas o seu

patrimônio intelectual.

Vimos que a reencarnação, ao contrário do que muita gente pensa, não afrouxa os laços de amor de uma família, pelo contrário. Se viemos inúmeras vezes participar aqui na Terra com os mesmos seres, com as criaturas que são nossa família espiritual, o natural é que o amor vá se acrisolando, se tornando mais forte, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa. Mas não é aquele amor egoístico, de ter as pessoas simplesmente acorrentadas a nós. Isso é egoísmo. Através da reencarnação, aprendemos a amar como Jesus gostaria que amássemos.

Lázaro segue esclarecendo:

Já não é ao suplício que ela conduz o homem: condu-lo à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e o Espírito tem hoje que resgatar da matéria o homem.

Disse eu que em seus começos o homem só instintos possuía. Mais próximo, portanto, ainda se acha do ponto de partida, do que da meta, aquele em quem predominam os instintos.

O predomínio dos instintos

Será que é possível ainda saber se estamos na região dos instintos ou se já ultrapassamos isso? O amor possessivo, o ciúme e a inveja são sinais do quê? Do primitivismo, porque são instintos, são vivências animais, mais próximas da vida animal. Se queremos alguém e desejamos encerrar esse alguém numa cúpula ou numa ampola, pode ter certeza de que aí tem muita animalidade para ser desbastada: “A fim de avançar para a meta, tem a criatura que vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, que aperfeiçoar estes últimos, sufocando os germes latentes da matéria”.

Kardec colocou no frontispício da Doutrina Espírita como lema fundamental: “fora da caridade não há salvação”. Uma vez, Chico Xavier teve a oportunidade de se pronunciar a esse respeito e ele disse o seguinte: “Se Kardec tivesse colocado fora do Espiritismo não há salvação, eu não estaria dentro do Espiritismo”. Por uma razão muito simples, porque a caridade é um sentimento que todas as pessoas humanas podem desenvolver. Podem, cada vez mais, constituir essa caridade como seu tesouro, aumentar esse tesouro para todas as pessoas, não apenas para aquelas que professam determinada religião.

Lázaro finaliza nessa lição:

Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a glande encerra em si o carvalho, e os seres menos adiantados são os que, emergindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam escravizados aos instintos. O Espírito precisa ser cultivado, como um campo. Toda a riqueza futura depende do labor atual, que vos granjeará muito mais do que bens terrenos: a elevação gloriosa. É então que, compreendendo a lei de amor que liga todos os seres, buscareis nela os gozos suavíssimos da alma, prelúdios das alegrias celestes (Lázaro).

Temos algo muito importante como seres humanos. Quando vemos uma atitude positiva de alguém, aquilo nos toca. É uma notícia na televisão que fala de alguém que prestou socorro, que foi solícito. Alguém, por exemplo, que devolveu dinheiro que encontrou, alguém que defendeu um velhinho que estava sendo espancado, ou uma criança, ou um cachorro. Enfim, são gestos que nos tocam como seres humanos. Isso mostra que temos uma sensibilidade para aquilo que é verdadeiro, para aquilo que deve ser o comum na nossa vida.

Nascemos com aquilo que Allan Kardec chama de o “arquétipo do criador”, quer dizer, sabemos que a nossa fonte de origem é um ser superior e que nos leva a desenvolver sentimentos de amor. Sentimo-nos apaziguados intimamente quando observamos que uma pessoa tem misericórdia para com o outro.

Essa lição de Lázaro vem interpretar na sua essência o que Jesus quis dizer por amor a si mesmo, o que significa que se estivermos ligados ao egoísmo, não é desse amor que Jesus está falando. O egoísmo vem das nossas origens, quando

precisávamos lutar desesperadamente para viver, ou sobreviver. Jesus está falando daquela evolução que vamos fazer a tal ponto que o amor vai ser a expressão básica da nossa vida na Terra, como seres imortais.

A lição de Emmanuel sobre o egoísmo

Tem uma mensagem de Emmanuel nesse capítulo. O Emmanuel que assina aqui é o mesmo mentor de Chico Xavier, e isso foi confirmado pelo Chico. Ele fala no mesmo tom de Lázaro, agora analisando o egoísmo:

O egoísmo, chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral obsta. Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la ascender na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. Digo: coragem, porque dela muito mais necessita cada um para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros.

Quanto de verdade existe nisso! Estamos tão voltados, girando em torno de nós mesmos que não conseguimos ver de que ponto nosso egoísmo caminha e quanto somos egoístas. Agora, o que estamos tendo aqui na Terra e que se constituiu no noticiário comum das televisões é o atestado de quê? O que estamos atestando no último segundo da prorrogação? O que estamos observando? Um planeta cheio de amor? Não! Ele existe em algumas instituições, em determinados locais restritos, mas a maioria está ligada ao egoísmo.

E o egoísmo gera o quê? “Essa terra é minha, eu não divido com ninguém, agora a sua terra eu quero e vou pegar”. Isso faz parte do amor? Não, é egoísmo puro, porque o que não se pode resolver com paz, com entendimento, não se constitui em amor, em absoluto. Nesse lugar não há misericórdia, entendimento, compreensão, tolerância, que são virtudes que estão ligadas ao amor.

Emmanuel continua a lição:

Que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

Jesus vos deu o exemplo da caridade e Pôncio Pilatos o do egoísmo, pois, quando o primeiro, o Justo, vai percorrer as santas estações do seu martírio, o outro lava as mãos, dizendo: Que me importa! Animou-se a dizer aos judeus: Este homem é justo, por que o quereis crucificar? E, entretanto, deixa que o conduzam ao suplício.

Aqui estamos vendo a análise de Emmanuel. De um lado, Pôncio Pilatos dizendo: “olha, esse homem é justo. Por que vocês querem crucificá-lo?” Aí a multidão: “não, que o sangue desse justo recaía sobre nós, mas Ele precisa ser crucificado”. Pôncio decide então: “Ah, tá bom, então lavo as mãos e vocês levam e vão embora”. Esse é o exemplo mais contundente de egoísmo, principalmente se tratando da defesa do Governador Planetário, do Espírito mais importante que desceu à Terra, tendo sido inclusive avisado por sua esposa que Jesus era inocente e que ele não deveria permitir o sacrifício dele. Teve mais esse agravante.

Outro agravante para Pilatos, para quem leu Há dois mil anos, qual foi? A Lívia Cornélio, que era esposa de Públio Lentulus, foi na defesa do Cristo, foi até Pôncio Pilatos para defendê-lo, e este não só não lhe deu ouvidos como passou a persegui-la para que ela se tornasse amante dele. Ela saiu desesperadamente de lá porque além de não conseguir a inocência do Cristo, ainda corria perigo de perder a própria honra. Veja quantos sinais Pilatos teve de que ele não deveria levar o Cristo para aquela situação, mas, infelizmente, não conseguiu se safar.

Emmanuel prossegue:

É a esse antagonismo entre a caridade e o egoísmo, à invasão do coração

humano por essa lepra que se deve atribuir o fato de não haver ainda o Cristianismo desempenhado por completo a sua missão. Cabem-vos a vós, novos apóstolos da fé, que os Espíritos superiores esclarecem, o encargo e o dever de extirpar esse mal, a fim de dar ao Cristianismo toda a sua força e desobstruir o caminho dos pedrouços que lhe embaraçam a marcha. Expulsai da Terra o egoísmo para que ela possa subir na escala dos mundos, porquanto já é tempo de a Humanidade envergar sua veste viril, para o que cumpre que primeiramente o expilais dos vossos corações.

A missão do Apóstolo da renovação humana

Vemos aqui que a tarefa de Chico Xavier e Emmanuel é de longa data. Há uma expressão de Emmanuel que gosto muito, em que ele considera Allan Kardec como sendo o apóstolo da renovação humana. Cada vez que Kardec vem ao planeta, a sua missão é renovar a face espiritual do planeta, o que demonstra a altura desse Espírito, a grandeza dele.

Aqui fica bem claro por que Jesus disse “amai o vosso próximo como a vós mesmos”. Temos esse amor que Jesus está se referindo? É esse amor? Pela mensagem de Emmanuel, percebemos que não. Por quê? Porque ele diz que já “é tempo da humanidade envergar a sua veste viril que ainda não possui”. Esse amor que Jesus se referiu é o amor do Espírito instruído, evoluído, que ama seus semelhantes com amplo amor e que não tem sinal de egoísmo nas suas atitudes. Para isso precisamos de evolução. Portanto, o que o Mestre está dizendo com “amar ao próximo como a vós mesmos” significa que a própria evolução humana vai se incumbir de realizar esse ensinamento de Jesus. Para isso, temos que nos esforçar.

Emmanuel escreveu “Psicologia da caridade”, em o Livro da esperança, para comentar o capítulo 11:

“Amar ao próximo como a si mesmo, fazer pelos outros o que quereríamos que os outros fizessem por nós” é a expressão mais completa da caridade e resume

todos os deveres do homem para com o próximo. Provavelmente, não existe em nenhum tópico da literatura mundial figura mais expressiva que a do samaritano generoso, apresentada por Jesus para definir a psicologia da caridade. Esbarrando com a vítima de malfeitores anônimos, semimorta na estrada, passaram dois religiosos, pessoas das mais indicadas para o trato da beneficência, mas seguiram de largo, receando complicações. Entretanto, o samaritano que viajava vê o infeliz e sente-se tocado de compaixão. Não sabe quem é. Ignora-lhe a procedência. Não se restringe, porém, à emotividade. Para e atende. Balsamiza-lhe as feridas que sangram, coloca-o sobre o cavalo e o conduz a uma hospedaria, sem os cálculos que o comodismo costuma trazer em nome da prudência. Não se limita, no entanto, a despejar o necessitado, em porta alheia. Entra com ele na vivenda e dispensa-lhe cuidados especiais. No dia imediato, ao partir, não se mostra indiferente. Paga-lhe as contas, abona-o qual se lhe fora um familiar e compromete-se a resgatar-lhe os compromissos posteriores, sem exigir-lhe o menor sinal de identidade e sem fixar-lhe os tributos de gratidão. Ao despedir-se, não prende o beneficiado em nenhuma recomendação e, no abrigo de que se afasta, não estadeia demagogia de palavras ou atitudes, para atrair influência pessoal. No exercício do bem, ofereceu o coração e as mãos, o tempo e o trabalho, o dinheiro e a responsabilidade. Deu de si o que podia por si, sem nada pedir ou perguntar. Sentiu e agiu, auxiliou e passou. Sempre que interessados em aprender a praticar a misericórdia e a caridade, rememoremos o ensinamento do Cristo e façamos nós o mesmo.

Não poderíamos terminar essa primeira parte do capítulo 11 sem o samaritano porque foi o exemplo mais extraordinário, uma das parábolas mais construtivas que o Divino Mestre nos trouxe. E vocês viram a análise perfeita de Emmanuel. Ele não pediu nenhum agradecimento, nenhum holofote para ele mesmo. Ele propiciou o albergue para o samaritano, deixou dinheiro para aquilo que fosse necessário e tratou suas feridas.

Recomendo a leitura de “Psicologia da caridade”, no Livro da esperança. Procuramos relembrar aqui sempre com os olhos fixos em Allan Kardec e na gratidão que temos que ter a ele, porque este, sem dúvida nenhuma, é um dos maiores livros que a humanidade já teve oportunidade de ter e continua tendo para nos preparar para a evolução espiritual que necessitamos.

Dai a César o que é de César

Os fariseus, tendo-se retirado, entenderam-se entre si para enredá-lo com as suas próprias palavras. Mandaram então seus discípulos, em companhia dos herodianos, dizer-lhe: “Mestre, sabemos que és veraz e que ensinas o caminho de Deus pela verdade, sem lewares em conta a quem quer que seja, porque, nos homens, não consideras as pessoas. – Dize-nos, pois, qual a tua opinião sobre isto: É nos permitido pagar ou deixar de pagar a César o tributo?” Jesus, porém, que lhes conhecia a malícia, respondeu: “Hipócritas, por que me tentais? Apresentai-me uma das moedas que se dão em pagamento do tributo”. E, tendo-lhe eles apresentado um denário, perguntou Jesus: “De quem são esta imagem e esta inscrição?” – “De César”, responderam eles. Então, observou-lhes Jesus: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Ouvindo-o falar dessa maneira, admiraram-se eles da sua resposta e, deixando-o, se retiraram (Mateus, 22:15-22; Marcos, 12:13-17).

Kardec faz suas considerações sobre esse trecho:

A questão proposta a Jesus era motivada pela circunstância de que os judeus, abominando o tributo que os romanos lhes impunham, haviam feito do pagamento desse tributo uma questão religiosa. Numeroso partido se fundara contra o imposto. O pagamento deste constituía, pois, entre eles, uma irritante questão de atualidade, sem o que nenhum senso teria a pergunta feita a Jesus: “É nos lícito pagar ou deixar de pagar a César o tributo?” Havia nessa pergunta uma armadilha. Contavam os que a formularam poder, conforme a resposta, excitar contra Ele a autoridade romana, ou os judeus dissidentes. Mas Jesus, que lhes conhecia a malícia, contornou a dificuldade, dando-lhes uma lição de justiça, com o dizer que a cada um seja dado o que lhe é devido. Esta sentença: “Dai a César o que é de César” não deve, entretanto, ser entendida de modo restritivo e absoluto. Como em todos os ensinamentos de Jesus, há nela um princípio geral, resumido sob forma prática e usual e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é consequente daquele segundo o qual devemos proceder para com os outros como queiramos que os outros procedam para conosco.

Foi por essa razão que Allan Kardec colocou essa passagem em “Amar o próximo como a si mesmo”, capítulo XI. Jesus queria equidade na nossa maneira de agir. Esse princípio, diz Kardec, “é consequente daquele segundo o qual devemos proceder para com os outros como queiramos que os outros procedam para conosco”. Quer dizer que, se Israel impusesse aos romanos o tributo, se Israel não tivesse caído em poder dos romanos, e fosse ao contrário, diz Jesus, Israel não gostaria de receber o tributo?

Allan Kardec coloca o princípio da equidade, em que devemos agir na mesma proporção em que gostaríamos que os outros agissem em relação a nós.

Ele condena todo prejuízo material e moral que se possa causar a outrem, toda postergação de seus interesses. Prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeitem os seus. Estende-se mesmo aos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, tanto quanto para com os indivíduos em geral.

A grandiosidade do Cristo em todos os seus atos

Temos que entender que Kardec colocou essa passagem do Cristo porque queria explicar mais uma vez o princípio da equidade, quer dizer, devemos fazer ao outro aquilo que gostaríamos que o outro fizesse a nós. Ao abordar esse assunto do tributo, Kardec está também lembrando que vivemos em sociedade, onde existem problemas familiares, por isso devemos agir sempre desta maneira: não posso prejudicar alguém porque não gostaria de ser prejudicado. Ele torna as questões material e moral companheiras do mesmo problema, devendo ser resolvidas da mesma forma.

Vimos aqui aquilo que aconteceu durante todo o tempo de pregação do Cristo, de sua passagem pela Terra. Havia armadilhas para vê-Lo cair e ser preso, ou desgostar os romanos para que eles pudessem prendê-Lo. Sempre houve algo por

trás das atitudes daqueles que conviveram ou que estavam no caminho do Cristo.

Lembro-me bem que Chico dizia que Cristo não podia parar muito tempo no mesmo lugar porque Ele estava arriscado de ser morto ou de ser preso, por qualquer motivo. Havia uma armadilha por trás de qualquer situação. Por quê? Como vocês sabem, os judeus tinham ódio dos publicanos, daqueles que cobravam os impostos. Os impostos, para eles, constituíam algo impensável, que eles pagavam rangendo os dentes. Eles não se conformavam com a escravidão porque, na verdade, eles estavam ali para servir aos romanos, pois Roma havia imposto a eles a escravidão. Eles eram subjugados pelos romanos e traziam o ódio requeitado dentro do coração, que explodia toda vez que tinham que pagar os tributos. Isso até se tornar, como vimos aqui, uma questão religiosa, para ver se eles não tinham a obrigatoriedade de pagar, como se pudessem transformar em algo religioso alguma coisa que era material. Todos os subterfúgios que podemos imaginar eles lançaram mão para poder se livrar dos impostos, mas não conseguiam.

Como sabemos, a maneira com que Cristo enfrentava o povo e as armadilhas era sempre de grande inteligência. Ele conseguia se safar, mas havia sempre aquela esperança de que Ele derrapasse e que pudesse ser preso. Vimos que se o Cristo podia ler a aura dos seres humanos, Ele sabia perfeitamente o que estava por trás de qualquer relacionamento que Ele tinha com o povo.

Conta-nos o evangelista Marcos que, por onde Ele andava, a multidão ia atrás Dele. E isso por quê? Que multidão é essa? Os doentes que queriam sarar, queriam pegar na túnica Dele, se duvidasse Ele podia até ficar despido ali tal a fúria com que a multidão ia na direção Dele. Segundo Marcos, um dos evangelistas, por onde Ele andasse a situação era assim. Milhares de pessoas atrás Dele, que Ele precisava às vezes se retirar do meio da multidão para ter um pouco de sossego, de calma e poder orar num monte. Ele estava sempre procurando se alienar um pouco daquela situação, vamos dizer assim, bastante complicada que é lidar com milhares e milhares de gente necessitada.

Então quando vemos os casos de médiuns de cura, ou que fazem cirurgia espiritual, podemos imaginar. Um atendeu quatro mil, outro atendeu dois mil, é algo assim. Imagina o Cristo, que era médico ambulante e que curava imediatamente as pessoas, como deveria ser a vida Dele. Por isso que Ele não aguentou senão três anos de apostolado, porque realmente era bastante desgastante.

Com sua inteligência e mediunidade, via como um livro aberto o que éramos, o que pensávamos. Ele sabia perfeitamente qual era a intenção com que a pessoa estava fazendo qualquer pergunta.

A aura humana

Por falar nisso, vocês sabem o que é aura? É a exteriorização do pensamento, do sentimento. Por que não vemos a própria aura? Porque temos uma espécie de atmosfera que fica ao redor de nosso corpo físico, mas que promana do nosso perispírito. Então é um exsudato, por assim dizer, do perispírito. É aquilo que o perispírito produz constantemente como sendo ondas e ondas que passam, porque não estamos parados, não somos imóveis, constantemente estamos mergulhados dentro dos próprios pensamentos, como se o nosso corpo físico estivesse banhado por um rio, ou por um mar de vibrações que partem de nós mesmos, formando uma espécie de neblina, de atmosfera e que envolve o nosso corpo físico. Não a vemos porque é constituída de uma matéria ainda desconhecida e que é o resultado do que o perispírito produz.

Esse halo energético no qual estamos banhados é como se fosse um raio X, ou amostra, do que somos como Espíritos imortais. Quer dizer, se a nossa aura está iluminada de cores bonitas, azul, roxinho, enfim, há como um arco-íris de luzes que podem, que são iluminados, são luzes brilhantes, mas também podemos estar mergulhados em luzes opacas, que não são luzes, são mais sombras, marrom, cinza... Dependendo também do tipo de produção, é possível até fazer diagnóstico de doenças, porque o nosso perispírito está claudicando, ele não está produzindo perfeitamente, harmonicamente, é possível até distinguir se estamos doentes ou não.

Uma pesquisadora americana fez um trabalho muito interessante com médiuns que podiam ver a aura, em que ela detectava as doenças através da coloração dessa aura. É possível, sim, no futuro, quando tivermos tecnologia adiantada, vermos esse tipo de matéria e como ela se distribui ao longo do nosso corpo físico. O que aprendemos é que essa aura tem alguns centímetros, como se fosse esse vapor, esse halo energético de nós mesmos. Paul Hild, dos Estados Unidos, diagnosticou a aura do Chico como tendo dez metros. Isso é para nos deixar bem

animados mesmo, pois a maioria das auras tem centímetros...

Então, o Cristo de Deus, que via abertamente tudo o que estava a seu redor, sabia com quem estava lidando. Por isso, imediatamente, vocês viram o que Ele falou: “Hipócritas!” Porque Ele sabia qual era a intenção da pergunta. Mesmo assim, Ele nos anima a guardarmos a paciência, a termos calma para poder responder de maneira a não ferir, dizendo “Olha, eu sei a sua intenção, mas vou lhe responder”. E responder, vamos dizer, com lógica e, sobretudo, com grande espiritualidade: “dai a César o que é de César”. Como se dissesse assim: se vocês tivessem escravizado os romanos e impusessem aos romanos o pagamento de tributos, o que é que vocês gostariam? Que os romanos pagassem. Esse é o sentido de Allan Kardec ter colocado isso nesse capítulo de O Evangelho segundo o Espiritismo.

A fé e a caridade

Outra lição importante é “A fé e a caridade”, que devemos reler sempre, enviada por um Espírito Protetor, que se comunicou em Cracóvia, na Polônia, em 1861. As mensagens desse capítulo vieram de várias partes do mundo.

Alguém sabe o que Allan Kardec fez para poder aproveitar essas mensagens? De onde elas vinham e por que vinham? Eram enviadas de várias partes do mundo para Allan Kardec, tanto assim que O Evangelho segundo o Espiritismo foi o terceiro livro a aparecer, porque ele tinha que ter tempo de ler as mensagens e, mais que tudo, ter o discernimento para saber se a mensagem era realmente do Espírito que assim se pronunciava e se as lições estavam encaixadas dentro daquilo que ele queria para o capítulo.

Aqui vocês veem uma de Cracóvia, que ele deve ter recebido de alguém que mandou psicograficamente a mensagem. O bom senso de Allan Kardec foi sempre muito elogiado, com razão, porque realmente ele vai encaixando as mensagens segundo o livro que ele está fazendo. Esse livro é de produção exclusiva de Allan Kardec, então a responsabilidade é muito grande.

Essa mensagem começa assim: “Disse-vos, não há muito, meus caros filhos, que

a caridade, sem a fé, não basta para manter entre os homens uma ordem social capaz de os tornar felizes”. Vocês veem que a mensagem, logo no início, dá uma conotação de sociedade, de vida social, de vida comunitária, por isso que o benfeitor Allan Kardec deve ter colocado aqui.

Sim, meus filhos, é inútil que o homem ávido de gozos procure iludir-se sobre o seu destino nesse mundo, pretendendo ser-lhe lícito ocupar-se unicamente com a sua felicidade. Sem dúvida, Deus nos criou para sermos felizes na eternidade; entretanto, a vida terrestre tem que servir exclusivamente ao aperfeiçoamento moral, que mais facilmente se adquire com o auxílio dos órgãos físicos e do mundo material. Sem levar em conta as vicissitudes ordinárias da vida, a diversidade dos gostos, dos pendores e das necessidades, é esse também um meio de vos aperfeiçoardes, exercitando-vos na caridade. Com efeito, só a poder de concessões e sacrifícios mútuos podeis conservar a harmonia entre elementos tão diversos. Tereis, contudo, razão, se afirmardes que a felicidade se acha destinada ao homem nesse mundo, desde que ele a procure, não nos gozos materiais, sim no bem. A história da cristandade fala de mártires que se encaminhavam alegres para o suplício. Hoje, na vossa sociedade, para serdes cristãos, não se vos faz mister nem o holocausto do martírio, nem o sacrifício da vida, mas única e exclusivamente o sacrifício do vosso egoísmo, do vosso orgulho e da vossa vaidade. Triunfareis, se a caridade vos inspirar e vos sustentar a fé (Espírito protetor).

Com essa mensagem, perguntamos: será que um dia vamos ser felizes? De que felicidade esse Espírito está falando? Da felicidade moral, que ocorrerá quando abriremos a cortina da vida espiritual e termos consciência de que não estamos vivendo somente aqui, mas que temos uma prorrogação e que a verdadeira pátria não é aqui.

Temos a ilusão de achar que a Terra é o nosso campo de luta principal, que é essencial, mas os Espíritos nos dizem que não, que a Terra poderia deixar de existir e que a nossa vida de Espírito é essencial. É isto que aprendemos com O livro dos Espíritos e com O Evangelho segundo o Espiritismo: o essencial não está na Terra, mas está, sobretudo, na vida primitiva, que é a vida do Espírito. A desencarnação é que nos dá esse conhecimento de que voltaremos para a Terra.

Assim, existe uma projeção da nossa vida no mundo espiritual, e lá é o mundo verdadeiro.

E o que a Terra oferece? Sem ela não há progresso. Temos que passar pela peneira do tempo e adquirir qualidades para que a nossa vida espiritual reflita o nosso progresso. Passamos pela vida corporal porque temos que evoluir em dois setores fundamentais, que constituem as duas asas do pássaro que somos nós. Cada um de nós é um pássaro e tem, portanto, duas asas. Uma delas é a do conhecimento, da razão, da intelectualidade. Precisamos conhecer mais coisas e abrir o nosso intelecto para conhecer o infinito, a vida em si, não apenas na Terra, mas a vida infinita. A outra asa é a do sentimento, é a do amor.

O que se passa conosco hoje é que estamos com uma asa muito desenvolvida, que é a asa da ciência e da tecnologia, mas a outra asa é um toco, não tem desenvolvimento, ela é pequenininha demais, que é a do amor, a do sentimento. Por isso que estamos nesse impasse, não conseguimos sair.

Para que desenvolvemos o amor, é preciso aceitar as regras fundamentais do Universo que Jesus trouxe, o código moral de vida que Ele trouxe. Apesar de existir povos que não acreditem em Jesus, foi Ele quem mandou os missionários nesses povos, porque Ele é o governador planetário. Ele não vai perguntar se segue Buda, se segue Maomé, se segue este ou aquele. O que Jesus deseja é que acrisolemos o amor, vivamos esse sentimento sublime. Não importa quem foi que trouxe as leis que devem reger a nossa vida. Estamos num impasse hoje exatamente porque o predomínio da intelectualidade é bem maior sobre a questão do sentimento, infelizmente.

Nesse mesmo capítulo, temos o trecho chamado “Caridade para com os criminosos”. É sempre muito interessante porque o Espiritismo toca em pontos essenciais que abrem o nosso entendimento para compreender, sobretudo, aqueles que têm dificuldades enormes para viver. Devemos ir em busca daquele que está passando por provações muito mais difíceis que a nossa. Muitas pessoas não compreendem o fato de o movimento espírita dedicar-se às crianças deficientes e realizar as tarefas dentro dos presídios, por exemplo, sobretudo quando são bem materialistas. No entanto, dentro do Evangelho, encontramos estímulos constantes para que a nossa atividade seja em benefício de quem está muito pior que nós mesmos, dedicando-se a essas pessoas. Aqui diz:

A verdadeira caridade constitui um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Completa fraternidade deve existir entre os verdadeiros seguidores da sua doutrina... Não julgueis, oh! não julgueis absolutamente, meus caros amigos, porquanto o juízo que proferirdes ainda mais severamente vos será aplicado e precisais de indulgência para os pecados em que sem cessar incorreis. Ignorais que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o mundo nem sequer como faltas leves considera?

Essa pergunta é muito interessante porque, por exemplo, na Rússia, por ano, realiza-se um milhão e oitocentos mil abortos. E nos Estados Unidos é mais ou menos assim. O que é que o Espírito está dizendo aqui?

Ignorais que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o mundo nem sequer como faltas leves considera?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dais, nem mesmo nas palavras de consolação que lhe aditeis. Não, não é apenas isso o que Deus exige de vós. A caridade sublime, que Jesus ensinou, também consiste na benevolência de que useis sempre e em todas as coisas para com o vosso próximo. Podeis ainda exercitar essa virtude sublime com relação a seres para os quais nenhuma utilidade terão as vossas esmolas, mas que algumas palavras de consolo, de encorajamento, de amor, conduzirão ao Senhor supremo.

O Espiritismo como consolador

E aqui segue uma advertência:

Estão próximos os tempos, repito-o, em que nesse planeta reinará a grande fraternidade, em que os homens obedecerão à lei do Cristo, lei que será freio e

esperança e conduzirá as almas às moradas ditosas [...]. Em breve, quando os homens se encontrarem submetidos às verdadeiras leis de Deus, já não haverá necessidade desses ensinamentos: todos os Espíritos impuros e revoltados serão relegados para mundos inferiores, de acordo com as suas inclinações.

O Espiritismo, ao chegar ao mundo como consolador prometido, veio nos dar um alerta à humanidade de que vai haver a grande passagem de um mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração. Teremos mais de mil anos nessa regeneração, mas estamos no último segundo da prorrogação. Não há mais tempo.

Com a vinda do Espiritismo, iniciou-se a grande transição. E aqui está o Espírito falando sobre isso: “já não haverá necessidade desses ensinamentos: todos os Espíritos impuros e revoltados serão relegados para mundos inferiores, de acordo com as suas inclinações”. Foi por isso que Chico Xavier disse para a Egorina que ele ouvia os Espíritos chorando porque estavam abandonando definitivamente a Terra. Quer dizer, em parte isso já está se cumprindo.

Aqui ele fala sobre a necessidade de orar por aqueles Espíritos que estão passando por provações, pois pode ele ser tocado, assim como pelos criminosos: “Pode ele ser tocado de arrependimento, se orardes com fé. É tanto vosso próximo, como o melhor dos homens; sua alma, transviada e revoltada, foi criada, como a vossa, para se aperfeiçoar; ajudai-o, pois, a sair do lameiro e orai por ele (Isabel de França)”.

Jesus diz, em uma de suas passagens, que toda vez que fizéssemos a um desses pequeninhos, era a Ele que estávamos fazendo. E ainda especificou: “Eu estava com fome e me destes de comer. Eu estava com sede e me destes de beber. Eu estava preso e foste-me visitar”. Esta mensagem está incluída, sem dúvida nenhuma, nos ensinamentos do Cristo: “ajudai-o, pois, a sair do lameiro e orai por ele”.

A misericórdia para com todos

Finalmente, no final desse capítulo expõe-se o dilema: deve-se expor a vida por um malfeitor? “Acha-se em perigo de morte um homem; para o salvar tem um outro que expor a vida. Sabe-se, porém, que aquele é um malfeitor e que, se escapar, poderá cometer novos crimes. Deve, não obstante, o segundo arriscar-se para o salvar?”

A resposta é de Lamennais:

Questão muito grave é esta e que naturalmente se pode apresentar ao Espírito. Responderei, na conformidade do meu adiantamento moral, pois o de que se trata é de saber se se deve expor a vida, mesmo por um malfeitor. O devotamento é cego; socorre-se um inimigo; deve-se, portanto, socorrer o inimigo da sociedade, a um malfeitor, em suma. Julgais que será somente à morte que, em tal caso, se corre a arrancar o desgraçado? É, talvez, a toda a sua vida passada. Imaginai, com efeito, que, nos rápidos instantes que lhe arrebatam os derradeiros alentos de vida, o homem perdido volve ao seu passado, ou que, antes, este se ergue diante dele. A morte, talvez, lhe chega cedo demais; a reencarnação poderá vir a ser-lhe terrível. Lançai-vos, então, ó homens; lançai-vos todos vós a quem a ciência espírita esclareceu; lançai-vos, arrancai-o à sua condenação e, talvez, esse homem, que teria morrido a blasfemar, se atirá nos vossos braços. Todavia, não tendes que indagar se o fará, ou não; socorrei-o, porquanto, salvando-o, obedeceis a essa voz do coração, que vos diz: “Podes salvá-lo, salva-o!”

Temos assim a misericórdia para com os criminosos. Devemos expor a nossa vida para salvar alguém porque talvez esse gesto seja, para ele, um motivo de redenção.



Nossa líder

inspiradora

Irvênia L. S. Prada

Conheço a Dra. Marlene Nobre desde meados da década de 1980, quando comecei a frequentar as reuniões da AME-SP, que aconteciam aos sábados, na Rua Maestro Cardim, em São Paulo. Lá também convivi com a Dra. Maria Julia Pietro Peres, Dr. Ney Peres, Dr. Roberto Brólio, Dr. Antônio Ferreira, Dr. Ary Lex, Sr. Spartacus, Profa. Heloisa Pires e Dr. Antônio João Tedesco, entre outros.

Aos poucos, fui me integrando, e a convite da Dra. Maria Julia e da Dra. Marlene, comecei a participar dos eventos como palestrante. A partir daí, minha convivência com a Dra. Marlene foi se estreitando, pois tive o privilégio de estar ao seu lado, sob sua liderança, durante muitos anos, no cumprimento de tarefas doutrinárias. Ao final de todas elas, muito se somava para mim em aprendizado. Particularmente durante nossas viagens, ouvi histórias e histórias dos seus tempos de faculdade em Uberaba, em que convivia diariamente com Chico Xavier, que a todo momento tomava como modelo de trabalhador da seara de Jesus.

Em nossas andanças, muitos foram os momentos especiais que carinhosamente guardo na memória, dos quais a seguir vou destacar alguns. Todos eles são significativos da importância do trabalho incansável da Dra. Marlene, seja nos eventos formais, seja nos bastidores.

Em setembro de 2008, acompanhei a Dra. Marlene em audiência pública no STF, em Brasília, onde seria discutido o abortamento de anencéfalos. Para corresponder ao tempo de que dispúnhamos, preparamos, cada uma, dez slides para expor aos senhores ministros os argumentos que selecionamos criteriosamente para tentar sensibilizá-los quanto à manutenção da vida dessas pequeninas criaturas. Fizemos a nossa parte sob preces silenciosas, pois o ambiente era absolutamente adverso aos nossos propósitos. Ouvimos todo tipo de referências agressivas e desrespeitosas a esse feto indesejável pela maior parte dos presentes. Hoje, quando vejo algumas das fotos dessa ocasião, sempre digo, pela palidez de nossa pele e pelo abatimento de nosso semblante, que devíamos estar vampirizadas... Ao final do evento, quando saímos do ambiente, uma pessoa da mídia, que sempre cobre eventos políticos lá em Brasília, interpôs-se entre nós e disse: “vocês estão de parabéns pelo esforço que fizeram e pela firme postura que demonstraram em defesa da vida, mas não se iludam nem esperem muito, pois a cabeça ‘deles’ [ministros] é cristalizada, aí não entra

mais nada...”. De fato, deu no que deu (foi aprovada a lei que permite o abortamento desses fetos, chamados de “anencéfalos”).

Esse dia foi memorável, pois, apesar do cansaço, Dra. Marlene concedeu várias entrevistas sobre os anencéfalos. Em uma delas, no prédio da Federação Espírita Brasileira, estando presentes nossos caros confrades Nestor Masotti e Elsa Rossi, entre outros, em determinado momento a jornalista questionou a razão de nosso empenho em favor da vida de crianças com deficiência, perante o peso que representariam para a sociedade. Dra. Marlene não deixou “barato” e assim iniciou a resposta, com a autoridade moral que lhe era intrínseca: “Você já se deu conta que não são os deficientes que fazem as guerras?” Seguiu-se um silêncio profundo, e notamos que até o cameraman fez um gesto de surpresa. Entreolhamo-nos – os espíritas ali presentes –, orgulhosos de tê-la como representante de nossos ideais doutrinários.

Outro episódio que desejo relatar aconteceu durante nosso périplo na Europa, em outubro de 2008. Chegamos em Friburgo, na Suíça, e uma van nos levou ao local ermo e longínquo onde ficaríamos hospedados. Era uma abadia do século XII, e de início ficamos entusiasmados com essa rara e inusitada oportunidade histórica! Nosso grupo incluía, além da Dra. Marlene, nossos amigos Beto e esposa, Deda (de Campina Grande-PB), Sérgio Lopes e sua esposa, Jeanini (de Pelotas-RS), José Roberto e esposa, Janice (de Vitória-ES), Nelly Berchtold (de Berna-Suíça), Alberto Almeida (de Belém-PA), eu e minha prima Lena (de Campinas-SP).

Fomos recebidos por uma solitária freira, que apenas nos indicou os quartos a serem ocupados, despedindo-se logo a seguir. Não estávamos avisados de que não nos serviriam refeições. Chovia aquela chuvinha fina e persistente, e a temperatura ambiente caía vertiginosamente. Conclusão: estávamos cansados, com frio e famintos. Era tarde da noite e não havia a menor possibilidade de sairmos dali para comer alguma coisa em outro lugar. Ficamos nos olhando e perguntando uns aos outros: “e agora?” O jeito era ver se alguém tinha alguma coisa, uma bolachinha, um biscoito... Lena logo se lembrou dos dez pacotinhos de sopa desidratada que trouxera para a viagem. Ela e eu tomamos duas em Portugal, portanto ainda tínhamos oito delas. Eu também tirei de minha mochila algumas barrinhas de cereal que sempre me acompanham para momentos críticos. Era o que tínhamos! Mãos à obra, invadimos sorratamente a cozinha, que ficava no mesmo piso, aquecemos água em uma grande panela, diluímos os pacotinhos de sopa e, nas xícaras que já estavam arrumadinhas para o café da

manhã, ingerimos o caldo quente que alimentou (o quanto pôde) nosso corpo e nosso Espírito. E como sobremesa, cada qual recebeu um pedacinho de barra de cereal. Apenas a Dra. Marlene não tomou a sopa, pois já havia se recolhido pelo cansaço da viagem. E como o “criminoso” que não quer deixar rastros de sua presença no local, lavamos, enxugamos e deixamos tudo certinho, cada coisa em seu lugar.

Na manhã seguinte, durante o café, outra surpresa: muitos de nós relataram que durante a noite sentiram perseguição espiritual e tiveram horríveis pesadelos. Com certeza, os Espíritos acostumados àquele ambiente religioso não gostaram nada de vê-lo invadido por um bando de espíritas! Dra. Marlene logo encontrou a solução, convocando-nos a orar. À cabeceira daquela imensa mesa, começou por referir a figura espiritual de Monsenhor Horta, religioso católico autor da linda prece chamada Pai Nosso, que ela proferiu em seguida. Aliás, essa prece Dra. Marlene repetia sempre, em diferentes ocasiões, pois dizia que, além de comovente, era uma das preferidas de Chico Xavier. Com certeza, Monsenhor Horta reconheceu nossos bons propósitos e intermediou a situação, acalmando os ânimos de ambas as partes. Segue o texto dessa prece, para os que ainda não a conhecem:

Pai Nosso⁹

Pai Nosso, que estás nos Céus,

Na luz dos sóis infinitos,

Pai de todos os aflitos

Deste mundo de escarcéus.

Santificado, Senhor,

Seja o teu nome sublime,

Que em todo o Universo exprime

Concórdia, ternura e amor.

*Venha ao nosso coração
O teu reino de bondade,
De paz e de claridade
Na estrada da redenção.*

*Cumpra-se o teu mandamento
Que não vacila e nem erra,
Nos Céus, como em toda a Terra
De luta e de sofrimento.*

*Evita-nos todo o mal,
Dá-nos o pão no caminho,
Feito na luz, no carinho
Do pão espiritual.*

*Perdoa-nos, meu Senhor,
Os débitos tenebrosos,
De passados escabrosos,
De iniquidade e de dor.*

*Auxilia-nos, também,
Nos sentimentos cristãos,
A amar nossos irmãos
Que vivem longe do bem.*

*Com a proteção de Jesus,
Livra a nossa alma do erro,
Sobre o mundo de desterro,
Distante da vossa luz.*

*Que a nossa ideal igreja
Seja o altar da Caridade,
Onde se faça a vontade
Do vosso amor... Assim seja.*

Outra ocorrência interessante que vivenciamos com Dra. Marlene foi a seguinte: estávamos, o mesmo grupo, em Liège, na Bélgica, ainda durante o périplo de 2008, e por razões ignoradas houve alguma confusão com nosso agendamento no modesto hotel que estava reservado a nós. Para concluir, Dra. Marlene, minha prima Lena e eu tivemos de ficar alojadas no mesmo quarto, à custa de um sofá-cama que conseguiram colocar lá dentro. Era a última cidade da temporada, e com preocupação víamos que as pernas e os pés da Dra. Marlene já se ressentiam de tantas andanças. Sugeri então a Lena, que é massoterapeuta, que fizesse nela uma massagem, mas ela inicialmente se disse constrangida, achava

que não tinha essa liberdade, não sabia se a Dra. Marlene iria confiar nela. Mas não deu outra! De repente, a própria Lena se sentiu induzida a fazer a tal da massagem, dizendo à Dra. Marlene que alguém em Espírito a estava intuindo fortemente. Dra. Marlene sorriu e disse: “Eu sei quem é, ela está aqui, era minha massagista e desencarnou precocemente. Ela está mesmo me dizendo que vai orientar você e ajudá-la”. À medida que o tratamento ia se fazendo, Lena ia nomeando as estruturas anatômicas que abordava, o que surpreendeu a Dra. Marlene. Seja pela confiança que sentiu nas mãos da massoterapeuta de improviso, seja pelo desejo fraterno de Lena em aliviar a Dra. Marlene e, certamente, mais pelas vibrações amorosas que recebeu do Espírito de sua antiga massagista. Dra. Marlene assim adormeceu...

Ainda mais um caso que desejo destacar também aconteceu nesse périplo europeu de 2008, ao final de nossa tarefa. Estávamos ainda em Liège, na Bélgica, e na manhã seguinte iniciariamos nossa viagem de volta. Combinamos de nos reunir no quarto do Beto e da Deda, para a prece. Fomos chegando, Dra. Marlene de cabelo ainda molhado, após o banho. Era raro vê-la assim, uma vez que sempre se apresentava, especialmente nos eventos, muito bem preparada. Faltava o Alberto, então alguém mencionou em chamá-lo, mas a Dra. Marlene recomendou: “Deixa ele quieto, hoje ele não está bem de saúde!” Sentamo-nos alguns nas poucas cadeiras, outros na beirada da cama. Sérgio leu alguma coisa, Beto fez uma prece e, de repente, percebemos que a Dra. Marlene estava envolvida mediunicamente. Ficamos em prece silenciosa, e quem se comunicou foi nada menos que o Dr. Bezerra! Disse-nos de sua alegria pela tarefa cumprida e da responsabilidade de todos como trabalhadores da seara de Jesus. Podia se ouvir a respiração de cada um de nós, tomados pela surpresa e intimamente questionando que mérito tínhamos para viver esse momento tão especial. Ele ainda nos agradeceu o esforço e o desempenho das atividades. Acho que, nesse momento, nossas faces ficaram coradas! Não é preciso dizer que terminada a comunicação mediúnica, ninguém se levantava, ninguém falava nada. Nossa voz estava embargada pela emoção inesquecível, e as lágrimas insistiam em rolar pelas nossas faces.

Como agradecer a Jesus e ao Dr. Bezerra pela oportunidade de momentos tão preciosos! Como agradecer à nossa querida Dra. Marlene pela liderança, persistência, pelo exemplo, esforço além das forças físicas e comprometimento incondicional com o desempenho das tarefas assumidas? Penso que a única maneira de honrar nossa condição de trabalhadores dessa nobre causa é seguir em frente, convictos de que nossa estimada líder continua firme e forte a nos

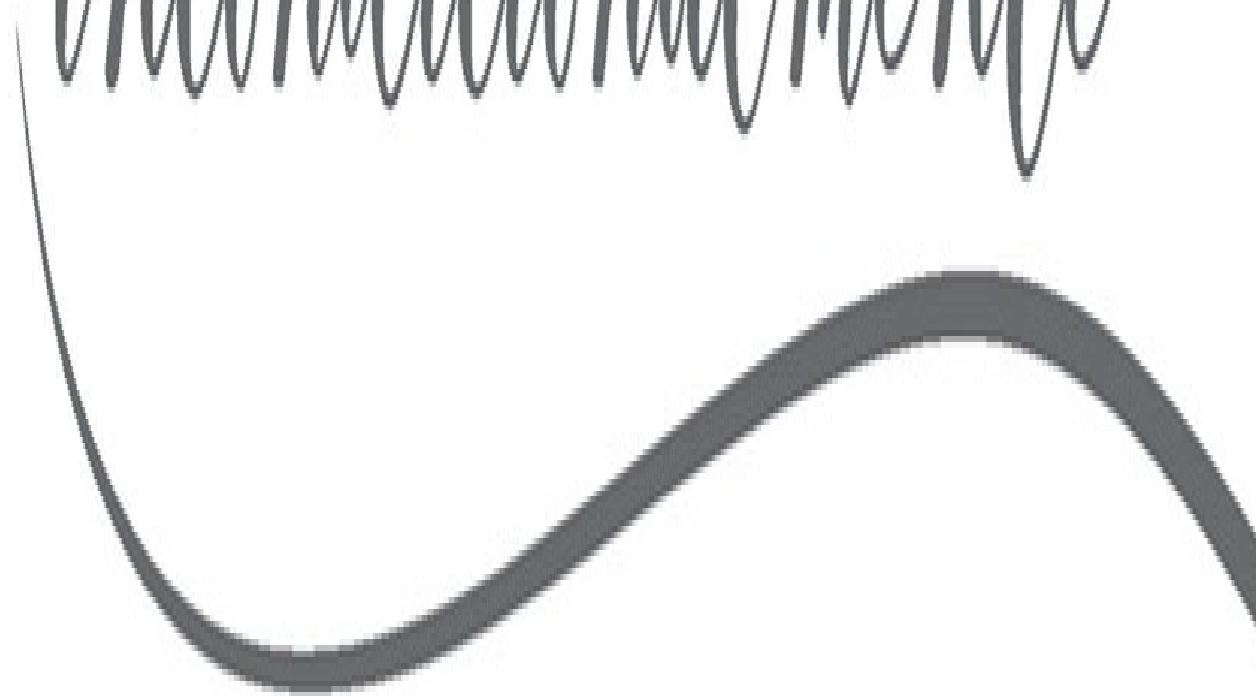
orientar.

De nossa parte, Dra. Marlene, aqui estamos a postos e aguardamos suas ordens, sempre com renovado espírito de gratidão! Que Jesus nos abençoe, reforçando nossa pretensa figura de trabalhadores de sua seara!

[9 Prece ditada por Monsenhor Horta a Chico Xavier em uma das reuniões da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba-MG \(consta na obra Parnaso de além-túmulo, de Chico Xavier, ditada por Espíritos diversos\).](#)



Amar
incondicionalmente



As relações terrenas ecoam no mundo invisível e nos ligam a relações as quais cultivamos aqui na Terra. Dessa forma, é importante rechaçarmos o ódio e a vingança de nossas vidas para que não avancemos com esses sentimentos em nosso amanhã. Veja a questão n. 295 de O livro dos Espíritos:

Que sentimento anima, depois da morte, aqueles a quem fizemos mal neste mundo?

Se são bons, eles vos perdoam, segundo o vosso arrependimento. Se maus, é possível que guardem ressentimento do mal que lhes fizestes e vos persigam até, não raro, em outra existência. Deus pode permitir que assim seja, por castigo.

Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo XII, “Amai os vossos inimigos”, de O Evangelho segundo o Espiritismo

Se alguém bater na sua face direita, apresenta-lhe também a outra:

Aprendestes que foi dito: “olho por olho e dente por dente”. – Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; que se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis também a outra; – e que se alguém quiser pleitear contra vós, para vos tomar a túnica, também lhe entregueis o manto; – e que se alguém vos obrigar a caminhar mil passos com ele, caminheis mais dois mil. – Dai àquele que vos pedir e não repilais aquele que vos queira tomar emprestado (Mateus, 5:38- 42).

Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar “ponto de

honra” produzem essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir uma injúria com outra injúria, uma ofensa com outra, o que é tido como justiça por aquele cujo senso moral não se acha acima do nível das paixões terrenas. Por isso é que a lei mosaica prescrevia: olho por olho, dente por dente, de harmonia com a época em que Moisés vivia. Veio o Cristo e disse: “Retribuí o mal com o bem”. E disse ainda: “Não resistais ao mal que vos queiram fazer; se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra”. Ao orgulhoso este ensino parecerá uma covardia, porquanto ele não compreende que haja mais coragem em suportar um insulto do que em tomar uma vingança, e não compreende, porque sua visão não pode ultrapassar o presente.

Eis aqui um assunto que realmente atinge a nós todos e o qual reagimos de maneiras diferentes. Cada criatura tem uma reação e, muitas vezes, nos dizemos cristãos. Realmente queremos seguir os ensinamentos de Jesus, mas quando nos deparamos com uma injúria grave, um problema sério em que somos defrontados de maneira impiedosa, em que somos levados a uma situação de grande constrangimento, em que somos provados em nossas convicções mais íntimas, agimos de acordo com o progresso espiritual alcançado, que pode ou não estar de acordo com os ensinamentos do Cristo.

Temos empenho, achamos importante, louvamos as criaturas que são capazes de realizar ações compatíveis com as lições do Cristo, mas no momento em que somos provados, em que sentimos a provação bem de perto, muitas vezes fracassamos e não conseguimos seguir à risca o ensinamento.

Quando nos deparamos com uma pessoa que é capaz de relevar todas as faltas, inclusive quando profundamente humilhada, a pessoa é capaz de suportar e perdoar e não ter nenhuma atitude de revanche; quando nos deparamos com uma pessoa assim no mundo em que vivemos, mundo ainda atrasado do ponto de vista espiritual, nos sentimos diante de alguém que causa impacto sobre nossa vida, que é capaz de marcar profundamente a nossa existência. Mas nos sentimos fracos porque não somos capazes de realizar na mesma medida as nossas vivências aqui na Terra e, muitas, vezes nos recriminamos. Não conseguimos nos igualar àqueles considerados paradigmas do futuro, modelos que a humanidade terá que seguir a partir do momento em que a grande transição acabar para verificarmos para onde vamos.

Essa é uma lição profundamente tocante, porque ela põe à prova o que temos de mais sagrado: a nossa conquista espiritual. Há aí uma dificuldade muito grande, por isso falamos em provações. Porque diante das provas, temos que dar sinais de que conseguimos ultrapassar, que conseguimos vencer, que conseguimos, na realidade, seguir os ensinamentos os quais nos propomos, porém nem sempre conseguimos.

Chico verdadeiramente amou...

Ainda a propósito desse ensinamento, há pouco terminei o livro sobre Chico Xavier, onde coloco dados, avaliações que o próprio médium fez de episódios da sua vida. Eu me lembrei exatamente da figura de Chico Xavier como máximo exemplo nesse capítulo e explico o porquê. Em 1935, Chico ganhou as páginas do jornal O Globo como um médium confiável, embora simples, humilde e pobre. Ele, em absoluto, não trapaceava, segundo testemunho do Clementino Aguiar, o grande repórter que ficou três meses em Pedro Leopoldo realizando entrevistas com o médium, que então recebia uma das maiores glórias, uma cabeça coroada da Academia Brasileira de Letras, o grande escritor Humberto de Campos.

Chico passou a ser conhecido no Brasil todo como alguém que recebia autenticamente esse grande escritor brasileiro.

No entanto, a reação das trevas não se fez esperar. Em 1944, Jean Manzon e David Nasser voaram em um avião especial dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, do Rio de Janeiro para Pedro Leopoldo com a intenção de acabar com o médium. O jornalista, que ficou sob assédio de uma entidade pavorosa, queria vender a revista O Cruzeiro. É claro que aquela maquinação dessa reportagem atingiu os dois planos da vida, infelizmente estavam mal assessorados.

E o que aconteceu? Foram até a Fazenda Modelo, e o chefe da Fazenda Modelo, Dr. Rômulo Joviano, não permitiu que os dois entrevistassem Chico Xavier ali. O que eles fizeram? Foram até a casa do médium, uma casa modesta onde ele vivia com as suas irmãs e com seus sobrinhos e foram entrando, como se

dissessem: “agora quem manda aqui sou eu”. Foi todo um circo armado. Era assim: eles só falavam inglês entre eles e tinham um segurança, um “armário” junto, para traduzir para o português aquilo que eles falavam para o Chico Xavier obedecer. Então, eles forçaram a entrada e disseram “não adianta resistir porque nem Getulio Vargas consegue nos parar. Nós vamos entrar e fazer o que precisamos fazer para a nossa entrevista”. No entanto, antes que eles dissessem isso, Emmanuel tinha aparecido para Chico e dito assim: “não resista, faça tudo o que eles quiserem”, já avisando-o que uma surra bem dada poderia ser só o começo de uma situação em que ele não tinha saída.

Quem é mais velho acompanhou essa reportagem, em 1944. Quem ainda fizer um levantamento da revista O Cruzeiro, que já está desaparecida há muito tempo, poderá verificar as tristes fotografias que foram tiradas: Chico dentro de uma banheira, seminu, envergando uma vela na mão e com uma legenda debochada dizendo que ele estava em comunhão com o mundo dos mortos, sei lá o que estava escrito na legenda. Essa foi uma das fotos mais terríveis. Na outra, ele estava anotando nos livros, livro aberto e ele anotando, dando a entender que era um copiador barato. E por aí foi. E a situação foi de tal modo violenta que não havia possibilidade alguma de dizer não, para vocês terem uma ideia. E o “tradutor”, o segurança, estava lá para garantir “a ordem”, impondo a sua massa muscular.

Bom, o que todo mundo viu foi uma reportagem esdrúxula, cheia de fotos de zombaria, de humilhação. Ao final da entrevista, o Chico deu um livro para cada um. E é escusado dizer que eles deram nomes falsos, nomes de jornalistas norte-americanos, falando inglês entre eles. E foram embora.

Eu conto no livro os bastidores da entrevista, mas eu não vou dizer aqui para manter um pouco de curiosidade porque tudo isso já saiu em várias biografias. O que não saiu é o que eu relato. Foi de tal ordem a humilhação, que os próprios espíritas (ou Espíritos de porco, na minha maneira de pensar) escreviam pedindo satisfação ao Chico pelas fotos que saíram. Não é incrível, não é pavoroso pensar que o nosso movimento seja capaz de uma coisa dessa? Pois foram. Como se eles não soubessem da truculência dos repórteres, como se eles não soubessem do poder econômico de Assis Chateaubriand.

Bem, eu conto o que aconteceu nos bastidores para vocês terem uma ideia da falange que entrou junto. E lá está relatado o que Chico me contou. O que aconteceu na casa dele é impressionante. Era toda uma falange contra ele, um

menino pobre, inocente, cumpridor dos seus deveres que estava criando uma família que não lhe pertencia por matrimônio, mas era dele pelo coração, sua família consanguínea, e que estava estafado pelo trabalho contínuo e incessante e que ainda teve que aturar tamanha humilhação.

Eu me lembrei imediatamente de Chico Xavier quando li isso aqui. Porque tem mais: ninguém ficou sabendo o que os livros que foram entregues diziam. A qualidade espiritual de Chico é tamanha que, em nenhum momento, ele saiu a campo para dar entrevista, para dizer que Emmanuel sabia quem eles eram, que a dedicatória foi feita a Jean Manzon e David Nasser, para cada um, e assinado “do seu irmão Emmanuel”. Chico não contou. Esses detalhes demonstram a grandiosidade de uma alma, porque não só ele sofreu a truculência como também não disse ao público: “mas eu sabia quem eles eram”. Nem isso ele se defendeu. Então vejam bem a qualidade de Espírito que estamos falando e ao contrário.

Como é que ficamos sabendo que Emmanuel escreveu o nome certo, quer dizer, por intermédio de Chico? Muitos anos mais tarde, dando uma entrevista ao jornal O Dia, do Rio de Janeiro, David Nasser disse que o maior arrependimento da vida dele tinha sido essa reportagem com Chico. Ele contou que Jean Manzon telefonou para ele e disse:

– David, você leu o livro que o homem nos deu?

– Não, não vi – respondeu.

– Pega lá, ele pôs os nossos nomes.

Aí ele largou o telefone, correu na biblioteca e pegou o livro. Estava escrito: David Nasser.

Tudo aquilo que ocorreu na casa do Chico foi uma coisa horrorosa, leiam para saber. Então eu fico pensando: o que teria acontecido com cada um de nós numa situação dessa? Porque ele não levou uma bofetada, mas quantas no rosto? E deu quantas vezes a outra para bater? E o mais importante: ainda quando ele encontrou David Nasser, anos depois, estendeu a mão para ele e disse: “eu te perdooi, está tudo certo”. Quer dizer, um exemplo desse, que ultrapassa qualquer reação nossa, temos que divulgar, porque só temos maus exemplos à nossa volta.

A vingança ainda grita em nós

Admiro muitíssimo a grande nação do Norte, os Estados Unidos. A ciência só é o que é porque tem notáveis pesquisadores e que são sustentados pelo dinheiro norte-americano, mas, infelizmente, sinto muito, é cultura da vingança: o que exportam, o que escrevem, os filmes que fazem... Temos tido somente exemplos acabados de vingança e nenhum de altruísmo e perdão, por mínimo que seja. Uma cultura da vingança, não há laivos de paz. Falamos disso aqui com constrangimento e com dor no coração, mas é verdade.

Enquanto cultivarmos a vingança, como é que poderemos mudar o mundo? É preciso divulgar aquelas pessoas, como diz aqui, que são os maiores vencedores da história da humanidade porque venceram os próprios instintos e são capazes de perdoar. São capazes de retribuir o mal com bem. Isso temos que divulgar.

Como diz Emmanuel, “nós estamos passando por determinadas provações, por problemas vários, nós temos que ver dentro daquele tipo de provação quem venceu com Jesus, quem venceu com a Espiritualidade Superior”. Não devemos admitir que a humanidade não vai conseguir sair da animalidade em que está. Não podemos admitir isso! Embora sejam raros, raríssimos esses casos, mas são eles que precisam ser divulgados, porque senão a Terra não muda.

Dever-se-á, entretanto, tomar ao pé da letra aquele preceito? Tampouco quanto o outro que manda se arranque o olho, quando for causa de escândalo. Levado o ensino às suas últimas consequências, importaria ele em condenar toda repressão, mesmo legal, e deixar livre o campo aos maus, isentando-os de todo e qualquer motivo de temor. Se se lhes não pusesse um freio às agressões, bem depressa todos os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei da Natureza, obsta a que alguém estenda o pescoço ao assassino. Enunciando, pois, aquela máxima, não pretendeu Jesus interdizer toda defesa, mas condenar a vingança.

É claro que eu posso me defender, mas desde que não esteja fazendo isso para

me vingar.

Eu falei sobre a cultura da vingança, e é isso mesmo. Porque onde existe pena de morte (e existe pena de morte em vários estados norte-americanos), quando entrevistam as pessoas que vão lá para ver o condenado morrer, quando entrevistam, a pessoa diz: “estou satisfeito, meu parente, meu conhecido foi vingado”. Isso é coisa que se diga? E a prisão perpétua para dar a esse indivíduo a possibilidade de ele se reabilitar, onde ela foi parar?

Dizendo que apresentemos a outra face àquele que nos haja batido numa, disse, sob outra forma, que não se deve pagar o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que seja de molde a lhe abater o orgulho; que maior glória lhe advém de ser ofendido do que de ofender, de suportar pacientemente uma injustiça do que de praticar alguma; que mais vale ser enganado do que enganador, arruinado do que arruinar os outros. É, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que não passa de uma manifestação de orgulho.

Por isso que Allan Kardec colocou a questão do duelo aqui, porque o duelo significa orgulho ferido e vingança, que são dois estágios muito primitivos da nossa vida evolutiva como Espíritos imortais.

Somente a fé na vida futura e na justiça de Deus, que jamais deixa impune o mal, pode dar ao homem forças para suportar com paciência os golpes que lhe sejam desferidos nos interesses e no amor-próprio. Daí vem o repetirmos incessantemente: lançai para diante o olhar; quanto mais vos elevardes pelo pensamento, acima da vida material, tanto menos vos magoarão as coisas da Terra.

Por aqui podemos verificar qual o nosso estágio evolutivo. E ficamos a pensar que muitas vezes quando fomos testados de uma maneira frontal, reagimos, infelizmente, como animais. Não deixamos aflorar a ideia da nossa evolução espiritual.

A lição de Rufo e Eurípedes Barsanulfo

No livro *Ave, Cristo!*, Rufo foi preso porque seguia Nosso Senhor Jesus Cristo e teve uma condenação sumária. Ele foi amarrado na traseira de um cavalo e arrastado pelo chão até morrer. Quando ele estava na agonia da morte, não deu um único sinal de vingança nem de falta de perdão. Muito pelo contrário, estava sereno. Nesse momento (é um momento muito tocante do livro), quando ele deixa a esposa e os dois filhos, chega bem perto do ouvido dele uma pessoa que diz assim: “morre em paz, meu amigo, eu também sou cristão. Sua esposa e seus filhos vão para a minha casa”. É sempre assim: a luta do bem contra o mal. Mas sempre há uma réstia de esperança em nossa vida.

Rufo, não sei se vocês sabem, é uma reencarnação de Eurípedes Barsanulfo. Ele era cristão, casado, com dois filhos e, ao entregar sua alma a Deus, teve uma suprema compensação de saber que um cristão iria tomar conta da sua esposa e dos seus filhos. Em nenhum momento, ele disse uma palavra de condenação àqueles que o estavam sacrificando.

O testemunho dos cristãos

Gosto muito de seguir Emmanuel, porque ele dá exemplos que precisamos buscar nos momentos de maior sofrimento ou em momentos em que estamos passando por provações semelhantes àquelas desses grandes exemplos da humanidade. Porque se formos buscar exemplos nos filmes de Hollywood, estaremos perdidos... Ficaremos na Terra mil anos prisioneiros de vingança, do ódio, do desespero, da falta de perdão, infelizmente.

Os cristãos sofreram de tal maneira que não sei se fôssemos chamados para dar testemunho do Espiritismo, se teríamos coragem de fazer um décimo do que eles fizeram. A morte de Lívia, em Há dois mil anos, em que ela trocou de lugar com

Ana. Esta ficou vestida de Patrícia, e ela de escrava, e ela desencarnou. Vocês se lembram quem foi saudá-la no mundo espiritual? Foi Jesus, imagina a qualidade do Espírito dela. Lívia não precisou mais reencarnar. Chico disse que ela é uma estrela de uma grandiosidade enorme.

A vingança é um dos últimos remanescentes dos costumes bárbaros que tendem a desaparecer dentre os homens. É, como o duelo, um dos derradeiros vestígios dos hábitos selvagens sob cujos guantes se debatia a Humanidade, no começo da era cristã, razão por que a vingança constitui indício certo do estado de atraso dos homens que a ela se dão e dos Espíritos que ainda as inspirem. Portanto, meus amigos, nunca esse sentimento deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e proclame espírita. Vingarse é, bem o sabeis, tão contrário àquela prescrição do Cristo: “Perdoai aos vossos inimigos”, que aquele que se nega a perdoar não somente não é espírita como também não é cristão.

Puxa vida, que pancada! O Evangelho tem esse condão de nos mostrar que você não entra para uma religião enquanto essa religião não entrar dentro de você. É isso que o Evangelho fala, ele nos vira do avesso. Então, isso de dizer que não perdoar não é espírita nem cristão repercute muito em nós para que façamos todos os esforços no sentido do perdão. Não cabe ao espírita dizer “nunca perdoarei”, porque isso significa a condenação a um estado de beligerância e animalidade. Nunca poderemos dizer uma coisa dessa.

O mesmo tema é abordado em outro trecho desse capítulo:

Quando é ele o mais forte, cai qual fera sobre o outro a quem chama seu inimigo, desde que a presença deste último lhe inflame a paixão, a cólera, o ódio. Porém, as mais das vezes assume aparências hipócritas, ocultando nas profundezas do coração os maus sentimentos que o animam. Toma caminhos escusos, segue na sombra o inimigo, que de nada desconfia, e espera o momento azado para sem perigo feri-lo. Esconde-se do outro, espreitando-o de contínuo, prepara-lhe odiosas armadilhas e, em sendo propícia a ocasião, derrama-lhe no copo o veneno. Quando seu ódio não chega a tais extremos, ataca-o então na honra e nas afeições; não recua diante da calúnia, e suas pérfidas insinuações.

O problema do ódio

A questão que o Júlio Olivier analisa nesta mensagem de 1862 é exatamente isso. Muitas vezes, você não se vinga a céu aberto, nem à luz do dia, mas você prepara a vingança como se você fosse a pessoa mais santa do mundo. Quando o inimigo menos espera, está morto. A questão toda é alijar dos nossos pensamentos a vingança, seja ela de que maneira for.

Todo espírita que ainda hoje pretendesse ter o direito de vingar-se seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tem como divisa: sem caridade não há salvação! Mas, não, não posso deter-me a pensar que um membro da grande família espírita ouse jamais, de futuro, ceder ao impulso da vingança, senão para perdoar.

Mensagem belíssima do Júlio Olivier.

Nesse capítulo, também há uma mensagem do Fénelon, que é curta, mas de grande profundidade. Chama-se “O ódio”:

Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Tomai sobretudo a peito amar os que vos inspiram indiferença, ódio ou desprezo. O Cristo, que deveis considerar modelo, deu-vos o exemplo desse devotamento. Missionário do amor, ele amou até dar o sangue e a vida por amor. Penoso vos é o sacrifício de amardes os que vos ultrajam e perseguem; mas, precisamente, esse sacrifício é que vos torna superiores a eles. Se os odiásseis, como vos odeiam, não valeríeis mais do que eles. Amá-los é a hóstia imácula que oferecis a Deus na ara dos vossos corações, hóstia de agradável aroma e cujo perfume lhe sobe até o seio. Se bem a lei de amor mande que cada um ame indistintamente a todos os seus irmãos, ela não couraça o coração contra os maus procederes; esta é, ao contrário, a prova

mais angustiosa, e eu o sei bem, porquanto, durante a minha última existência terrena, experimentei essa tortura. Mas Deus lá está e pune nesta vida e na outra os que violam a lei de amor. Não esqueçais, meus queridos filhos, que o amor aproxima de Deus a criatura, e o ódio a distância dele.

O duelo de ontem e de hoje

Há também trechos contra o duelo que Allan Kardec colocou nesse capítulo e que temos a oportunidade de comentar no livro Chico Xavier, meus pedaços de espelho. Por quê? Chico explicou que Kardec desejou colocar mensagens especiais contra o duelo porque na época em que ele viveu (ele nasceu em 1804 e desencarnou em 1869), os duelos atingiam uma quantidade absurda, por qualquer ofensa se mandava a luva um para o outro e eram mortes e mais mortes. Chico nos contou que entre os amigos que se digladiaram havia o marido de Delphine de Girardin, que tem inclusive uma mensagem aqui no Evangelho. O marido dela, que era jornalista – e um dos grandes da França –, se desentendeu com outro jornalista amigo dele e da Delphine, e um mandou a luva para o outro. Resultado: o marido da Delphine morreu no duelo. E aí, mais do que nunca, como o Allan Kardec era ligado ao casal, resolveu colocar junto uma quantidade grande de mensagens espirituais sobre o duelo, naturalmente condenando, como se fosse realmente o suprassumo da vingança, da situação em que eles se consideravam ofendidos. Ofensas nascidas do orgulho, da vaidade. Porque a pessoa é incapaz de perdoar aquele que assim age.

Esse capítulo é inteiramente voltado para a necessidade de controlarmos o ódio, a vingança, o impulso de vaidade, de presunção quando nos sentirmos traídos. Enfim, esse capítulo é um convite a nós enviado pelos Espíritos, para vigiarmos os nossos impulsos no momento de reagir a qualquer situação negativa em que estejamos envolvidos.

Precisamos lê-lo e relê-lo. E, como eu disse, buscar os bons exemplos, porque os maus estão recheando as páginas dos jornais, das televisões, dos videogames, infelizmente. Todos eles calcados na vingança, no ódio. Vinganças, muitas vezes, planejadas de uma maneira absurdamente inteligente. Eu me lembro de ter lido uma reportagem em O Estado de S.Paulo em que o articulista dizia que

assistiu à televisão sem parar por uma semana. Ele aprendeu tudo o que podemos imaginar para fazer o mal: arrombar cofre, arrombar casa e, principalmente, a retribuir de maneira impiedosa a qualquer ofensa que lhe é dirigida. Assim temos uma ideia do que circula, infelizmente, pelo nosso mundo.



*O devotamento
de Marlene*



Márcia Regina Colasante Salgado

Eis que em meio à penumbra em que se encontrava o ambiente, poderosa voz se faz presente tangendo as cordas dos corações...

Das profundezas da alma, da fiel servidora de Jesus, ecoa no recinto a sublime oração do amado irmão Monsenhor José Silvério Horta, psicografada por nosso querido amigo e orientador espiritual Chico Xavier. Esse Pai Nosso tão lindo, conforme descrito no capítulo 17 pela nossa irmã Irvênia L. S. Prada, era a prece que Dra. Marlene amava, por isso a tinha como um roteiro seguro para a tarefa que realizava na Terra em prol de nossa Doutrina.

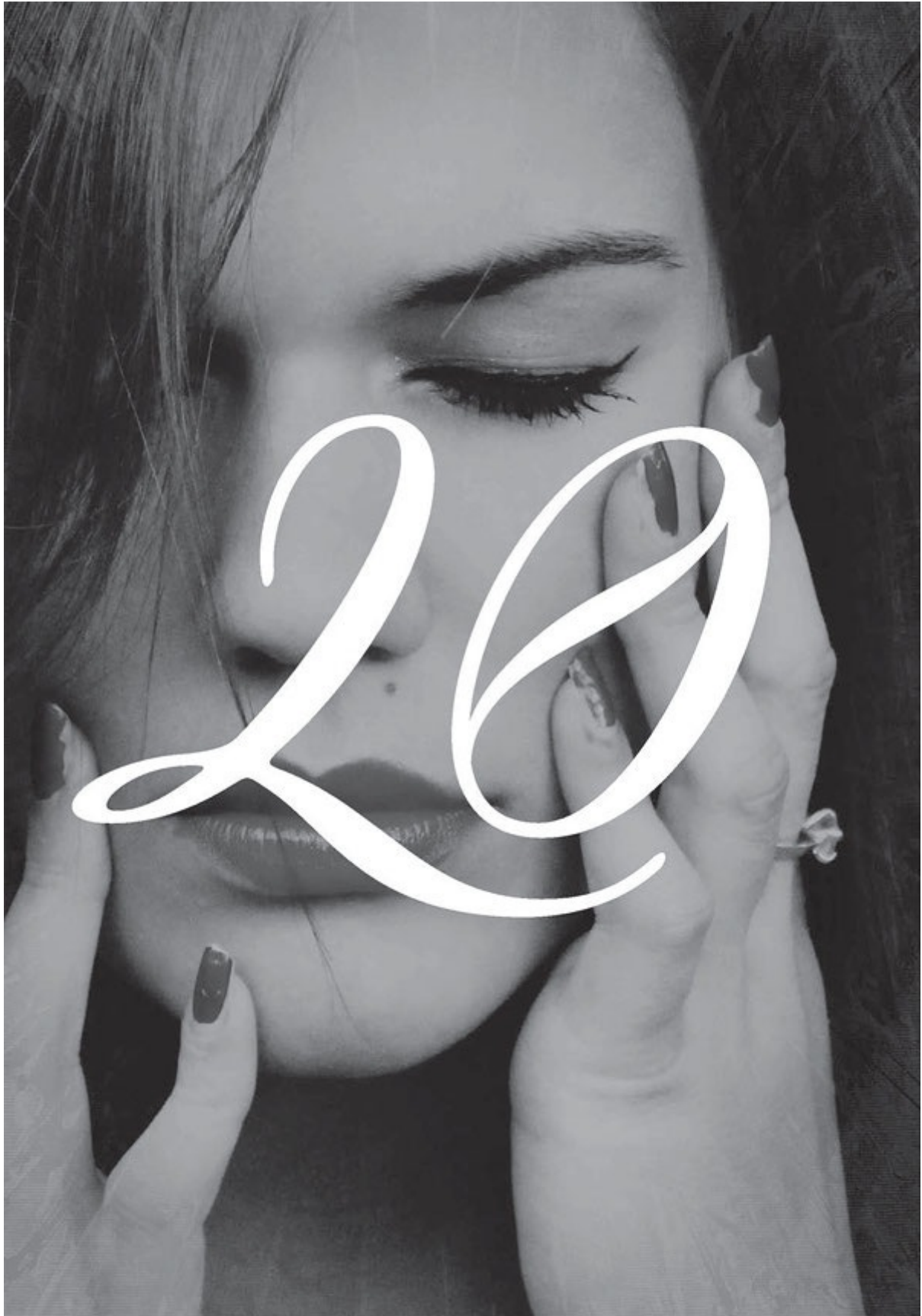
Como fonte de expressão dos seus mais puros sentimentos, especialmente com relação à reverência que tinha por Deus, nosso Pai, e Jesus, nosso Mestre, rogava com humildade o perdão dos débitos passados que ainda reverberavam em seu ser. Suas mais nobres aspirações estavam contidas naqueles versos sublimes. Tendo a clareza das tarefas que deveria desempenhar e de que não poderia mais errar, Marlene Nobre combateu veementemente o personalismo, o orgulho e a vaidade, dedicando-se arduamente à divulgação do Espiritismo em suas três vertentes: ciência, filosofia e religião. Por essa razão, a rogativa para que pudesse se livrar do erro, neste mundo de desterro, era viva e penetrante. Tendo sido muito combatida, como todas as criaturas nobres que passam pelo mundo, Marlene, no convívio fraterno, sempre buscou vivenciar os sentimentos cristãos, buscando amar, respeitar e perdoar seus irmãos. Os ensinamentos de Jesus, a quem tanto amava, sempre estiveram presentes em sua vida e obra.

Uma faceta pouco conhecida da querida amiga e mãe espiritual, pois assim a considero, era o auxílio aos amigos e aos mais necessitados, sob o véu da total discrição, além da obra de caridade que deixou e acolhe inúmeras crianças, cumprindo assim a materialização dos sentimentos cristãos.

Tive o privilégio de estar em algumas reuniões em que a querida amiga orou com todo o sentimento de sua alma essa magnífica prece e pude testemunhar as suaves e doces irradiações que se fizeram no ambiente, quando o “céu desceu à Terra”. Na viagem das minhas doces lembranças, recordo-me de Marlene como alguém que conseguiu cumprir os desígnios a que se propôs antes de seu retorno ao orbe terreno. Quem a conhece sabe, perfeitamente, que ela foi exemplo de perseverança e disciplina e que nada a afastou, em momento algum, dos princípios basilares da Doutrina. Trazia Jesus, Kardec e Chico no coração.

O que posso expressar é a minha gratidão pelos exemplos deixados, por seu caráter, sua dedicação, disciplina e pelas condutas que tomou. Agradeço todos os dias por tê-la conhecido, pois uma face do Espiritismo, desconhecida para mim, se descortinou indicando a trajetória a seguir.

Onde estiver, doutora, receba meu abraço fraterno e amoroso. Que possamos continuar no serviço do bem, em nome de Jesus, onde estivermos, pois o trabalho continua!



A responsabilidade
de conhecer o
Evangelho



A importância de vivenciarmos o Evangelho em sua plenitude é reforçada pela resposta dada à questão n. 918 a Kardec pelos Espíritos da Codificação, identificando-nos com os caracteres do homem de bem.

Por que indícios se pode reconhecer em um homem o progresso real que lhe elevará o Espírito na hierarquia espírita?

O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando antecipadamente compreende a vida espiritual.

Verdadeiramente, homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez o mal, se fez todo bem que podia, se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim se fez aos outros o que desejara que lhe fizessem.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça.

É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças.

Se Deus lhe outorgou o poder e a riqueza, considera essas coisas como UM DEPÓSITO, de que lhe cumpre usar para o bem. Delas não se envaidece, por saber que Deus, que lhas deu, também lhas pode retirar [...].

**Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo XIII,
“Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa
mão direita”, de O Evangelho segundo o Espiritismo**

A caridade material e a caridade moral

Quando lemos ou comentamos O Evangelho segundo o Espiritismo, percebemos a imensa responsabilidade que é conhecermos tudo isso. Enquanto os ensinamentos de Jesus ficaram escondidos, ou mal-interpretados, ou descartados da vida pública porque pertenciam tão só ao conhecimento daqueles que eram responsáveis pela religião formal, nos eximíamos da responsabilidade de conhecê-los. No entanto, com a vinda do Consolador prometido por Jesus, que é o Espiritismo, fomos alertados quanto ao verdadeiro sentido das palavras de Jesus, o verdadeiro significado dessas palavras. Consequentemente, é grande a responsabilidade que temos perante todos esses ensinamentos.

Antes de iniciar o comentário desses maravilhosos textos do Evangelho, gostaria de lembrar a todos que não mais podemos alegar que não o conhecemos, porque, na verdade, mesmo que não o tenhamos lido, ou que não demos o devido valor ao seus textos, ou que tenhamos dificuldade para aceitá-lo, ou que o deixemos um pouco de lado com a esperança de não ter que responder por isso, mesmo assim, o fato de entrarmos para o Espiritismo significa, da nossa parte, uma grande responsabilidade. Porque se não o lermos ou se não tomarmos conhecimento de seus ensinamentos, só o fato de termos entrado para as hostes spiritistas já estamos como que acobertados por esse guarda-chuva enorme, por isso vamos ter que responder.

Estou dizendo isso porque já convivi com muitas pessoas, como é natural, e às vezes aqueles que são muito ligados à parte científica da doutrina se iludem pensando que, por não comentarem a parte evangélica, estão ilesos quanto à sua responsabilidade. Quero reforçar aqui que de nada adianta a pessoa não comentar o Evangelho ou deixar de lado essa parte importante da Doutrina, porque vamos responder, sim, todos! Isso pelo fato de entrarmos para uma Doutrina que abriu de vez todos os ensinamentos de Jesus e deu seu real significado à doutrina do Mestre. Apenas como lembrança: lendo ou não lendo, comentando ou deixando de comentar, o fato é que Jesus nos pedirá a responsabilidade desses textos, uma vez que nos declaramos espíritas.

Também não devemos ter peso nenhum em dizermos que somos espíritas.

Mesmo que não alcancemos o devido exemplo na vida diária daquilo que estamos lendo ou estudando, devemos ter a noção de que estamos num processo evolutivo e que nesse processo evolutivo vamos nos esforçando, passo a passo, para aquilo que Kardec diz: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faça em domar as suas más inclinações”.

O importante é o esforço que se faz, o importante é estarmos alertas quanto à necessidade desse desenvolvimento. Eu volto a repetir: a evolução é um processo que não se dá por inteiro, mas que é feito passo a passo. O Evangelho de Jesus é, na realidade, a baliza. Ele nos dá o discernimento para que possamos agir na vida diária, nos dá o caminho e ilumina a nossa vida. O importante é reconhecer que mesmo caindo, mesmo não conseguindo cumprir na letra, o importante é não desanimar. “Reconheço o meu erro e não farei outra vez”. É esse sentido de evolução que o Espiritismo nos dá.

Então não tem essa história de dizer: “eu gostaria de ser espírita, sim, mas não sou” ou “eu não sei se posso me dizer espírita”. Se você tiver conhecimento, não vai adiantar nada você chegar do outro lado e dizer que não pode se dizer espírita. Na verdade, somos espíritas. Como diz Emmanuel numa brilhante mensagem: “Espírita é o teu nome”. Não podemos fugir disso.

Se nos dermos por satisfeitos do processo alcançado, perdemos uma grande oportunidade de refazimento, de reconstrução da nossa personalidade e, portanto, da nossa evolução. Dito isso, vamos ver aqui alguns trechos da mensagem belíssima de Cárita, que se comunicou em Lyon, na França, em 1861:

Chamo-me Caridade; sigo o caminho principal que conduz a Deus.
Acompanhai-me, pois conheço a meta a que deveis todos visar.

Dei esta manhã o meu giro habitual e, com o coração amargurado, venho dizer-vos: “Oh, meus amigos, que de misérias, que de lágrimas, quanto tendes de fazer para secá-las todas!” Em vão, procurei consolar algumas pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: “Coragem! Há corações bons que velam por vós; não sereis abandonadas; paciência! Deus lá está; sois dele amadas, sois suas eleitas”. Elas pareciam ouvir-me e volviam para o meu lado os olhos arregalados de espanto; eu lhes lia no semblante que seus corpos, tiranos do Espírito, tinham fome e que,

se é certo que minhas palavras lhes serenavam um pouco os corações, não lhes reconfortavam os estômagos. Repetia-lhes: “Coragem! Coragem!” Então, uma pobre mãe, ainda muito moça, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e a estendeu no espaço vazio, como a pedir-me que protegesse aquele entezinho que só encontrava, num seio estéril, insuficiente alimentação.

Essa é uma boa parte da mensagem de Cárita. Será que temos ideia do quanto essa mensagem influi na melhoria ou nas atitudes dos espíritas? Isso no século XIX, uma mensagem assim, sendo que o Espiritismo tem por norma “fora da caridade não há salvação”.

Aqui o Espírito trazia uma mensagem prática do que podemos fazer para entender a caridade. Essa caridade material que, há bem pouco tempo, era e continua sendo no nosso país uma necessidade de primeira grandeza. Então, os espíritas partiram no Brasil para ajudar os órfãos, para ajudar os velhos, enfim, houve uma diversificação enorme de nossas atividades junto da população. Tanto assim que a própria sociedade sabe que os espíritas têm uma tendência normal para a caridade, para ajudar aqueles que mais sofrem, aqueles que são como que injustiçados pela própria configuração da sociedade. Isso a ponto de sermos criticados por aqueles que fazem esse tipo de tarefa como sendo, por assim dizer, criaturas alienadas, porque estávamos procurando levar a caridade para esses bolsões de pobreza que temos e é enorme no país.

Ultimamente, as entidades espíritas estão perdendo o foco desse tipo de caridade. Por quê? O que está acontecendo com o nosso país? De uma certa forma, as desigualdades e a pobreza absoluta, graças a Deus, tendem a desaparecer com as atitudes últimas que têm sido tomadas. Mas estamos sendo chamados para o verdadeiro sentido da caridade. Qual é? Porque se dentro da Doutrina estávamos reduzindo tudo em ajuda aos que sofrem, aos que passam por provações materiais, será que a caridade como um todo é praticada no meio espírita? Falta aceitar e praticar a caridade moral.

O não julgamento

O movimento espírita tem coisas estranhas nesse sentido porque, ao perdermos o foco e aplicarmos diretamente numa sociedade mais do que necessitada, também nos esquecemos desse sentido mais amplo da caridade. A caridade maior é aquela que você não critica o seu próximo, não julga o seu próximo.

O primeiro sintoma, creio eu, de que estamos precisando urgentemente de um choque no movimento espírita é quando passamos a ver em nossos companheiros espíritas os defeitos, passamos a criticá-los e passamos a julgá-los. Quando julgamos uma pessoa, o que acontece conosco? Lembremo-nos da máxima: “não julgueis para não serdes julgados”. Observamos se houve ou não uma evolução de nossa parte exatamente aí: se a nossa existência, de alguma forma, nos levou a não julgar. Porque a maior falta de caridade que podemos demonstrar em relação ao nosso próximo é reduzi-la a “pode entrar aqui” e achar que é normal.

Acredito que o fato de não termos, às vezes, mais na nossa sociedade bolsões de pobreza fortes e impressionantes como tínhamos antigamente, o fato de termos evoluído como sociedade, parece que tirou o chão para os espíritas. Estamos sem chão. A nossa capacidade crítica passou a ser exercida de uma maneira extremamente errada, pois a estamos dirigindo para o nosso próximo, mas não estamos fazendo isso em relação a nós mesmos. Não estamos direcionando (a capacidade crítica) para nós mesmos.

É muito comum percebermos observações tristes de nossos companheiros uns em relação aos outros. Isso está indicando que a nossa caridade está em nível zero. Quando passamos a julgar, estamos falindo como pessoa. Porque a hora em que formos julgados, vamos ter a complacência que temos com os outros? Esse é o nosso problema.

A nossa irmã Cárita, com essas palavras, no século XIX, certamente teve uma influência muito grande na formação dos núcleos espíritas pelo mundo, especialmente no nosso Brasil, onde a miséria grassou com mais intensidade até pouco tempo. As casas espíritas estão mantendo a atividade em relação ao próximo. Aquela história de sermos conhecidos como importantes aliados daqueles que são mais necessitados permanece, mas a quantidade e a nossa dedicação com os mais necessitados estão sofrendo quedas, como é natural (devemos dar graças a Deus que isso está ocorrendo), visto que está diminuindo a questão da pobreza. Mas parece que isso nos deixou sem o chão, sem sabermos exatamente como aplicar o sentido da caridade.

A evolução é um processo. Não podemos exigir algo de nós que não estamos amadurecidos para fazer. O que precisamos exigir de nós é que estejamos insatisfeitos pela situação do jeito que está e procuremos melhorar. Isso temos que exigir porque isso faz parte da evolução. É preciso ter o desconfiômetro e achar que realmente precisa evoluir. Se você tiver esse desconfiômetro, aí é uma maravilha.

No mundo espiritual, teremos que responder pelo conhecimento que temos. O Chico diz que não viu nenhum espírita feliz do outro lado da vida. É verdade, não quero desanimar não.

A razão como caminho para a conquista moral

Algumas pessoas têm a mania de achar que no exterior temos que levar o Espiritismo na mesma proporção, do mesmo jeito como ele é seguido aqui no Brasil. Não tem coisa mais errada do que isso, é um raciocínio errado. Por quê? Porque a civilização europeia não é uma civilização sul-americana, é diferente. É como se você usasse o Leito do Procusto. O Leito do Procusto é o seguinte: você põe o cadáver, se ele passa da medida que você tem, você corta as pernas dele; se ele é menor, você estica. Então é isso: você leva a sua fórmula e ela vai ser implantada de qualquer maneira porque assim que tem que ser.

A religião não tem esses moldes pré-formatados. Isso deu certo aqui no Brasil. Estamos felizes, as casas espíritas são locais maravilhosos onde estudamos e debatemos as coisas mais importantes na nossa vida.

No meu livro Chico Xavier: meus pedaços do espelho, coloco as coisas que Emmanuel e Chico disseram sobre o centro espírita. Esses textos nos fazem um enorme bem sobre o que significa o centro espírita. Então, qual o significado espírita que temos que valorizar? É a nossa casa, o nosso templo, é um hospital também, é uma clínica psiquiátrica, é uma porção de coisas.

Aprendemos tudo isso, mas deu certo aqui no Brasil. Por quê? Porque temos um tipo de povo, de nação, que é formado com base no coração, no sentimento, mas não podemos achar que em outro país será dessa forma. É preciso perceber quais

as possibilidades de adoção desses mesmos princípios. Por quê? Porque as civilizações são diferentes. Já ouvi muita queixa nesse sentido: que os brasileiros chegam em determinado país achando que estão com o suprassumo da fórmula da religião verdadeira. Só que não vão conseguir nada porque cada civilização tem a sua maneira própria de adorar a Deus ou de questioná-lo.

Isso tem relação também com a nossa cabeça e o modo como vemos o mundo. Precisamos compreender que cada ser humano tem uma maneira própria de pensar e de raciocinar em relação à religião. Isso também é uma caridade, porque você respeita o outro. Em tudo é assim.

Como lidamos com o respeito ao próximo?

Será que respeitamos o homossexual? Será que respeitamos o travesti? Será que respeitamos a pessoa que detesta um e outro, ou tentamos influenciá-la no sentido do apaziguamento da situação? Ou lutamos frontalmente contra aquilo que o cidadão pensa em determinada área? Há muitos assuntos que tratamos, mas que não temos essa diversidade e essa diversificação e, principalmente, o entendimento de que o outro tem direito de ser como é, sem a nossa tentativa de mudança. O que precisa mudar, em última análise, é a nossa maneira de ver o mundo e as pessoas, assim como de compreendê-las como são.

Uma vez o Chico disse assim: “quando eu estou diante de uma pessoa, eu não quero saber se ela se casou cinco vezes, eu não quero saber se aquela pessoa emprega isso ou aquilo de suas forças econômicas em a, b, c ou em outras questões. Eu estou diante de um ser humano, meu irmão e minha irmã”. Eu digo isso no início do livro. Falo que diante de Chico Xavier, você se sentia a pessoa mais importante do mundo. Muitos dos que mantinham contato com ele não entendiam e achavam que tinham uma grande estrela, ou que eram iluminados. Mas isso não é verdade, ele tratava assim pelo sentido humanitário de ver a vida, o outro ser, como ele era, seu irmão, não importava se tinha dinheiro, se não tinha dinheiro, se tinha casado várias vezes, se tinha uma vida regrada ou desregrada. Para ele, ali havia um ser humano, e isso era essencial. Quando pensarmos desse modo, exerceremos a caridade em seu mais amplo sentido, porque respeitaremos o outro, sem nenhum julgamento.

Essa necessidade de ter uma visão ampla do que seja caridade precisa ser buscada por nós todos os dias, pois estamos diante de um irmão e é preciso respeitá-lo no verdadeiro sentido da vida. Ainda temos dificuldades, às vezes, de compreender isso.

A caridade de forma ampla

Em um determinado ponto, Cárita diz: “Por isso é que aqui venho, meus amigos, e vos digo: ‘há por aí desgraçados, em cujas choupanas falta o pão, os fogões se acham sem lume e os leitos sem cobertas’”. Sem dúvida nenhuma, com essa mensagem, os espíritas entenderam a necessidade de sair de suas casas e ajudar quem passa por necessidade, fazendo isso até que desapareçam as mais profundas necessidades de nossa sociedade. Não estamos dizendo que vamos arrepiar carreira, e sim que vamos continuar dentro das necessidades mais profundas da sociedade. É por isso também que estamos sempre descobrindo pessoas a quem ajudar, por exemplo, deficientes, velhos sem abrigo, crianças com grandes deficiências e abandonadas.

Isso não nos tira, de maneira nenhuma, a responsabilidade de amar, de compreender o ser humano, esteja ele onde estiver, principalmente aqueles que fazem parte dos nossos ninhos domésticos. Por quê? Para a nossa casa foram encaminhados os Espíritos aos quais mais devemos. E é preciso acertar as contas para sairmos vitoriosos.

Por essa razão que Clarice, do Nosso Lar, diz, com todas as letras: “nós todos renascemos para perdoar”, e não para outra coisa. Nosso renascimento é para perdoar. O amor está conseguido, não tem necessidade mais, já é conquista. Mas não são conquistas o ódio, os adversários e as pessoas que não nos entendem, e por isso que é difícil.

Mas, se peço, também dou e dou muito. Convido-vos para um grande banquete e forneço a árvore onde todos vos saciareis! Vede quanto é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, apanhai todos os frutos dessa

magnificante árvore que se chama a beneficência. No lugar dos ramos que lhe tirardes, atarei todas as boas ações que praticardes e levarei a árvore a Deus, que a carregará de novo, porquanto a beneficência é inexaurível. Acompanhai-me, pois, meus amigos, a fim de que eu vos conte entre os que se arrolam sob a minha bandeira. Nada temais; eu vos conduzirei pelo caminho da salvação, porque sou a Caridade (Cárta).

Temos nessa mensagem a condução do Espiritismo para seus verdadeiros caminhos. Os espíritas foram chamados pela Espiritualidade Superior para exercerem a caridade em seu mais amplo sentido. E isso é mostrado várias vezes, em várias mensagens, principalmente aqui:

Todos vós, que podeis produzir, dai; dai o vosso gênio, dai as vossas inspirações, dai o vosso coração, que Deus vos abençoará. Poetas, literatos, que só pela gente mundana sois lidos! Satisfazei-lhe aos lazeres, mas consagrai o produto de algumas de vossas obras a socorros aos infelizes. Pintores, escultores, artistas de todos os gêneros! Venha também a vossa inteligência em auxílio dos vossos irmãos; não será por isso menor a vossa glória e alguns sofrimentos haverá de menos.

Todos vós podeis dar. Qualquer que seja a classe a que pertenceis, de alguma coisa dispodes que podeis dividir. Seja o que for que Deus vos haja outorgado, uma parte do que ele vos deu deveis àquele que carece do necessário, porquanto, em seu lugar, muito gostaríeis que outro dividisse convosco. Os vossos tesouros da Terra serão um pouco menores; contudo, os vossos tesouros do céu ficarão acrescidos. Lá colhereis pelo cêntuplo o que houverdes semeado em benefícios neste mundo (João).

Esse trecho amplia o sentido do que Cárta falou. “Todos vós podeis fazer a caridade”. O que fica claro nessa mensagem é que tudo nos foi dado como talento, tudo, e precisamos dividir. Isso fica bem claro nessa lição. Se é inteligência, auxilia aqueles que são pobres em inteligência, que têm dificuldade em compreender. Se somos pintores, escultores, musicistas, podemos utilizar a nossa arte em favor de quem nada tem, reservando uma parte do que ganhamos,

ou instituindo, fazendo o que está fazendo agora, investindo nas crianças pobres para que elas possam estudar. Isso é também dividir o talento, e assim por diante. Cada setor nosso pode, sim, ser doado! Cada um de nós possui talentos, e esses talentos podem ser divididos.

A intuição pode nos guiar

O problema todo é usar a intuição. Tem um pequeno grande livro de Emmanuel, chamado Emmanuel, em que há várias dissertações mediúnicas em que ele diz que a humanidade precisa desenvolver a intuição, que é uma mediunidade que todos possuímos. Não tem ninguém que não possua intuição. Emmanuel nos convoca para desenvolver a intuição exatamente para descobrir como é que podemos multiplicar os nossos talentos.

Pergunte-se: como posso dividir minha inteligência? Como posso dividir o gênio da pintura, da arte? Como posso fazer na minha vida diária? O que eu sei fazer, quais são os talentos que eu tenho? Será que eu posso ajudar alguém nessa área?

Ele diz aqui que não há ninguém que não possa fazer a caridade, todos nós podemos. Às vezes, o que julgamos que não tem importância alguma tem importância para uma, duas, três, meia dúzia de pessoas. Emmanuel insiste que devemos multiplicar o dom da intuição. E isso se multiplica pela prece, pelo estudo e pelo anseio de ajudar.

Cada um de nós pode dizer “vou reservar uma parte disso que eu sei e que eu posso utilizar em favor de quem não tem”. No fundo, a caridade é isso.

A piedade

No Evangelho, somos sempre convidados a seguirmos Jesus e seus ensinamentos. E há quem diga que essas lições são muito acertadas, muito

bonitas, mas que as lições do Mestre são muito difíceis de serem seguidas. Aprendemos, porém, com Allan Kardec, através das interpretações dos Espíritos, que, na verdade, o que nos falta mesmo é vontade, disposição.

A nossa vida é feita de escolhas. Não nos percebemos muito disso na vida diária porque ficamos obnubilados, não temos uma visão mais ampla da situação, mas nossa vida é feita de escolhas, e elas são determinantes para o nosso destino porque obedecemos na Terra à Lei de Ação e Reação. Tudo aquilo que damos para o mundo, recebemos de volta. E quando falamos mundo, estamos nos referindo aos seres humanos com os quais temos relacionamento. Tudo o que atiramos para fora volta invariavelmente para nós. É lei, não adianta tentar fugir.

Tudo aquilo que consideramos como sendo difícil é uma lição que não temos assim muito empenho, não consideramos como prioritária em nossas vidas. No entanto, todas as lições são primordiais. Por quê? Porque tudo vai depender das escolhas que fazemos no dia a dia, na hora a hora.

Agora estamos no capítulo 13: “Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita”. Jesus sempre resume em uma frase, em parábola, em algo muito simples o que é o dever de cada um de nós.

A piedade é a virtude que mais vos aproxima dos anjos; é a irmã da caridade, que vos conduz a Deus. Ah! deixai que o vosso coração se enteneça ante o espetáculo das misérias e dos sofrimentos dos vossos semelhantes. Vossas lágrimas são um bálsamo que lhes derramais nas feridas e, quando, por bondosa simpatia, chegais a lhes proporcionar a esperança e a resignação, que encanto não experimentais! Tem um certo amargor, é certo, esse encanto, porque nasce ao lado da desgraça; mas, não tendo o sabor acre dos gozos mundanos, também não traz as pungentes decepções do vazio que estes últimos deixam após si. Envolve-o penetrante suavidade que enche de júbilo a alma. A piedade, a piedade bem sentida é amor; amor é devotamento; devotamento é o olvido de si mesmo e esse olvido, essa abnegação em favor dos desgraçados, é a virtude por excelência, a que em toda a sua vida praticou o divino Messias e ensinou na sua doutrina tão santa e tão sublime. Quando essa doutrina for restabelecida na sua pureza primitiva, quando todos os povos se lhe submeterem, ela tornará feliz a Terra, fazendo que reinem aí a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais apropriado a fazer que progridais, domando em vós o egoísmo e o orgulho, aquele que dispõe vossa alma à humildade, à beneficência e ao amor do próximo, é a piedade! Piedade que vos comove até às entranhas à vista dos sofrimentos de vossos irmãos, que vos impele a lhes estender a mão para socorrê-los e vos arranca lágrimas de simpatia. Nunca, portanto, abafeis nos vossos corações essas emoções celestes; não procedais como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos, porque o espetáculo de suas misérias lhes perturbaria por instantes a existência álcere. Temei conservar-vos indiferentes, quando puderdes ser úteis. A tranquilidade comprada à custa de uma indiferença culposa é a tranquilidade do mar Morto, no fundo de cujas águas se escondem a vasa fétida e a corrupção.

Quão longe, no entanto, se acha a piedade de causar o distúrbio e o aborrecimento de que se arreceia o egoísta! Sem dúvida, ao contato da infelicidade de outrem, a alma, voltando-se para si mesma, experimenta um confrangimento natural e profundo, que põe em vibração todo o ser e o abala penosamente. Grande, porém, é a compensação, quando chegais a dar coragem e esperança a um irmão infeliz que se entenece ao aperto de uma mão amiga e cujo olhar, úmido, por vezes, de emoção e de reconhecimento, para vós se dirige docemente, antes de se fixar no Céu em agradecimento por lhe ter enviado um consolador, um amparo. A piedade é o melancólico, mas celeste precursor da caridade, primeira das virtudes que a tem por irmã e cujos benefícios ela prepara e enobrece (Miguel).

Meus amigos, estamos vendo que para que a caridade se desenvolva em nossos corações, precisamos estar atentos à precursora da caridade, que é a piedade. Sem piedade, o nosso olhar fica embaçado, não conseguimos distinguir o que se passa à nossa volta, nem a necessidade de nossos irmãos em humanidade. O que me chama muito a atenção nos tempos de hoje é o desdém a esses sentimentos, que são basilares na vida humana.

Se você assiste a um filme hoje (em geral eles são dedicados à área masculina – me desculpem os homens) que tem muita ação, muito carro, muita moto, uma luta desenfreada nas ruas, que não leva a nada e que no fim termina num tiroteio em que morre todo mundo, menos o mocinho, você passa o filme todo e não vê um olhar de piedade, nada, de nenhum personagem. Os bad guys, como eles chamam os homens maus nos Estados Unidos, na verdade você não distingue

onde eles estão. Uma hora estão do lado dos mocinhos, ora são bem bandidos, mas você confunde tudo. A violência é tanta que para chegar a esse resultado é preciso matar todo mundo dos bad guys. Daí você percebe que todos que mataram os bad guys são mais bad guys que os bad guys. É uma coisa horrorosa, uma carnificina, um desastre horrível.

Fico pensando, depois de duas horas, duas horas e meia de ver tanta barbaridade: o que se passa na cabeça dessas pessoas? O que eles vivem de fato depois de duas horas e tanto sem um único olhar de piedade para nada? Eu tenho comentado sobre a cultura da vingança. Infelizmente, para o país do Norte, nossos irmãos tão inteligentes, que têm uma contribuição formidável na área da ciência e em outras áreas, se você for verificar, é tudo na base da vingança, sem nenhum desenvolvimento de piedade, nada. Há aquela sensação de que a justiça foi feita, os bad guys morreram, mas ninguém se pergunta se não estarão nas costas deles assim que desencarnarem, como obsessores. Porque a questão da sobrevivência, da imortalidade, não é estudada, não é trazida à tona em nenhum momento para se saber que o ódio a nada leva, a não ser para se tornar mais terrível ainda a vingança que se prepara do outro lado da vida para ele.

Vemos então o acerto de Allan Kardec quando ele coloca essas mensagens. Passaram-se 150 anos e, no entanto, são autenticamente vivas essas mensagens em nossos dias. Não se ultrapassou, em nenhum momento, a realidade da vida corpórea e da vida espiritual, para nos ensinar como temos que enfrentar esse dia a dia de nossas vidas aqui na Terra.

Benefícios pagos com ingratidão

Que se deve pensar dos que, recebendo a ingratidão em paga de benefícios que fizeram, deixam de praticar o bem para não toparem com os ingratos?

Nesses, há mais egoísmo do que caridade, visto que fazer o bem, apenas para receber demonstrações de reconhecimento, é não o fazer com desinteresse, e o bem, feito desinteressadamente, é o único agradável a Deus. Há também orgulho, porquanto os que assim procedem se comprazem na humildade com que o beneficiado lhes vem depor aos pés o testemunho do seu reconhecimento.

Aquele que procura, na Terra, recompensa ao bem que pratica não a receberá no céu. Deus, entretanto, terá em apreço aquele que não a busca no mundo.

Deveis sempre ajudar os fracos, embora sabendo de antemão que os a quem fizerdes o bem não vo-lo agradecerão. Ficai certos de que, se aquele a quem prestais um serviço o esquece, Deus o levará mais em conta do que se com a sua gratidão o beneficiado vo-lo houvesse pago. Se Deus permite por vezes sejais pagos com a ingratidão, é para experimentar a vossa perseverança em praticar o bem.

E sabeis, porventura, se o benefício momentaneamente esquecido não produzirá mais tarde bons frutos? Tende a certeza de que, ao contrário, é uma semente que com o tempo germinará. Infelizmente, nunca vedes senão o presente; trabalhais para vós e não pelos outros. Os benefícios acabam por abrandar os mais empedernidos corações; podem ser olvidados neste mundo, mas, quando se desembaraçar do seu envoltório carnal, o Espírito que os recebeu se lembrará deles e essa lembrança será o seu castigo. Deplorará a sua ingratidão; desejará reparar a falta, pagar a dívida noutra existência, não raro buscando uma vida de dedicação ao seu benfeitor. Assim, sem o suspeitardes, tereis contribuído para o seu adiantamento moral e vireis a reconhecer a exatidão desta máxima: um benefício jamais se perde. Além disso, também por vós mesmos tereis trabalhado, porquanto granjeareis o mérito de haver feito o bem desinteressadamente e sem que as decepções vos desanimassem.

Ah! meus amigos, se conhecêsseis todos os laços que prendem a vossa vida atual às vossas existências anteriores; se pudésseis apanhar num golpe de vista a imensidade das relações que ligam uns aos outros os seres, para o efeito de um progresso mútuo, admiraríeis muito mais a sabedoria e a bondade do Criador, que vos concede reviver para chegardes a ele (Guia protetor).

Beneficência exclusiva

É acertada a beneficência, quando praticada exclusivamente entre pessoas da mesma opinião, da mesma crença, ou do mesmo partido?

Não, porquanto precisamente o espírito de seita e de partido é que precisa ser abolido, visto que são irmãos todos os homens. O verdadeiro cristão vê somente irmãos em seus semelhantes e não procura saber, antes de socorrer o necessitado, qual a sua crença, ou a sua opinião, seja sobre o que for. Obedeceria o cristão, porventura, ao preceito de Jesus Cristo, segundo o qual devemos amar os nossos inimigos, se repelisse o desgraçado, por professar uma crença diferente da sua? Socorra-o, portanto, sem lhe pedir contas à consciência, pois, se for um inimigo da religião, esse será o meio de conseguir que ele a ame; repelindo-o, faria que a odiasse (S. Luís).

Que essas reflexões sirvam de base sobre o que significa nossa passagem na Terra e, principalmente, das nossas horas, do nosso tempo. Por quê? O nosso tempo é o mais extraordinário talento que Deus nos deu para aplicarmos como seres que estão construindo uma vida espiritual.

Eu tenho chamado a atenção àquilo que Emmanuel coloca como essencial para o desenvolvimento da nossa vida aqui na Terra: a intuição. A intuição, como sabemos, é a primeira mediunidade, é o sexto sentido que todas as pessoas têm. Quando Emmanuel nos manda desenvolver a intuição, o que ele está na verdade divulgando é a necessidade que temos de entrar em conexão com o mundo espiritual, para não ficarmos prisioneiros da vida terrena, como se fôssemos viver aqui eternamente. A intuição abre caminho para compreendermos, primeiramente, que estamos aqui de passagem, aqui não é o nosso lugar. Absolutamente não temos na Terra a nossa morada definitiva.

Segundo O livro dos Espíritos, o mundo primitivo, aquele que não termina nunca, aquele que está sempre abrindo as portas, é o mundo dos Espíritos. Então o nosso lar, a nossa vida, tudo aquilo que fazemos, na verdade, se reporta a esse mundo que é eterno, primitivo, o mundo dos Espíritos. A nossa passagem aqui é temporária, não viemos para ficar.

Com o desenvolvimento da intuição, passamos a abrir as janelas da alma para receber instruções. De quem? Se nossos pensamentos forem bons, se tivermos o desenvolvimento da intuição, se aplicarmos as nossas horas convenientemente, o nosso protetor, o nosso mentor, o Espírito-guia de nossas vidas estará muito mais em contato conosco, soprando, intuindo a nossa vida na Terra.

Uns dizem: “Ah, mas eu não sinto nada. Essa história de dizer que mediunidade é para todo mundo não é verdade”. É verdade, sim! É claro que existem irmãos nossos que têm uma mediunidade que vai se constituir naquilo que chamamos de mediunidade com função definida, com aplicação definida. São irmãos nossos que vieram para exercer a mediunidade num dado sentido. No entanto, todos os seres humanos são médiuns e têm a capacidade de receber dos Espíritos a intuição de que necessitam.

Vemos, por exemplo, criaturas que toda hora querem se reportar aos Espíritos para que eles digam o que elas devem fazer. Isso não existe, é errado. Por quê? Quanto mais evoluído os Espíritos são, menos eles interferem no livre-arbítrio das pessoas. Ao pedir para os Espíritos tomarem uma atitude para você significa que você está querendo utilizar esse relacionamento de uma forma que chamamos de imperial. Quer dizer, você dá ordem para o Espírito para que ele dê ordem para você. Nenhum Espírito que tem uma mediana evolução vai aceitar algo assim porque não é verdadeiro e não pode ser. Qualquer um tem seu livre-arbítrio para agir.

O esforço de íntimo

Será que podemos conhecer o verdadeiro caminho a tomar? Aí entram os esforços que fazemos na leitura sadia, na prece, no nosso pedido sincero para que Jesus nos oriente em determinado assunto, para que sejamos construtivos no bem, para que nossas forças sejam aplicadas para o melhor. Como diz o próprio Cristo, qual é o pai que dá pedra ao filho que lhe pede pão?

Se aqui na Terra jamais faríamos isso, imaginemos o nosso Pai. É uma grande necessidade para nós, Espíritos encarnados, aproveitar os talentos que nos são oferecidos e aplicar esses talentos convenientemente, não só em benefício próprio, mas também em benefício da humanidade. Devemos nos lembrar que aquilo que atiramos para fora volta invariavelmente para nós. É matemático, é da lei.

Assim, se estamos acobertados com um tipo de conhecimento como esse, como é que devemos agir perante as nossas responsabilidades? Temos tido orientações

em O Evangelho segundo o Espiritismo, e ele continua aqui de grande utilidade, no dia a dia de nossas vidas. Se quisermos continuar egoístas, continuaremos. São escolhas. Podemos escolher a vida que queremos. Essa é uma prerrogativa nossa, ninguém pode nos tirar, e ela está baseada naquilo que é sagrado: o pensamento de cada hora, de cada dia.

Quem pode interferir em nosso pensamento? Somente quem deixarmos, quem comandar a nossa vida. Do contrário não. Somos nós mesmos que comandamos a existência.

Os órfãos

Meus irmãos, amai os órfãos. Se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos, para exortar-nos a servir-lhes de pais. Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício! Agrada a Deus quem estende a mão a uma criança abandonada, porque compreende e pratica a sua lei. Ponderai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara noutra encarnação, caso em que, se pudésseis lembrar-vos, já não estaríeis praticando a caridade, mas cumprindo um dever. Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade; não, porém, a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois frequentemente bem amargos são os vossos óbolos! Quantas vezes seriam eles recusados, se na choupana a enfermidade e a miséria não os estivessem esperando! Dai delicadamente, juntai ao benefício que fizerdes o mais precioso de todos os benefícios: o de uma boa palavra, de uma carícia, de um sorriso amistoso. Evitai esse ar de proteção, que equivale a revolver a lâmina no coração que sangra e considerai que, fazendo o bem, trabalhais por vós mesmos e pelos vossos (Um Espírito familiar).

Quando lemos esse trecho, uma comunicação em Paris que fecha o capítulo 13, vamos ver que os espíritas começaram a se inclinar para quem? Para os desprotegidos do caminho, para aqueles que passavam fome, para aqueles que

tinha necessidade de receber alimento, roupas, para aqueles que estavam solitários.

Essas orientações, chamando a atenção para esses irmãos nossos, mudaram a face da religião em si. Por quê? Porque os espíritas passaram a se preocupar com aqueles que estão ao seu redor, por saber que aquilo que eles fazem volta invariavelmente para eles mesmos. Percebemos nestes 150 anos de O Evangelho segundo o Espiritismo, assim como em O livro dos Espíritos e na própria codificação que o ser humano passou a dispensar ao outro, ao seu irmão, atenção, carinho, piedade e caridade.

Os espíritas eram conhecidos até pouco tempo como aqueles que faziam a caridade. Isso passou a ser um dos traços fundamentais dos espíritas. Agora que estamos vendo que a própria sociedade brasileira está modificando de feição e que não temos tantos povos assim e tanta gente necessitada materialmente, não podemos desistir desse aspecto consolador que o Espiritismo traz, que nos faz voltar o coração para os mais necessitados.

Os irmãos mais necessitados não são apenas aqueles que estão necessitados de pão, de alimento ou de roupa, segundo o que Jesus nos trouxe e que o Espiritismo ressaltou de uma forma bastante enfática: “Pois eu estava com fome e me destes de comer; eu estava com sede e me destes de beber; eu era estrangeiro e me recebestes em casa; eu estava nu e me vestistes; eu estava doente e cuidastes de mim; eu estava na prisão e fostes me visitar”. Essa passagem de Jesus foi interpretada inúmeras vezes. Dentro de O Evangelho segundo o Espiritismo, vamos ver Espíritos trazendo lições e mais lições, chamando a atenção para esse aspecto. Neste momento, estamos menos necessitados, então podemos auxiliar aquele que passa por provações maiores que as nossas.

Piedade dentro do lar

Será que estamos mantendo a piedade para aqueles que vivem conosco sob o mesmo teto? Para aqueles que não nos devotam o bem? Será que estamos conseguindo ter para eles a simpatia, ou pelo menos o entendimento do que está

acontecendo, e podemos aceitá-los como eles são? Será que isso está realmente acontecendo? É sabido que dentro dos lares encontramos a humanidade em miniatura. E como Deus é sábio, ele coloca dentro da nossa família, para junto de nós, os problemas que temos de existências anteriores, porque renascemos neste mundo para perdoar.

Se alguém tiver alguma dúvida, basta começar a ler qualquer página de O Evangelho segundo o Espiritismo, quando vamos ser tocados na nossa necessidade de perdão, de misericórdia, de amor, sobretudo sob o mesmo teto. Porque ninguém vai parar na nossa casa sem que haja uma razão para isso. Deus é tão sábio que encaminha exatamente a cota necessária de renovação, de perdão e de entendimento.

Quando no atendimento fraterno as pessoas dizem “minha casa é um horror, um campo de guerra”, então pensamos assim: “Meu Deus, quanta falta faz o Evangelho de Jesus no meio da família, no culto cristão no lar, no entendimento entre as pessoas”. Por quê? Porque essa trincheira de guerra que encontramos dentro de casa significa que, no passado, em vida anterior, esses seres se digladiaram de alguma forma, e essa guerra veio parar na existência atual para que os membros da família resolvam.

Quando estamos falando em piedade, em “Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita”, o que estamos falando senão em regradar as nossas contas com aqueles que estão mais diretamente ligados a nós? Vamos analisar essas lições tendo em vista esses ensinamentos, que são sagrados. Muitas vezes, achamos que um nó pode ser resolvido cortando-o com uma tesoura, mas Emmanuel nos diz que temos que desatar o nó, o que é muito mais difícil.

Em todas as nossas atitudes, é preciso pensar que Jesus tem uma lição específica para nós. No entanto, fugimos disso porque estamos acostumados a não termos responsabilidade. Se tivermos responsabilidade, começamos a compreender que a paz do mundo é a paz do lar e que tudo aquilo que Jesus nos coloca como sendo nosso dever perante a sociedade, perante o mundo, em primeiro lugar, é perante a nossa família, que é formada por aqueles que estão mais diretamente ligados a nós.

Se não exercitarmos a piedade e a paciência, jamais vamos adquiri-las. A má vontade interfere e faz com que nenhum sentimento de misericórdia, de entendimento e de tolerância se façam presentes se elegemos como fundamental

a nossa falta de responsabilidade perante o clima de pacificação do nosso lar. Aquele que mais tem precisa dar o exemplo. Essa é uma questão que temos que facear, que temos que descobrir.

A melhor forma de nos aproximarmos de Jesus é buscando viver essas lições, que estão bem desenvolvidas em O Evangelho segundo o Espiritismo. Que ele possa ser uma companhia tão constante em nós que possamos descobrir quais são os nossos verdadeiros interesses espirituais neste nosso mundo.



O berço

cristão



Nesse capítulo tão singular de O Evangelho segundo o Espiritismo, resolvemos transcrever uma linda resposta de Marlene Nobre que foi dada ao querido amigo Ismael Gobbo, em 15 de julho de 2014, que retrata de forma singular a importância de seu lar para sua formação. Pela sua trajetória, podemos crer que ela honrou a seu pai e sua mãe.

IG – Pelo que depreendemos da resposta anterior, a senhora é uma espírita de berço.

MN – Sim, sou espírita desde o berço. Meus pais tiveram um lar muito harmonioso. Sobretudo eles nos ensinaram o amor ao Mestre Jesus e a Kardec. Não tinham ambição material. Eles nos criaram dentro dos padrões da simplicidade e sempre diziam que o único tesouro que deixariam para os oito filhos era o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, interpretado por Allan Kardec. Uma grande herança também que recebemos foi a de valorizar as amizades. Por décadas a fio, meus pais foram fiéis aos amigos, ensinando-nos que o sentimento de amor deve sobrepujar quaisquer outros interesses. Certa vez, Chico me disse que se eu fracassasse eu não teria perdão, porque tive pais espíritos maravilhosos. Cada vez mais dou razão ao Chico.

Comentários de Marlene Nobre sobre o capítulo XIV, “Honrai a vosso pai e a vossa mãe”, de O Evangelho segundo o Espiritismo

Sabeis os mandamentos: não cometereis adultério; não matareis; não roubareis; não prestareis falso testemunho; não fareis mal a ninguém; honrai a vosso pai e a vossa mãe (Marcos,10:19; Lucas, 18:20; Mateus, 19:18-19).

Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo sobre a terra que o Senhor vosso Deus vos dará (Decálogo: Êxodo, 20:12).

O mandamento: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe” é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, porque não se pode amar o seu próximo sem amar pai e mãe; mas a palavra honrai encerra um dever a mais a seu respeito: o da piedade filial. Deus quis mostrar com isso que ao amor é preciso acrescentar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo mais rigoroso ainda, tudo o que a caridade manda para com o próximo. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que estão no lugar de pai e de mãe, e que têm tanto mais mérito quanto o devotamento é menos obrigatório. Deus corrige sempre, de maneira rigorosa, toda violação a esse mandamento. Honrar a seu pai e a sua mãe não é somente respeitá-los; é assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes o repouso na velhice; é cercá-los de solicitude como fizeram por nós, em nossa infância. É sobretudo para com os pais sem recursos que se mostra a verdadeira piedade filial. Satisfazem a esse mandamento aqueles que creem fazer um grande esforço dando-lhes apenas o necessário para não morrerem de fome, quando eles mesmos não se privam de nada, relegando-os aos mais ínfimos aposentos da casa, para não os deixarem na rua, enquanto se reservam o que há de melhor, o de mais confortável? Felizes ainda quando não o fazem de má vontade e não mercadejam o tempo que lhes resta de vida, descarregando sobre eles os trabalhos da casa! Cabe, pois, aos pais velhos e fracos serem os servidores de filhos jovens e fortes? Sua mãe regateou o seu leite, quando estavam no berço? Contou suas vigílias, quando estavam doentes, os seus passos para lhes proporcionar tudo o que tinham necessidade? Não, não é somente o estritamente necessário que os filhos devem a seus pais pobres, mas também, tanto quanto possam, as pequenas doçuras do supérfluo, as amabilidades, os cuidados delicados, que são senão do interesse do que eles receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Só aí está a piedade filial aceita por Deus.

Creio que Allan Kardec resumiu de uma forma notável a nossa obrigação, mais do que isso, o nosso dever perante nossos pais. O interessante é quando ele lembra o que Jesus disse, ressaltando a palavra “honrai”. O que significa a palavra “honrai”? Respeitar, exaltar, adorar. Honrai encerra um dever a mais a

seu respeito, o da piedade filial. É aquele sentimento de amor, de piedade em qualquer situação em que ele se encontre, principalmente quando há miséria, ou a dificuldade, ou a falta de recursos, que muitas vezes os pais, castigados por uma vida muito difícil, não conseguem sobrepujar as mínimas condições de sobrevivência. Mas, acima de tudo, o termo “honrar” significa ter piedade filial, piedade para com os pais.

As relações familiares e o compromisso de se honrar

Temos visto algo que as sociedades modernas consideram um avanço na civilização: os filhos são colocados para fora de casa com 17, 18 anos para ganharem a própria vida, e os pais são colocados nas casas de repouso em determinado momento em que não têm mais independência. Isso tornou-se uma rotina em vários países.

O que notamos com isso é que a solidão na juventude pode estar contribuindo para o avanço da dependência química: álcool e drogas. É possível que venhamos a fazer um estudo mais aprofundado para saber até que ponto a ausência do teto familiar influi na dependência, que se tornou assim uma epidemia dos nossos dias, ceifando a vida de milhões de jovens na idade mais produtiva da vida humana. Ao passo que a solidão é algo bastante palpável nas casas de repouso, em que não há mesmo uma única visita em um ano de vida desses velhos ou dessas pessoas idosas que são recolhidas nesses asilos.

Onde estaria o meio-termo? O que seria ideal? Porque no Brasil observamos que por 30, 39, 40 anos ainda os “jovens” estão mamando nas tetas da família. Estão folgados, acelerando ou influenciando no trabalho da mãe, principalmente para que eles tenham uma vida mais folgada. E se fosse para privação dessa liberdade, do ponto de vista espiritual, cultural, é para que eles tenham mais liberdade para utilizar as suas horas de uma forma bastante displicente, para dizer o mínimo. Então o que seria realmente o meio-termo e o que traria um melhor dividendo para a sociedade? Será que estamos certos ao colocar para fora de casa jovens com 17, 18 anos? Ou então mantê-los durante uma maturidade bastante prolongada na casa dos pais? O que seria o ideal? E essa questão de deixar os pais nas casas de repouso? Eu não digo que isso não ocorra, mas muitos não

recebem uma única visita durante anos seguidos. Até que ponto a sociedade como um todo está reagindo a essa questão social? E, de certa forma, será que estamos honrando pai e mãe com atitudes como essas? Haveria um limite? Imporíamos limites ou não à inércia dos filhos?

É algo a se pensar, porque ao ficar acalentando pessoas irresponsáveis dentro de casa, certamente teremos que prestar contas, não há dúvida que teremos. Os casais continuam no mundo espiritual. Não há assim uma solução de continuidade para o problema familiar, graças a Deus a coisa continua. É preciso que pensemos, principalmente com o coração e o intelecto, na hora de julgarmos até que ponto os filhos devem ficar sob responsabilidade dos pais; se o fato de serem colocados para fora com 17, 18 anos também estaria certo; se estariam honrando pai e mãe ao final da existência sem tomar o mínimo conhecimento do que ocorre com os pais nas casas de repouso. Devemos refletir, porque é uma realidade, não podemos fugir daquilo que é um fato em sociedade. Isso é um fato.

Piedade filial

O que Kardec está colocando aqui é que o termo “honrai” implica em piedade filial. Vimos na outra lição, no capítulo 13, as nuances do que significa piedade. Imaginem essa piedade voltada para os pais. “Ah, mas eu não me dou com meu pai, ou não me dou com minha mãe”. Ou “tenho problemas em casa e não consigo superar”. Realmente, encontramos no seio da família aqueles Espíritos com os quais temos que fazer as pazes, porque a inteligência de Nosso Pai amantíssimo é tão grande que ele não iria colocar separadamente alguém morando no Brasil, outro na Cochinchina, sendo que essas duas pessoas precisam se perdoar. A inteligência é tão grande que coloca sob o mesmo teto a fim de que eles possam se entender, para que possa brotar no coração do filho a piedade filial. Seja o que for que aconteceu ou que tenha acontecido em vida passada, ou nesta vida, o filho tem que honrar a seu pai e a sua mãe, o que implica em piedade filial.

O parentesco corporal e o espiritual

Há uma outra lição aqui nesse capítulo que é o parentesco corporal e o parentesco espiritual. O que seria isso? Como poderíamos encarar essa lição? Então as questões que Kardec coloca são de uma propriedade muito grande.

Os laços de sangue não estabelecem necessariamente os laços entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito existia antes da formação do corpo. Não foi o pai quem criou o Espírito do filho; ele não fez senão fornecer-lhe um envoltório corporal, mas deve ajudar o seu desenvolvimento intelectual e moral, para o fazer progredir. Os Espíritos que se encarnam numa mesma família, sobretudo entre parentes próximos, são o mais frequentemente Espíritos simpáticos, unidos por relacionamentos anteriores, que se traduzem por sua afeição durante a vida terrestre. Mas pode ocorrer também que esses Espíritos sejam completamente estranhos uns aos outros, divididos por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem na mesma forma por seu antagonismo na Terra, para lhes servir de prova. Os verdadeiros laços de família não são, pois, o da consanguinidade, mas os da simpatia e da comunhão de pensamentos, que unem os Espíritos antes, durante e após sua encarnação. De onde se segue que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito do que se o fossem pelo sangue. Podem se atrair, se procurar, dar-se ao bem juntos, enquanto que dois irmãos consanguíneos podem se repelir, como se vê todos os dias: problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências. Há, pois, duas famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. As primeiras duráveis, se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através de diversas migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e frequentemente se dissolvem moralmente desde a vida atual.

Essa lição é muito importante para que possamos compreender as desagregações que existem no seio familiar e mesmo a antipatia e a simpatia que unem todos os seres. Há famílias que têm uma harmonia perfeita (ou quase perfeita, porque

tudo aqui na Terra é relativo). Todos se entendem bem, há cumplicidade, há aceitação até mesmo dos defeitos que os outros têm, passando-se por cima de muita coisa porque amor é o que cobre todo o relacionamento. Então todos se sentem bem, uma família homogênea, uma família que tem simpatia e se atrai.

Mas existem aqueles elementos que não conseguem se ligar aos membros dessa mesma família, embora tenham fora do ambiente familiar pessoas com as quais estão bastante ligados. Esse texto de Allan Kardec explica muito bem a questão da parentela. Essa parentela pode ser uma parentela espiritual e uma parentela que é somente consanguínea, que é uma parentela corporal, que por uma encarnação, ou algumas encarnações, as pessoas sentem-se como se tivessem caído de paraquedas naquela família. Algumas pessoas, às vezes, nos dizem: “eu me sinto muito mais atraída para determinadas pessoas que eu nunca vi, e o meu relacionamento não é muito extenso, mas que eu sinto como se fossem da minha família”.

Por que será que ocorre isso? Qual a explicação? Temos relacionamentos que não conseguimos explicar, que são irmãos e irmãs fraternos e que não têm relacionamento consanguíneo algum conosco. Há pessoas que se restringem ao bloco familiar e fazem questão de fechar o cerco naquele número de pessoas e não abrem, mas com o tempo vão ter que abrir. As famílias que se dão bem vão se sentir atraídas para poderem fazer confraternização com outras famílias.

A fraternidade que existe entre os membros da família nos leva a ampliar o conceito de família, porque passamos a aceitar as outras famílias como se fossem nossa. Mas é natural quando existe afinidade dentro de uma família se sentir bem, encontrando aqueles colegas de outras vidas, amigos de outras vidas que voltam como nossos parentes.

A afinidade e a reencarnação de Segismundo

Quando escrevi “À luz do eterno recomeço”, em que comento o livro Nosso Lar, fiquei impactada quando a Dona Laura tem uma conversa com André Luiz e ela diz assim: “com o tempo saberemos da importância de uma conversação com pessoas afins, com pessoas que nos entendam. Isso também é absorver amor e

dar amor, é uma troca!”

Se isso existe no seio da família, temos muito mais tendência a nos sentirmos fortalecidos naquilo que vamos fazer. Dos estudos que fizemos da obra de André Luiz, me lembro bem de Missionários da luz, principalmente do momento em que Segismundo tinha que nascer. Estava previsto que ele seria filho de Adelino e Raquel, com quem tinha tido no meio do percurso das vidas passadas uma história muito triste. O que aconteceu? Segismundo matou Adelino por causa da Raquel. Agora, estava previsto que ele voltaria e seria filho dos dois e procuraria, durante a existência, promover a união entre eles, sem se sentir abalado na sua existência. Mas daí deu-se um caso interessante: Adelino não queria receber o Segismundo, ele rechaçava, e tudo isso de forma inconsciente.

Vejam como temos um mundo inconsciente enorme, vasto, que não damos conta. Ele sabia que tinha que dar corpo para o Segismundo, mas o que aconteceu com ele? “Não, não quero, ele me matou, eu não quero”. Tudo isso inconscientemente, o que levou a uma não produção de espermatozoides. Vejam vocês o poder da mente, e menosprezamos o poder da mente. O que aconteceu é que ele disse “não, não quero receber, ele me matou, eu não tolero, quero que ele desapareça da minha vida”. E tinha decretado que ele não receberia o Segismundo.

O que os benfeitores tiveram que fazer? Chamar o Adelino, conversar amorosamente com ele, dizendo que eles tinham que se refazer, que estava prevista a vinda do Segismundo e que ele tinha que aceitar. E colocaram para falar com ele um dos Espíritos mais lúcidos da coleção André Luiz, que foi o Alexandre, e que acompanhou esse caso juntamente com o Clarêncio, que são Espíritos já altamente desenvolvidos no aspecto da inteligência e do sentimento.

Após algumas conversações, momentos em que o Alexandre procurou levar muito do sentimento de amor para conquistar o Adelino, Adelino aderiu à proposta. E foi tão impressionante que foi como se ele tivesse uma cortina de substâncias negras cobrindo seu perispírito, como se fossem escamas. Aí quando ele aderiu à proposta, essas escamas desapareceram, como que ele tivesse se libertado de um manto negro, uma substância cinzenta que o impedia de dar o passo fundamental.

Após aceitar a vinda de Segismundo, o que aconteceu? Ele passou a fabricar os espermatozoides. E no momento que tudo voltou ao normal, eles fizeram a

ligação entre Segismundo e Raquel, num momento sagrado de união para a formação de um novo corpo. Aliás, é um livro tão extraordinário que quem lê tem momentos de grande elevação.

Vejam bem, ali vai se formar uma família. Vocês acreditam que tudo vai correr em brancas nuvens nessa casa? Não, não vai. Vai ter o Complexo de Édipo, o famoso complexo que Freud detectou muito bem. O Segismundo vai ter ciúme do próprio pai, e, é claro, o pai vai ter suas escamas ainda em relação ao próprio Segismundo. Eles vão ter que acertar a engrenagem da vida. A vida é assim: vamos se ajustando a essa engrenagem à medida que vamos perdendo mutuamente. Espero que, como esse livro saiu em 1945, hoje essas entidades estão bem amadurecidas, pode ser até que já tenha desencarnado alguém, mas que eles tenham aproveitado essa oportunidade.

Aliás, a obra de André Luiz inteirinha nos dá a oportunidade de estudar a família e o que ela representa em nossa vida. Ninguém está ali por acaso. Temos que nos reencontrar. A sabedoria divina é de tal grandeza que Ele não vai deixar os filhos sem oportunidade de se reencontrarem para poder se reajustar. Aí fala que a reencarnação é um castigo. Que castigo nada! A reencarnação é a maior obra pedagógica que Deus poderia fazer na humanidade, que é a repetição de oportunidade para reajuste.

Nada acontece por acaso, em absoluto. Ninguém vem parar na nossa vida por acaso, absolutamente ninguém. Não há nada que não esteja relacionado com aquilo que temos que passar. Às vezes, não estamos muito preparados, sofremos muito, mas tudo isso estava previsto porque são seres com os quais temos que fazer reajustes, rearranjos. É preciso que esses rearranjos se façam na superfície da Terra, aqui, agora, neste momento que estamos atravessando a existência corpórea.

Como lemos, a parentela corporal e a parentela espiritual são uma realidade. Há membros da nossa família, e reconhecemos isso, com os quais já estivemos em múltiplas existências. Agora vocês já imaginaram 40 mil existências? Há seres com os quais viemos há 40 mil anos. É natural que tenhamos muito mais afinidade com esses, principalmente se foi “céu de brigadeiro”, se nunca brigamos, nem nos matamos ou esfoliamos.

Existem aqueles seres que aportam a nossa família mais recentemente em virtude de rearranjos que foram necessários ao longo do tempo. Então temos que

manter com esses Espíritos um relacionamento que não é tão chegado, que não é tão idêntico em vibrações, mas temos que aconchegar esses novos membros por uma necessidade da própria família, temos que fazer isso.

Laços familiares presentes na obra de André Luiz

Quem leu Ação e reação vai ver outro caso de uma grandeza, que é o caso do Adelino. Na existência anterior, ele foi filho de Martim Gaspar, que era um escravocrata, dono de fazenda, e ele era filho de uma das mucamas que o Martim Gaspar se aproveitou. Mas tomou-se de amor pelo filho, e quando ele tinha 42 anos, e o filho 22 anos, que se chamava Martim Gaspar também, o fazendeiro, que era solteiro, casou-se e levou a menina para a fazenda, e ela tinha 21 anos. Deu no que deu. Eles se apaixonaram e resolveram exterminar a vida do Martim Gaspar pai. Quando ele se resfriou, eles viram uma oportunidade e tocaram fogo no corpo dele, uma morte terrível, que a polícia considerou como sendo uma fatalidade, conforme foi contada a história para eles.

O fato é que Martim Gaspar Filho não foi feliz, apesar da fortuna que tinha herdado do pai e do casamento com Maria Emília, a mocinha. Quando chegou no mundo espiritual, foi aquele sofrimento bárbaro, inclusive do pai, fustigando a vida dele. Ele reencarnou como Adelino e se tornou um espírita logo na juventude, porque ele tinha o corpo praticamente tomado por eczema, e a parte mais difícil estava na cabeça, nas orelhas, no pescoço. Mas ele assim mesmo trabalhava muito, dava passe, levava o centro espírita à frente, tinha muita piedade dos mais pobres, dos mais necessitados e transformou a vida dele.

Intuitivamente, sabia que tinha que trabalhar, favorecendo esses Espíritos. Os dois capatazes que o ajudaram a matar o pai renasceram na cor negra porque eles não tinham sabido valorizar os nossos irmãos africanos. E esses dois menininhos, o Adelino recebeu na porta da casa dele, pois tinham sido abandonados, e ele pegou para criar. Ele tinha uma filha, que era a Maria Emília.

A vida continuava, ele orando, trabalhando, e o eczema foi diminuindo, porque à medida que ele ia refazendo o seu destino, ia melhorando a saúde. Até que um dia, quando estava orando de madrugada, ouviu um latido na porta da casa dele.

Quando ele viu, era uma criancinha, era o pai dele, o último elo que faltava para ele refazer a existência dele. Ele chorou muito, recolheu a criança e foram viver juntos novamente: os capatazes, a menina e o pai.

É belíssima essa história, está em Ação e reação. Essa dívida foi aliviada, justamente, por causa do empenho do próprio Martim Gaspar Filho em ressarcir a dívida do passado e não se revoltar. Pelo contrário, assumiu a sua responsabilidade familiar. E assim é perante a família, quando os pais têm muito sofrimento em relação ao filho, ou o filho em relação aos pais, podem ter certeza de que isso não é de graça, isso não está aí por acaso.

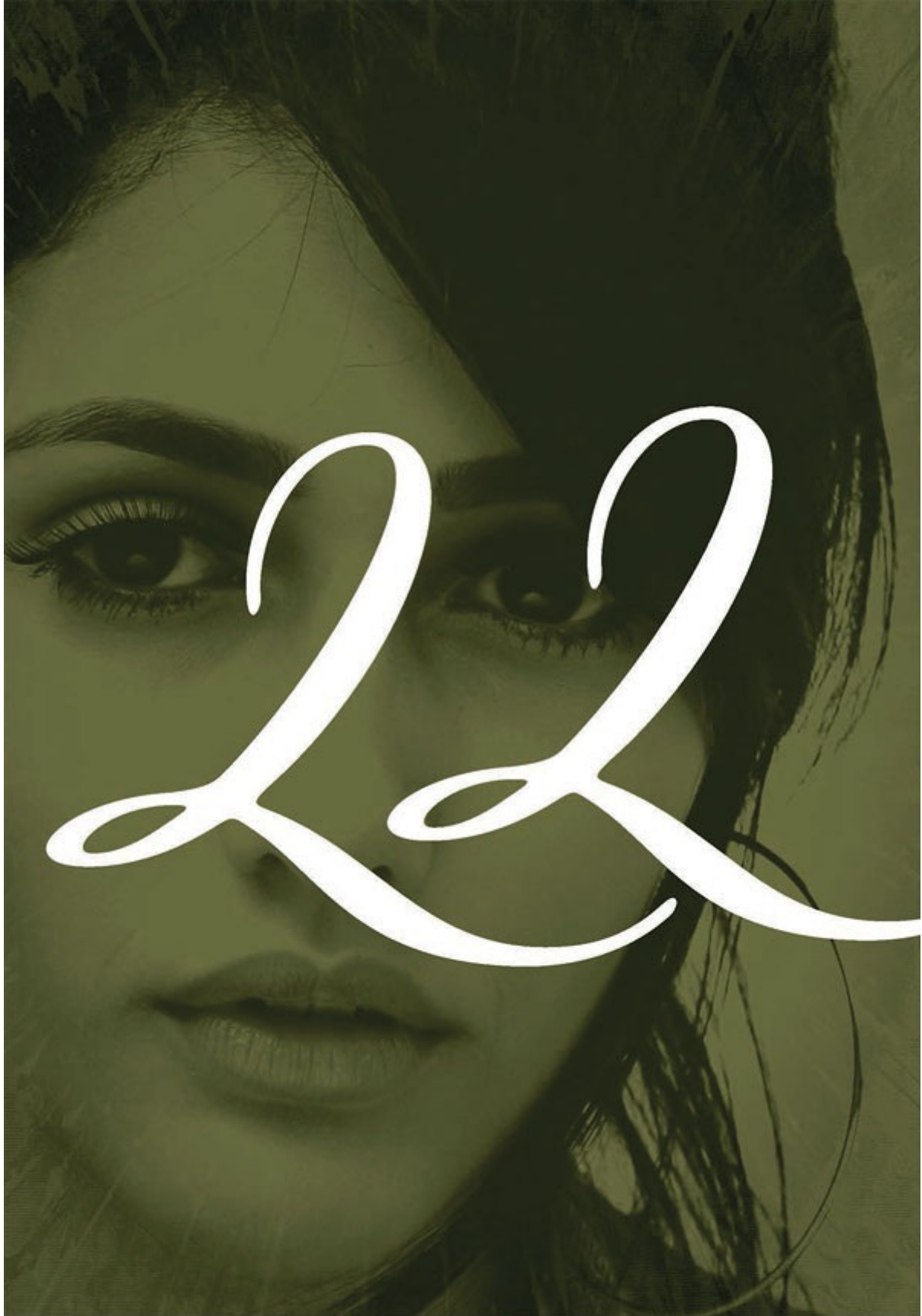
Imaginem a mãe do André Luiz: um Espírito de alta hierarquia que renasceu para ajudar o marido com a história das prostitutas. Pois a mulher não pega as prostitutas como filhas? Está aí, no meio de nós, o que ela deve ter hoje? 70 anos? Vejam o sacrifício que ela fez, não só voltando para esse mesmo marido dodivanas como também recebendo essas meninas, que devem ter dado um trabalho fora do comum para ela. Para ajudar, só tinha uma filha que era do mesmo nível do André Luiz para ajudá-la a levar à frente a família.

Se vocês mergulharem na obra de André Luiz, verão que não há absolutamente nenhuma família, nada, formada por acaso. Há sempre razões impressionantes que determinam a formação da família, e temos que levar à frente, sem esmorecer, munindo-se de coragem, de paciência, de vontade de acertar, sem deixar para trás a nossa oportunidade de refazimento, porque ela é sagrada. A cada existência, ela é sagrada.

Aqui, um trecho da mensagem de Santo Agostinho, sobre a piedade filial:

Ó espíritas! Compreendi hoje o grande papel da Humanidade; compreendi que, quando produzis um corpo, a alma que nele se encarna vem do espaço para progredir; sabeis vossos deveres e colocai todo o vosso amor em aproximar essa alma de Deus; é a missão que vos está confiada e da qual receberéis a cuja recompensa, se a cumprirdes fielmente. Os vossos cuidados e a educação que lhes deves ajudarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Pensai que a cada pai e a cada mãe, Deus perguntará: o que fizestes do filho confiado à vossa guarda? Se permaneceu atrasado por vossa falta, vosso castigo será o de vê-lo entre os Espíritos sofredores, a passo que dependia de vós tê-los feito Espíritos

de luz e felizes. Então, vós mesmos, atormentados de remorsos, pedireis para reparar a vossa falta; solicitareis uma nova encarnação, para vós e para ele, na qual o cercarei de cuidados mais esclarecidos e ele, cheio de reconhecimento, vos cercará de seu amor.



Nossa principal
obrigação no
momento é sermos
cristãos-espíritas

Eleni Gritzapis

Este capítulo não nasceu da obra do acaso. Ele começou a ser desenhado quando, num domingo de junho de 2020, Conrado Santos sentiu a necessidade de matar a saudade que todos temos da Dra. Marlene Nobre enquanto realizava a edição deste livro. Coincidências não existem, sabemos, e eis que Conrado se depara no YouTube com uma palestra da doutora com algumas inesquecíveis lições nos dada por ela antes do início do ciclo de palestras em celebração aos 150 anos do Espiritismo, que são a base para o conteúdo de toda esta obra.

O tema principal da palestra era o seu recém-lançado livro 2019: o ápice da transição planetária – revelações de Chico Xavier, em parceria com Geraldo Lemos Neto. No entanto, o maior legado dessa palestra está no destaque às nossas obrigações nesta fase de transição planetária que estamos atravessando, lembrando-nos de Santo Agostinho, Emmanuel, Allan Kardec e, claro, na mais recente exemplificação do cristão-espírita Francisco Cândido Xavier.

Optamos por usá-la como encerramento para este livro para recordarmos o que é esperado de nós nestes novos tempos. Transcrevemos a seguir os principais trechos dessa inesquecível lição, que deve se tornar nosso guia para a construção de um mundo de regeneração.

Kardec disse no capítulo XVIII de A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo:

são chegados os tempos, dizem-nos de todas as partes marcados por Deus, em que grandes acontecimentos vão se dar para a regeneração da humanidade. Em que sentido deve-se entender estas palavras proféticas? Para os incrédulos, nenhuma importância têm; para a maioria dos crentes, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, parecendo-lhes prenunciadoras da subversão das leis da natureza. Ambas as interpretações são errôneas.

Os materialistas, segundo Allan Kardec em A Gênese, negam a Providência Divina. E os místicos, aqueles que levam tudo para o lado mais do miraculoso, não creem no cumprimento das Leis Divinas, das leis proféticas. Assim, nós, espíritas, temos que escolher de que lado estamos:

Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais tinham alcançados, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material; resta-lhe ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reine a caridade, a fraternidade e a solidariedade, que lhes assegure o bem-estar moral (Kardec, A Gênese, cap. XVIII).

Tudo o que recebemos de Emmanuel, Humberto de Campos e nossos benfeitores espirituais, por intermédio de Chico Xavier, corrobora as palavras de Kardec (A Gênese, cap. XVIII): “Não é de somente desenvolver a inteligência do que os homens necessitam, mas de elevar os sentimentos e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que excite nele o egoísmo e o orgulho”.

Nitidamente, Allan Kardec está dizendo que a humanidade deu um grande passo em matéria de inteligência e, conseqüentemente, tecnologia, mas o atraso é visceral quando se fala em amor, em sentimento. Daí a necessidade de apagar e destruir tudo aquilo que foi construído na base do egoísmo e reconstruir na base do amor. Isso fica muito nítido quando lemos e estudamos A Gênese com bastante atenção.

Kardec (A Gênese, cap. XVIII) insiste no assunto:

Tal é o período onde vão entrar e que marcará uma das fases principais da vida da humanidade. Nestes tempos não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, a uma doutrina, ou a um povo ou a uma raça. Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do progresso moral.

Kardec está afirmando que a transformação não será regional: “Nestes tempos não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região”. Isto é, se refere ao planeta inteiro. Sem muito esforço, este mundo que construímos não vai prosseguir dentro do mesmo diapasão, da mesma marcha, não vai ser assim!

A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente, que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como o estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas (Kardec, A Gênese, cap. XVIII).

Vai existir ou não um velho mundo que se destrói e um novo mundo em outra fase, por tudo o que Kardec nos apresenta nesse capítulo de A Gênese? O que vai ocorrer? Isso é anunciado desde quando? Isso tudo está respondido desde que o Espiritismo veio à face da Terra, registrado para a posterioridade em A Gênese, de 1868.

Emmanuel revelou em 1938, na obra A caminho da luz, que o final dos tempos coincidiria com o final do ano 2000, que é o final do século XX:

São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.

Quem leu essa obra, de 1938, esperava esse final para o ano 2000, ou para o término do século XX, mas vamos ver que a data mudou. Como ficamos sabendo que a data mudou? Porque no dia 20 de julho de 1969, reuniu-se a constelação superior de Espíritos no sistema solar e o anfitrião era Nosso Senhor Jesus Cristo. Por que em 20 de julho? Porque de 19 para 20 de julho, conquistamos a Lua, como todos sabem, um feito extraordinário da ciência, e isso determinou a reunião dos Espíritos sábios e eleitos do Senhor que dirigem os planetas do sistema solar.

Nas altas esferas do Planeta Terra, reuniram-se os Espíritos que são da mesma evolução do Cristo para decidir os destinos do sistema solar. Conta Chico

Xavier:

Depois de muitos diálogos e debates entre eles, foram dadas diversas sugestões e, ao final do celeste conclave, a bondade de Jesus decidiu conceder uma última moratória para a atual civilização no Planeta Terra. Todas as injunções cármicas previstas para acontecerem ao final do século XX foram então suspensas pela misericórdia dos Céus para que o nosso mundo tivesse uma última chance de progresso moral.

Chico assim explica que tudo aquilo que Emmanuel previu para o final do século XX seria adiado, ou seja, não teríamos os grandes cataclismos previstos para essa fase. Continua Chico Xavier: “Nosso Senhor deliberou conceder uma moratória de 50 anos à sociedade terrena, a iniciar-se em 20 de julho de 1969. E, portanto, a findar-se em julho de 2019” (Nobre; Lemos Neto, 2019: o ápice da transição planetária – revelações de Chico Xavier, 2017, p. 67).

Depois de transcorrer sobre a data-limite, a Dra. Marlene Nobre seguiu com uma de suas grandes lições: a do papel do cristão-espírita na regeneração da Terra, coincidentemente o momento em que hoje atravessamos.

Quando perguntaram a Emmanuel como deveríamos nos preparar para enfrentar a situação, a transição para o mundo de regeneração, o que ele respondeu? Que precisamos fixar valores morais... O que precisamos, como seres imortais, é nos prepararmos para a fixação dos valores morais em nossa personalidade, não importa se não existe uma ressonância no restante do mundo. O importante é o nosso compromisso com Deus, isso é o que importa! É assim que montamos o que toca cada um de nós: o exemplo de cada um na construção do reino de Deus na Terra.

Como nos prepararmos para a construção de um mundo novo? Mortos, ou desencarnados, a situação é a mesma, ninguém morre. Todos nós estamos empenhados na mesma situação: fazer, transformar este mundo velho. O mundo velho vai para os escombros, mas temos que construir um mundo novo. E esse mundo novo depende de cada um de nós!

Kardec escreveu em O Evangelho segundo o Espiritismo: “Reconhece-se o

verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelo esforço que faça em dominar suas más inclinações”. E em O livro dos Espíritos, questão 919, ele continua: “Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrebatamento do mal? Resposta dos Espíritos: Um sábio da antiguidade vos disse: Conhece-te a ti mesmo”.

Conhecer-se a si mesmo é a chave do progresso individual, mas qual é o meio para se chegar a isso? Santo Agostinho responde em O livro dos Espíritos (questão 919a):

Fazer o que eu fazia quando vivi na Terra. Ao fim de cada dia interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e me perguntava a mim mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e ver o que em mim necessitava de reforma.

É bem prática a colocação de Santo Agostinho. A questão nossa é seguir a orientação, esse é o problema. Prossegue Santo Agostinho: “Aquele que todas as noites lembrasse todas as suas ações do dia e se perguntasse o que fez de bem ou de mal, pedindo a Deus e ao seu anjo guardião que o esclarecessem, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar, porque, acreditai-me, Deus o assistirá”.

É uma maneira de se desenvolver também a fé. Quer dizer, passarmos pelo crivo da razão as nossas atitudes, verificarmos o que poderia ser mudado – ou o que deveria ser mudado – e o empenho nosso em realizar a mudança: “Conhecer-se a si mesmo significa assumir deliberadamente o combate à predominância da natureza animal” (O livro dos Espíritos).

Toda vez que o egoísmo predomina na nossa vida, é o animal do passado que vem à tona, e não o homem renovado do século XX, ou o que deveria ser renovado. Conhecer-se a si mesmo, segundo Allan Kardec (O livro dos Espíritos), “seria conhecer as suas paixões, quer dizer, o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria”. Desse modo, tudo aquilo que nos leva a efeitos como esses também nos afundam ou nos apartam da possibilidade de estar com Deus e de participar do Seu plano de construção de um mundo novo. Kardec em O livro dos Espíritos

esclarece:

O desprezo para com as futilidades mundanas e o cultivo do amor ao próximo aproximam-nos da natureza espiritual. O forte e o poderoso devem apoio e proteção ao fraco, porque aquele que abusa da sua força e do seu poder para oprimir o seu semelhante viola a Lei de Deus.

Primeiro, vamos ver que é preciso conhecer-se pela autoanálise, que é um processo sistemático e permanente de autoeducação e remodelação do mundo íntimo. Quando entramos para o Espiritismo, começamos a fazer a autoanálise: no que eu errei? Em que momento eu agi erroneamente para com o meu semelhante? Como devo fazer para modificar a conduta? Se o nosso conhecimento do Espiritismo for sincero, e se queremos realmente produzir, deixaremos de lado aqueles defeitos que temos e passaremos a encarar a nossa renovação para valer. Esforçamo-nos para melhorar a cada dia, a cada instante.

Conhecer-se a si mesmo pode se dar por meio da autoanálise, que é o diagnóstico íntimo, com o apoio do estudo e da estratégia, ou buscar o autoaprimoramento, substituindo os defeitos por virtudes. De vez em quando, é preciso fazer a autoavaliação, mas o melhor seria fazê-la diariamente. Por quê? Por meio da autoavaliação, vamos saber se realmente estamos nos esforçando, se os resultados são bons. Sabemos quando erramos, temos consciência disso.

Como diz Eusébio, “é chegado o momento em que a humanidade precisa fazer com que a religião entre dentro de si e o modifique”. Esse é o momento. Por quê? Porque somente aqueles que agasalham o amor, que armazenam o amor, têm condições de construir um mundo novo. Kardec em O livro dos Espíritos explica: “Conhecer-se pela autoanálise é trazer à consciência defeitos e vícios em autoavaliação constante. É preciso definir o que deve ser modificado, estabelecer metas”.

Por exemplo: olhando francamente para dentro de nós mesmos, quais as conclusões a que chegamos? Quais são os defeitos? No que estamos falhando? E assim devemos partir, com sinceridade, para resolvermos a questão. Com essa autoanálise e com a ajuda dos benfeitores espirituais, não é difícil descobrir quais são os nossos pontos fracos, nosso calcanhar de Aquiles. Precisamos

trabalhar com sinceridade na mudança de nossos defeitos para virtudes, para qualidades, visto que “somos o produto das nossas escolhas”. Veja que coisa séria isso, porque comumente dizemos: “não sei por que vira e mexe eu faço tudo igual”. Não, você escolheu, é a sua escolha, você quis.

A base da transformação são os ensinamentos cristãos. Nunca devemos nos esquecer de que Jesus é o modelo e guia da humanidade. Dele não podemos nos apartar. “Vemos os erros e os defeitos dos que nos rodeiam, mas somos incapazes de perceber nossos próprios erros”. Não existe verdade maior que essa. Quanta vezes começamos a comentar defeitos da personalidade de outras pessoas, achando que estamos fazendo uma grande coisa, e temos muito piores.

“Temos que ter uma resistência voluntária ao arrastamento das más tendências”. Aí é que entra o problema da força de vontade e das escolhas: você diagnosticar quais são as suas más tendências. E nós fugimos disso, infelizmente. Queremos jogar para debaixo do tapete, infelizmente é assim.

“Para abandonar os vícios, o vício é uma forma de suicídio que causa lesões no corpo espiritual”. Por isso é o que espírita se empenha para deixar de fumar. Se ele tiver jogos de azar, ele procura deixar. Deixar os vícios do álcool e das drogas. Enfim, deixar todo e qualquer vício e, principalmente, saber que o vício é um atrativo para o mundo espiritual, para Espíritos ainda infelizes, inferiores, que estão na mesma faixa vibratória. Então, o espírita precisa abandonar as más tendências, os vícios, para que também com ele os Espíritos aproveitem e larguem, por sua vez, os mesmos vícios. Porque as parcerias se estabelecem logo, logo, são imediatas.

Como fazemos para substituir defeitos por virtudes, que é o que estamos querendo? O egoísmo é incompatível com a justiça, com o amor e a caridade, pois neutraliza todas as outras qualidades (O livro dos Espíritos). Quando percebermos que estamos sendo injustos, que não estamos agindo com amor e caridade, podemos ter a certeza de que não estamos dentro da área do amor, como os Espíritos nos recomendam. Porque só o amor neutraliza o egoísmo. “Quais são os vícios da mente? O orgulho, a vaidade, a tirania, o egoísmo, a preguiça, a crueldade, que são vícios da mente, gerando perturbações e doenças em seus instrumentos de expressão” (O livro dos Espíritos).

Como diz Emmanuel, os benfeitores espirituais nos aturam de boa vontade, porque estamos acostumados a errar há centenas de anos. E quando nos

propomos a acertar, é preciso persistência, perseverança, por isso que Jesus disse: “perseverai até o fim e sereis salvos”. Porque todo e qualquer movimento precisa de empenho, de modificação. E isso leva tempo.

É preciso “vencer o orgulho, a vaidade, a inveja, a avareza, o ódio e a vingança, a agressividade e a maledicência, a intolerância e impaciência, o personalismo” (O livro dos Espíritos). O médium personalista que acredita que ele é o maior, é passaporte para o fracasso. E isso vale para qualquer pessoa. Quando a vaidade sobe à cabeça, quando achamos que somos insubstituíveis e cremos sinceramente que a nossa personalidade faz falta em algum lugar, é um ponto aberto para o fracasso. Ninguém é insubstituível! E não estamos fazendo senão a nossa obrigação.

O sofrimento também nos faz conhecer a nós mesmos. O que seria de nós se o leito de dor não nos livrasse do orgulho desmedido, do egoísmo feroz? Conhecer-se por meio do sentimento seria nos períodos de tratamento darmos mais valor a esse bem precioso que é a saúde. Devemos mudar hábitos nocivos, modificando a conduta desastrosa. Precisamos dar maior valor aos mínimos gestos de carinho, emitirmos irradiações íntimas de alto poder espiritual.

Quando aproveitamos o sofrimento, aprendemos nos caminhos da gratidão. Agradecemos cada gesto de nossos seres irmãos em humanidade que nos vêm trazer uma palavra de amor, de carinho. Os leitos dos hospitais estão repletos de pessoas que, como nós mesmos, que já passamos pelos mesmos leitos, aprenderam a baixar a crista, a deixar o orgulho de lado, a aceitar o sofrimento e a evoluir.

Não basta o arrependimento, são necessárias a expiação e a reparação. A reparação consiste em fazer o bem a aqueles a quem se havia feito o mal, e também praticando o bem em compensação ao mal praticado. Isto é, tornando-se humilde se tem sido orgulhoso; amável se foi rude; caridoso se foi egoísta; benigno se foi perverso; laborioso se ocioso; útil se foi inútil; frugal se intemperante; exemplar se não o foi (Kardec, O Céu e o Inferno).

“O dever começa precisamente no momento em que ameaçais a felicidade e a tranquilidade do vosso próximo, e termina no limite que quereríeis para alcançar

para vós mesmos” (Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo). Então, temos que ter essa disposição firme e constante para a prática do bem. Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nada melhor resume os deveres do homem do que esta máxima de ordem divina: “fora da caridade não há salvação!”

É por isso que o Espiritismo diz que devemos nos concentrar na caridade, porque a caridade é o amor em movimento. E esse mundo, ou terá amor, ou não existirá. Se quisermos nos preparar para a construção do mundo novo, teremos que ter a responsabilidade de mudar, de realmente seguir Jesus nos seus ensinamentos.

Encerramos aqui com mais uma lição da nossa querida doutora em entrevista a Marjorie Aun no programa Portal de Luz, em que convida a todos para a ação: “Quando vier o tempo, teremos que exemplificar.

Creio que chegou o momento em que devemos refletir sobre o nosso destino aqui na Terra. Chegou o momento em que nós devemos colocar o melhor para fora”.

Mão à obra! Vamukivamu, como dizia a doutora!



www.feeditora.com.br